



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOSÉ RUBISTEN DA SILVA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO
ABUNÃ/AMAZÔNIA.**

PORTO VELHO/RO

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO
ABUNÃ/AMAZÔNIA.**

JOSÉ RUBISTEN DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal de Rondônia como
requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia
sob orientação do Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes.

PORTO VELHO/RO

2010

PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

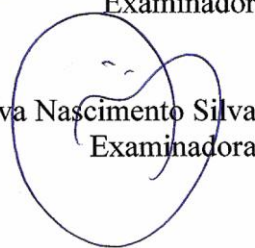
José Rubisten da Silva

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello e pela Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, reuniu-se no dia 05 de agosto de 2010, às 18:30 horas no auditório da UNIR/Centro para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada “*Redes de Aviação da Borracha e a Organização Espacial de Fortaleza do Abunã-Amazônia*” do mestrando José Rubisten da Silva matrícula 200811501. Após a explanação do mestrando e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, o candidato tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 05 de agosto de 2010.


Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes
Orientador

Prof. Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello
Examinador

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Examinadora


FICHA CATALOGRÁFICA

S5861r

Silva, José Rubisten da

Redes de aviamento da borracha e a organização espacial de Fortaleza do Abunã / Amazônica / José Rubisten da Silva. Porto Velho, Rondônia, 2010.

190f. : il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Profº. Drº. Dorisvalder Dias Nunes.

1. Espaço 2. Aviamento 3. Borracha 4. Seringal 5. Abunã - Rondônia
I. Nunes, Dorisvalder Dias II. Título.

CDU: 913(811.1)

Elaborada pela bibliotecária Ozelina Saldanha
Biblioteca Central Prof. Roberto Duarte Pires / UNIR

JOSE RUBISTEN DA SILVA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO
ABUNÃ/AMAZÔNIA.**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes. (Orientador).

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva. (Membro).

Prof. Dr. Antonio Cláudio Barbosa Rabello. (Membro Externo)

Prof. Dr. Eliomar Pereira da Silva Filho. (Suplente).

PORTO VELHO – RO.

2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as pessoas mais importantes da minha vida: Minha esposa Elisangela Sales de Lima, a minha filha Sofia Rubinstein, a minha mãe Maria de Nazaré da Silva Nery. Dedico também, especialmente, a meu pai Lucini Sebastião Pinheiro (*in memoriam*), que me incentivou a buscar o conhecimento como meio para conquista de outras competências, habilidades e valores.



Lucini Pinheiro

AGRADECIMENTOS

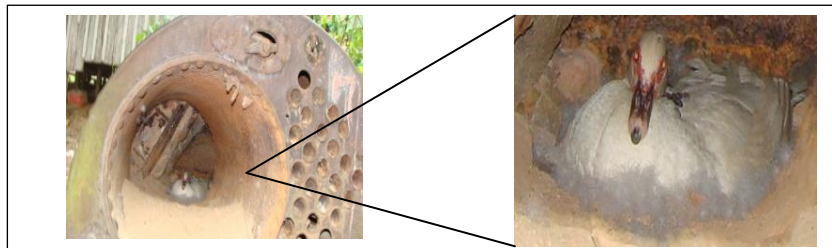
O Mestrado em geografia representou mais um importante desafio em minha trajetória acadêmica, além da aquisição de conhecimentos teórico-metodológicos indispensáveis para o aprimoramento intelectual e ampliação da experiência em pesquisa científica. Porém, a superação das dificuldades existentes somente foi possível a partir da fundamental contribuição da Professora Elisângela Sales de Lima, que criou as condições ótimas para que pudéssemos desenvolver esse trabalho, além da incansável tarefa de assistir nossa filha Sofia Rubinstein.

Valiosas e indispensáveis foram às orientações dos professores Dorisvalder Dias Nunes, Antônio Claudio Rabello, Josué da Costa Silva, Maria das Graças S. N. Silva que, como os demais professores do Mestrado em Geografia, contribuíram em certa medida nos debates e reflexões de conceitos, métodos e teorias, necessários para o desenvolvimento dessa pesquisa. Importantes também são as experiências adquiridas nas atividades desenvolvidas com os pesquisadores, colaboradores e bolsistas do LABOGEOPA/UNIR, que em nome da pesquisadora Maria Madalena de Aguiar e Michel Watanabe agradeço a colaboração de toda equipe.

Foram muitas as pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra para viabilização desse trabalho, para as quais registro meus sinceros agradecimentos: Aparecida Meireles, Carmem Denise, Vânia Sales, Kênia Vieira, David Marques, Roselane Marques e minhas sobrinhas Solange Saraiva, Larissa Lima e Láisa Lima.

EPÍGRAFE

Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. E que cada padrão espacial não é apenas morfológico, mas, também, funcional. Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função. (SANTOS, 1999, p.78).



Fragmento de uma caldeira de um barco a vapor da década de 1920, na margem esquerda do rio Abunã, agora abriga a pata e seu ninho. Metaforicamente, o objeto técnico passou a ter nova função.

Foto: J. Rubisten. Fortaleza do Abunã/ Porto Velho - RO em janeiro de 2010.

LISTAS DE QUADROS E FIGURAS

QUADROS:

- 01 - Atores sociais (colaboradores) entrevistados.
- 02 - Principais seringais no vale do rio Abunã.
- 03 - Porcentagem das quotas de exportação das firmas de Manaus em 1942.

FIGURAS:

- 01 - Modelo conceitual de análise do processo dialético de transformação espacial.
- 02 - Organograma metodológico das fases da pesquisa de campo e de gabinete.
- 03 - Mapa de localização do Distrito de Fortaleza do Abunã/RO.
- 04 - Corredeira Fortaleza na área de fronteira entre o Brasil e a Bolívia.
- 05 - Cadeia de aviamento do século XIX.
- 06 - Esquema de um seringal amazônico por volta de 1900.
- 07 - Esquema das relações socioeconômicas e espaciais no rio Abunã.
- 08 - Esquema de organização espacial dos seringais no rio Abunã, elaborado pelo entrevistado JLJ (2008).
- 09 - Espaço da antiga estrutura administrativa do seringalista Otávio Reis. Sede da casa aviadora, hoje pousada dos Reis no Distrito de Fortaleza do Abunã.
- 10 - Parte do prédio da antiga loja de Otávio Reis em Fortaleza do Abunã.
- 11 - Antigo estabelecimento comercial de Constantino Gorayeb na década de 40. Atualmente, residência de D. Santinha Alencar (esposa do seringalista J. Alencar).
- 12 - Estabelecimento das antigas casas comerciais da família Bennesby no Distrito de Abunã às Margens da BR-364.
- 13 - Rota de circulação internacional de exportação da borracha até 1942.
- 14 - Antiga Estação e Locomotiva da estrada de ferro Madeira-mamoré em Abunã.
- 15 - Rota de circulação fluvial da rede de aviamento da borracha na Amazônia.
- 16 - Antigo armazém e o guincho da estação da EFMM em Abunã, Distrito de Porto Velho.
- 17 - Antiga oficina de Otávio Reis às margens do rio Abunã da década de 40.
- 18 - Objetos técnicos da estrutura de transportes da década de 1940 nas margens do rio Abunã em Fortaleza do Abunã/RO.

LISTA DE SIGLAS

AC	Acre
ACA	Associação Comercial do Amazonas.
ACP	Associação Comercial do Pará
AM	Amazonas
BCA	Banco de Crédito da Amazônia S.A.
BCB	Banco de Crédito da Borracha.
BEW	Board of Economic Warfar
C.C.A.W	Comissão de Controle dos Acordos de Washington.
CAETA	Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia
CEDB	Comissão Executiva de Defesa da Borracha.
D.N.I	Departamento Nacional de Imigração
EFMM	Estrada de Ferro Madeira Mamoré
EUA	Estados Unidos da America
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IRRA	International Rubber Regulation Agreement.
IRRC	International Rubber Regulation Committee.
LABOGEOPA	Laboratório de Geografia e Planejamento Ambiental
PIN	Programa de Integração Nacional
PRC	Partido Republicano Conservador
PVEA	Plano de Valorização Econômica da Amazônia
RDC	Rubber Development Corporation
RFC	Reconstruction Finance Corporation
RO	Rondônia
RRC	Rubber Reserve Company
SAVA	Superintendência do Abastecimento Para o Vale Amazônico.
SEMTA	Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SNAPP	Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará.
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

RESUMO

REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA.

Essa pesquisa analisou as redes de aviamento da borracha na Amazônia e os reflexos na organização espacial de Fortaleza do Abunã na década de 1940. A importância deste trabalho está centrada na análise dos fatores que direta ou indiretamente contribuíram para a transformação desse espaço no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939 -1945). A partir dos Acordos de Washington em 1942, várias instituições e agências estatais americanas e brasileiras foram criadas para administrar a Batalha da Borracha, interferindo no sistema de aviamento que foi estruturado no século XIX. Esses órgãos substituíram as Casas Aviadoras de Belém e Manaus nas funções de financiar, abastecer e transportar a produção dos seringais, alterando a cadeia de aviamento da borracha. Em conformidade com os interesses dos Estados Unidos da América e países aliados contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), Getúlio Vargas implementou uma nova política de integração territorial e econômica para região. Para tanto, foi necessário à mobilização dos soldados da borracha e o reaparelhamento das estruturas de transportes. Tratava-se de redes de transportes fluvial e ferroviário como o complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré no Território Federal do Guaporé. A exploração da borracha na Amazônia transformou o espaço físico e social, definiu novos territórios e marcou profundamente as vidas dos nativos e migrantes.

PALAVRAS CHAVE: Espaço – Aviamento – Borracha - Seringal - Abunã.

ABSTRACT

RUBBER SUPPLY NETWORK AND THE SPATIAL ORGANIZATION OF FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZON

In this study i we analyse the rubber supply network in the Amazon and reflections on the spatial organization of Fortaleza do Abunã in the 1940s. The importance of this work is on the analysis of the factors that directly or indirectly contributed to the transformation of this area during the Second World War (1939 -1945). After Washington Accords in 1942, a lot of institutions and American and Brazilian government agencies were created to administer the Battle of Rubber, interfering with the supply system that was constructed in the nineteenth century. These institutions replaced the Aircrew Houses of Belem and Manaus in the functions of financing, supplying and transporting the production of the rubber tree Plantations, changing the supply rubber chain. According to the interest of the United States of America and allies Countries against the Axis (Germany, Italy and Japan), Getulio Vargas implemented a new policy of territorial and economic integration for the region. Thus, it was necessary to mobilize the rubber soldiers and the refitting of the transport structure. These were river and rail transport networks as the complex of Madeira Mamore Railroad in the Federal Territory of Guaporé. The rubber exploitation in the Amazon changed the physical and social space, defined new territories and marked the lives of natives and migrants deeply.

KEYWORDS: Space – Supply – Rubber - Rubber Plantation - Abunã.

SUMÁRIO

Dedicatória	VI
Agradecimentos	VII
Epígrafe	VIII
Listas de quadros e figuras	IX
Lista de siglas	X
Resumo	XI
Abstract	XII
 INTRODUÇÃO	 14
 CAPÍTULO 1 - BASE CONCEITUAL E ASPECTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS.	 20
1.1 Procedimentos Metodológicos	28
1.1.1 Fases da Pesquisa de Campo e Gabinete	31
1.2 Caracterização da Área de Estudo	33
 CAPÍTULO 2 – A ORGANIZAÇÃO DA REDE DE AVIAMENTO NO ESPAÇO AMAZÔNICO NO SÉCULO XIX.	 34
2.1 A Expansão da Rede de Aviação para os Vales do Abunã, Madeira, Mamoré e Guaporé.	40
2.2 A Exportação da Castanha como alternativa para Crise do Aviação da borracha na Amazônia.	45
2.3 Primórdios do Regateio na Amazônia.	50
2.3.1 A Ação dos Regatões no Rio Abunã.	55
 CAPÍTULO 3 - O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICO E GEOGRÁFICO DE FORTALEZA DO ABUNÃ.	 62
3.1 A Organização Espacial de Fortaleza do Abunã.	62
3.2 Seringalistas “Aviadores” do Vale do Rio Abunã	69
3.3 Casas Comerciais dos Vales do Abunã, Madeira, Guaporé e Mamoré	77
 CAPÍTULO 4 – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS ACORDOS DE WASHINGTON (1942-1947): OS REFLEXOS NA REDE DE AVIAMENTO E NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO ABUNÃ.	 82
4.1 O Banco da Borracha e a Cadeia de Aviação no Vale do Abunã;	89
4.2 As Relações de Trabalho nos Seringais do Vale do Rio Abunã: A Criação do Contrato Padrão pelo Departamento Nacional de Imigração – DNI	93
4.3 A importância do Sistema de Transportes para a Produção da Borracha no Vale Do Rio Abunã.	105
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	 118
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	 124
 APÊNDICE.	
 ANEXOS.	

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre redes de aviamento¹ da borracha e a organização espacial de Fortaleza do Abunã teve como objeto de análise a produção e a reprodução do espaço geográfico de Fortaleza do Abunã, a partir do segundo surto da borracha, no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A partir dos Acordos de Washington (1942-1947), os seringais do Vale do Rio Abunã foram inseridos no contexto da Batalha da Borracha e no esforço de guerra implementado e coordenado pelos Estados Unidos da América do Norte – EUA e com o apoio do governo brasileiro. Foram organizados mecanismos específicos de atração de mão de obra para a Amazônia, cujos migrantes, em sua maioria, foram recrutados como soldados da borracha.

Nessa fase, a organização produtiva da borracha foi financiada pelo capital americano e, a rede de aviamento, por sua vez, recebeu o suporte das redes técnicas de circulação (fluviais ferroviárias e aéreas). Na Amazônia, uma estrutura de transportes foi necessária para o escoamento da produção e abastecimento da região, representada pelo Complexo Ferroviário Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), bem como por navios e embarcações de diferentes modelos e calados. A estrutura de transportes fluvial e ferroviária foi reaparelhada e adaptada às características geográficas da região a partir do financiamento da Corporação Americana Rubber Development Corporation – RDC e, sob a administração do Serviço de Navegação do Porto do Pará – SNAPP. Foram introduzidas rotas aéreas e campos de pouso em cidades estratégicas como Porto Velho, Guajará Mirim e Rio Branco.

A exploração da borracha proporcionou um dinamismo econômico e social na região amazônica, enquanto que o Vale do Rio Abunã, por ser um território rico em *Hevea brasiliensis*, foi

¹Para Bárbara Weinstein (1993, p.39) aviamento é o nome dado às mercadorias dos comerciantes (aviador) entregues aos seringueiros (aviado) a crédito ou em troca de borracha.

inserido no sistema de aviamento da Amazônia com a instalação de um aparato logístico-institucional indispensável para o abastecimento e escoamento da produção dos seringais. A borracha extraída do Acre era transportada pelos rios Juruá, Purus e Abunã, por onde escoava a produção dos seringalistas Geraldo Perez, Jaime Alencar e Octávio Jacome dos Reis, bem como, parte da produção boliviana.

A produção do espaço de Fortaleza do Abunã e a organização do trabalho nos seringais do Vale do Rio Abunã refletiam diretamente esse modelo de produção e nível tecnológico. O Distrito do Abunã, ainda hoje, evidencia as marcas (rugosidades) de um dinamismo econômico e social que caracterizou a produção da borracha na região a partir dos Acordos de Washington em 1942.

Era assim que seringueiros, seringalistas, empresas aviadoras e demais agentes e agências estatais organizavam-se no espaço da região, todos os objetos e ações humanas em torno de um modelo de produção extrativista que imperava produzindo, reproduzindo e transformando o espaço.

No entanto a criação e introdução de um conjunto de agências, órgãos e instituições estatais impactaram e transformaram significativamente o antigo modelo de exploração da força de trabalho denominado, na região, de Sistema de Aviamento. Neste sistema que se estruturou na Amazônia no século XIX, uma cadeia hierarquizada com vários agentes e atores estabeleceram relações comerciais complexas para o fornecimento de mercadorias a crédito em troca de produtos regionais.

O estudo das relações e interação entre os diferentes agentes e atores da rede de aviamento foi indispensável para a compreensão das estruturas econômica e social em Fortaleza do Abunã.

Com o final da segunda guerra (1945), os americanos deixaram de financiar a produção da borracha, passando todas as responsabilidades para o governo brasileiro. O preço da borracha amazônica sofreu quedas alarmantes com a forte competitividade no mercado internacional. Esse fato afetou diretamente a localidade de Fortaleza do Abunã que entrou em um estágio de letargia econômica e social, tendo como uma das consequências evidentes a redução gradativa dos seus

índices populacionais. Estas mudanças contribuíram decisivamente para sacramentar o fim do sistema de aviação na região.

A conjugação destes fatores contribuiu decisivamente para mudanças significativas na produção econômica e na organização sócio-espacial da região. Todos os elementos do espaço readaptaram-se diante da nova realidade instalada, o território adquiriu novas formas e paisagens e o homem do seringal buscou outros meios de subsistência.

Estudar a rede de aviação e a organização espacial e produtiva de Fortaleza do Abunã, certamente contribuiu para a compreensão de mais uma lacuna da História e Geografia Regional, principalmente se considerarmos ser um espaço pouco pesquisado, pois os trabalhos científicos com estas abordagens são escassos. O Vale do Abunã e Fortaleza do Abunã, quando mencionados em alguma obra, aparecem de forma breve e superficial. Projetos que poderiam pesquisar a dinâmica socioeconômica e espacial dos principais seringais dispostos ao longo do Vale do Rio Abunã, na faixa fronteira com a Bolívia, seriam de extrema importância para a Região.

Compreender como uma localidade que possuía considerável dinâmica sócio-espacial e econômica no período áureo da exportação da *Hevea brasiliensis* encontra-se atualmente em um estágio de estagnação econômica e social tem sido a tarefa na qual nos detivemos a partir desta pesquisa.

Foi necessário registrar os depoimentos dos atores sociais remanescentes dos seringais do rio Abunã para que não se percam da memória sua contribuição e importância na formação do vilarejo e na economia da Região. De uma forma ou de outra constituem um capítulo da Geografia e História Regional, pois seus depoimentos foram indispensáveis para o esclarecimento do conjunto de indagações sobre os fatos obscuros e mais relevantes da geografia e história da comunidade de Fortaleza do Abunã. Cidadãos remanescentes de um tempo de dinamismo econômico sobrevivem em uma localidade “pacata” e, com raríssimas oportunidades para o desenvolvimento econômico e

social. Assim, para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado, estruturamos os capítulos da seguinte forma:

No primeiro capítulo abordamos sobre a Base Conceitual e os Aspectos Teórico-Metodológicos, além dos Procedimentos ou Fases da Pesquisa de Campo e Gabinete. Elencamos os principais conceitos que deram suporte ao desenvolvimento das discussões teórico-metodológicas, especificamente, a partir dos conceitos de estrutura, processo, função e forma formulados por Santos (1999). Estes conceitos foram organizados em um modelo de análise na intenção de compreender as transformações ocorridas no espaço do Vale do Abunã, a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Este fato resultou nos Acordos de Washington de 1942 que criou dezenas de instituições que interferiram significativamente no tradicional sistema de aviamento. As diversas fases da pesquisa foram desenvolvidas na seguinte ordem: Pesquisa Literária (revisão bibliográfica), levantamento de dados, entrevistas orais e registro fotográfico; análise e discussão dos resultados.

No segundo capítulo tratamos do processo de formação socioeconômico de Fortaleza do Abunã, além dos aspectos geográficos e históricos como informações indispensáveis para a localização geográfica da área de estudo e, a evolução política e administrativa da região. A localidade de Fortaleza do Abunã passou por todos os reflexos socioeconômicos das mudanças no mapa político e administrativo ao longo das últimas décadas. Em dado momento da história da Amazônia, o povoado esteve sob a jurisdição do Estado do Amazonas para, posteriormente, passar para a tutela do Território Federal do Guaporé (1943). A partir da criação do Estado de Rondônia (1981) foi transformado em Distrito do Município de Porto Velho. Essas transformações ocorriam a partir dos interesses estratégicos do governo federal, como as políticas de segurança e de integração nacional, ou a criação de novos Estados e Territórios da União.

No terceiro capítulo tratamos da organização da rede de aviamento na Amazônia, no século XIX, e como foi estruturado em uma cadeia vertical e hierárquica de compromissos entre os diversos agentes e atores envolvidos. Este modelo *sui generis* consolidou-se em um sistema de

exploração do homem amazônico e/ou migrantes nordestinos que contava com características geográficas apropriadas para sua implantação e enraizamento na região.

Em seguida destacamos os primórdios do aviamento no Vale do Rio Abunã, no início da década de 1920, a partir das atividades de regatões e seringalistas. Identificamos os principais seringais da região e seus respectivos proprietários na intenção de entender como a rede de aviamento foi utilizada como meio para o exercício do poder e controle territorial. Tratamos do processo de exploração do Vale do Abunã a partir da busca das drogas do sertão no período colonial. Destacamos a presença dos regatões² e a forma como desenvolviam suas atividades de exploração das comunidades indígenas. Os conflitos existentes entre estes mascates fluviais e os seringueiros da Amazônia. Evidenciamos de que forma a Amazônia brasileira foi inserida no processo de exploração do capital internacional como *locus* para obtenção de matérias primas, especialmente, a seiva da *Hevea brasiliensis*.

No quarto capítulo falamos da eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939) e a importância dos Acordos de Washington em 1942 para a reorganização da rede de aviamento no Vale do Abunã. Como novos agentes e atores são introduzidos na região para atender interesses dos Estados Unidos e seus aliados em função da Segunda Guerra Mundial. Tratamos das transformações sócio-espaciais de Fortaleza do Abunã a partir das dinâmicas proporcionadas pelo novo surto da produção gomífera. A nova política externa de Getúlio Vargas, consubstanciada nos Acordos de Washington em 1942, incentivou o recrutamento dos Soldados da Borracha sob o gerenciamento da SAVA (Superintendência do Abastecimento para o Vale Amazônico) e SEMTA (Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), posteriormente substituída pela CAETA (Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia). Abordamos também sobre o sistema de transportes ferroviário e fluvial da região. Procuramos analisar de que forma o governo federal, com

² No Brasil, regatão é, com exclusividade, o mascate fluvial em ação nos veios líquidos da longínqua e grandiosa Amazônia. Nos confins do Norte, naquele mundo aquático e florestal, o vendedor ambulante adquiriu características peculiares, ditadas por imperativos de ordem fisiográfica, o que levou Mário Ipiranga Monteiro a classificá-lo, aliás, com muita propriedade como “um fenômeno sócio-econômico aculturado”. (Goulart, 1968, p. 23).

capital americano, subsidiou empresas de navegação para dar suporte à circulação de homens e mercadorias, além de recuperar trechos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Foi necessário investir na construção e reestruturação de portos, aquisição de novos equipamentos e embarcações adequadas às peculiaridades regionais. Finalmente tratamos do final da Segunda Guerra Mundial e os reflexos sobre a organização espacial em Fortaleza do Abunã. A retirada dos investimentos e instituições reguladoras americanos na região e o retorno do antigo modelo de aviamento na região.

CAPÍTULO 1: BASE CONCEITUAL E ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Economia Extrativista da Borracha na Amazônia foi objeto de estudo de pesquisadores como: Weinstein (1993), Santos (1980), Martinello (1988) e Gonçalves (1998) que buscaram compreender e identificar sua contribuição para o desenvolvimento regional e como se davam as relações de produção e de trabalho nos longínquos centros de produção da borracha nativa. Esses autores, ao estudarem a importância da produção e exportação da borracha amazônica para a economia e desenvolvimento regional, trataram em suas obras, também do sistema de aviamento, contudo em diferentes épocas e com diferentes abordagens, metodologias e enfoques. Evidentemente, as peculiaridades geográficas dos vales e altos rios amazônicos contribuíram para a formação e sustentação do modelo de aviamento predominante. Tratava-se de espaços de produção da borracha localizados em regiões distantes e fora do controle das casas aviadoras de Belém e Manaus. As dificuldades de acesso, devido aos trechos encachoeirados nas sub-bacias e subafluentes dos longos vales amazônicos, contribuíram para o exercício do poder e controle dos seringalistas sobre aviamento, da unidade de produção e da mão de obra.

Este quadro nos permitiu fazer comparações das transformações, mudanças e permanências no modelo extrativista exportador a partir das políticas e programas de desenvolvimento, aplicados na Amazônia brasileira, principalmente, a transformação do sistema de aviamento da borracha nos seringais do Vale do Abunã com o advento da Segunda Guerra Mundial, que resultou da assinatura dos Acordos de Washington entre Brasil e Estados Unidos da América, em 1942.

Para Barbara Weinstein, a economia extrativista no período de 1850-1920 teve sérias implicações nas relações sociais, na estrutura econômica e no poder político na Amazônia. O seringueiro passou de uma imagem de massa desumanizada, passiva e escravizada para a imagem que os seringueiros faziam de si mesmos como “produtores” e não como simples trabalhadores, assim como suas lutas para manter certa autonomia e auto-suficiência em relação ao sistema de

barracão Weinstein (1993). E o negócio da borracha teve um impacto limitado na economia amazônica, pois as relações de produção e de troca é que definiam a economia regional, além das forças que impediam toda e qualquer tentativa de transformação de tais relações. O capital estrangeiro e a influência externa tiveram importância na transformação da economia amazônica. Ao tratar do papel do Estado no contexto da economia extrativista, a autora considerou que o mesmo teve uma participação tímida quanto à assistência e interferência, tendo como resultado uma redução no potencial de transformação da economia amazônica. Quanto à geografia da Amazônia “(...) seria extremamente difícil analisar a organização da extração e da comercialização da borracha amazônica, sem considerar o ambiente físico dentro do qual tomou forma esse comércio de exportação” (Weinstein, 1993, p. 17).

Ao pesquisar a História Econômica da Amazônia, Santos (1980), analisou como a economia amazônica emergiu no princípio do século XIX e, que fatores contribuíram para a estruturação da economia gomífera. Ao tratar da organização do sistema de aviamento no espaço amazônico no início do século XIX, esse autor concluiu que:

Os capitais concentraram-se fortemente na comercialização ou na produção do principal produto extrativo, a borracha. E o mecanismo local de financiamento, chamado aviamento, apresentou deformações que falseavam o cálculo econômico, por um lado, deixou larga margem ao escambo no interior da unidade produtiva, por outro, limitou a liberdade de consumo dos trabalhadores, inibindo assim a expansão da procura monetária interna. (Santos, 1980, p. 42).

A moeda em espécie foi pouco utilizada na primeira fase da economia gomífera, sendo a permuta de mercadorias por borracha a base das relações estabelecidas entre os diversos agentes e atores da cadeia de aviamento.

Porto Gonçalves (1998) definiu o conceito de territorialidade seringalista no interior da formação sócio-espacial da Amazônia, na época de expansão da exploração de novas áreas densas em seringais nos ‘altos rios’ como Purus, Juruá e Madeira. Estas áreas localizadas no Estado do Amazonas, conjuntamente com o Vale do Abunã, são consideradas como “regiões de produção nova”. Este autor destacou a territorialidade seringalista como sendo um novo modo de se apropriar

e organizar o espaço. Para ele o seringal empresa difere do antigo extrativismo que estava vinculado ao capital comercial. Neste novo modelo:

O controle do espaço, dos meios de produção é, ao contrário, uma exigência da nova configuração, da forma de apropriação do espaço. Toma a terra, exige-lhe o monopólio das atenções, a exclusividade, a monocultura. Esse novo extrativismo está subordinado às casas aviadoras, articuladas aos bancos internacionais, por sua vez condicionados por um capital industrial que lhes baliza o tempo. (Gonçalves, 1998, p. 75).

Estruturou-se assim, no interior da Amazônia, uma rede empresarial com características próximas ao modo de produção capitalista e industrial, no entanto, sob a hegemonia (territorialidade) do coronel de barranco. “E será sob esse signo que o Alto Madeira, o Abunã, o Acre, Purus, o Juruá serão objeto de uma ocupação rápida, em que a correria é a contraface do time is money, mediada pela formação sócio-espacial amazônica” (Gonçalves, 1998, p.78). Neste contexto, Gonçalves (*Op. Cit*), ousou falar de um quadro da realidade Amazônica, certo de que a territorialidade seringalista configura uma singularidade (quanto à forma de apropriar e organizar o espaço) nos altos cursos dos rios amazônicos.

Para Martinello (1988), a economia da borracha se enquadrou nas transformações estruturais da economia mundial no final do século XIX e, sofreu a influência do capital monopolista internacional em sua organização. Ressaltou ainda que, as relações de produção e o sistema de aviação predominante na Amazônia contribuíram para o endividamento crescente do seringueiro junto ao patrão. Asseverou que a crise da economia extrativista foi consequência da produção racional da borracha no Oriente. A partir daí, a economia extrativista da Amazônia passou por várias crises com períodos alternados de estabilidade socioeconômica. Estas crises foram resultado de fatores exógenos que causavam oscilações nos preços da borracha no mercado regional. A Amazônia amargou um grande período de decadência dos seus seringais, até a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), quando a borracha passou a ser um produto de importância estratégica para os Estados Unidos da América e seus aliados.

Por meio dos Acordos de Washington em 1942, o Brasil assumiu o compromisso de fornecer todo excedente de borracha aos Estados Unidos da América e países aliados. A partir destes

acordos foi necessário desenvolver várias ações para revitalizar antigos seringais e ampliar as áreas de produção, como financiar uma nova onda migratória e fomentar o sistema de transportes.

Getúlio Vargas, ao receber recursos americanos, criou uma ampla estrutura institucional, organizacional e logística para dar suporte a operacionalização da produção, comercialização, transportes e exportação da produção. Instituições como o Banco de Crédito da Borracha, o Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará – SNAPP e a Superintendência do Abastecimento para o Vale Amazônico - SAVA. Esta última foi uma tentativa de substituir as casas aviadoras na função de fornecer gêneros alimentícios aos seringueiros ou soldados da borracha. Assim, a política de incentivo a migração da Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores - CAETA teve significativos impactos sobre o tradicional modo de vida e o regime de trabalho nos seringais da Amazônia.

No pós-guerra (1946/47) ocorreu à reativação dos seringais do Oriente, a intensificação da utilização da borracha sintética e os americanos retiram seus capitais da Amazônia. Estes fatos conduziram o governo federal a criar nova política para a sustentação dos preços e da produção da borracha amazônica por meio do Banco de Crédito da Amazônia S.A.

A partir de uma abordagem espaço-temporal esta pesquisa teve como objetivo analisar a organização das redes de aviamento dos principais seringais do Vale do Abunã e os reflexos na organização espacial de Fortaleza do Abunã, na década de 1940. Para compreender a influência e a contribuição dessa rede de aviamento no processo de ocupação e produção social do espaço de Fortaleza do Abunã, tornou-se indispensável identificar as motivações políticas, interesses econômicos, relações de poder, papéis e funções das diferentes empresas, agências, agentes e instituições envolvidas no processo.

Pois, o estudo dessa complexa rede de aviamento, transformada a partir das demandas políticas e econômicas externas, contribuiu para o entendimento das seguintes questões: ocorreram

mudanças significativas na produção extrativista e na rede de aviação da borracha no Vale do Abunã, a partir da Segunda Guerra Mundial? A criação de agências, instituições e órgãos estatais resultantes dos Acordos de Washington em 1942, alteraram as relações de produção e trabalho nos seringais da região? A nova dinâmica sócio-política e econômica produziu reflexos significativos na organização do espaço de Fortaleza do Abunã?

Neste contexto entendemos o espaço como resultado da ação da sociedade a partir de uma dinâmica constante e contraditória que altera suas formas e significados: “Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação” (Santos, 1985, p.49).

Para pesquisar a rede de aviação da produção gomífera dos principais seringais do Vale do Abunã e os reflexos na organização espacial de Fortaleza do Abunã, na década 1940, tomamos como referencial teórico-metodológico os princípios e conceitos formulados por Santos (1999) para análise das transformações do espaço geográfico. Os conceitos de estrutura, processo, função e forma foram indispensáveis para que pudéssemos identificar de que forma a rede de aviação da produção gomífera influenciou a organização do espaço de Fortaleza do Abunã.

As relações entre a técnica e o espaço e, entre o espaço e o tempo constituem uma abordagem em que Santos (*Op. Cit*), formulou um sistema de conceitos que objetivou definir o espaço geográfico e o seu papel ativo na dinâmica social. Após propor a definição do Espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, considerou indispensável à identificação das categorias internas e externas para análise.

O fenômeno técnico foi objeto de críticas de Milton Santos às obras de alguns geógrafos que negligenciaram a técnica como categoria de análise, fundamental para o desenvolvimento de uma teoria e um método na Geografia. Mas, reconhece que Vidal de La Blache e Lucien Febvre perceberam a importância do desenvolvimento das técnicas ao abordarem este tema em seus

estudos. Foi o advento das estradas de ferro, no século XIX, que chamou a atenção desses pesquisadores:

As técnicas têm sido, com frequência, consideradas em artigos e livros de geógrafos, sobretudo em estudos empíricos de casos. Mas é raro que um esforço de generalização participe do processo de produção de uma teoria e de um método geográfico. As estradas de ferro, e depois as rodovias chamaram a atenção de historiadores e de geógrafos. Tanto Vidal de La Blache como Lucien Febvre, tiraram partido da noção de progresso técnico na elaboração de suas sínteses. Daí porque, eles podem ser considerados entre os pioneiros da produção de uma geografia vinculada às técnicas. Esse também é o caso de Albert Demangeon, quando se interessa pelo comércio internacional. (Santos, 1985, p. 27).

E, para a compreensão da organização da rede de aviamento, no Vale do Abunã, lançamos mão de um quadro teórico-conceitual que nos possibilitou a interpretação do processo dialético das categorias (atributos): processo, forma, estrutura e função ao longo do tempo. Assim, Santos (*Op. Cit*) definiu esse quadro conceitual, como:

Forma: é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função: de acordo com o Dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Estrutura: implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo: Pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (Santos, 1985, p. 50).

Ao identificarmos as funções dos principais atores, instituições governamentais e financeiras (nacionais e internacionais), no contexto da economia extrativista de Fortaleza do Abunã fomos capazes de analisar as interações (redes) entre os diversos elementos (estruturas) da rede de aviamento no Vale do Abunã, tais como: Empresas nacionais e estrangeiras, Instituições Financeiras, Instituições e Agências Governamentais, Seringalistas, Seringueiros e a Infra-Estrutura Técnica. Sem esta última, não seria possível operacionalizar a “Batalha da Borracha”, um conjunto de objetos técnicos importados e introduzidos na região, como o Complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, além de equipamentos para portos, retro-portos e campos de pouso. Estes sistemas técnicos contribuíram para a conformação do espaço da região com a função de conectividade das vilas e povoados do interior amazônico com os pólos administrativos regionais como Manaus, Belém e Porto Velho.

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da

análise. Na medida em que a função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos (Santos, 1985, p.07). Nesse sentido o movimento dialético entre as categorias: processo, estrutura, função e forma, podem ser sintetizadas a partir do seguinte Modelo Conceitual (Cf. Fig.01):

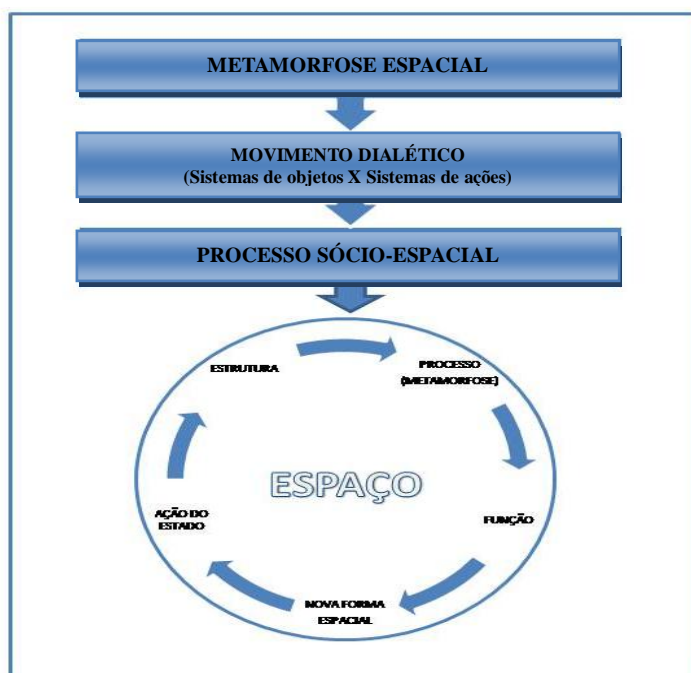


FIGURA. 01: Modelo Conceitual de análise do processo dialético de transformação espacial. Adaptado por José Rubisten da Silva a partir de Santos, 1985.

Conforme o Modelo Conceitual da figura 01, o movimento interativo e relacional dos elementos do espaço, resultam em uma nova realidade sócio-espacial no Vale do Abunã, ou seja, uma nova paisagem e configuração espacial. A inserção de novos elementos como as agências estatais reguladoras no espaço da região, durante a Segunda Guerra Mundial, refletiram significativamente na reestruturação do sistema de aviamento, principalmente, a partir da intervenção do Estado e a consolidação dos Acordos de Washington de 1942. As mudanças implantadas repercutiram na forma de aviar, abastecer, produzir e exportar, além da aplicação da nova técnica de corte da seringa. O esforço de guerra exigiu o recrutamento de uma massa de mão de obra para os seringais da região. E, a sociedade do seringal passou a ser constituída de elementos oriundos das mais variadas regiões com diferentes culturas e qualificações profissionais. Grandes

investimentos na infraestrutura de transportes foram realizados para facilitar o abastecimento da região. Assim o espaço adquiriu nova forma, função e significado, pois de acordo com Santos (1985):

(...) para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita à compreensão dos processos (tempo e mudança) e específica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para nossa compreensão da produção do espaço. (Santos, 1985, p.49).

A partir deste contexto conceitual buscamos compreender a complexa rede de relacionamentos entre os diversos elementos do espaço do Vale do Abunã: Estado, Agências Estatais Estrangeiras, Órgãos Estatais Nacionais, Empresas Aviadoras e Exportadoras e a Sociedade Seringalista envolvidos na trama do Sistema de Aviamento na Amazônia, cujo exercício do poder político e econômico foi revelado no papel (função) ou posição em que se encontravam cada agente/ator na cadeia vertical do aviamento. Na maioria das vezes, e de maneira conflituosa, os diversos agentes e atores participaram do “jogo” de interações da rede de aviamento no Vale do Abunã. Assim, o seringueiro e o soldado da borracha foram inseridos como peças fundamentais para a manutenção do ritmo da produção com vistas a contribuir no esforço de guerra.

O extrator era o monopolizador de todo o processo de produção da borracha na unidade produtiva como o corte, a colheita e a defumação. Na colocação a dinâmica e o ritmo do trabalho do extrator certamente influenciou decisivamente no rendimento do seringalista-aviador, frente aos compromissos assumidos junto ao Banco de Crédito da Borracha.

Identificamos a estrutura de transportes existente, como a potencialidade de carga e tipos de embarcações disponíveis para os principais seringalistas. Pois entendemos que essa informação revelou o potencial e poder de articulação de cada seringalista na rede de aviamento, além do poder econômico e prestígio político local. Indubitavelmente, os investimentos realizados pelos seringalistas na melhoria dos equipamentos e embarcações possibilitaram maior operacionalização, suporte que redundaram na redução do tempo e das distâncias entre a unidade de produção, a comercialização e a exportação da borracha.

1.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

1.1.1 - Fases da Pesquisa de Campo e Gabinete.

1ª FASE – Revisão bibliográfica: Ao iniciarmos a atividade de campo realizamos levantamento bibliográfico de autores e obras da ciência geográfica que tratam da teoria e conceitos pertinentes ao objeto de análise dessa pesquisa. Também revisamos a literatura regional para a identificação de obras que abordam sobre o tema objeto deste trabalho. Posteriormente, em trabalho de gabinete, nesta mesma fase e, a partir do estudo da bibliografia disponível elaboramos o estado da arte.

2ª FASE – Levantamento de dados, entrevistas orais e registro fotográfico. Nesta fase do trabalho de campo buscamos informações em jornais locais com circulação na época correspondente ao período de estudo (1940–1947), além dos arquivos de instituições públicas e privadas do município de Porto Velho e outras regiões do país. Consultamos documentos existentes no INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) de Rondônia para fins de aposentadoria dos Soldados da Borracha; Arquivos do BASA de Porto Velho (antigo Banco de Crédito da Borracha). Os dados encontrados correspondem à contabilidade dos seringalistas, da produção e exportação da borracha. Consultamos os acervos do Centro de Documentação Histórica do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia onde foi possível obtermos informações precisas sobre a sociedade dos seringais. Identificamos dados em certidões de nascimentos, casamento e óbitos. Cadastro de aberturas, concordatas e falências de casas comerciais. Essas informações foram indispensáveis para a compreensão do quadro sócio-espacial e produtivo do vale do Abunã.

Em outra etapa, realizamos entrevistas (abertas) dos atores sociais remanescentes dos antigos seringais do rio Abunã que vivenciaram a exploração da borracha na década de 1940, principalmente no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939–1945). Buscamos informações na Associação dos Soldados da Borracha (em Porto Velho) e identificamos os ex-seringueiros que

trabalharam nos seringais do rio Abunã para a realização das entrevistas. A partir dos depoimentos foi possível reconstituirmos a realidade e o quadro socioeconômico reinante nos seringais desta região.

Assim, entrevistamos 07 (sete) atores sociais (Cf. Quadro nº 01) que exerceram as mais variadas funções e atividades nos seringais do rio Abunã, no período de 1938 a 1960. Esses colaboradores revelaram informações suficientes para elucidação das questões chave, objeto desta pesquisa, principalmente devido à mobilidade funcional ocorrida na maioria dos casos, permitindo experiências e diferentes visões sobre a realidade cotidiana da sociedade seringalista. No decorrer da dissertação optamos em preservar a identidade dos envolvidos ao colocarmos as abreviaturas de seus nomes.

ATORES SOCIAIS (COLABORADORES) ENTREVISTADOS				
ABREVIATURADO DO NOME	LUGAR DE ORIGEM/TRAJETÓRIA	LOCAL DE TRABALHO	FUNÇÃO	PERÍODO
1 - RMS	Ceará – Seringal Bom Futuro/Rio Mutum/MT.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã.	Seringueiro; Ajudante de prático (condutor de barco); Serviço de corte de madeira e comerciante.	1943-1960
2 - ALJ	São Carlos/ Baixo Madeira/AM – Fortaleza do Abunã/AM.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã.	Condutor de lancha e batelão (prático); Coletor de castanha; Seringueiro e seringalista.	1942-1960
3 – DR	Fortaleza do Abunã/AM.	-Fortaleza do Abunã	Parente de seringalista e ex-morador de Fortaleza do Abunã.	1942-1950
4 - JLJ	São Carlos/ Baixo Madeira/AM – Fortaleza do Abunã/AM.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã (fronteira com a Bolívia).	Seringueiro; Marreteiro e Seringalista.	1942-1960

5 – PB	Jaci Paraná/Santo Antônio do Madeira/MT.	Fortaleza do Abunã, Vila do Abunã e rio Abunã.	Ajudante de batelão; seringueiro e Auxiliar de pratico (barqueiro).	1940-1960
6 – VSR	Lábrea/AM – Seringal Santa Clara/Rio Mutum/MT.	Seringais bolivianos no vale do rio Abunã e Fortaleza do Abunã.	Mulher seringueira no seringal Nova Califórnia.	1938-1960
7 - PMR	Humaitá/AM.	Seringal Boa Vista no rio Pacoará/Bolívia.	Coletor de castanha; Seringueiro e Auxiliar de mecânico na oficina em Fortaleza do Abunã.	1938-1960

QUADRO: 01 – Atores sociais (entrevistados) de Fortaleza do Abunã/RO. Elaborado pelo autor a partir das entrevistas realizadas.

A maioria dos entrevistados é descendente de imigrantes que foram seringueiros na região. Alguns ainda residem no Distrito de Fortaleza do Abunã, enquanto outros se fixaram no Município de Porto Velho/Rondônia. Finalizamos esta fase com o trabalho de gabinete. Sistematizamos os dados obtidos anteriormente e transcrevemos as entrevistas orais realizadas para interpretação e análise.

3ª FASE – Análise e discussão dos resultados e finalização da redação. Após a análise e interpretação dos dados e informações sistematizadas, foi possível a discussão dos resultados finais. Estes procedimentos permitiram a compreensão das problemáticas em questão e a explicação das lacunas existentes. Finalmente concluímos e revisamos a dissertação para ser submetida à apreciação da banca examinadora do Mestrado em Geografia.

ORGANOGRAMA METODOLÓGICO

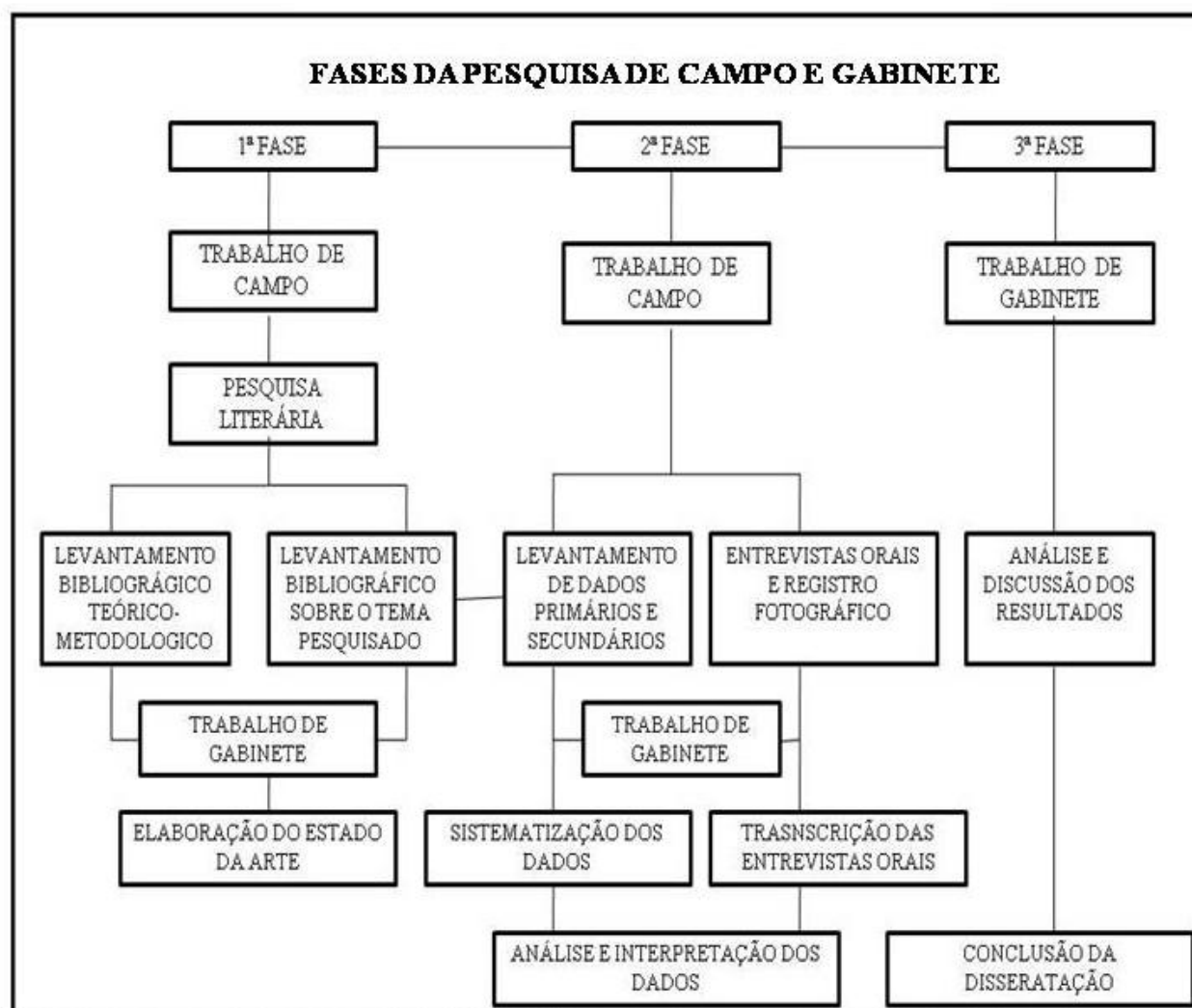


FIGURA 02- ORGANOGRAMA METODOLÓGICO DAS FASES DA PESQUISA DE CAMPO E DE GABINETE. ELABORADO PELO AUTOR.

1.2 – CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

Localizada no extremo oeste da Amazônia Brasileira, Fortaleza do Abunã, hoje, Distrito do Município de Porto Velho, no Estado de Rondônia, situa-se à margem esquerda do rio Abunã, afluente do rio Madeira, junto à fronteira boliviana, dista 270 km da Capital. (Cf. Figura 03).

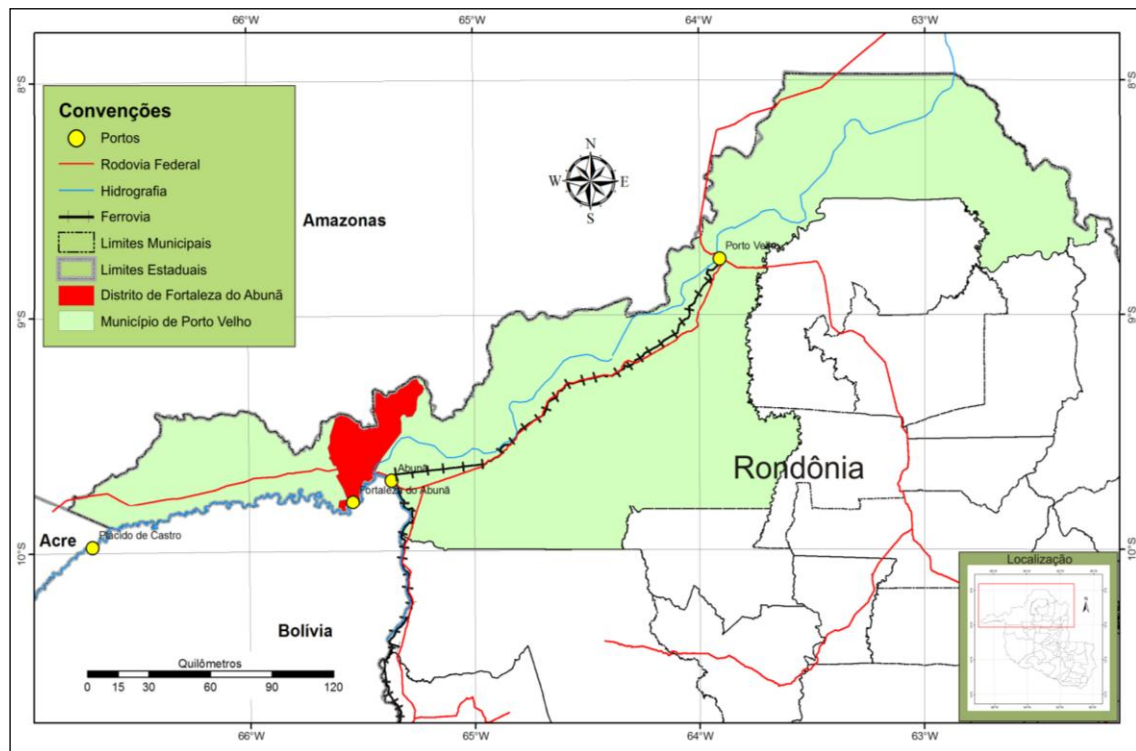


FIGURA 03 – Mapa de localização do Distrito de Fortaleza do Abunã/RO. Org. José Rubisten da Silva, desenho cartográfico de Michel Watanabe, 2010.

Fortaleza do Abunã, devido sua localização geográfica estratégica, tornou-se um importante entreposto de circulação de mercadorias para o Brasil e a República da Bolívia. Desde 1914, o rio Abunã tem sido uma importante via de acesso, ao então território do Acre, utilizado por dezenas de casas aviadoras nacionais e internacionais interessadas na exploração dos produtos regionais. De acordo com os dados do Ministério das Minas e Energia (Brasil, 1980):

O rio Abunã representa a principal via fluvial pela margem esquerda do rio Madeira. Estabelece a fronteira natural entre Rondônia-Bolívia e Acre-Bolívia. Suas cabeceiras estão situadas no extremo sudoeste da bacia sedimentar Amazônica, na cidade de Francisco Alves, Estado do Acre. Possui uma extensão superior a 200 km e largura de até 50 m, sendo seu leito bastante encaixado com barrancas de alturas superiores a 10m. Seu curso tem um sentido geral oeste e, como os demais rios da região, está controlado por efeitos tectônicos, predominando fraturamentos noroeste-sudeste. O seu principal afluente é o rio São Sebastião, pela margem esquerda de sentido sul. (Brasil, 1980).

Nesta via fluvial ocorreu intensa circulação de embarcações de pequeno calado indispensáveis para o abastecimento dos seringais e escoamento da produção de borracha. Acidentes geográficos como as corredeiras do Tambaqui, Fortaleza e Três “S” exigiam maior esforço para navegação no rio Abunã, por isso, a navegação neste rio apresentava muitos problemas no período de estiagem, sendo necessário, na maioria das vezes, proceder a baldeação das mercadorias e pélas de borracha para superação do trecho encachoeirado. A Corredeira Fortaleza é a mais próxima de Fortaleza do Abunã (Cf. Figura 04).



FIGURA 04 – Corredeira Fortaleza na Área de Fronteira entre o Brasil (abaixo) e a Bolívia (acima). Foto: Elisangela Sales de Lima, 2009.

A fotografia (Cf. Figura. 04) foi registrada no mês de setembro de 2009, época da estiagem das chuvas na região e vazante do rio Abunã. Nas estações chuvosas as rochas são encobertas pelas águas, permitindo a navegabilidade de pequenas embarcações neste rio. Os moradores da região, corriqueiramente, denominam a citada corredeira como “Cachoeira Fortaleza” não fazendo distinções entre diferentes acidentes geográficos como cachoeiras, corredeiras ou quedas d’água.

CAPÍTULO 2 – A ORGANIZAÇÃO DA REDE DE AVIAMENTO NO ESPAÇO AMAZÔNICO NO SÉCULO XIX.

A exploração da borracha, no Brasil, ocorreu a partir das primeiras expedições científicas no Vale Amazônico, no século XVIII, conjuntamente com a extração das drogas do sertão. Neste contexto, para Mesquita e Egger (1979),

Na segunda metade do século XVIII, o Alto Madeira já era trafegado por comerciantes que iam à cata de madeiras e drogas do sertão (essências e outros produtos), destinadas ao mercado mundial. Os comerciantes eram obrigados a providenciar braços e tripulação, aliciada geralmente entre índios bolivianos. (Mesquita e Egger, 1979, p. 57).

Posteriormente, na segunda metade do século XIX, ocorreu a expansão da procura da goma elástica em função da implantação da indústria automobilística nos grandes centros capitalistas do globo. Tratava-se de um período de significativas transformações na conjuntura política e econômica mundial, principalmente, a partir da emergência da política imperialista. Países como Inglaterra e Estados Unidos da América - EUA buscaram conquistar novos mercados e garantir o suprimento de matérias primas para suas indústrias emergentes. Estas nações, por meio de grandes corporações, investiram seus capitais excedentes em países periféricos na intenção de controlar seus mercados e explorar os recursos naturais disponíveis.

Na segunda metade do século XIX, a expansão da indústria de artefatos da borracha criou as condições favoráveis para a valorização da borracha amazônica e a ocupação dos territórios ricos em *Hevea Brasiliensis*. O capital monopolista e industrial necessitava consolidar novos mercados consumidores de manufaturados e bens de consumo. Assim, as grandes transformações socioeconômicas e tecnológicas no mundo resultaram no interesse pela importação de um produto indispensável para fomentar a indústria capitalista em expansão, sendo este a borracha nativa brasileira.

Neste contexto, a Amazônia foi inserida como principal fornecedora dessa matéria prima. A *Hevea Brasiliensis* atraiu em plena selva amazônica empresas estrangeiras interessadas em

investir em empreendimentos arriscados. Este fato foi mencionado por Ribeiro (1995) ao afirmar que: “O Interesse pela exploração da seiva da *Hevea Brasiliensis* da Amazônia Brasileira, por Empresas capitalistas de vários países do mundo, ocasionou profundas transformações na vida do homem amazônico, bem como dos migrantes nordestinos” (Ribeiro, 1995, p 35). A Amazônia passou a dominar o mercado mundial, sendo a maior produtora e exportadora da borracha silvestre. E, a economia extrativista da borracha consolidou a Amazônia como o novo pólo da economia brasileira. O chamado primeiro ciclo da borracha possibilitou o desenvolvimento de cidades como Belém e Manaus, pólos de instalação de centenas de empresas comerciais nacionais e internacionais.

O sistema de aviamento se estruturou a partir do eixo Belém e Manaus com a difusão de seus poderes políticos e econômicos nas hinterlândias interiores do grande Vale Amazônico. Para Santos (1980):

O sistema se desenvolveria depois por todo o resto do século XIX e princípio do XX, inclusive com a presença de bancos estrangeiros, companhias de navegação, etc. Em 1990 ele se acha completamente consolidado, com as funções bem divididas e especializadas. Os exportadores estrangeiros compravam a borracha às “casas aviadoras” e emitiam letras de câmbio, que descontavam nos bancos ingleses de Belém ou Manaus. Quando se venciam os 90 dias da letra, já borracha fora desembarcada em Nova York ou Liverpool e entregue ao importador externo. (Santos, 1980, p. 126).

Apesar da existência de ínfimos capitais privados regionais ou extra-regionais, na primeira fase da economia da borracha na Amazônia, existiam muitas dificuldades para o desenvolvimento da empresa gomífera. Mas, posteriormente, a inversão do capital monopolista estrangeiro possibilitou financiamento inicial da infraestrutura necessária para o funcionamento do sistema de aviamento. Ao tratar da inversão de capitais estrangeiros para a Amazônia, Benchimol (1977) concluiu que:

A primeira fonte de acumulação de capital para o desenvolvimento da empresa seringueira estava nas mãos de estrangeiros, portugueses e ingleses. Os ingleses construíram o porto de Manaus, sua usina elétrica, as suas linhas de bonde, trouxeram a navegação a vapor e outras coisas mais. Os portugueses construíram estabelecimentos comerciais, importavam e exportavam. Os sírios, dentro desse quadro social, se iniciaram como regatões e prestamistas. (Benchimol, 1977. p. 80).

No entanto, por considerarem ser uma atividade arriscada e insegura, as corporações estrangeiras transferiram a responsabilidade de importação e financiamento da produção da

borracha aos comerciantes portugueses, passando a atuar apenas no setor de exportação. Foi com essa alteração nas funções dos diversos agentes envolvidos no processo de financiamento, produção e exportação da borracha, que se estruturou o Sistema de Aviamento na Amazônia:

Com essa alteração do sistema, os personagens da nova ordem passaram a auferir seus lucros específicos: o exportador inglês, americano ou alemão, os rendimentos dos negócios da exportação e câmbio; o importador português, os lucros e juros de suas operações; o grande aviador, quase sempre português, também as vantagens inerentes ao aviamento. Com a montagem deste sistema, uma verdadeira cadeia de fornecimentos a crédito veio-se estruturando com a partilha dos riscos entre os vários elos desta cadeia. Estava, destarte, montada a grande máquina creditícia que se tornaria o arcabouço de todo financiamento da empresa gumífera na Amazônia. (Martinello, 1988, p. 32).

A partir dessas mudanças, a configuração de um modelo econômico de exploração extrativista vegetal, *sui generis*, começou a tomar forma no espaço amazônico, ainda no século XIX. O sistema complexo de aviamento envolvia diversos agentes que estabeleciam uma cadeia vertical organizada e hierarquizada de interesses comerciais. Havia uma estreita relação comercial dos centros urbanos com os seringais que, “ligando as extremidades entre si surgia o ‘elo’ do aviamento. Nessa concepção, o aviamento desempenhava o papel de elemento sustentador e articulador de toda a estrutura social da Amazônia (...)” Santos (1980, p. 158). Esta cadeia de aviamento foi constituída dos seguintes agentes e atores: o seringueiro-extrator, o seringalista-patrão, as casas aviadoras e as casas exportadoras. As características básicas desse sistema seriam a troca de matérias primas da Amazônia por produtos industrializados provenientes, principalmente da Europa e Estados Unidos da América-EUA. Os papéis dos diferentes atores e agentes eram bem definidos. A respeito dessa organização Martinello (1988, p.44-45), explica o funcionamento desse sistema de aviamento como:

A articulação entre os diversos agentes deste sistema desenvolvia-se, mais ou menos, da seguinte maneira: as casas exportadoras, ligadas ao capital monopolista, financiavam as casas aviadoras, que se endividavam. Estas ficavam em condições de aviar os seringalistas, fornecendo-lhes todos os gêneros, utensílios e instrumentos necessários para o funcionamento dos seringais, assumindo estes a obrigação de destinar às casas aviadoras toda a produção da borracha do seringal aviado. O seringalista-patrão, por sua vez, procedia ao aviamento dos seus seringueiros ou fregueses, que formavam o último elo desta cadeia e que, com a extração da borracha, tentavam amortizar a dívida que já haviam contraído no barracão do patrão. (Martinello, 1988, p.44-45).

No entanto, para Santos (1980), “As já citadas condições da geografia regional – sobretudo o difícil acesso ao sertão produtor – levariam o sistema de aviamento a organizar-se em

forma de cadeia vertical (...). Assim, o modelo apresentado por este autor e, denominado de Cadeia do Aviamento, no Século XIX, ficou estruturado da seguinte forma, (Cf. Figura 05)

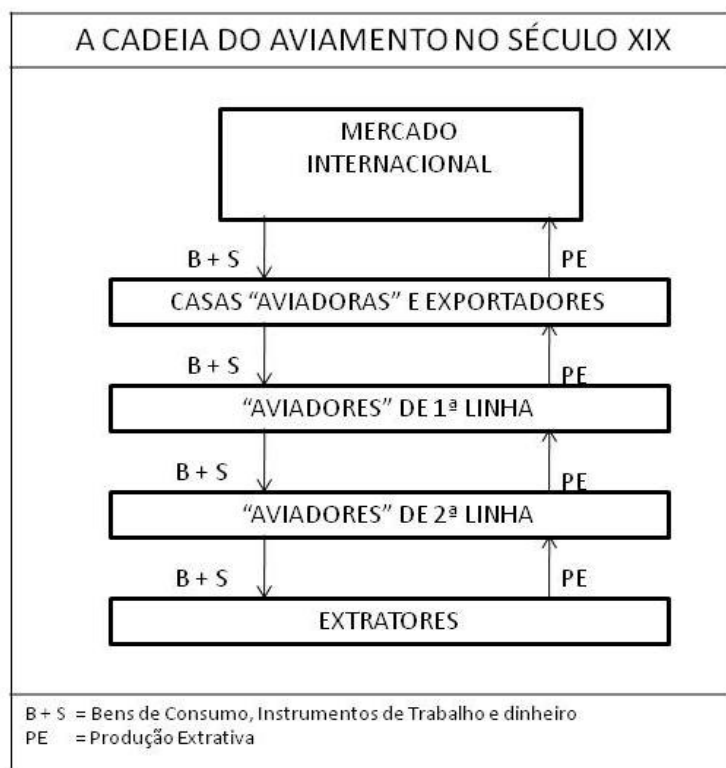


FIGURA 05: Cadeia de Aviamento do Século XIX. (Elaborado por Santos, 1980, p. 160).

Em conformidade com o modelo acima, a base do sistema era o fornecimento de mercadorias a crédito em troca da produção extrativa a partir de mútuos compromissos assumidos entre os diferentes agentes da cadeia. De acordo com Santos (1980):

O “aviador”, de nível mais baixo fornecia ao extrator certa quantidade de bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho, eventualmente pequena quantidade de dinheiro. Em pagamento, recebia a produção extrativa. Os preços dos bens eram fixados pelo “aviador”, o qual acrescentava ao valor das utilidades fornecidas juros normais e mais uma margem apreciável de ganho, a título do que se poderia chamar “juros extras”. Esse “aviador”, por seu turno, era “aviado” por outro e também pagava “juros extras” apreciavelmente altos. No cume da cadeia estavam às firmas exportadoras, principais beneficiárias do regime de concentração de renda por via do engenhoso mecanismo dos “juros extras” e do rebaixamento do preço local da borracha. (Santos, 1980, p. 159).

Na ausência de bancos capazes de financiar a arriscada empreitada extrativa as casas aviadoras de Belém e Manaus exerciam esta função de credoras dos empresários seringalistas. A majoração dos preços das mercadorias era crescente e proporcional à extensão da cadeia de aviamento. Quanto mais agentes envolvidos na rede, maior os juros aplicados sobre o valor original

das mercadorias. Os diversos agentes da rede de aviamento auferiam seus lucros recorrendo ao artifício da crescente majoração dos preços das mercadorias e equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades no seringal. Apesar deste mecanismo, Santos (1980) considerou que, a

(...) Verdade é que essa soma é fictícia e quase totalmente absorvida pelas dívidas que o trabalhador (*freguês*) contrai com o patrão (*seringueiro*), que lhe fornece alimentos, medicamentos e objetos da vida cotidiana por preços que absorvem quase a produção do trabalhador. (Santos, 1980, p. 96).

No final das contas, o seringueiro extrator acabava sendo o maior prejudicado por situar-se na base de sustentação da cadeia de aviamento, pois estava sujeito a um endividamento que se iniciava na abertura da safra da borracha, momento em que o seringalista adiantava suprimentos alimentícios, equipamentos de trabalho e, às vezes, certa quantia em dinheiro para o desenvolvimento da extração da borracha no seringal.

Porém, a hierarquia evidenciada na cadeia de aviamento não era rígida e nem imutável, pois, dependendo do sucesso ou das oportunidades do empresário da borracha, este indivíduo poderia passar de aviador de segunda linha para aviador de primeira linha. Em algumas situações, a cadeia poderia ser extensa ou reduzida, havendo apenas aviador de primeira linha.

A consolidação do sistema de produção extrativista na Amazônia e, conseqüentemente, do sistema de aviamento, somente foi possível com a migração de um contingente significativo de mão de obra, principalmente, nordestina. Devido à necessidade do aumento da produção da borracha os migrantes, em sua maioria, nordestinos, foram arregimentados pelos seringalistas da região para serem inseridos em um regime de trabalho característico do Sistema de Barracão. Estes trabalhadores foram inseridos em novas relações de produção em que a exploração de sua força de trabalho pelos seringalistas sujeitava-os à condição social de extrema dependência. Nos seringais o extrator deveria seguir as normas e regulamentos unilaterais estabelecidos pelo patrão.

Nesta época, a formação e organização espacial dos seringais na Amazônia possuíam um padrão próximo ao esquema apresentado por Weinstein (1993):

‘centros’, ao ‘barracão’, nas ‘margens’ (...)” (Gonçalves, 1998, p. 108). Esta forma de organização dos novos seringais objetivava racionalizar o trabalho na unidade produtiva, evitando dispêndio de tempo para corte das árvores e o maior desgaste do trabalhador. Facilitava também a comunicação, circulação, transporte, abastecimento e escoamento da produção. Assim, os empresários seringalistas pretenderam aproximar ao máximo a organização da empresa produtora de borracha na Amazônia aos moldes do sistema de produção industrial capitalista. A combinação de todo processo de organização do trabalho tinha como meta principal maximizar a produção, aproveitando-se de áreas densas em árvores da seringueira para exportação.

2.1 - A EXPANSÃO DA REDE DE AVIAMENTO PARA OS VALES DO ABUNÃ, MADEIRA, MAMORÉ E GUAPORÉ.

A primeira fase de exploração predatória forçou a expansão gomífera além dos limites territoriais de Belém para alcançar os vastos e distantes vales no interior da Amazônia. As regiões de produção nova como Abunã e Purus caracterizavam como espaços de seringais densos em árvores. Esta densidade refletia na produtividade e, conseqüentemente, na configuração espacial do seringal. Essa reorganização espacial exigia maiores investimentos de capitais para implantação da empresa seringalista principalmente quanto à logística de transportes e abastecimento. “Deste modo, pode-se dizer que o processo de organização do espaço nos altos rios, no Acre, se dava sob o impulso das determinações das leis que o mercado impunha à produção do látex” (Gonçalves, 1998, p. 92).

As margens dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira foram exploradas de forma predatória por aventureiros que sacrificavam as árvores para extrair o cernambi³, posteriormente, avançaram para as margens dos rios Abunã, Ji - Paraná e Jamari. Sobre este processo de ocupação Mesquita e Egger (1979) afirmam que,

No final do século XIX, efetuou-se a penetração por nordestinos no Vale do rio Madeira. Procedentes do Estado do Amazonas subiram esse vale, alcançando os do Abunã, Machado, Preto, Jamari e Candeias. Nos afluentes situados entre Porto Velho e Abunã, limitaram-se a

³ Borracha inferior. Subproduto do leite da seringueira

penetrar nos baixos vales de Jaci - Paraná e Mutum - Paraná. Posteriormente, na segunda década do século XX, o povoamento estendeu-se ao longo do vale do Mamoré-Guaporé, encontrando outra corrente povoadora vinda do sul, que penetrava na região descendo o Guaporé. (Mesquita & Egger, 1979, p. 56).

Como podemos perceber, os migrantes nordestinos já se faziam presentes no Vale do Abunã, no final do século XIX, principalmente, em função da seca do Nordeste. No chamado “primeiro ciclo da borracha”, as margens das bacias dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira foram ocupadas por alguns seringueiros, principalmente, nas margens dos rios Abunã, Ji - Paraná e Jamari. Assim:

A onda povoadora com elementos nacionais foi de tal monta que, em 1920, o censo acusava o total de 36.044 habitantes. A população apresentava distribuição bastante rarefeita, notando-se, contudo, um relativo adensamento no trecho entre Humaitá e Presidente Marques (hoje Abunã), ao longo do Madeira; no Ji - Paraná, entre Calama e Tabajara; no Jamari, entre a foz e Ariquemes. (Mesquita & Egger, 1979, p. 56).

Mais tarde, uma complexa rede de aviamento controlada por empresas aviadoras sediadas em Belém e Manaus passaram a abastecer o comércio do Vale do Rio Abunã. Empresas estas de capital estrangeiro que atuavam no setor de exportação, assim narrado por Xavier (2006):

Grande parte da exportação da borracha boliviana estava nas mãos de várias empresas alemãs e francesas, estabelecidas na região do Beni e encaminhando-se para a acreana. Esta exportação começou a concentrar-se em um reduzido grupo de pequenas empresas estrangeiras de famílias que mantinham relações com os principais centros europeus. No entanto estas exportações eram dependentes de firmas inglesas e brasileiras para o envio da borracha para Londres, Paris e Hamburgo. (Xavier, 2006, p. 21).

Assim, o território boliviano (na fronteira com o Brasil) abrigava dezenas de empresas estrangeiras que exploravam o aviamento da borracha ao longo do rio Abunã. Dentre estas firmas, destacamos a empresa francesa Societé Picolet⁴ que atuou no ramo de aviamento da borracha no rio Abunã, pois, conforme relatos dos moradores mais antigos de Fortaleza do Abunã, o rio Abunã foi

⁴ Ao lado das companhias inglesas estabeleceram-se, também, nessa época, na Amazônia, durante o período áureo da borracha, empresas privadas de capitais portugueses, franceses, alemães e outros, sobretudo no setor de aviamentos, comercialização e exportação de produtos regionais, a maioria delas já desaparecidas. Entre elas destacamos as seguintes: “Ahlers & Co.”, “A. de la Rivière & Cie.”, “Albert H. Alden Limited”, “Armazens Andersen”, “A. Meirelles & Cia.”, “A. A. Antunes & Cia.”, “Anibal Coutinho & Cia.”, “Barbosa & Tocantins”, “Braga Sobrinho & Cia.”, “B. Levy & Cia.”, “Coutinho & Cia.”, “Cunock Schrader & Co.”, “De Lagotellerie & Cie.”, “D. Costa & Cia.”, “E. Kington & Cia.”, “General Rubber Co. Of Brazil”, “Gruner & Co.”, “Godon & Co.”, “H. A. Astlett & Co.”, “Higson & Co.”, “I. Serfaty & Cia.”, “J. Soares & Cia.”, “Leite & Cia.”, “Levy Frères & Cie.”, “Mesquita & Cia.”, “R. Suarez & Cia.”, “Suarez Hermanos”, “Semper & Co.”, “Sholtz Hartze & Co.”, “Societé Picolet”, “Sluglehurst Brocklehurst & Co.” “Theodor Levy & Co.”, “Zarges Ohlinger & Co.”. (Benchimol, 1977, p. 537).

desbravado pelos franceses. E esta empresa era administrada pela francesa Cristina Freire e estava sediada no território boliviano. Nesta localidade foi instalado um engenho que, em conjunto com todo o patrimônio da empresa, mais tarde foi vendido para o seringalista Octávio Reis. De acordo com o entrevistado ALJ (ex-regatão no rio Abunã),

Bom, esse íngenho pertencia a uma firma que se chamava Picolé [Société Picolet], que também era de (estrangeiro). Aí ela [a empresa] resolveu pará com as atividades. E esse íngenho era um íngenhozim puxado a boi, ele num era grande coisa. E vendeu essas coisas todinha pra Otávio Reis. Vendeu seringais, vendeu embarcações (...). E esse íngenho era ali do lado da Bulívia. Então eles [estrangeiros] nem ligaram pra quilo, mas quando ele [Octávio Reis] veio pra trabalhar nesse engenho, ele arrumou todinho. Colocou maquinário, butô uma caldeira. Era uma máquina de trabalhava a fogo né? O resultado é que lá chegou até sair açúcar branco, açúcar desse negócio de íngenho. E quando ele morreu tava muito bem. Só que [eu] era muito criança, eu não sei dizer o quê que aconteceu, que nós ficamos numa (pior) mesmo.

Segundo o mesmo entrevistado, Octávio Reis modernizou o engenho ao investir em máquinas (caldeira a vapor) que substituíram o trabalho realizado com tração animal. Posteriormente, este seringalista adquiriu um caminhão para o transporte de cana. O transporte do roçado da cana até o abastecimento do caminhão era realizado por animais (muare). A produção era diversificada e consistia em plantação de feijão, arroz e mandioca.

O engenho produzia açúcar, cachaça, rapadura e farinha. Toda produção era fornecida ao seringalista-proprietário que as despachava para o abastecimento dos seus seringais. Outra máquina a vapor era utilizada para o beneficiamento do arroz. Posteriormente, esse empreendimento foi arrendado para o português Joaquim Pereira da Silva, sogro de Octávio Reis.

Outro entrevistado, RMS, afirmou que uma alvarenga, de propriedade da mesma firma, naufragou na corredeira Tambaqui:

Quando eu cheguei aqui eles contava que esse ri foi desbravado pelos franceses, numa época bem remota. Aí, antes da Estrada de Ferro [Madeira] Mamoré funcionar. O nome da firma era Picolé, Casa Picolé [Société Picolet]. Era Cristina Freire (...). Desse ri [rio Abunã] aí pra cima, tudim funcionava da mesma forma. Tinha seis Inglês (...). Tumbém tinha (...) que era o dono do seringal, até ficou aí na História. Afundou aí depois do Tambaqui, mesmo alí em cima fundou [afundou] uma alvarenga [barco] deles. Conta os antigos que ía levando três ou quatro cunhete de ouro. Cunhete é um caixazinha que eles tinha nos (...), nas libras esterlinas. E tanto tempo procuraram e nunca tiraram não (...).

Esta embarcação levava diversas libras esterlinas para compra de borracha no Vale do Rio

Abunã. E, a referida empresa comprava borracha dos seringais independentes do lado boliviano. De acordo com o entrevistado ALJ,

(...) e quando venderam essa firma pra Otávio Reis, eles venderam com tudo. Seringais, embarcações, esse engenho e as casas aqui em Fortaleza, tudo (...). É, foi (...). Inclusive eles tinham aqui uma casa que foi até um crime [ter] desmanchado aqui. Uns chamavam chalé, mas um negócio muito bonito, tudo coberto de telha, madeira que vinha de fora né? Deixa ver, eles trouxeram pinho, era muito bonito. Quem acabou essa casa? Quem destruiu? Eles desmancharam né? O que já não fizeram mais? Era um casarão grande de madeira e escritório, loja, toda essas coisas (...). Ele [Otávio Reis] comprou tudo né? Hoje em dia só existe uma casa ainda, que era desse tempo, que é uma que chamam de centenária. Ela fica lá em cima.

Estes relatos evidenciam que a fronteira Oeste entre Brasil e Bolívia, no rio Abunã, foi explorada por empresas estrangeiras que exploravam a borracha para exportação. No entanto, estas firmas permaneceram na região até o colapso da economia da borracha, momento em que retornaram aos países de origem. Assim, não resistindo à crise da economia da borracha, a empresa Societé Picolét se desfez de seu patrimônio, vendendo parte de suas instalações ao seringalista Octávio Reis.

Desta forma, a economia extrativista da Amazônia passou por várias crises as quais afetaram o sistema de aviamento. Estas crises, em sua maioria, foram resultantes de fatores exógenos, ocasionando queda no preço da borracha, instabilidade no mercado regional e abandono dos seringais do interior dos grandes vales (altos rios). Alguns pesquisadores periodizaram as fases da economia da borracha a partir de critérios como a variação dos preços no mercado internacional, a produção e a exportação regional. Martinello (1988), por exemplo, analisou a trajetória da produção em três períodos, como pode ser observado:

Podemos caracterizar estes períodos, basicamente, da seguinte maneira: 1º Período (1890 – 1912), representado por uma tendência de crescimento constante, tanto nos preços como na produção; 2º Período (1912 – 1942), representado por uma queda tanto nos preços como na produção, embora o segundo quartel da década de 30 apresente certa retomada na produção e preços; finalmente, o 3º Período (1942 – 1950), caracterizado por uma lenta, embora constante, retomada da produção e dos preços, devido à instalação das indústrias de artefatos de borracha no Brasil e ao esforço de guerra que provocou novo surto da borracha na Amazônia. (Martinello, 1988, p. 121).

No primeiro período, a crise da economia extrativista na Amazônia foi acentuada pela heveicultura no sudoeste asiático, cuja produção de 1910 já incomodava os produtores regionais.

Em 1912, o Brasil perdeu a hegemonia de principal fornecedor de borracha para o mercado mundial. Com estas crises várias Casas Aviadoras foram obrigadas a pedir concordata em Manaus e Belém do Pará, segundo Santos (1980):

Inúmeras falências e concordatas devem ter escapado à Justiça, porque o sistema inteiro do aviamento fora abalado, repercutindo a crise por todo o interior da Amazônia, onde a cobrança de contas pendentes se tornava praticamente impossível ou grandemente difícil. (Santos, 1980, p. 238).

A partir de 1913 a heveicultura oriental superou a produção amazônica que entrou em um longo período de decadência, perpassando pelas décadas de 1920 e 1940. Em 1926, muitos seringalistas abandonaram os seringais do rio Abunã, como foi o caso de Israel Isaac⁵ proprietário do seringal Guarapari, que, em consequência da crise, faliu e se estabeleceu em Manaus. Segundo relato de Samuel Benchimol, a década de 1920, para seu pai, seringalista da Amazônia, significou:

Foram anos de luta, de pobreza, de miséria e de doença, anos que trouxeram para ele e para todos nós as marcas indelévels da penúria. Em Fortaleza do Abunã e nos seringais São Luis e Guarapari, adquiridos e ou arrendados em sociedade com o coronel Otávio Reis, um outro herói desse ciclo, a tragédia econômica, gerada no sudeste asiático pela revolução da tecnológica agrícola da heveicultura, desabou sobre todos nós. (Benchimol, 1977, p. 23).

Com a decadência do extrativismo da borracha o homem amazônico buscou novas alternativas de sobrevivência por meio de outras atividades de subsistência. Muitas outras atividades alternativas foram desenvolvidas, tais como: a pecuária, a extração da madeira, o aproveitamento de essências vegetais, a coleta da castanha e a exploração de peles e couros de animais silvestres. Assim, o colapso do extrativismo da borracha possibilitou o aparecimento de uma economia diversificada e a criação de Colônias Agrícolas⁶ na Amazônia. De acordo com Martinello (1988), no então Território do Acre, nas proximidades de Rio Branco, surgiram vários núcleos coloniais (desorganizados), porém, indispensáveis para o abastecimento da região.

No entanto, estas crises não liquidaram o sistema de aviamento que permaneceu sob outras

⁵ Como Samuel, seu futuro neto, Israel Isaac era um misto de intelectual e comerciante. Ganhava a vida como regatão, como eram conhecidos na Amazônia os mascates que exerciam o seu comércio ambulante navegando pelos rios. Vendia mercadorias e gêneros alimentícios nos seringais do Tapajós e Baixo Amazonas, e de lá trazia a borracha. A par disso, no entanto, atuava como correspondente do jornal Time, de Londres, para o qual enviava artigos sobre produtos regionais. Teve vida breve. (Marcovitch, 2007, p. 235).

⁶O então Território do Acre, que no verão ficava isolado devido à baixa do rio, forçou o aparecimento de colônias agrícolas ao redor de Rio Branco, visando o seu abastecimento, sendo, porém, uma região essencialmente extrativista, mesmo na área desses núcleos coloniais continuou com certa exploração vegetal. (Martinello, 1988, p. 58).

formas. Muitas casas aviadoras e seringalistas canalizaram suas atenções para outros produtos regionais como a coleta e exportação da castanha:

Certamente, a deposição social de famílias instaladas com base no aviamento da borracha e na exploração seringueira pode ter sido um efeito político importante, instantâneo em alguns casos, paulatino em outros, do grande colapso. Provavelmente o prestígio desse grupo começou a deslocar-se para os grandes comerciantes da castanha e da extração madeireira. (Santos, 1980, p. 243).

Este produto ganhou importância na região amazônica, evitando o abandono por completo dos territórios interioranos, ricos em *Bertholletia Excelsa* e *Hevea Brasiliensis*. No entanto, no então território do Acre, ao longo do rio Abunã, o extrativismo da borracha continuou associado à coleta da castanha, mesmo que timidamente. Surgiu, neste momento, uma nova categoria empresarial, os castanhistas “aviadores”.

Foram poucos os antigos seringais que sobreviveram às diversas crises da economia gomífera na região. Um exemplo foi o seringalista Octávio Reis, que vivenciou e superou várias crises da borracha no Vale do Rio Abunã. “Octávio Reis era um velho e sábio sertanejo, capixaba de Carataízes, que durante mais de cinquenta anos sofreu e enriqueceu nos seringais dos rios Abunã, Guaporé e Acre, vivendo todo o ciclo da borracha”. (Benchimol, 1977, p. 230). Este seringalista fomentou seus seringais a partir do novo surto da borracha no transcorrer da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Nesta época, a Batalha da Borracha foi financiada pelo capital americano e coordenada pelo governo de Getúlio Vargas.

2.2 – A EXPORTAÇÃO DA CASTANHA COMO ALTERNATIVA PARA CRISE DO AVIAMENTO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA.

A castanha teve uma função importante na sobrevivência do sistema de aviamento e na subsistência do seringueiro, principalmente em épocas de crise da economia da borracha:

A despeito de seu caráter artesanal de coleta e beneficiamento e das dificuldades crescentes de comercialização nos mercados externos, em face da aflatoxina e a ausência de uma vigorosa política de “marketing” e modernização, ela teve sempre, na economia amazônica, uma função estabilizadora e de compensação; primeiro, porque sendo uma atividade coletora de inverno, completa a atividade seringueira do verão, e, segundo, porque naquelas épocas de depressão e decadência histórica da borracha, a castanha assegurou a precária sobrevivência da economia regional. (Benchimol, 1977, p. 672).

Na década de 1920, o Estado do Pará foi superado pelo Amazonas na produção da castanha, mesmo contando com áreas ricas em castanhais. Para Santos (1980):

Enquanto a Amazônia como um todo produzia em 1919 mais de 557.000 hectolitros, o Pará, apesar de seu enorme potencial, produzia apenas 158.0000. O que parece ter ocorrido em relação às zonas castanheiras foi um aumento de rendimento em função da ascensão do preço da castanha durante e após a guerra, aumento esse que acirrou a disputa de terras pelos castanhistas “aviadores”, agora que a borracha fora destronada. A mudança de fundo social ou político aí implicada deve ter-se acentuado na década seguinte, quando as quantidades de castanhas exportadas pela Amazônia e o seu valor em moeda nacional cresceram bastante. (Santos, 1980, p. 271).

Surge assim uma nova categoria social, representada pelos castanhistas - aviadores, que ascenderam econômica e socialmente na região amazônica. Esta classe social passou a ocupar parte do espaço deixado pelos falidos seringalistas-aviadores. E, o aumento do preço da castanha no mercado internacional ocasionou uma disputa pelas terras nas áreas com maior densidade de castanhais. Conforme Santos (1980):

Do ponto de vista do longo prazo, porém, pode ter sido politicamente mais importante, como derivada do desmoronamento econômico, a deposição social de famílias instaladas com base no aviamento de borracha e na exploração seringueira. Provavelmente, o prestígio desse grupo começou a deslocar-se para os grandes comerciantes de castanha e da extração madeireira. Preservava-se assim o sistema de aviamento, embora com outros personagens e sem as mesmas proporções da fase gomífera. Por outro lado, não parece errôneo supor que os pecuaristas dos latifúndios marajoaras tenham aprofundado a partir desse momento sua influência sobre a administração republicana. (Santos, 1980, p. 258).

Desde 1920, a castanha já era explorada industrial e comercialmente no Baixo e Médio Madeira e se apresentava como um produto com valor significativo na pauta das exportações da Amazônia Brasileira. Por outro lado, no trecho que compreende o Alto Madeira, esta atividade era desprezada em função da destruição das árvores para a comercialização da madeira junto à Administração da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Este fato pode ser constatado em um artigo publicado no Jornal Alto Madeira, de 1919, intitulado “Protejamos a Castanheira”:

O preço atingido pela castanha ultimamente, prova que esse producto das nossas riquíssimas florestas é de summa importância nos mercados europeus, onde a sua procura é constante e o seu valor é sempre considerado.

Num grande trecho do baixo e médio madeira, a exploração industrial desse producto é bastante regular com intensivo comércio mantido para a capital do Estado, acontecendo porém que no Alto madeira e afluentes, não se cuida absolutamente dessa exploração industrial, que tantos resultados poderiam conceder em meio a crise sofrida pelo nosso principal producto de exportação.

Além de não ser estabelecido tal comércio o que ocorre de mais graves é que os fornecedores de madeira a estrada de ferro, têm feito nas margens da linha, verdadeira

guerra à castanheira, derrubando tão preciosa árvore para a sua utilização commercial, com evidente prejuízo para o futuro, porquanto o fructo dessa valiosa Myrtacea, nos pode conceber a garantia de uma indústria regional, com compensadores resultados, no preparo do óleo para uso alimentar e como lubrificante, além do aproveitamento da massa para combustível.

A destruição dos castanhaes no visinho município de Santo Antonio, as margens da linha férrea, têm sido cruel e bárbara e, para evitar maiores estragos convém que as autoridades desse município de acordo com a Delegacia Fiscal do Estado em Manãos, tomem enérgica e positiva providencia no intuito de ser cohibido tal abuso, como uma defesa necessária aos bellissimos castanhaes ainda existentes nessa floresta riquíssima. (Jornal Alto Madeira, de 1919).

O editorial alertava as autoridades locais e do Amazonas quanto aos prejuízos causados pela exploração predatória dos castanhais, apresentando alternativas para uma exploração racional em que as inúmeras formas de aproveitamento industrial poderiam trazer resultados significativos para o futuro da região. No entanto, a exploração da madeira significava um meio de subsistência para grande número de homens desocupados da região, principalmente nos períodos de crise da borracha no mercado internacional. Pois, a duradoura crise da economia extrativista causou o êxodo dos seringais e uma massa de seringueiros ficou sem trabalho. Assim, os seringueiros que não conseguiram retornar para suas cidades de origem buscaram outros meios de sobrevivência. Desta forma, o que importava para esses indivíduos, naquele momento, era a garantia de uma ocupação e renda que resolveria seus problemas imediatos. E, a comercialização de madeira para as locomotivas a vapor, da empresa Madeira Mamoré, apresentava-se como uma das poucas oportunidades de trabalho na região.

A comercialização da castanha (*Bertholletia Excelsa*) salvou muitos seringalistas da falência total, pois:

Ao seringueiro permitia que não aumentasse em demasia a sua dívida no barracão, durante o inverno. Ao Seringalista proporcionavam um produto que podia ser comercializado sem paralisar o sistema de aviamento, responsável, aliás, pela permanência das relações de trabalho pré-capitalistas da época da borracha. (Martinello, 1988, p. 59).

Apesar de a borracha ser a mola propulsora da economia amazônica, a coleta da castanha foi uma atividade alternativa aos seringalistas e seringueiros nos períodos de inverno (novembro a janeiro), em que a extração do látex tornava-se dificultado pelas chuvas intensas (entressafra). A despeito da produção da castanha na fronteira oeste boliviana, o entrevistado DR afirmou:

A castanha, ela era colhida no inverno, quando parava o corte da seringueira. Então começava a colha da castanha. Bom, aí quando começava o inverno a pessoa, o seringueiro geralmente na maioria sessenta, setenta por cento saía do seringal. Recebia seu saldo e ia para sua terra de origem ver os familiares que ficou no Ceará, no Piauí, ficou no nordeste (...). Os trinta por cento já enraizados lá, estes daí, eles ia colher castanha. Não como se fosse uma obrigação, mas eles iam colher pra comer, fazer doce, tirar o leite. E o que restasse, aí eles vendiam pro patrão. O maior colhedor da castanha na minha época era um senhor que tinha seringal na Bolívia. O nome dele era Gualter Ribeiro, muito antigo, Gualter Ribeiro. Ele tem um neto que mora aqui em Porto Velho, é um Juiz ou advogado. Eu num me recordo o nome dele, é neto dele.

Assim, a extração da borracha terminava no período de grande índice pluviométrico conhecido na região como “inverno amazônico”. Nesta época, os seringueiros que tinham condições viajavam para a terra natal. Os seringueiros que permaneciam ocupavam-se em outras atividades como a pesca, a caça e coleta da castanha. A partir de abril a borracha voltava a ser extraída.

A castanha supria as necessidades momentâneas do seringueiro. Boa parte era consumida para fazer doces e aproveitar o seu leite. O serviço de limpeza e descasca da castanha empregava muitas mulheres e crianças. A castanha coletada era fornecida para a Casa Aviadora que a armazenava em um depósito em Fortaleza do Abunã. Conforme narra a ex-seringueira VSR (Cf. Quadro 01):

A castanha nós entregava tudo pra casa [aviadora], aí ficava na conta (...). A gente chamava conta porque tinha aquelas salonas grande, dava tudo ali (...). Os saldos que a gente tinha dava ali tanto de mercadoria, de borracha que a gente fazia saldo. E aquele saldo do freguês se quisesse receber aqui em Fortaleza, recebia (...). E se não quisesse, recebia em Porto Velho. Seu Otávio era um patrão indo e voltando.

A Casa Aviadora lançava a maior parte da castanha coletada como saldo na conta corrente dos seringueiros. Estes poderiam receber seus saldos na cidade desejada e, posteriormente, a castanha era revendida para as Casas Aviadoras de Belém ou Manaus que a exportava para a Europa e os Estados Unidos da América.

A castanha continuou sendo, por muito tempo, um produto de significativa relevância para os seringalistas da Região do Abunã, considerando que a produção do Acre entre 1930 e 1934 foi de 3.727.460 kg. (Martinelo, 1988, p 59).

A família do entrevistado PMR chegou a Fortaleza do Abunã em 1938, na época da safra da castanha. Segundo o mesmo, a razão da migração de sua família para a região foi a seguinte:

“(...) eu era pequeno, e meu pai veio aqui pela primeira vez, veio aqui no seringal do Otávio Reis, aqui em Fortaleza do Abunã, porque a castanha tava dando muito dinheiro, aí então ele veio e trouxe nós (...)”.

Ao analisar a produção da borracha e da castanha em relação ao ciclo das águas Benchimol (1977) concluiu que:

Em 1941, o pico da produção da borracha foi alcançado em janeiro e o ponto mais baixo em junho; a exportação de castanha, nesse ano, atingiu o máximo em junho e o mínimo em dezembro, exatamente o oposto do primeiro produto. Isto é explicado pelo fato de que a borracha é coletada durante a estação seca do verão, das águas baixas, enquanto que as castanhas são colhidas no inverno, na época das chuvas das enchentes. (Benchimol, 1977, p. 90).

De acordo com a informação do entrevistado JLJ (Cf. Quadro 01), Fortaleza do Abunã era entreposto de desembarque, armazenagem e reembarque da produção da castanha proveniente dos seringais da região. Segundo esse mesmo colaborador (entrevistado): “A castanha vinha toda embarcada. Quando chegava em Fortaleza [do Abunã], ia pra dentro do armazém pra catar e tirar as pôde. Empregava muita mulher fazendo esse serviço (...). Vinha no trem, daqui pegava o navio, ia embora pra Belém”. Muitas mulheres eram empregadas na atividade de limpeza e embalagem do produto antes do transporte para os grandes centros comerciais da região amazônica.

Outro produto alternativo foi o caucho, que era colhido o ano todo (inverno ou verão). A árvore era sacrificada, cortada em pedaços para a retirada do leite (qualhado) chamado de cernambi. Essa prática levava em média três dias. Toda produção do caucho⁷ era vendida para o Banco de Crédito da Borracha, localizado em Porto Velho. Na fábrica de beneficiamento, o cernambi era limpo e prensado para posterior exportação. No entanto, segundo o colaborador JLJ, o preço do caucho, no mercado regional e internacional, era inferior ao da borracha:

Era o melhor, depois o cauche era o mais barato. E tinha o cernambi da borracha também, aquele leite que qualhava era o cernambi. Era colocado dentro da borracha, a borracha era feito só com o leite límpido, ela ficava (...). E quando chegava aqui no Banco (...). Aqui tinha fábrica de lavagem da borracha (...). Ia toda cortada pra lavar e passar numa muenda,

⁷ Cautchu: Os aborígenes a preparavam do látex de certa árvore. Faziam nela uma incisão, apanhavam o líquido leitoso, deixavam-no secar e o amassavam. Obtinham assim uma substância elástica, da qual preparavam excelentes frascos inquebráveis e calçado impervomeável, que lhes era de grande utilidade nas florestas pantanosas. Denominavam êsse material “cautchu”. (Semjonow, 1947, p.169).

máquina que tinha, fazia aquele lençol. Aí ele ia pra dentro de uma estufa, parecia um cobertor preto, ficava pretinha, seca (...). Aí é que empacotava pra ir pra São Paulo.

Com o passar do tempo, as árvores das zonas de extração do caucho entravam em extinção, com isso, houve a necessidade de explorar áreas mais distantes.

2.3 - PRIMÓRDIOS DO REGATEIO NA AMAZÔNIA

Na Amazônia a prática do aviamento foi desenvolvida desde o período colonial, ao longo da bacia do rio Amazonas e seus subafluentes, para a obtenção de produtos nativos como as drogas do sertão. Nesse sentido, Santos (1980) asseverou que:

Desde os tempos da Colônia, porém, um regime de crédito informal vinha se esboçando. Naquela época, o negociante sediado em Belém supria de mantimentos a empresa coletora das “drogas do sertão”, para receber em pagamento, ao fim da expedição, o produto físico recolhido. Essa modalidade de financiamento ficou conhecida com o nome de *aviamento*, uma espécie de crédito sem dinheiro. Ela será o embrião de um grande mecanismo que pôs a funcionar toda a economia amazônica da fase da borracha e que persiste ainda em nossos dias, se bem que modificado e com importância atenuada. (Santos, 1980, p. 156).

Foi a partir daí que se materializaram as relações comerciais da sociedade mercantil do Brasil com as áreas de desenvolvimento do escambo no interior da Amazônia. Por outro lado, o aviamento emergiu a partir da experiência portuguesa, que se consolidou por meio da exploração do excedente econômico da atividade extrativa e impulsionado pelo capitalismo industrial exógeno. Assim, um novo personagem veio a compor paisagem da região e introduzir um modelo de troca importado e depois reinventado para ser adaptado as especificidades econômicas, sociais e geográficas da Amazônia. Ao descrever a presença dos regatões no espaço amazônico, Tocantins (1982) concluiu que:

A canoa criou uma figura que até hoje perdura na paisagem social amazônica, expressando o caráter da geografia, com a marca dominante da água: o regatão. Evoluindo do tipo comum de comerciante para um estágio de trabalho mais desenvolvido, mais complexo, que demandava certas artes e habilidades de espírito, o ofício, primeiro, foi português, e depois acabou por ser, já no século XIX, ofício da preferência do turco, do sírio-libanês, povos que se notabilizaram como o mascate original e típico da Amazônia. (Tocantins, 1982, p. 69).

Nessa região os regatões estabeleceram relações comerciais múltiplas e complexas com as populações ribeirinhas, comunidades indígenas, seringueiros, seringalistas, comerciantes municipais e comerciantes de vilas e povoados. Essas relações, dependendo da época ou região, poderiam ser harmônicas ou conflituosas.



Figura 07: Esquema das relações socioeconômicas e espaciais no rio Abunã.
Org. José Rubisten da Silva.

No entanto, a rede de relações variava em conformidade com a situação, circunstâncias ou interesses dos agentes envolvidos no processo socioeconômico. Assim

a existência de grandes e de pequenas unidades de produção que estavam envolvidas com uma combinação de agricultura, caça, pesca e extração de múltiplos produtos como frutos, fibras e resinas da floresta se articulava, por sua vez, com o capital comercial disperso, os regatões, que conectava amplos espaços da Amazônia às vilas e cidades por meio tanto do comércio como do aviamento. (Gonçalves apud Gonçalves, 1998, p.73).

Os regatões se articulavam com todos os segmentos sociais e produtivos ribeirinhos, e mesmo “inconscientes” de sua importância, contribuía para sobrevivência e manutenção de suas atividades em um meio tão distante, hostil e selvagem como os grandes vales Amazônicos.

A despeito dos contatos dos regatões com as comunidades indígenas, era comum a circulação desses mascates nas aldeias ribeirinhas. Na oportunidade os regatões aviavam essas comunidades com estivas, equipamentos de trabalhos, além de artefatos que impressionavam e atraíam a atenção dos nativos. Por outro lado, representava a única alternativa para escoamento dos

produtos indígenas para as cidades centrais.

Porém, o contato dos regatões com as comunidades indígenas foi objeto de crítica dos missionários desde a época da colonização do Brasil, por considerar o regateio uma atividade marginal e prejudicial aos nativos. Para termos uma idéia dessa situação, Hugo (1991) mencionou um Ofício do Bispo do Pará Dom Antônio Macedo Costa ao Ministro do Império em 21/XII/1865:

Artigo 6º(sesto) - As transações dos Índios com os negociantes denominados regatões terão lugar sob a imediata inspeção dos Missionários, ou de pessoas de confiança, por êles delegadas para isto. Esta precaução é da mais alta importância. São os regatões negociantes de pequeno trato, que em canoas penetram até aos mais remotos sertões para negociarem com os Índios. E' difícil imaginar as extorsões e injustiças que a maior parte dêles cometem aproveitando-se da fraqueza ou ignorância dêsses infelizes. (Hugo, 1991, p. 190).

Como se viu, a presença dos regatões junto às aldeias indígenas, não recebia a aprovação da igreja católica, que buscava de todas as formas impedir ou controlar as transações comerciais estabelecidas. E a respeito dos contatos dos regatões com os seringueiros, Hugo (1991), tinha a seguinte opinião:

O regatão era, pois, e talvez o seja ainda presentemente, a mais nefasta das embarcações, pela qual o seringueiro defraudava o patrão, enquanto a balança do regatão nunca prejudicava para menos de 40 ou 50%, encarecendo astronomicamente as mercadorias trocadas. (Hugo, 1991 p. 191).

A presença dos regatões nos vastos vales amazônicos também não era bem quista pelos seringalistas por afetar seus interesses econômicos e infringir sua territorialidade. Existem relatos em que os seringalistas dificultavam a atividade dos regatões, chegando até mesmo a impedir sua entrada, em alguns rios, onde se localizavam seus seringais. Para Benchimol (1977), em algumas regiões:

A relação que se estabeleceu entre o extrator e a floresta foi de modo a estender o estabelecimento por vastas regiões, ocupando rios inteiros. Em certo período eram “fechados” pelos coronéis e seringalistas para obstar a penetração dos “regatões” e a fuga dos seringueiros em débito com o patrão, estabelecendo, assim, entre o barracão do seringalista e o tapiri do seringueiro relações de caráter tipicamente semi-feudais. (Benchimol, 1977, p.826).

Entretanto, esses mascates agiam clandestinamente, e às vezes, com a conivência de muitos seringueiros com os quais estabeleciam relações de troca de mercadorias por produtos da floresta. O regatão oferecia mercadorias com preços abaixo dos praticados pelos seringalistas. Ao

serem surpreendidos os extratores eram advertidos pelo seringalista e poderiam até serem expulsos das colocações. Nessa forma de aviamento, os seringalistas pretenderam neutralizar o agente denominado de regatão, enquanto a circulação de moeda em espécie foi restrita ou inexistente nas negociações com o extrator, pois

(...) o uso largo do dinheiro na velha economia do escambo transformaria os esquemas tradicionais de troca, não seria de início compreendido e talvez sequer aceito pela população cabloca. Este, um dos motivos por que os negócios de borracha entre a liderança mercantil e os negociantes do interior, embora já contivessem maior índice de participação de dinheiro, continuaram a praticar-se principalmente com base no escambo, servindo a moeda quase tão só como medida de comparação. O tradicional sistema do aviamento era retomado e ampliado. (Santos, 1980, p.157,).

Assim, os vínculos comerciais eram múltiplos, sendo que parte dos regatões representava as casas aviadoras sediadas em Belém e Manaus, ou trabalhavam por conta própria: "... indo aos pontos mais distantes, até onde a firma aviadora, de Belém e Manaus, não podia efetivar sua coordenação e sua presença sem correr risco de perdas muito sensíveis. O regatão, sem medir distância ou perigos, foi até lá". (Goulart, 1968, p. 12). Em outros casos estavam a serviços de algum poderoso seringalista regional. Sendo que por meio do aviamento dos seringueiros da Amazônia, foi possível, aos mascates fluviais, auferirem razoáveis lucros. O seringalista por seu turno, que era aviado pelo comerciante da Capital, e acabava misturando o escambo com o sistema de crédito. De acordo com Goulart (1968):

O sistema de abastecimento dos regatões não obedecia a nenhuma fórmula estratificada; os mais possantes costumavam receber suas cargas diretamente das "casas aviadoras", localizadas estas nas metrópoles de Belém e Manaus; outros, o faziam de comerciantes menores, instalados estes naquelas cidades ou nas sedes dos municípios. Muitos procuravam abastecer-se nos armazéns de grandes comerciantes, instalados em barracões erguidos nas embocaduras dos rios mais movimentados, em pontos comercialmente estratégicos, o que lhes proporcionava economia de tempo para multiplicação dos giros comerciais. (Goulart, 1968, p. 46,).

Não havia um modelo padrão ou homogêneo nas relações desenvolvidas pelos diferentes personagens da economia extrativista na Amazônia, suas relações comerciais e sociais eram criadas e recriadas em função das circunstâncias, necessidades ou interesses pessoais de cada ator envolvido nas interações.

Porém, os maiores conflitos ocorriam com os comerciantes municipais do interior da

Amazônia. Sediados em cidades como Santo Antônio do Guaporé (depois Porto Velho/AM), Guajará Mirim/MT, Sena Madureira/AC e Rio Branco/AC, ressentiam a concorrência desleal dos mascates fluviais. Esses últimos, além de não pagarem impostos ao Estado, tinham as melhores condições de acesso às populações ribeirinhas. Assim poderiam auferir maiores lucros, devido ao menor tempo necessário para circulação de suas mercadorias.

Já os comerciantes locais (vilas e povoados), buscavam manter seus privilégios no setor das trocas, pois o escambo disfarçava os altos juros impostos aos seringueiros da região. A troca de mercadorias e utilidades nas áreas mais remotas do vale deixava para cada agente comercial, consideráveis margens de lucro. Esse mecanismo comercial, centralizados em Belém e Manaus, se articulava numa teia de interesses que envolvia diversos agentes: seringueiros, seringalistas, casas aviadoras e empresas exportadoras. A despeito dessa situação, Goulart (1968) afirmou que

Eram os regatões, portanto, os agentes mais assíduos no escoamento dos produtos que, sem as canoas daqueles afoitos mercadejantes, ficariam retidos, por tempo imprevisível, nos locais de origem, em muitos casos sujeitos a deterioração, acarretando, em consequência, incalculáveis prejuízos à economia individual e à regional. (Goulart, 1968, p. 36).

As relações dos regatões com o Estado dependiam do jogo político e interesse econômico predominante na época. Os regatões geralmente infligiam o fisco, sendo difícil para o Estado normatizar e cobrar impostos sobre suas transações comerciais. Apesar desses problemas, o regatão teve seu lugar no contexto do sistema de aviamento da borracha na Amazônia,

Porque o regatão é um produto da sociedade, da economia e da geografia física, social e econômica da região. Sem ele, não sei se o rush da borracha teria sido empreendido com a velocidade de que as casas aviadoras têm sido consideradas as beneméritas, para explicar-se essa velocidade (Goulart, 1968 p. 12).

O regatão foi importante enquanto supridor das necessidades imediatas dos seringueiros, que às vezes ficavam desabastecidos, em função da incapacidade dos seringalistas aviadores atenderem as demandas da expansão dos seringais no vasto vale Amazônico. Nem sempre o seringalista realizava o aviamento em tempo hábil ou compatível com as necessidades dos extratores. Ainda nesta linha de pensamento Goulart (1968) considerou:

Inegável é que, apesar de todas as acusações assacadas contra o regatão, não se pode obscurecer, de sua consciência, a faceta positiva da sua atuação, consubstanciada em vários aspectos, tais como: ampliação do espaço geográfico da Amazônia brasileira; descoberta de

tribos ignoradas e aproximação destas com a civilização; escoamento da produção dos núcleos mais distanciados; carreamento de elementos de civilização para as mais recônditas regiões do vale (Goulart, 1968, p. 27).

Esse autor destacou as contribuições dos regatões no desbravamento e expansão territorial do Brasil, na medida em que penetraram em espaços cujo Estado esteve ausente, sendo o único meio de comunicação e informação para as populações embrenhadas na floresta Amazônica.

2.3.1 - A AÇÃO DOS REGATÕES NO RIO ABUNÃ.

Inicialmente, a prática do aviamento no vale do Rio Abunã, ocorria por meio de cooptação das comunidades indígenas para obtenção de produtos da floresta. Esse fato pode ser constatado na obra de Lauro Palhano ao afirmar que “isto acontece quando Ponciano, voltando a Abunã, em plena selva, traz juntamente com o aviamento, encomendado pelo tuchau Macuti (Chefe da pobre nação Caxarari, já em processo de extinção) um gramofone de presente (...)” (Palhano *apud* Tinhorão, 2000, p. 192).

A expansão da economia extrativista da borracha na Amazônia atraiu muitos estrangeiros que buscavam consolidar o sonho de enriquecimento nos diferentes ofícios subsidiários à atividade extrativista, principalmente o comércio para o abastecimento dos seringais existentes nos altos rios do grande Vale amazônico. A atividade econômica e informal de regatão no Vale Amazônico era bastante atrativa, principalmente aos imigrantes estrangeiros.

A atividade de regatão era atraente por gerar significativos lucros para aqueles que assumiam todos os custos e riscos ao desafiarem todas as adversidades geográficas representadas pelos distantes afluentes ou tributários dos principais rios da Amazônia. Tratava-se de regiões de difícil acesso, mas possuíam áreas ricas em *hévea* propícia para implantação de novos seringais.

Em 1914 Pedro Torres Leite (Inspetor da Alfândega de Manaus) realizou uma expedição de reconhecimento da circulação de mercadorias na fronteira do Brasil com a Bolívia. Na oportunidade descreveu a paisagem nas circunscrições da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, destacando que a partir de Santo Antônio do Rio Madeira existia apenas três localidades povoadas:

Abunã, Villa Murtinho e Guajará Mirim. Na visão de Leite (1924), esses lugares,

são pequenas aldeias, com uma centena de casas de palha, cuja população é composta quase exclusivamente de bolivianos, turcos e barbadianos, sendo os comerciantes, na maioria, turcos, gente que vive exclusivamente de contrabandos. Nestes lugares não existem postos fiscais federais, são pontos completamente indefesos, ao passo que as povoações bolivianas Mandã, Villa Bella e Puerto sucre, que estão em correspondência com as povoações brasileiras, nas margens dos rios Madeira e Mamoré, acham-se providas de Alfândegas ou Postos Aduaneiros, que arrecadam os direitos de importação das mercadorias recebidas em trânsito pelo Brasil e os impostos de exportação da borracha exportada também em trânsito pelas alfândegas de Manáos e Pará. (Leite, 1924, p. 05).

A presença dos bolivianos era predominante nessas localidades de fronteira, enquanto os e turcos se destacavam na atividade de regateio. No mesmo relatório, o fiscal aduaneiro enfatizou que:

Em pequenas embarcações a remos são transportadas as mercadorias pelos rios Madeira, Abunã, Mamoré, Guaporé e outros e vendidas ou permutadas por borracha nos barracões situados às margens brasileiras e bolivianas dos mesmos rios, sem o menor embarço, o mais naturalmente possível. (Leite, 1924, p. 06).

Esse fato evidenciava a grande preocupação do fiscal quanto ao contrabando existente na fronteira do Brasil com a Bolívia, tendo os elementos estrangeiros como principais responsáveis. Essas irregularidades resultavam em significativos prejuízos para a Fazenda Nacional, e a necessidade da instalação de alfândegas nas localidades brasileiras de Abunã, Villa Murtinho e Guajará Mirim, até mesmo para facilitar o comércio boliviano.

Desde a década de 1920, o rio Abunã tem sido uma importante via de acesso ao território do Acre, utilizado por dezenas de casas aviadoras nacionais e internacionais interessadas na exploração dos produtos regionais. Foi nesse contexto que, no início da década de 1920, um contingente significativo de sírios libaneses migrou para a Amazônia, com escalas em Belém e Manaus, para adentrarem em regiões dos altos rios no exercício da atividade de regatão. A experiência dos sírios libaneses para o desenvolvimento dessa atividade comercial se explica pelas tradições de seus antepassados que, desde os tempos mais remotos, aprimoraram esse ofício em longas distâncias. Ao mencionar esses migrantes estrangeiros, Tocantins (2000), concluiu que:

De todas as figuras regionais que o comércio estimulado pela borracha veio firmar no panorama social da Amazônia, incontestavelmente foi o regatão a mais pitoresca. Turco, sírio, libanês, o mascate feito navegante por imposição da geografia, vara os rios, furos,

igarapés, na sua original canoa ou pequeno batelão movido a remo de faia (Tocantins, 2000, p.195).

Israel Isaac, migrante do Marrocos, chegou à Amazônia na década de 1850 para se dedicar à atividade de regatão na região do Tapajós. No retorno da viagem trazia diversos produtos regionais dos seringais do Baixo Amazonas, principalmente borracha. Posteriormente, com a instalação dos seringais no vale do Abunã, Israel Isaac tornou-se sócio do seringalista Octávio Reis:

Aos 21 anos, seguiu para o Acre, trabalhando inicialmente como empregado no barracão do seringal de Salomão Mello & Cia. e, depois como guarda-livros de vários seringais. Assim que economizou bastante, comprou a lancha Netuno e tornou-se regatão no rio Antimary. De regatão, passou a sócio do coronel Octávio Reis na exploração dos seringais Porto Luiz e Guarapari, no rio Abunã, na fronteira com a Bolívia (...). (Benchimol *apud* Marcovitch, 2003, p. 235).

Como podemos perceber o comércio fluvial com os seringais da Amazônia, possibilitava a mobilidade funcional e ascensão social e econômica desses mascates. As atividades dos marreteiros fluviais perduraram por décadas na Amazônia, coexistindo e sobrevivendo a todas as transformações da economia gomífera.

Outro exemplo foi o migrante Victor Sadeck que, em uma canoa a remo, exerceu a atividade de comerciante ambulante no rio Abunã, fornecendo mercadorias aos principais seringais na fronteira com a Bolívia:

Com apenas algumas viagens que lhe renderam um lucro regular, decidiu-se pelo arrendamento de uma lancha a vapor “SERAPIÃO”, para ampliar seu comércio e ampliar suas acomodações e a tonelagem dos produtos que recebia em troca das mercadorias que fornecia aos seringueiros do Abunã até ponto bem profundo de território boliviano nos seringais de propriedades de brasileiros como Jayme de Alencar, Geraldo Peres, João Afro Vieira, Octávio Reis, João Haddad, Antonio Faustino Paposo e o boliviano Félix Merino (Menezes, 1980, p. 156).

Porém, a partir da desvalorização do preço da borracha muitos regatões abandonaram os seringais e buscaram exercer outras atividades com os recursos monetários que conseguiram apurar. Victor Sadeck, após abandonar a atividade de mascate fluvial, investiu seus lucros em um bar e cinema mudo (acompanhado por orquestra) no povoado de Fortaleza do Abunã, importante ponto de atração e circulação de barqueiros, comboieiros, mateiros e seringueiros. Esses últimos, quando não dispunham de dinheiro, pagavam o ingresso no cinema com borracha, sendo que os eventuais trocos eram creditados em suas contas correntes:

O pitoresco deste cinema era que no lugar da borboleta tinha uma balança de braço para pesar borracha, produto com que se comprava a entrada do cinema e o troco quando excedia era lançado na conta corrente do seringueiro que também comprava a crédito, trabalho do qual era encarregado o guarda-livros Euclides. (Menezes, 1980, p. 156).

Por outro lado, ao lançar o troco excedente na conta corrente dos fregueses, representava mais uma maneira de evitar que os mesmos tivessem acesso de moeda em espécie, mesmo porque, o seringueiro praticamente não lidava com dinheiro, sendo, a borracha, quase sempre, o objeto de troca nas transações comerciais necessárias à sua subsistência, principalmente em razão da constante situação de déficit do seringueiro em relação à contabilidade do barracão (conta-corrente). Ao se estabelecer no povoado o antigo regatão livra-se do árduo trabalho de aviar os seringais. Com isso, o seringueiro traz a borracha diretamente ao seu estabelecimento. Essa situação também evidenciava os raros momentos de descontração e lazer, as quais a população de Fortaleza do Abunã tinha oportunidade e acesso.

A partir de 1943 a economia da região ganhou novo fôlego e a atividade de regatão tornou-se mais atrativa. A Segunda Guerra Mundial proporcionou a mobilização de um contingente considerável de comerciantes fluviais que buscaram auferir vantagens financeiras com a atividade de mascateação. Até mesmo ex-seringueiros arrendavam mercadorias e pequenas embarcações, junto aos comerciantes dos vilarejos locais para mascatear no rio Abunã. Foi com esse espírito de aventura que o entrevistado JLJ, exerceu a atividade de regatão no rio Abunã. Segundo ele, no mês de março subiu o rio Abunã para realizar a atividade de aviamento (regateio), dois dias após a partida da embarcação de Octávio Reis. Nessa época, devido ao inverno, os seringais não produziam borracha. Nessas circunstâncias, a ordem de Octávio Reis para o comandante de sua embarcação foi entregar a mercadoria somente mediante a contrapartida do produto. Situação relatada por JLJ:

Aí Otávio Reis subiu [com sua] embarcação dois dias na minha frente (...). E eu tinha um batelão já de dez toneladas, eu levava mercadorias, viava[aviava] meus freguês da beira [do rio]. O resto eu vendia lá no comercio, lá na Vila Plasto [Plácido]. Ele negociava também com os comerciantes de lá da Vila (...). Aí eu subi, quando cheguei no primeiro freguês do Otávio Reis, caba [cabra]!(...). Dava isso no mês de Março, o rio alagados, seringueiros tudo parado, num fazia mais nada nessa época. Enquanto o rio tava alagado num tinha borracha não, [não] tinha produto. [E] o seringueiro tava abrindo aboca com fome. E o Otávio Reis? A ordem que o comandante levou de aviar só mediante o produto (...). Foi

ficando tudo com fome, e eu fui atrás dois dia, fui só abastecendo(...). [Eu] chegava e [perguntava] “rapaz o Otávio Reis não te aviou não, não aviou? Tu quer mercadoria? Eu te garanto te sustentar no inverno e num vai faltar mercadoria pra tu, mas tu passa pra mim.” Conclusão, tomei tudinho (...).

A intenção do regatão foi conquistar os “fregueses” de Octávio Reis, distribuídos ao longo do rio Abunã do lado boliviano da fronteira. Seu principal alvo era a população ribeirinha. Ao contrário dos seringueiros do lado brasileiro, essas famílias possuíam certa autonomia para negociar com o comerciante de sua preferência. O regatão assediava os “fregueses” de Octávio Reis, disponibilizando bastante mercadoria fiado, mesmo em uma época que não havia produção regular de borracha. Na oportunidade o mascate fluvial levava o seringueiro a bordo da embarcação e anotava em um caderno todos os gêneros alimentícios necessários para o consumo no inverno. A intenção era “amarrar” o extrator de toda maneira. De acordo com o regatão JLJ, existia um excelente freguês de Octavio Reis que fornecia em média 12 (doze) pélas de borracha em cada viagem. Essa produção era considerada uma excelente média por família para a época. O regatão JLJ, fornecia bastantes mercadorias para os seringueiros que não foram aviados por Octávio Reis:

Tinha um outro, um último freguês do Otávio Reis, chamava-se (...). Inda hoje tá vivo, tá velho, tá aposentado, soldado da borracha. Esse home entregava doze pele de borracha toda viagem que a lancha passava com embarcação do Otávio Reis. Quando baixava embarcava doze pele de borracha, setecentos e tantos quilos, e eu tinha uma sede nele rapaz! De vez em quando ele me vendia uma pelizinha, mas era um pouco fiel (...). Aí eu cheguei na casa dele a velha mãe dele gostava de mim. Puxava uma cadeira sempre pra perto dela, pra mim sentar perto dela. Eu levava um jornal, uma revista pra véia ler, ela gostava (...). Aí saía um café né? E eu fui fazendo que não sabia de nada (...). E ele [filho da mulher seringueira] sentado assim, meio capiom (...). Aí a veíinha disse “ocê hoje não toma seu cafezinho de costume não (...)” Eu digo “por que, tá com tanta preguiça de fazer é?” Brinquei com ela. E ela [respondeu] “não, é porque não tem!” Eu digo “oxente! Que conversa é essa? Otávio Reis não levava café não?” Modesto! Aí ele [seringueiro] entrou [e respondeu] “levava Zé, levava de tudo, mas a orde era pra aviar só mediante o produto, e eu não tenho nada”. “Rapaz eu só tô acreditando porque sei que tu não mente, porque Otávio Reis cortar um freguês que nem tu! Mas quer dizer que tu tá sem nada?” Ele disse “tô sem nada.” digo: “tava sem nada! Vambóra pra borda [bordo do batelão].” Era isso que eu queria rapaz! Levei o cabra pra borda, cheguei lá peguei o bloco de guia, butei o nome dele. “Vamo começar, feijão quantos quilos?” Butei feijão e perguntei “quantos quilos?” Ele disse “bote dez.” [Eu respondi] “tú tá doido é? Dez quilos de feijão tu vai comer no máximo vinte dias, e minha viagem tu sabe que é de quarenta dias de uma pra outra. Tu vai passar vinte dias com fome, porque ele não te vendeu agora, não vai te vender de novo. Porque o rio só vai desalagar no começo de maio, e eu vou botar trinta (...)” Aí eu amarrei ele os quatro pé, fiz uma aviação monstra pra ele. Trinta de açúcar, trinta de feijão, trinta de arroz, abasteci o cabra mesmo! Aí eu fui me embora (...). Aí eu cheguei na Vila Plasto [Plácido de Castro], cheguei sem nada de mercadoria (...).

Essas famílias assumiram o compromisso de produzir borracha para saldar suas dívidas com o regatão. Quando chegou a Plácido de Castro o batelão do regatão estava vazio. Ao retornar

da viagem, após quarenta dias, JLJ, foi recompensado com a grande quantidade de borracha entregue pelos seringueiros. Segundo o mesmo, foi necessário puxar parte das pélas de borracha dentro d'água com bastante dificuldade, pois seu batelão não suportou o excesso de peso. Sem deixar de considerar que a produção nessa época ainda não era ideal, pois o rio Abunã estava em processo de vazante. A média de produção entregue ao regatão variava entre duas a cinco pélas de borracha por família. Tratava-se de uma produção razoável para o período. Todos os extratores cumpriram fielmente os compromissos assumidos com o regatão. Aos poucos o regatão foi conquistando os até então, “fiéis” fregueses de Octávio Reis. Após diversas tentativas, muitos fregueses de Octávio Reis passaram a negociar com o mencionado regatão.

Mesmo com o rígido controle exercido pelos seringalistas, existiam muitas brechas para que o extrator negociasse com os regatões. Por outro lado, a negociação com os regatões foi à forma encontrada pelo seringueiro para burlar a ordem estabelecida no seringal. Ao analisar esta situação Weinstein (1993) considerou que a “Forma particularmente grave de ‘resistência’” do seringueiro era a venda da borracha a um regatão e não ao patrão habitual do seringueiro – violação da relação patrão-cliente que os aviadores consideram muito comum. (Weinstein, 1993, p. 37). Por outro lado, para Goulart (1968), o mascate fluvial, ao contrario do seringalista, procurava ser afável com os seringueiros, pois

Também no trato social para com o seringueiro, o regatão diferia do seringalista: era afável ao invés de rude; alegre ao invés de ríspido; conversador ao invés de reticente. Contava anedotas, fazia pilhérias, expunha casos, e não se abespinhava se algum freguês se resolvia a dizer-lhe algumas verdades. Prevalecia, para o regatão, aquele velho axioma comercial, que diz: “o freguês tem sempre razão”. (Goulart, 1968, p. 122).

Nem sempre as relações entre seringalistas e regatões eram conflituosas, pois na região do Abunã eles chegavam até estabelecer certas parcerias. Para PMR, alguns mascates da região do Abunã estabeleceram estreitas relações comerciais com o empresário-seringalista:

Isso! porque aqui tinha um bucado de regatão. Então eles saíam e pegavam a mercadoria aqui com o Otávio do Reis. E saía regateando a troco de borracha, essas coisas, pra ter dinheiro mesmo. Mas todo produto que chegava, entregava pra firma do Otávio do Reis, pagando a mercadoria que ele levou e assim ele ia (...).

Essa realidade foi possível devido à nova organização da cadeia de aviamento proporcionada pela Batalha da Borracha, a partir de 1942. Com os financiamentos recebidos das

agências estatais, os coronéis da borracha ampliaram seus poderes de ação na região, tornaram-se seringalistas-comerciantes e passaram a fornecer mercadorias a dezenas de mascates ambulantes, que por sua vez, aviavam colocações e seringais, tanto no Brasil como na Bolívia. Os recursos financeiros adquiridos junto ao Banco de Crédito da Borracha potencializaram as atividades dos empresários da borracha que aumentaram seu poder de articulação, reestruturaram sua rede de transportes, permitindo a melhora da logística para os seringais. Mesmo dando espaço para os regatões, esses empresários-seringalistas não abriram mão de seus antigos seringais. A nova dinâmica da exportação da borracha com a abertura de novas áreas de expansão dos seringais parecer ter possibilitado essa situação.

CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICO E GEOGRÁFICO DE FORTALEZA DO ABUNÃ.

3.1 – A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO ABUNÃ.

O Vale do Rio Abunã foi trânsito de migrantes e das mais variadas e longínquas regiões do planeta, tais como: espanhóis, portugueses e judeus, dentre outros. Para Corrêa (1999):

Já no início deste século, com os grandes empreendimentos que a ali se põem em construção, novos contingentes vão se juntando aos antigos moradores. E próximo dali, nas regiões dos rios Jaci - Paraná e Abunã, milhares de homens, em sua maioria estrangeiros, cruzavam com aqueles seringueiros, engrossando o povoamento daquela área. (Corrêa, 1999, p. 89).

Na década de 1920, estes indivíduos ocupavam diferentes atividades e funções na região. Exerciam ofícios na Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), prestavam serviços nas empresas instaladas na localidade, no comércio ou se aventuravam na exploração gomífera. Os portugueses marcaram sua presença na região desenvolvendo variadas atividades comerciais e administrativas. A partir de levantamentos cartoriais, Menezes (2003) identificou os seguintes trabalhadores de nacionalidade portuguesa em Fortaleza do Abunã: Luiz Ferreira da Silva (ferreiro mecânico); Francisco Pereira de Castro (comerciante); Daniel Marque (jornaleiro); Joaquim Francisco da Silva (carpinteiro). Nesta mesma década, os missionários salesianos marcaram presença no povoado de Fortaleza do Abunã com a intenção de fundar uma igreja. Conforme Hugo (1991):

Também pelo rio Abunã acima se cogitou e trabalhou no sentido que Deus tivesse uma casa para o seu culto. O local escolhido foi o povoado de Fortaleza do Abunã (Forte do Abunã). Isso foi em 1920, e ficou tudo no desejo, pois, em 1926, a Capela ainda não estava acabada, embora já tivesse custado muito dinheiro do povo. (Hugo, 1991, p. 256).

No entanto, este projeto da Igreja Católica somente foi concretizado a partir de 1926 com a colaboração das autoridades e população local.

Inicialmente, a formação de seringais no rio Abunã não sofria interferência do Estado. Geralmente, os seringalistas demarcavam extensas áreas de terras ricas em hévea e tomavam como referência a topografia natural como confluências de rios, pequenas ilhas e outros acidentes geográficos. Era quase impossível definir a dimensão territorial das propriedades seringalistas,

enquanto que documentos de titularidade das terras eram forjados ou inexistentes. Para Gonçalves (2003),

A organização do espaço, sob a hegemonia dos seringalistas, tinha um papel decisivo para a sociedade que se forjava nos *altos rios* do Acre. O grafar a terra, o marcar a terra, o imprimir um sentido de uso que fosse incorporado como natural são, nos altos rios, altamente reveladores das profundas imbricações do geográfico com o social, ou de como a instituição da sociedade se faz, não antes ou depois que o geográfico, mas no mesmo movimento. O espaço geográfico não é, portanto, uma instância separada da vida social. (Gonçalves, 105).

Foi neste contexto que se estruturou um novo padrão de organização espacial no rio Abunã, cujos elementos (segmentos sociais) inseridos são atribuídos de novas funções no contexto da empresa seringalista. Muitos seringalistas se instalaram no povoado de Fortaleza do Abunã por considerá-lo um espaço estratégico para o desenvolvimento de suas atividades. A localidade possuía as condições e características geográficas satisfatórias para a instalação da sede da casa aviadora. Tratava-se de uma rede de aviamento que tinha o rio Abunã e seus tributários como via fundamental de operação.

Assim, a organização do espaço de Fortaleza do Abunã estava intrinsecamente relacionada às instalações administrativas das casas aviadoras da borracha. Segundo o entrevistado ALJ, a partir desta localidade o seringalista Octávio Jacome dos Reis controlava o aviamento de seus seringais no rio Abunã:

Era aqui em Fortaleza do Abunã, era uma firma muito bem organizada. E aqui ele recebia as nota de pedido do seringal pra cada mês, nota de pedido. Ele despachava aquele pedido e aquela mercadoria, e o seringal tava também entregando a borracha pra dar cobertura daquilo ali.

Uma boa representação da organização espacial de Fortaleza do Abunã foi dada pelo entrevistado JLJ, A partir de seu desenho (Figura. 08) tivemos uma idéia da organização espacial e administrativa da empresa seringalista ao longo do rio Abunã.

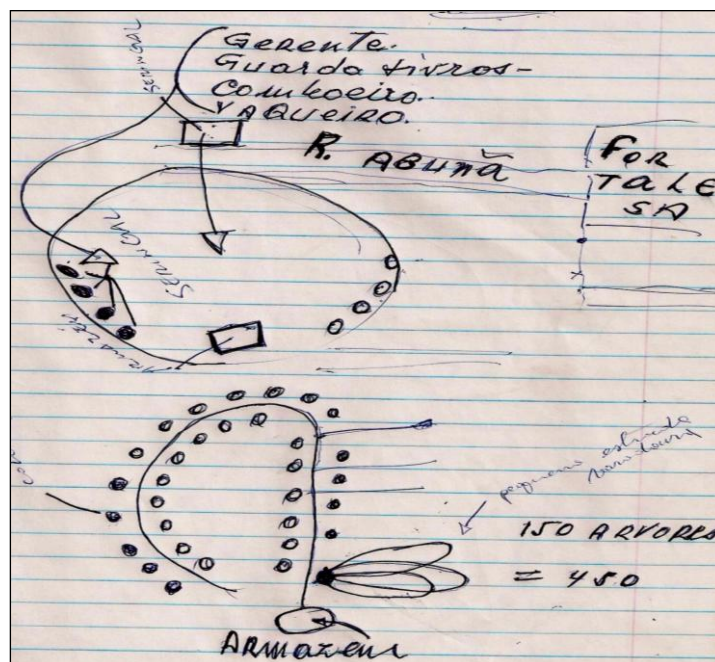


FIGURA 08 – Esquema da organização espacial dos seringais no rio Abunã, elaborado pelo entrevistado JLJ (2008).

Podemos perceber que a representação acima (Figura. 08) se aproxima do esquema de um seringal apresentado por Bárbara Weinstein (Cf. Figura. 06). Neste esquema, uma “estrada” poderia ser composta de 150 (cento e cinquenta) árvores e, para formar um seringal deveria haver três estradas, perfazendo um total de 450 (quatrocentos e cinquenta) árvores. O barracão se constituía como o depósito principal em que estava armazenado o maior volume de equipamentos e mercadorias da Casa Aviadora. O barracão tinha a função de abastecer os armazéns menores localizados nos seringais. Como vimos, o armazém ficava localizado estrategicamente na embocadura do rio, ponto inicial de formação de novos seringais e, a partir do barracão o seringalista comandava todas as ações dos funcionários da empresa. O colaborador JLJ explicou a organização espacial dos seringais no rio Abunã da seguinte forma:

Dos seringais, do seringal? Sempre o barracão ficava na margem, na beira do rio. Agora tinha aquele caminho [que] se chama varador, aquele caminho rumo ao centro da mata. De meia em meia hora era uma colocação, às vezes uma hora de uma pra outra, variava né? Dependia do tanto de seringueira que tinha naquele trecho de mata. Tinha vez que dava dez minutos de uma colocação pra outra. Agora cada colocação fazia três caminhos aqui na mata que era a estrada. O seringueiro estava aqui cortando dava a volta e vinha pra cá (...). Três, cada seringueiro tinha três estrada.

O esquema (Figura. 08) também contribuiu para entendermos como estavam dispostos espacialmente os setores ou departamentos da estrutura administrativa da casa aviadora no rio Abunã. A representação destaca Fortaleza do Abunã, cujo espaço abrigava o barracão principal e outros setores indispensáveis ao bom funcionamento da empresa seringalista. A estrutura física da empresa seringalista geralmente era composta por barracão, escritório central, depósito, loja, alojamento, oficina mecânica e residência.

Assim, Fortaleza do Abunã se constituía como sede da casa aviadora e, *locus* do poder na região. Nesta localidade, boa parte dos seringalistas construiu suas residências e investiu na ampliação dos seus negócios. Como exemplo, citamos o seringalista Octávio Jacome dos Reis, que viveu durante décadas no povoado de Fortaleza do Abunã. (Cf. Figura 09).



FIGURA: 09 – Espaço da Antiga Estrutura Administrativa do Seringalista Octávio Reis, Sede da Casa Aviadora, hoje Pousada dos Reis no Distrito de Fortaleza do Abunã. Foto: Elisangela Sales de Lima, 2009.

A partir desta localidade, o mencionado seringalista estabeleceu sua territorialidade, controlando toda rede de aviação, tendo como sustentáculo, um aparato funcional que se articulava hierarquicamente no espaço. Possuía uma estrutura organizacional e administrativa, cujos funcionários tinham as funções bem definidas no regulamento da Casa Aviadora.

Ainda na figura 08, foi identificado parte dos trabalhadores da empresa seringalista: o gerente, o guarda livros, o comboieiro e o vaqueiro. Estes trabalhadores buscavam manter a ordem e

o regime de trabalho estabelecido pelo seringalista no regulamento do seringal. Assim, o regulamento expressava o poder do seringalista, pois:

Há nesse processo de afirmação da Territorialidade Seringalista toda uma hierarquia que vai, quase sempre, do gerente, do guarda livro, do fiscal, do noteiro, do comboeiro até o extrator, depois que o mateiro e seus auxiliares diretos, o toqueiro e o piqueiro, já gizeiram a terra, já nela fizeram suas marcas, já geograferam. (Gonçalves, 1998, p. 114).

A solidez e a sobrevivência da Casa Aviadora dependiam do bom desempenho de toda engrenagem funcional e, a falha de um elemento poderia comprometer todo empreendimento. Havia assim, uma grande preocupação, por parte do seringalista, de que todos os funcionários fossem compromissados com os objetivos da Casa e trabalhassem de forma articulada no tempo e no espaço. De acordo com JLJ:

(...) o seringueiro tá lá na mata, lá pro centro né? Aí tem o comboeiro com a tropa de burro (...). Quando é na entrada do começo do mês entrava um fazendeiro com o seringueiro. Chegava na borracha do seringueiro (...) lá vem a nota de mercadoria. E quero tanto quilos de açúcar, tanto de feijão, tanto isso, tudo que precisava. Aí o noteiro vinha só, tudo que precisava (...). Aí o noteiro vinha com aquela nota, quando chegava no barracão aquela nota ia despachada, empacotada nos sacos. Aí ia pras costas dos burros. O comboeiro ia deixar de casa em casa e trazia a borracha que ele tinha lá. O noteiro anotava a mercadoria e anotava quantas peles de borracha tinha pra trazer. De forma que quando chegava no barracão o gerente sabia quantas borrachas tinha pra buscar, né?

As instalações da empresa eram construídas em alvenaria e cobertas com zinco importado. A residência do coronel era, quase sempre, confortável e construída em madeira de lei. Apesar da estrutura da empresa seringalista, o entrevistado PMR - ex-coleto de castanha e seringueiro, afirmou que: “(...) No meu conhecimento tinha duas lojas, uma do Otávio Reis e a outra pertencia ao Jaime Alencar”. Estes estabelecimentos comerciais estavam localizados em Fortaleza do Abunã e eram abastecidos de mercadorias de toda a espécie para vender aos seringueiros, na época que recebiam seus saldos. O colaborador ALJ relatou, em entrevista, que a loja pertencente ao seringalista Otávio Reis “(...) levava de tudo pra seringal. Levava arroz, feijão, açúcar, charque, farinha e material pra seringueiro. E fazendas, miudezas, coisas em geral. E tinha uma loja aqui muito grande, muito forte. Tinha tudo nessa loja”.

De acordo com o relato de PMR, o seringueiro, após o acerto de contas, “(...) aqui no escritório, é porque muitas vezes vinha fazer compra, aí comprava uma coisa e outra, aí ele ia lá

tirava o dinheiro, comprava o que precisava no outro dia a gente subia e ia pagar no seringal (...)). O extrator retornava para a colocação com mantimentos necessários para sua subsistência no seringal e, deveria produzir borracha suficiente para compensar as despesas lançadas na sua conta corrente pelo guarda livro do escritório central.



FIGURA 10 – Prédio da Antiga Loja de Octávio Reis em Fortaleza do Abunã. Foto: José Rubisten da Silva, 2009.

Além da loja fixa (Cf. figura 10), alguns seringalistas dispunham de um barco itinerante para atender diretamente aos seringueiros nas colocações⁸ mais distantes. Já as construções residenciais eram, em sua maioria, caracterizadas por pequenas casas de madeira e recobertas de palha. Conforme o entrevistado DR (parente de seringalista), após um grande incêndio, na década de quarenta, algumas casas foram reconstruídas em alvenaria e cobertas com telha de barro:

(...) antigamente as casa eram de madeira, de taubas de madeira e coberta de zinco ou de palha. As casa coberta de palha, é que elas mantiveram primeiro coberto de palha, mas houve um incêndio. E esse incêndio destruiu quarenta e poucas casas no centro. Então aí passaram a usar telha de barro ou essa nossa telha de amianto, ou então de alumínio.

A maioria dos prédios foi derrubada, restando ainda poucas construções antigas que são ocupadas por moradores remanescentes da época da borracha. Algumas mantêm as características arquitetônicas originais e, em alguns casos, são utilizadas para outras finalidades como, por exemplo, a antiga loja do seringalista Octávio Reis, que atualmente abriga a sede da associação dos

⁸ Colocação é o termo que se utilizava para definir a localização da barraca do seringueiro. Centro das estradas de um seringueiro. (Pinto, 1993, p. 197 *Ibid* 2000).

moradores de Fortaleza do Abunã.

Quando se trata do povoamento da região na década de 1963, o que existia “(...) entre Porto Velho e Guajará Mirim, ao longo da antiga estrada de ferro, notam-se os de Fortaleza do Abunã, hoje simplesmente Abunã, com 1.015 habitantes; Vila Murtinho, com 380, e a sede da Colônia Presidente Dutra, com 257” (Mesquita & Egger, 1979, p.56). No decorrer da economia da borracha a maior parte da população de Fortaleza do Abunã era transitória, pois recorriam ao lugar apenas para o lazer, realizar compras no depósito ou para tratamento de saúde. Nestas oportunidades, os seringueiros hospedavam-se nos dormitórios construídos pelos seringalistas. Em relação à hospedagem dos seringueiros em Fortaleza do Abunã, o senhor PMR relatou que,

tinha a hospedaria ou galpão como eles chamavam, daí onde é a padaria do bodó. Ali tinha um galpão muito grande, muito quarto. Aí quando vinha o povo do seringal se hospedava. E mais pra frente, ali onde é a cerca que vai pro Chiquinho Reis, ali era outra hospedaria que tinha até uma farmácia da firma do Otavio dos Reis. Quem trabalhava era até o (...).

Segundo o mesmo entrevistado, Octávio Reis possuía 02 (duas) hospedarias que abrigava em média 100 (cem) seringueiros cada uma. O poder econômico deste seringalista dependia de sua capacidade de articulação política e econômica. A casa aviadora necessitava de uma estrutura administrativa, uma estrutura de transportes, da organização da mão de obra e toda uma logística disponível e capaz de dar suporte ao regular funcionamento do sistema de aviamento na região.

Com o passar das décadas, a Vila de Fortaleza do Abunã esteve sob diferentes jurisdições políticas e administrativas até seu espaço ser incorporado ao município de Porto Velho - Rondônia. Assim, até o ano de 1943, Fortaleza do Abunã esteve sob a jurisdição do Estado do Amazonas.

A importância estratégica que a região Amazônica passou a ter a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, chamou a atenção do governo federal para garantir a posse do território e povoá-lo, a partir da implementação de uma política de integração nacional. Neste contexto, o governo de Getúlio Vargas criou, em setembro de 1943, através do Decreto-Lei nº 5.812, o Território Federal do Guaporé a partir do desmembramento de áreas antes pertencentes aos

Estados de Mato Grosso e Amazonas. A partir de então, novas divisões políticas, administrativas e territoriais foram realizadas.

Por meio do Decreto-Lei nº 7.470, de 17 de abril de 1945, o Governo Federal criou dois municípios: Porto Velho e Guajará Mirim, sendo que o Município de Porto Velho possuía 06 (seis) Distritos: Porto Velho, Abunã, Ariquemes, Calama, Jaci-Paraná e Rondônia. Nesta nova divisão territorial, a Vila de Fortaleza do Abunã estava na jurisdição de Guajará Mirim, enquanto que o Distrito do Abunã ficou sob administração política do Município de Porto Velho.

Posteriormente, a partir do Decreto nº 24, de 07 de dezembro de 1945, o Distrito de Abunã foi dividido em dois Sub-Distritos: Abunã e Fortaleza do Abunã. Com esta nova definição política e administrativa, Fortaleza do Abunã passou para jurisdição do Município de Porto Velho. No governo de Juscelino Kubistchek, por meio do Decreto nº 282, de 25 de março de 1954, o Município de Porto Velho passou a contar com os seguintes distritos: Porto Velho, Abunã, Calama e Jaci - Paraná, sendo que o Distrito de Abunã foi dividido em três subdistritos: Abunã, Fortaleza do Abunã e Mocambo. Finalmente, com a Criação do Estado de Rondônia em 1981, tanto Fortaleza do Abunã como Abunã foram transformados em Distritos do Município de Porto Velho.

3.2 – SERINGALISTAS “AVIADORES” DO VALE DO RIO ABUNÃ.

No Vale do Rio Abunã, vários seringalistas brasileiros e estrangeiros fomentavam a rede de aviamento da borracha. Esses “patrões”, como eram conhecidos na época, adquiriam ou arrendavam seringais na fronteira do Brasil com a Bolívia. (Cf. Quadro 02).

SERINGAIS NO VALE DO RIO ABUNÃ		
NOME DO SERINGAL	LOCAL	SERINGALISTA
São João do Balanceio	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Mantenéia	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Califórnia	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Mocambo (antigo Pequía)	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Oriente	Brasil	Octávio J. Dos Reis

Extrema	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Porto Dias	Brasil	Octávio J. Dos Reis
São Gabriel	Brasil	Wilson Pena
Porto Luiz	Brasil	Octávio J. Dos Reis
Guarapari	Bolívia	Jaime Alencar
Orion	Brasil	Jaime Alencar e Francisco Alencar.
Itamarati	Bolívia	Jaime Alencar
Lorena	Bolívia	Jaime Alencar
Maravilha	Bolívia	Geraldo Perez
Boa Esperança	Bolívia	Geraldo Perez
Santa Clara	Bolívia	José Vieira (Joca)
Triunfo	Bolívia	José Vieira (Joca)

QUADRO 02: Principais seringais no vale do Rio Abunã. Dados adquiridos a partir das entrevistas com ex-seringueiros dessa região. Quadro elaborado pelo Autor.

De acordo com o quadro acima, Octávio Jacome dos Reis, Joaquim Peixoto Alencar e Geraldo Peres destacaram-se na exploração da atividade econômica da borracha como fortes seringalistas. A sede da Casa Aviadora de Octávio Reis se encontrava em Fortaleza do Abunã, porém, possuía representação em Manaus. Segundo ALJ “(...) em Belém ele comprava do Isaac Broschimól [Benchimol], um turco que tinha lá, negociante (...). E em Manaus ele comprava do Ibê Sabá [firma I.B Sabbá]. Num tem uma firma Ibê Sabá em Manaus? Ele comprava dele.

Alguns seringalistas estabeleciam sua territorialidade e exerciam o poder de controle da acessibilidade espacial às suas áreas de influência, pois eram favorecidos pela geografia peculiar dos vales amazônicos. Esses coronéis do barranco escolhiam lugares estratégicos, como a confluência de rios, para estabelecerem seus barracões. Os entroncamentos fluviais favoreciam o controle da circulação de mercadorias e impediam a entrada de elementos estranhos ao negócio da borracha, além de evitar a fuga de seringueiros sem prévio acerto de contas.

Os seringalistas possuíam bastante prestígio político junto à comunidade de Fortaleza do Abunã e às populações ribeirinhas. Desenvolviam suas atividades no Vale do Abunã, praticamente, sem a interferência governamental. O envolvimento de Octávio Jacome dos Reis na política

regional pode ser observado desde 1916, quando foi eleito Intendente pelo recém instalado Partido Republicano Conservador – PRC, na primeira eleição municipal de Porto Velho, cujo Superintendente eleito foi o Dr. Joaquim Augusto Tanajura. O mandato abrangeu o período de primeiro de janeiro de 1917 a 31 de dezembro de 1919. Os cargos de superintendente e intendente tinham a equivalência da função de prefeito e vereador, respectivamente.

No período de eleições à Câmara Federal (1948 a 1954), os seringalistas da região faziam campanha para candidatos que defendiam seus interesses pessoais. Um exemplo foi o seringalista Maçal Raimundo de Almeida Corceiro, que era um “(...) político militante das hostes governistas, o seu curral eleitoral de Nova Vida garantiu a eleição do candidato Aluísio Ferreira, seu grande amigo, à Câmara Federal em 1948” Menezes (1980). Outro exemplo foi Octávio Jacome dos Reis, que também apoiava Aluísio Pinheiro Ferreira, ligado ao partido do presidente Getúlio Vargas. Em determinada eleição, este seringalista levou, pessoalmente, em sua embarcação, uma urna eleitoral para o seringal Mocambo. Este fato foi mencionado pelo entrevistado JLJ ao explicar o funcionamento da política eleitoral na região:

(...) Eu sei que cada patrão tinha a sua freguesia [seringueiros] que acompanhava o patrão [na eleição do seu candidato]. Era num tanto que fazia um banco eleitoral. Otávio Reis levou a banca eleitoral pro primeiro seringal dele, lá pro Mucambo. E nesse tempo era o Aluísio Ferreira (...). Então quando veio de lá a urna que conferiram aqui, deu tudo pro Aluísio, rapaz! Aí o pessoal dizia “pô, diabo é esse Mucambo, deu tudo pro Aluísio? Os que acompanhava o patrão (...). A seringueirada toda era gente humilde rapaz, o que o patrão dissesse eles acatavam.

A influência política dos seringalistas extrapolava os limites territoriais locais, pois, por meio do poder de persuasão garantiam uma votação expressiva aos seus candidatos nas eleições municipais ou federais. O entrevistado PB, ajudante de batelão e auxiliar de prático (Cf. Quadro 01), expressou assim, o poder do seringalista:

(...) Pois é eu trabalhei com vários patrões, mas um patrão que eu posso indicar é o seu Otávio Reis, porque ele era o.... daqui... Aqui tudo era mandado por ele. A Vila aqui era mandada por ele, se ele mandasse fazer uma casa em um canto, o senhor podia fazer. Não tinha psica não! (...).

Vários seringais localizados em território boliviano foram explorados por seringueiros ou seringalistas brasileiros. Alguns seringalistas brasileiros arrendavam seringais no território

boliviano, no entanto pagavam renda sobre estas atividades para as autoridades daquele país. O entrevistado ALJ, ainda morador de Fortaleza do Abunã, explicou assim, a exploração dos seringais no território boliviano:

(...) Os seringalistas também tinham seringal na Bolívia, né? O que acontece é o seguinte: ele pegava um trecho de um determinado lugar na mata, no rio que dava um seringal, que dava uma concentração de trinta, quarenta colocações. Aí ele fazia aquele seringal. Agora entre um e outro que dava um dia de viagem, meio dia, dependendo da distância. Tinham essas colocações que ficavam soltas. Então os seringueiros abriam (...). E eles pagavam a renda, direto a um fiscal boliviano. E eles eram o dono daquela colocação. Vendia a borracha deles pra qualquer pessoa que eles quisessem.

Naquela época, os seringalistas estrangeiros necessitavam de uma autorização para desenvolverem suas atividades livremente no território boliviano. De acordo com o entrevistado RMS - ex-seringueiro do Rio Abunã - (Cf. Quadro 01), essa permissão poderia ser adquirida em La Paz ou Cobija. E, às vezes, a autorização era feita pelos representantes bolivianos, na fronteira do Brasil com a Bolívia. O entrevistado PMR, citou alguns seringais situados no território boliviano, explorados por brasileiro:

(...) Bom, o Otávio do Reis arrendou da Bolívia, então ele pegava esse produto todo desse povo. Agora os seringais que eu conheci, seringais mesmo! Esse depósito que esse chamava Rio Negro e Pacoará (...). Eu vou falar de novo: Primeiro Triunfo, Boa Vista e Tauarí. E aí no Pacoará (...). Agora no rio Negro, Colônia e Montinéia [Mantenéia].

Quando solicitamos para o outro entrevistado, PB, que relacionasse os seringais localizados no território da Bolívia, pertencentes a seringalistas brasileiros, ele relatou que:

(...) tinha Mocambo, mais em cima tinha Extrema, mais em cima tinha Oriente. E daí aqui pra dentro da Bolívia, ele tinha seringal também. Ele pagava renda pra dentro da Bolívia. Dentro do Pacoará ele tinha Montiné [Mantenéia], dentro da Bolívia. Dentro do Rio Negro tinha Colônia, tinha outro seringal, tô esquecido do nome desse outro seringal que ele tinha. Era já no fim de lá. Voltava e tinha aqui dentro do Pacoará. Triunfo, Boa Vista, daí era só esses (...).

Assim, boa parte da produção da borracha boliviana era comprada por brasileiros e a mão de obra dos seringais bolivianos era constituída, predominantemente, por brasileiros. As mercadorias que eram internadas na Bolívia pagavam imposto na Aduana desse país. Sobre o imposto aduaneiro boliviano, o mesmo entrevistado afirmou:

Do lado da Bolívia ele pagava a renda pros aduaneiros. Eles estavam aí (...). E pra entrar lá tinha que pagar entrada, pagava renda de tudo (...). De todo seringal que tinha no estrangeiro pagava renda, e tirava o produto pra cá para o Brasil. O pessoal era dele, o seringal era dele (...). Mas tinha que pagar renda, porque era dentro das terras estrangeiras.

Conforme esses relatos, a Aduana boliviana estava instalada inicialmente em uma Ilha no rio Abunã, próxima de Fortaleza do Abunã, mais tarde passou para a margem esquerda do mesmo rio. Já os produtos provenientes do território brasileiro pagavam impostos sobre a produção da borracha na Aduana da Vila do Abunã ou em Porto Velho.

Muitas famílias brasileiras extraíam seringa em território boliviano, arrendavam colocações para trabalhar por conta própria e, neste caso, o seringueiro brasileiro era obrigado a pagar a renda anual (imposto) para o governo boliviano. Todo mês de junho os fiscais da aduana boliviana passavam nos seringais para cobrar a renda anual que correspondia a 60 kg (sessenta quilogramas) de borracha por estrada. Nestas colocações, apesar das vantagens adquiridas, também existiam muitos problemas, conforme relato da senhora VSR (atual moradora de Fortaleza do Abunã):

(...) nós ainda trabalhamos em uma colocação lá em cima chamada Nova Califórnia, lá acima da Extrema. Nós trabalhamos também (...). Nós morávamos do lado da Bolívia (...). Lá do lado da Bolívia a gente pagava a tal da prestação vial. Só era ruim porque tinha dois, três cobrando por ano (...). Dois, três vinham cobrando. Falavam “eu vim cobrar a prestação vial”, a renda que chamavam prestação vial. Aí a gente pagava aquela renda. Aí vinha outro, aí a gente ficava com raiva, mas pagava (...).

Os seringueiros ficavam revoltados quando a cobrança ocorria mais de uma vez por ano. Em certas ocasiões a renda era cobrada duas ou três vezes no mesmo ano. Não havia uma rígida fiscalização sobre a população, somente sobre os produtos, pois o seringueiro do território boliviano poderia negociar livremente com o regatão. De acordo com a mesma entrevistada (VSR): “(...) Brasileiro do lado do Brasil, eles não vendiam assim, mas do lado da Bolívia era por conta. As colocações do lado da Bolívia, a gente arrendava e pagava por conta, por isso que tinha o regatão (...)”

No território brasileiro o seringueiro estava sujeito às normas do tradicional sistema de barracão enquanto na Bolívia poderiam negociar livremente com qualquer seringalista ou regatão de sua preferência. Segundo ALJ:

Tinha uma expedição a bordo pra comprar borracha, porque tinha muita colocação do lado da Bolívia que não pertencia a seringal nenhum. Pertencia à pessoa ao seringueiro mesmo. O seringueiro abria uma colocação, quando era do lado (da Bolívia), que não tinha dono

(...). E quando ele saía, vendia pro outro. Então eles eram independentes. E esse batelão que fazia essa expedição, ele comprava essas borracha. E os regatões que era proibido, existia (...). Comprava essa borracha dessas colocações. E do Brasil, quando eles eram donos, não comprava dos patrões. Vendia para os patrões, mas não comprava.

Por pagarem a renda de sua colocação ao Estado Boliviano os seringueiros possuíam certa autonomia, sendo considerados “patrões”. Por outro lado, apesar dessa condição de serem os “donos” de suas próprias colocações, muitos se consideravam fregueses de Octávio Reis. De acordo o entrevistado JLJ, os seringueiros ribeirinhos do território boliviano permaneceram fiéis a Octávio Reis:

(...) e a seringueirada da beira do rio, do lado da Bolívia, era a maioria do Otávio Reis. Negociavam com Otávio Reis, mas [não] eram os donos de colocação. Eles pagavam uma renda. Mas era um povo humilde, besta, que se considerava freguês do Otávio Reis. [Pensavam] que aquilo tudo era do Otávio Reis, mas na realidade não era. Eles pagava renda da colocação, então eles podiam negociar com quem quisesse.

A liberdade de negociar livremente no território boliviano tinha seu preço. Se por um lado representava uma oportunidade de independência em relação ao regime dos seringais do território brasileiro, por outro, os seringueiros estavam sujeitos à pressão e exploração exercida pelos aduaneiros do lado boliviano que cobravam a renda reiteradamente, reduzindo os lucros dos extratores.

Os seringais do Vale do Rio Abunã possuíam uma importante participação no contexto da produção e exportação da borracha, como podemos observar no quadro 03:

BASE CÁLCULO – 9000 – EXPORTAÇÃO POR MANAUS - 1942						
Empresas	Porcentagens Vigentes	Quota-parte Igual s/2.250t Representa. 1/4 da exp. 1942 estimada em 9.000	Distribuição da restante baseada nas percentagens a cada firma.	Quantidade peso atribuída a cada firma	Porcentagem a vigorar para cada firma	
Jacob & Cia	33%	281,25	2.227,5	2.508,750	7,875	8%
J. B. SABRA	28%	281,25	1.890	2.171,250	4,347	4%
J. C. Araújo & Cia.	14%	281,25	845	1.226,250	3,402	3%
T. J. Dunn & Cia.	9%	281,25	607,5	888,750	,875	0%
Ezaqui, Irmão & Cia.	6%	281,25	405	686,250	,624	%
Cia. Nac. de Borrachas	5%	281,25	337,5	618,750	,875	%
Cia. Bras. De Art. de borrachas	3%	281,25	202,5	483,750	,341	%
Octávio Reis & Cia.	2%	281,25	135	419,250	,625	%
	100%	2.250 T	6.750	9.000		00%

QUADRO 03: Porcentagem das Quotas de Exportação das Firms de Manaus em 1942. Fonte: IBGE – Departamento de Estatística do Estado do Amazonas.

Este quadro estatístico apresenta a Casa Aviadora de Octávio Reis e Cia. entre as oito maiores exportadoras de borracha a partir de Manaus, cidade, cujo seringalista Octávio Jacome dos Reis mantinha um escritório de representação da sua Casa Aviadora. Além de demonstrar a importância e contribuição das empresas seringalistas da região do Vale do Abunã na pauta das exportações amazônicas, este quadro indica o volume anual de 281,25 (duzentas e oitenta e uma toneladas e vinte e cinco quilogramas). Este volume foi registrado em 1942, ano anterior a ampliação dos investimentos americanos nos seringais da Amazônia. Porém, o quadro estatístico apresenta a participação de apenas uma empresa da região, sem levar em consideração a contribuição das demais firmas que atuavam na região do Vale do Abunã, como a Perez e Vieira.

Foram muitos os seringalistas brasileiros e estrangeiros que exploravam esta atividade no

Vale do Abunã, porém, não encontramos dados ou informações que registrassem a contribuição das firmas destes seringalistas na pauta das exportações da borracha. Talvez a produção das demais empresas fosse contabilizada nas estatísticas (quadro de exportações) do Estado do Pará, ou nos números apresentados pelo governo boliviano, tendo em vista que muitos seringalistas optavam em internar seus produtos na Bolívia devido aos elevados valores dos impostos e fretes no Brasil.

Alguns seringalistas incentivavam a produção dos seringueiros por meio de prêmios. O prêmio dado pela Casa Aviadora poderia ser uma espingarda nova, um revólver, um terno novo ou qualquer bem material considerado de significativo valor para o seringueiro. Seguindo esta prática, nos seringais de Extrema os seringueiros que produziam bastante eram denominados regionalmente como os “donos da balança”.

A extensão territorial do poder de ação das Casas Aviadoras sobre os seringais dos Altos Vales da Amazônia era bastante expressiva na época. Algumas firmas aviadoras atendiam com exclusividade os comerciantes ambulantes (regatões), outras trabalhavam com algum produto especializado. Muitos seringalistas eram aviados diretamente pelas grandes Casas Comerciais de Belém e Manaus. O entrevistado ALJ mencionou a relação comercial de Octávio Reis com o comerciante Isaac Benchimol: “(...) ele comprava de Belém de um senhor chamado Isaac Broschimó [Isaac Benchimol]. Um comerciante forte de lá, né?”. Esse empresário ao destinar um futuro seringueiro para Fortaleza do Abunã encaminhava-o por meio de carta de recomendação. Esta carta era apresentada no escritório de Fortaleza do Abunã e continha todas as referências do trabalhador. Segundo o mesmo entrevistado (ALJ):

Ele pegava uma pessoa [que] tava lá em Belém (...). O seringueiro ou ia com esse patrão dele lá, né? Isaac Broschimó [Benchimol]. E lá seu Isaac dava pra ele um adiantamento e mandava ele vim pra cá [Fortaleza do Abunã] com a carta. (Com) a carta ele vinha aqui [para Fortaleza do Abunã], chegava no escritório entregava essa carta. Ele tinha recebido digamos 100.000 Réis lá, que não era tudo isso que recebia, mas uma hipótese. Aí chegava aqui ele ia pro escritório, entregava aquela carta. Ela vinha dizendo tudo aquilo [que] ele sabia. Ia pra um seringal, pra colocação fulano de tal determinado por aqui. Eles [seringalistas] sabiam qual era a colocação que tava desocupadas. Aí ele [seringueiro] ia pra lá trabalhar [e] só saía de lá quando pagava. Só que lá ele tinha (...). Ele [seringalista] levava mercadoria pra ele [seringueiro] e todo mês ia buscar produto. [E] via se ele tava doente ou não. Se ele tivesse doente, ele tinha direito de baixar [o rio Abunã] pra vim se

tratar. Se ele não tivesse doente, ele não saía de lá enquanto não pagasse aquela conta [corrente].

A casa também lhe concedia um adiantamento em dinheiro. Era de competência deste escritório do barracão definir a colocação em que o sujeito deveria extrair seringa e fornecer a quantidade de mantimentos e equipamentos necessários para o início dos trabalhos. Para o entrevistado PMR na colocação tinha:

Tudo (...). Olha, no seringal não faltava nada, no tempo do Otávio Reis então (...). Quando era no dia da nota o freguês (...). Vinha um noteiro de lá do barracão com um papelzinho e levava as nota, e aí você fazia a nota do que o senhor precisava. Ele levava aquela notinha e tirava dos freguês tudinho, as nota. Quando era no dia primeiro, no dia dois, conforme fosse (...). Aí vinha os comboio que ele chama tropa de burro. E vinha tudo. Trazia a mercadoria entregando tudo direitinho e a guia do balcão na nota da mercadoria.

O seringueiro era obrigado a receber mercadorias variadas e de qualidade suspeita e, não era permitido ao freguês negociar com outro agente aviador. Esta condição de dependência do extrator em relação ao seringalista foi relatada pelo entrevistado RMS que trabalhou nos seringais do Abunã: “(...) É, não negociava com ninguém, só com o patrão, daí cê tira, que era mei, mei cativeiro (...)”. Havia sempre a preocupação por parte do seringalista de segurar o extrator na colocação produzindo borracha.

3.3 – CASAS COMERCIAIS DOS VALES DO ABUNÃ, MADEIRA, GUAPORÉ E MAMORÉ.

Foram poucas as Casas Aviadoras que resistiram às sucessivas crises da economia gomífera na Amazônica. Dentre elas podemos citar a firma J. G. de Araújo & Cia Ltda., sediada em Manaus. Durante décadas, esta empresa forneceu mercadorias a crédito aos pequenos comerciantes localizados em Porto Velho, Abunã e Guajará Mirim. Mantinha como representante comercial, em Porto Velho, o Comendador José Centeno. Segundo Menezes (1980), a firma N. Ramos & Cia, localizada na antiga Vila de Rondônia, no Território do Guaporé, contraiu um grande déficit junto à sua fornecedora em Manaus, mas, através de suas articulações conseguiu contornar a situação, resistir, se restabelecer, vencendo as crises daquele momento e as posteriores, mantendo-se ativa

por várias décadas:

Tendo falecido seu cunhado em fevereiro de 1949, assumiu a gerência do seringal e as responsabilidades do ativo e passivo da firma N. Ramos & Cia., com os fornecedores J. G. de Araújo & Cia. Ltda., de Manaus com os quais tinha um débito muito elevado que foi saldado em três anos de ingentes sacrifícios e muito trabalho. Daí passou a trabalhar por conta própria ainda com a mesma casa aviadora até o ano de 1955, quando passou a negociar com o Banco da Borracha com quem mantém transações até, hoje, já com o nome de Banco da Amazônia S.A. (Menezes, 1980, p 217).

As dificuldades que as firmas da região encontravam para obter créditos junto aos bancos oficiais levavam-nas a contrair débitos, às vezes, astronômicos junto às Casas Aviadoras das praças de Manaus ou Belém. Além dos altíssimos juros praticados nas relações comerciais, o empresário-seringalista local assumia todos os riscos inerentes às atividades de exploração da goma elástica.

Muitos comerciantes estrangeiros se estabeleceram nas cidades de Abunã, Fortaleza do Abunã, Porto Velho e Guajará Mirim. E, a maior parte das mercadorias era adquirida a crédito das grandes firmas aviadoras de Manaus ou Belém.

O povoado de Fortaleza do Abunã, por ser tradicionalmente um entreposto fluvial de circulação de homens e mercadorias, apresentava-se na época como local estratégico para o estabelecimento de atividades comerciais. Ao investir nesta localidade, os comerciantes acreditavam nas perspectivas de seu desenvolvimento e crescimento em função do dinamismo que a economia gomífera proporcionava naquela época.

Da mesma forma que o comerciante Victor Sadeck, outros migrantes comercializaram no Vale do Abunã em função da economia gomífera. O comerciante Toufic João Matny (libanês) migrou para Guajará Mirim em 1929, onde, a partir desse município, exerceu a atividade de regatão nos rios Mamoré e Guaporé. Ao auferir algum lucro se fixou em Abunã, na atividade de comerciante de gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos e armarinhos. Posteriormente liquidou seu negócio em Abunã para se estabelecer, definitivamente, em Porto Velho, na função de comerciante. Em seguida enveredou nos caminhos da política, sendo o primeiro filiado da ARENA – Aliança Renovadora Nacional no Diretório Municipal de Porto Velho.

Manoel Boucinhas de Menezes nasceu em 1887, no Maranhão e, na região do Acre, exerceu a atividade de seringueiro na colocação Santa Cruz - Bolívia. Em 1915, em território boliviano, explorou o comércio de peles de animais. Em 1917, em Guajará Mirim, se estabeleceu como comprador de borracha. Paralelamente a esta atividade, passou a mascatear (regatão) nos rios Guaporé e Mamoré. Após uma breve interrupção de suas atividades na Amazônia, por motivo de doença, viajou para os EUA em busca de tratamento, retornando para Guajará Mirim em 1927. A partir desse município voltou a exercer a atividade de regatão. Quando Guajará Mirim alcançou sua autonomia política, em 1929, Boucinhas foi nomeado primeiro Intendente Geral do novo Município.

No período de 1941 a 1945, Manoel Boucinhas de Menezes exerceu o cargo de gerente da agência do Banco da Borracha em Guajará Mirim. A partir de 1945, quando deixou a gerência do citado banco, passou para a função de aviador de seringais na região.

Constantino Gorayeb foi um importante comerciante da região com estabelecimentos comerciais em Abunã e Fortaleza do Abunã. Este comerciante se estabeleceu inicialmente na Vila de Fortaleza do Abunã e, a partir da década de quarenta, transferiu seus negócios para a localidade de Abunã.



FIGURA 11 - Antigo Estabelecimento Comercial de Constantino Gorayeb na Década de 40. Atualmente Residência de D. Santinha Alencar (Esposa do Seringalista J. Alencar). Foto: Elisangela Sales de Lima, 2010.

Estes migrantes estrangeiros oportunamente exaltavam suas origens culturais, por meio da

simbologia religiosa, como o exemplo da família Saul Bennesby, que destacava a estrela de Davi (símbolo Judaico) na fachada de seus estabelecimentos comerciais na Vila do Abunã (Cf. Figura 12).



FIGURA 12 - Estabelecimento das antigas Casas Comerciais da Família Bennesby no Distrito de Abunã às margens da BR-364. Fotos: José Rubisten da Silva, 2009.

Estes comerciantes varejistas e atacadistas se instalaram nos pequenos povoados ou vilas para suprir a população local, os regatões ou seringalistas que não tinham relações comerciais diretas com as grandes casas aviadoras de Belém e Manaus.

O libanês Abdon Bichara⁹ ao chegar ao Alto Madeira, em 1908, se instalou em Santo Antônio e, posteriormente, se transferiu para a Vila do Abunã (Presidente Marques - Mato-Grosso). Para Menezes (1980), foi nesta localidade que Abdon Bichara fundou, em 1940, a firma Abdon Bichara & Filhos, tornado-se uma das Casas Aviadoras de grande porte na região amazônica. O poder econômico da família Bichara foi demonstrado na época da borracha quando construiu o Edifício Monte Líbano na cidade de Porto Velho, onde funcionou, por muito tempo, o escritório da empresa. Em 1953, parte da família retornou para Beirute, no Líbano, onde fundou um Banco Líbano - Brasiliense S.A.

⁹ Abdon Bichara Ghosn foi um dos que trocaram o Líbano por Porto Velho, no atual estado de Rondônia, logo após a virada do século XX. No Brasil, ficaria conhecido como Abidão Bichara. Junto com dois cunhados, desceu o Rio Madeira até os povoados de Abunã e Guajará-Mirim. A empresa familiar encomendava a mercadoria, principalmente secos (grãos), de Manaus e Belém perto do final da época das chuvas. Estocava o material em um armazém no centro de Porto Velho e aguardava o início do período da seca. Quando os estoques de outras lojas já estavam esgotados, aí, sim, Bichara e seus cunhados punham sua mercadoria à venda, por um preço elevado. (Artigo - Revista de História da Biblioteca Nacional - Fios árabes, tecido brasileiro. Desde o início do século XX, sírios, libaneses e palestinos exercem sua astúcia comercial nos quatro cantos do país. *John Tofik Karam*).

O sucesso adquirido nas atividades comerciais possibilitou para que muitos dos estrangeiros ascendessem na escala social, os quais iniciaram suas atividades como mascate, em pequenas canoas, passando ao arrendamento de vapores de maior porte e, posteriormente, ao arrendamento de seringais, atingindo grande sucesso, tornando-se prósperos comerciantes nas principais cidades da região. Muitos deles se envolviam na política local, filiando-se em partidos políticos, sendo, às vezes, eleitos para importantes cargos municipais.

CAPÍTULO 4 – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS ACORDOS DE WASHINGTON (1942 - 1947): OS REFLEXOS NA REDE DE AVIAMENTO E NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE FORTALEZA DO ABUNÃ.

Os americanos consideravam a borracha, o aço e o petróleo como produtos indispensáveis para a manutenção da indústria de guerra, porém, depois de 1939, com o avanço do conflito mundial, a borracha recebeu maior atenção do governo. Mediante esse novo contexto, recursos orçamentários foram autorizados pelo Congresso Americano com vistas a financiar a estocagem da borracha e outros produtos estratégicos para o país.

Após a invasão japonesa na Base Americana de Pearl Harbour, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, os EUA perderam suas maiores fontes de suprimentos de borracha na Malásia. Este fato conjugado com as vitórias alemãs na Europa resultou em maiores créditos aprovados pelo Congresso Americano para aquisição e estocagem da borracha natural, considerando que a borracha sintética ainda não satisfazia às necessidades do mercado e da indústria.

A crise nos estoques de borracha forçou o governo do presidente Roosevelt a estabelecer uma série de medidas para restringir o uso da borracha internamente, dando prioridade à Indústria de Guerra. O programa americano de procura, compra, produção e pesquisa de borracha foi acompanhado pelos altos investimentos da Reconstruction Finance Corporation – RFC, no complexo industrial de borracha sintética.

O ataque japonês a Pearl Harbor motivou a assinatura dos Acordos de Washington em 1942. Por meio destes acordos o Brasil assumiu vários compromissos que foram ao encontro com os interesses dos países Aliados dos Estados Unidos da América – EUA contra as potências do Eixo (coalizão entre Alemanha, Itália e Japão). A partir destes acordos o Brasil deveria fornecer a produção excedente da borracha às Nações Unidas como contrapartida das concessões e investimentos americanos no país. Ao firmar os Acordos de Washington, Getúlio Vargas assegurou material bélico para as forças armadas do Brasil, recursos materiais para Volta Redonda e,

investimentos para operacionalização da Batalha da Borracha. A partir daí Getúlio Vargas estabeleceu uma nova política para a Amazônia atrelada ao esforço de guerra do EUA e aliados. E, para a efetivação dessa finalidade foi necessária, aos americanos, a mobilização de um aparato logístico-institucional de grande envergadura para a época. “Os Acordos de Washington visavam, sobretudo, ativar a produção da borracha amazônica, matéria prima estratégica e indispensável para a guerra” (Benchimol, 1977, p. 205). Foi mediante esse novo contexto político, econômico e militar que a borracha brasileira ganhou novo espaço e importância no cenário mundial.

A partir da consolidação dos Acordos de Washington, o Brasil se comprometeu a criar uma agência reguladora para controlar as ações do programa da borracha nacional. Pelo decreto-lei nº 4.523, de 25 de junho de 1942, Getúlio Vargas criou a Comissão de Controle dos Acordos de Washington – CCAW com a finalidade de administrar e implementar os compromissos assumidos pelo governo do Brasil por meio de diversos órgãos criados. Esta comissão deveria coordenar as ações dos demais órgãos criados pelo governo brasileiro: Departamento Nacional de Imigração - DNI, Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA, Superintendência do Abastecimento para o Vale Amazônico - SAVA, Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia - CAETA, Serviço Especial de Saúde Pública - SESPE e Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará - SNAPP.

Em fevereiro de 1943, os EUA criaram a Rubber Development Corporation-RDC, com a finalidade de coordenar o Programa da Borracha fora dos EUA. Esta agência obteve o aval do governo dos EUA para atuar na coordenação e assistência financeira dos Acordos de Washington, passando a administrar o plano do governo no sentido de reorganizar o sistema de produção e exportação da borracha amazônica. No entanto, a RDC teria a função de financiar e exportar a borracha amazônica e atuar subordinada à C.C.A.W.

A RDC possuía uma estrutura organizacional ampla com várias representações no Brasil, sendo composta por inúmeros departamentos organizados hierarquicamente e diversificadas

atribuições. Esta agência instalou vários escritórios na região amazônica e definiu preços atrativos para a compra da borracha. Esta corporação tinha como objetivo financiar e abastecer (emprestar dinheiro e fornecer mercadorias) diretamente os seringalistas. Estes, por sua vez, aviavam os seringueiros e, em troca recebia a produção da borracha.

Boca do Acre, bem como as cidades de Porto Velho, Guajará Mirim, Rio Branco, Manaus, Belém, Santarém e João Pessoa constituíam-se como lugares estratégicos para a instalação dos armazéns da RDC. Porto Velho, Guajará Mirim, Rio Branco e Boca do Acre funcionavam como pontos de armazenagem e redistribuição dos mantimentos para os importadores e seringalistas que abasteciam diretamente os seringais da região, considerando que os importadores deveriam destinar as mercadorias, exclusivamente, para as zonas produtoras, vez que, o complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré possuía armazéns apropriados para a estocagem de mercadorias de várias espécies e tonelagens, principalmente da borracha. E, os representantes destes armazéns - SAVA e RDC acrescentavam o valor dos fretes ao preço das mercadorias. O entrevistado DR, explicou a atuação da RDC na região do rio Abunã, da seguinte forma:

Eu vim pra cá (...). Cheguei aqui no dia (...), é num sábado de carnaval. Em doze de fevereiro de 1942. Aqui eu tive praticamente uma existência, aqui em Rondônia atual Fortaleza do Abunã. Existia quatro patrões, ou seja, quatro donos de seringais que eram considerados homens fortes na produção da borracha. Eles eram Jaime de Alencar, era também Geraldo Peres que era espanhol, um cearense com o nome e João Afro Vieira. E meu pai [seringalista de Fortaleza do Abunã]. Eles formavam os quatro de lá (...). Sendo que a nossa produção de borracha na época da guerra, incluindo os seringais bolivianos (...). A nossa produção de borracha era uma produção avantajada, que pode se dizer que influía muito nisso tudo. Influía tanto, era tão primordial isso que vinha aviões Catalina da América do Norte trazendo dinheiro, dólar. Trazendo medicamentos e trazendo alimentos pra aquela região. Depois disso foi criada a “Raber Debilop Corporeicham” [Rubber Development Corporation], uma companhia americana que sediou-se em Fortaleza do Abunã. Ela era como uma espécie de casa fiadora [casa aviadora]. A gente precisava de dinheiro ia lá, precisava de mercadoria ia lá. Do que precisasse ia lá, atendia (...).

Na prática e no contexto do grande esquema institucional criado o órgão americano era quem comandava a Batalha da Borracha. O poder da RDC aumentou quando o presidente Roosevelt encarregou-a da função de procura e aquisição de borracha natural necessária à Indústria de Guerra. Assim, as agências brasileiras acabaram submissas ao poder operacional e de comando da RDC. E, esta passou a ter plenos poderes, extrapolando as funções para as quais fora criada,

exercendo influência sobre os demais órgãos com poder de decisão sobre todas as atividades inerentes ao desenvolvimento do programa da borracha. A RDC extrapolou suas competências, atuando na esfera de responsabilidade dos outros órgãos brasileiros.

As mencionadas agências e órgãos estatais tiveram importantes ações na Amazônia no sentido de solucionar os problemas de transporte e abastecimento da região. O desabastecimento do Vale Amazônico gerou um alto custo de vida nas cidades como Porto Velho e Rio Branco. Nos seringais dos altos rios os extratores buscaram novas alternativas de sobrevivência. A partir do novo surto da borracha, Getúlio Vargas criou a SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico) para solucionar o grande problema de escassez de alimentos na Amazônia:

Mas a grande batalha pelo abastecimento do Vale Amazônico deveria ser travada não apenas pela RDC mas também pelo governo brasileiro que, em 4 de dezembro de 1942, criou a SAVA (Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico), com a finalidade de superintender o abastecimento de gêneros alimentícios e outros de primeira necessidade no Vale Amazônico. Subordinada a Comissão de Controle dos Acordos de Washington e com sede em Belém, esta superintendência tinha um vasto território sob sua jurisdição, compreendendo o Estado do Pará, Amazonas, o Território do Acre, a zona sul do Estado do Maranhão e o Norte dos Estados do Mato Grosso e Goiás. (Martinello, 1988, p.174).

Era de competência da SAVA regular ou racionalizar todos os suprimentos na Amazônia em face da situação de escassez, principalmente de alimentos que predominaram no decorrer dos anos de crise da economia gomífera. A SAVA era financiada pela agência Rubber Development Corporation – RDC, porém, antes da assinatura dos Acordos de Washington, a função de compra e financiamento da borracha na Amazônia era de competência da agência americana Rubber Reserv Company – RRC. A presença desta agência na região foi mencionada por ALJ:

(...) depois que ele faleceu, aí um home que tinha chamado Octávio Reis, que era o patrão dele, recebeu lá o movimento que ele fez (...). E a gente ficô feio, lutando. Aí ficô uma viúva com uma porção de crianças, que essa vida mesmo apertada (...). Só que naquela época tudo era fácil, né? Tudo era abundante, ninguém pensava em negócio de fome, num existia (...). E eles foi se criando. Depois fui pro seringal, partí pra seringal, éh. Foi à época da guerra [Segunda Guerra Mundial], eu já tinha treze anos, éh. Aí fumo cortar seringa. Chegô aqui uma firma muito (grande) pagando borracha muito bem, e a gente se animou e fumo pro seringal cortar seringa. Chama essa firma Rubi Reserva [Rubber Reserve Company]. Aí cortando seringa. Aí foi todo tempo cortando seringa (...). E aí foi todo tempo envolvido em seringa, era a atividade da hora. E a gente depois terminou tudo isso. A gente terminou até como seringalista, abrimos um seringal e fumo trabalhar. Eu e um irmão fumo trabalhar nos seringais. Depois que acabou o seringal, aí a gente ficô lutando com outras atividades, né?

A agência RRC garantia a compra de toda produção regional ofertando preços convidativos que incentivaram a economia regional.

No Território Federal do Guaporé, Joaquim de Araújo Lima exerceu a função de Chefe da SAVA por indicação do governador Aluísio Ferreira ao presidente Getúlio Vargas. Assim, Porto Velho se constituiu como um importante centro de recepção e hospedagem provisória de trabalhadores que, a partir desta cidade, eram transportados pela EFMM até os seringais do Madeira, Mamoré, Guaporé e Vale do Abunã.

A SAVA deveria atuar articuladamente com a RDC para garantir o abastecimento de gêneros alimentícios e equipamentos para o bom funcionamento da produção da borracha nos seringais. A ação fiscalizadora da SAVA apresentou resultados positivos para o abastecimento da região, principalmente quanto ao controle dos preços e regulação dos estoques de equipamentos e mercadorias. Entretanto, com a criação da SAVA, objetivando fomentar os seringais do Vale Amazônico, ocasionou uma grande insatisfação por parte das Casas Aviadoras de Belém, pois, durante muitas décadas foram detentoras dessa atribuição na cadeia de aviamento. As casas se manifestaram junto ao governo federal na tentativa de encontrar um espaço no contexto do novo surto gerado pela Batalha da Borracha.

No momento em que a RDC incentivava os seringalistas a investir na agricultura e na criação de animais, colocava em xeque o tradicional sistema de aviamento, pois a concretização desse objetivo poderia subverter o modo de produção do seringal (Martinello, 1988). Na realidade, esta proposta não apresentou resultados satisfatórios, sobretudo, na produção de açúcar, devido à resistência generalizada por parte dos extratores. A partir do segundo surto da borracha as casas aviadoras de Belém e Manaus ressentiram a perda da exclusividade no aviamento dos seringais do Vale Amazônico para a RDC e SAVA, pois estas agências governamentais passaram a ter preferência no financiamento e abastecimento dos seringais.

Com a intervenção estatal no sistema de aviação, cujo fornecimento de mercadorias passou a ser executado diretamente nos centros de produção da borracha, não restou outra saída às Casas Aviadoras senão buscar novas alternativas de sobrevivência no mercado regional. Como o centro de preocupação da RDC e SAVA residia nos seringais, restou uma brecha aos comerciantes de Belém e Manaus: o fornecimento de mercadorias aos comerciantes varejistas dos pequenos povoados e Vilas próximas dos seringais. Estas localidades possuíam uma massa populacional itinerante de consumidores que buscavam oportunidades de emprego nas atividades subsidiárias a empresa seringalista como a Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

A nova fase da produção da borracha (1942–1945) e ocupação territorial da Amazônia foi implementada e coordenada pelo governo federal, o qual desenvolveu políticas de incentivo à migração. Para efetivar o recrutamento e a colocação dos migrantes, Getúlio Vargas criou, em 1942, a SEMTA - Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia, porém, este órgão passou a desenvolver funções que já eram de competência de outras instituições. O que ocorreu na verdade foi uma sobreposição de atribuições, pois o DNI - Departamento Nacional de Imigração, já desenvolvia as ações de recrutamento e encaminhamento de mão de obra para os seringais da Amazônia (Martinello, 1988).

Diversos problemas, como a falta de organização das ações, resultaram na insatisfação dos americanos em relação à SEMTA. Esta Agência contrariava os objetivos para os quais fora criada e, para solucionar a falta de sincronismo entre os diversos órgãos, o governo brasileiro extinguiu a SEMTA.

Na tentativa de organizar a imigração de soldados da borracha para a Amazônia, Getúlio Vargas criou, em 1943, a CAETA – Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia. O principal objetivo deste novo órgão foi conjugar as funções da extinta SEMTA e da SAVA. Na oportunidade a RDC se eximiu das responsabilidades de financiamento e assistência social da mobilização de mão de obra para a Amazônia. Porém a

CAETA acabou contratando, via convênio, o DNI e o SESP - Serviço Especial de Saúde Pública para a execução destas funções.

A CAETA possuía uma estrutura organizacional ampla com departamentos em várias cidades da Amazônia onde foram estruturados departamentos nacionais e regionais. Estes escritórios facilitavam a operacionalização da transferência de trabalhadores aos centros de produção. O Departamento do Norte abrangia o Território do Acre (escritório em Rio Branco) e o Território do Guaporé (escritório em Porto Velho).

A nova leva de trabalhadores foi induzida pela ideologia do governo federal que difundiu intensa propaganda para a atração de mão de obra para a Amazônia. Esta estratégia ocasionou o recrutamento dos “soldados da borracha” para os seringais amazônicos para serem inseridos como peças fundamentais da economia extrativista e sustentáculo da economia de guerra.

Nesta época, a localidade de Fortaleza do Abunã era constituída de uma população que estava envolvida, direta ou indiretamente, na atividade gomífera. Tratava-se de migrantes das mais longínquas regiões do Brasil e do Mundo, constituíam-se de futuros seringueiros, soldados da borracha e muitos sujeitos sem qualificação profissional. Alguns imigrantes ficaram na hinterlândia do complexo da Madeira Mamoré, outros passaram a exercer as mais variadas atividades e ofícios nas localidades de Fortaleza do Abunã, Guajará Mirim, Abunã e Jacy Paraná.

Indubitavelmente, o incentivo do governo federal a produção da borracha influenciou na transformação e organização espacial dos seringais do rio Abunã, principalmente, se considerarmos o fluxo de mão de obra e capitais deslocados para a região. Nos seringais, os empresários da borracha mantiveram a tradicional rede de aviamento e parte das antigas normas para controlar a mão de obra. Este modelo de exploração dos trabalhadores, ressaltando suas peculiaridades, foi idêntico na maioria dos seringais da Região Amazônica. Conforme Brito (2001):

O extrativismo, em geral, marcou profundamente a história social e econômica da Amazônia, mas somente para o extrativismo da borracha é possível determinar o auge e o

acaso. A chamada economia gomífera apoiou-se, sobretudo na exploração da força de trabalho da população cabocla e nordestina, teve diversas fases com crescimento e recuo, até a sua crise definitiva na primeira metade deste século. (Brito, 2001, p.119).

Os migrantes tiveram uma função primordial na economia extrativista da borracha no Vale do Rio Abunã. Eram a “mola mestra” do sistema de barracão, cujo regime de trabalho era exaustivo. Tratava-se de uma relação de trabalho conflituosa na qual o seringueiro se aprofundava em um processo de endividamento crescente e com poucas perspectivas de liberdade. Geralmente as mercadorias aviadas eram superfaturadas e de péssima qualidade, não sendo permitido ao seringueiro rejeitá-las.

A nova corrente migratória permitiu ao seringueiro trazer sua família, a qual acabou inserida no processo produtivo do seringal. Mulheres e filhos assumiam parte do trabalho na colocação, contribuindo, sobremaneira, na produtividade da casa aviadora. Assim, segundo o entrevistado DR,

(...) era madeira pra completar as 150 numa estrada. Numa estrada um homem solteiro dava uma meia. Para um homem solteiro dava mais ou menos entre nove a onze, doze latas de leite. E a lata de leite era porque antigamente eles usavam a lata de banha de dois kilos como medida padrão. Agora o freguês casado com filho dava (...). Só o casado, ele e a mulher em vez de três latas tinha seis, três pra ele, três pra mulher. Ele cortava sozinho, a mulher cortava com os filhos.

As crianças menores, entre oito a quatorze anos de idade, já trabalhavam com a mãe, assumindo a responsabilidade de ajudar a família na produção da borracha e na coleta da castanha. Estes novos personagens alteraram o ambiente social do seringal, cujo espaço doméstico passou a contar com a figura da esposa e filhos do seringueiro, situação não percebida na primeira corrente migratória para a região. A presença da família também aliviou a situação de isolamento geográfico ao qual estava condicionado o seringueiro na colocação melhorando o aspecto psicossocial.

4.1 – O BANCO DA BORRACHA E A CADEIA DE AVIAMENTO NO VALE DO ABUNÃ.

Com as crises da economia extrativista da borracha, no período de 1913 a 1940, o sistema de aviamento quase faliu completamente e, muitas Casas Aviadoras e Exportadoras foram obrigadas a fechar as portas. Já no início da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), boa parte das

firmas comerciais que haviam desaparecido começaram a ser reativadas em Belém e Manaus.

A partir dos Acordos de Washington, em 1942, os governos do Brasil e dos Estados Unidos da América – EUA criaram um aparato interinstitucional para controlar a produção, comercialização e a exportação da borracha na Amazônia. E, por meio do Decreto Lei nº 4.451, de 9 de julho de 1942, Getúlio Vargas criou o Banco de Crédito da Borracha, o qual passou a ser subvencionado pela RDC. Esta nova instituição tinha a incumbência de monopolizar todas as operações de compra e venda da borracha nacional. Tinha também as funções de fomentar a produção e realizar as operações de crédito junto aos produtores de borracha na Amazônia. Ao financiar diretamente as empresas que atuavam na área de extração, comércio, industrialização e aviamento dos seringais, a nova agência de crédito da borracha interferiu no antigo sistema de aviamento. A atuação do Banco da Borracha bloqueou definitivamente a ação das Casas Aviadoras de Belém e Manaus que viviam à custa da especulação dos preços no mercado regional. O Banco também monopolizou todo o processo de estocagem (em armazéns próprios), pesagem, corte e classificação da borracha.

Assim, os antigos comerciantes de Belém e Manaus foram excluídos das suas antigas funções. O sistema de aviamento foi desestruturado em sua forma tradicional com a inserção de novos agentes na cadeia de produção e comercialização da borracha. A RDC, a SAVA e o BCB assumiram as funções das antigas Casas Exportadoras e Aviadoras de Belém e Manaus, quebrando assim, o rígido elo da cadeia de aviamento. Pois assim,

Como já foi anteriormente enfatizado, as mais importantes consequências da presença do Banco de Borracha, da Rubber Development Corporation e da SAVA, na vida econômica da Amazônia, foram o afastamento do comércio aviador e exportador do processo de financiamento e de aviamento dos seringais e das operações de recebimento e exportação do produto, tarefas que tradicionalmente incumbiam às firmas aviadoras-exportadoras de Belém e Manaus. (Martinello, 1988, p. 267).

No instante em que a RDC assumiu a responsabilidade de abastecer diretamente os centros de produção da borracha acabou interferindo na rede de aviamento, pois essa agência assumiu os papéis que anteriormente eram de competência dos aviadores de primeira linha. Desta forma, as

grandes casas aviadoras de Belém e Manaus deixaram de financiar a produção da borracha.

Já o Decreto-Lei nº 4.841, de 17 de outubro de 1942, facultava ao Banco intervir nos seringais por meio dos contratos padrão. No entanto, a organização espacial da produção na região e a estrutura interna do seringal não foram alteradas. Na verdade, os seringalistas passaram a receber financiamentos das agências bancárias estatais para a manutenção do tradicional modelo extrativista no interior da produção. Na colocação, o seringueiro continuou sendo explorado pelo seringalista e amarrado pela dívida, resultante da perpetuação das antigas relações de trabalho. Os seringalistas mantiveram os mesmos elementos com suas respectivas funções para controlar o produtor e a produção do centro (seringal). Esse fato pode ser constatado pelo relato do entrevistado PB que foi seringueiro nesta época:

(...) pro seringal. É como se diz o outro aqui (...) eu morava às vezes com duas horas longe do barracão dentro da mata, aquele varador, tudo mais (...). Aquelas colocação com nome fulano de tal, e vai tirar nota (...). O camarada montava em um burro, pegava um bloco de papel e vinha. Chegava na sua colocação e encontrava (...). Aí perguntava “quantos quilos você quer de açúcar, quantos quilos você quer de charque, quanto quer disso, quanto quer daquilo.” E ia anotando (...). Com dois dias chegava aquela viação [mercadorias]. Ali levava o produto (...). Às vezes o senhor tinha borracha, levava às vezes quatro pele de borracha. Levava às vezes seis, às vezes quanto fosse a quantidade. Às vezes tinha muita gente em uma colocação (...). Às vezes um pai de família tirava até dez peles de borracha, por causa da família dele que ajudava. Era assim os trabalhos de dentro do seringal.

De acordo com este relato, percebemos a contribuição da família do seringueiro para o aumento da produtividade da colocação. A mulher e os filhos foram os novos personagens introduzidos nos seringais nessa nova fase da produção que foi impulsionada pela Segunda Guerra Mundial.

A partir do novo surto da borracha, muitos seringais abandonados foram reativados, enquanto outros foram criados em novas áreas de expansão. Com a inserção dos seringais do Vale do Rio Abunã na política do governo a economia extrativa da borracha ganhou novo fôlego, principalmente porque possuía as maiores reservas de seringueiras nativas e extração de látex de melhor qualidade. A região passou a contar com uma organização produtiva controlada pelas agências estatais. As medidas adotadas pelos governos brasileiros e americanos transformaram o

modelo tradicional de aviamiento na Amazônia, pois a ação do Estado intervencionista se fez presente com a criação de novas instituições e normas para controlar o aviamiento.

As amplas atribuições do Banco alienaram as Casas Aviadoras do sistema de financiamento dos seringais, motivando severas críticas das ACP e ACM ao Programa da Borracha, comandado pelos americanos e apoiado pela nova política de Getúlio Vargas. Apesar destas mudanças nos agentes e, funções do sistema de aviamiento no âmbito do seringal, o modelo de crédito seringalista-seringueiro perdurou a revelia do Estado e Agências nacionais e Americanas. O Banco financiava os seringalistas que, por sua vez, forneciam mercadorias ao seringueiro em troca da produção da borracha. Em várias oportunidades o seringueiro recebia seu saldo em dinheiro; sendo assim, o regime de crédito continuou a definir as relações de trabalho nos seringais amazônicos e os seringalistas obtiveram para si os excedentes monetários espoliados dos extratores.

O Banco de Crédito da Borracha também contribuiu para a melhoria da técnica de extração do látex e das relações de produção. O método predatório de corte da seringueira foi substituído por novas técnicas com a introdução da faca amazônica. Em alguns seringais do rio Abunã a presença do Banco possibilitou o acesso do seringueiro ao recebimento de saldo em dinheiro. De acordo com o entrevistado PMR, os seringueiros que conseguiam obter saldo suficiente, poderiam recebê-lo no Banco de outras cidades da região:

(...) porque a quantidade de freguês que ficava aí no fim do ano (...). Quando chegava aí, se era pouco dinheiro, só vinha até aqui. E muitos deles só vinham pra fazer compra. Aí vinha pelo escritório. Aí perguntava pro Seu Brás ou até pro patrão mesmo (...). Aí perguntava, dizia assim “Você vai pra Porto Velho ou vai pra onde?” [Ele respondeu] assim “Seu Otávio eu só quero um dinheiro pra fazer compra aqui”. “Ta bom!” Outros chegava e dizia “Eu vou pra Porto Velho.” E o outro diz “Eu vou pra Manaus.” Aí ele dizia “Você quer receber aqui ou quer receber em Manaus”. Aí muitos dizia “Seu Otávio eu quero um dinheiro só pra passagem daqui pra lá”. Aí pegava, assinava e ia receber o dinheiro lá no banco.

Este tipo de transação bancária foi um avanço para a época, pois alguns seringalistas disponibilizavam uma caderneta/poupança para os seringueiros que possuíam saldo junto à empresa seringalista. Essa facilidade foi confirmada pelo depoimento do entrevistado PB: “É verdade! Agora

tinha outras mais, mas cada um tinha a sua, mas dos patrões mais fortes, era o velho Otávio, era um dos patrões mais fortes (...). E tirava um saldo aqui, e podia ir embora com o dinheiro no banco aonde ele ia morar”. Situação esta também relatada pelo entrevistado ALJ:

(...) verdade que Otávio Reis fazia o seguinte, ele emitia os vale. Pôr exemplo, a pessoa trabalhava com ele, [e] pra não tá pegando dinheiro direto, ele dava um vale. Chegava fim do mês, aqueles comerciantes vinha com aquele vale, e ele pagava né? Debitava o que já estava na conta da pessoa, que já ficava na segunda via né? Aí ele pagava pra eles, mas [o] dinheiro era o mil réis mesmo (...). E ele também tinha carteira de poupança. O cara tinha um saldo, ele não ia levar pro seringal, ele fazia aquela carteira de poupança né? O cara subia pra lá, ia comprar e vender produto pra ele movimentar. Mas ele tinha, por exemplo, hum conto de réis, ele deixava em poupança. Chegava no fim do mês aquilo rendia lá (...). Eu também não sei quanto né?

A presença do Banco contribuiu para aliviar um pouco os conflitos e a violência comuns nas fases anteriores da economia da borracha, porém, não alteraram a condição social de dependência do seringueiro em relação ao patrão, predominando as costumeiras relações de submissão definidas nos regulamentos dos seringais.

Muitos seringalistas obtiveram financiamentos junto ao, recém criado, Banco de Crédito da Borracha para investirem na produção da borracha. Estes investimentos refletiram gradativamente na pauta das exportações da borracha da região.

4.2 - AS RELAÇÕES DE TRABALHO NOS SERINGAIS DO VALE DO RIO ABUNÃ: A CRIAÇÃO DO CONTRATO PADRÃO PELO DEPARTAMENTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO - DNI.

As relações de trabalho nas unidades extrativas foram, tradicionalmente, sempre conflituosas e com maiores prejuízos para o seringueiro-extrator. Este trabalhador, ainda no primeiro ciclo da borracha, esteve sujeito ao regime de toco, cuja violência era a forma empregada pelo seringalista para manter o poder e a ordem nos seringais.

Com a expansão da economia gomífera na Amazônia, no século XX, alguns seringalistas implantaram regulamentos para normatizar as relações de trabalho no seringal. Tratava-se de documentos extra-oficiais e unilaterais criados pelos seringalistas para arbitrar os deveres dos seringueiros. Estes regulamentos serviam apenas para impor restrições e penalidades quanto às

faltas ou desobediências dos seringueiros junto à organização do trabalho no seringal. Como exemplo, temos o conhecido Regulamento do seringalista Octávio Jacome dos Reis , que foi escrito e publicado, em 1934, pela Editora Livraria Escolar de Porto de Oliveira e Cia de Belém do Pará, época de crise da economia gomífera. Este Regulamento Interno dos Seringais tinha as seguintes diretrizes gerais para os trabalhadores:

- a) Todos os trabalhadores dos seringais devem obedecer fielmente o regulamento da Casa Aviadora;
- b) Devem cumprir seus deveres conforme suas funções de trabalho;
- c) Devem seguir os princípios de justiça, honestidade e igualdade;
- d) Devem viver em paz com amor e harmonia;
- e) Devem tratar seus subordinados com bom humor, paciência, serenidade, delicadeza, confiança e respeito;
- f) Devem zelar pelos interesses gerais e engrandecimento da Casa Aviadora;
- g) Devem trabalhar com organização e ordem;
- h) Devem ter responsabilidade quanto ao patrimônio da Casa sob a sua tutela;
- i) Devem produzir para terem fartura e satisfação na vida;
- j) Devem controlar sua contabilidade diminuindo as despesas e aumentando as receitas;
- k) Devem manter limpos seus ambientes de moradia e trabalho;
- l) Devem ser fieis aos pesos e medidas;
- m) Devem ter atenção para não se enganar nem a favor nem contra a casa;
- n) Devem tratar bem os animais;
- o) Devem respeitar as ordens e fazer o serviço que lhe for designado.

O Regulamento original da Casa Aviadora de Octávio Reis definia os pormenores dos deveres de cada trabalhador de acordo com sua função na empresa seringalista. Enfatizava os deveres do seringueiro quanto ao cumprimento dos compromissos perante a Casa Aviadora. Assim o extrator deveria (alínea “c”):

Trabalhar em borracha, cortando e colhendo as suas estradas 4 dias na semana, notando que este trabalho lhe proporciona o seu bem estar e agrada à casa, que é estabelecida para produzir borracha, contando tão somente com a sua cooperação que, falhando, falham também todos os cálculos e esperança que se tem numa certa produção, encarecendo desse modo a vida nos seringais, consequência prejudicial para si e para quantos nelle habitam. Deve ter em consideração que quando vem para os seringais e se colloca como extractor, é para produzir borracha. Se o seringueiro adoptasse trabalhar quatro dias por semana em borracha, empregando o restante dos dias noutro mister, seria um homem rico. (Benchimol, 1977, p. 236).

Nas entrelinhas do documento ficou patente a grande preocupação do seringalista quanto ao bom funcionamento da engrenagem da empresa, principalmente quanto à produtividade do

seringueiro, ficando clara a importância do trabalho e a produtividade do seringueiro para a sobrevivência da Casa Aviadora. Para o seringalista, o bom produtor contribuía para a prosperidade da empresa seringalista e, conseqüentemente, para a melhoria da sua própria qualidade de vida.

No cotidiano dos seringais era corriqueira a utilização das expressões “bom produtor” ou “freguês bom” para o indivíduo que produzia e obtinha saldo e, que seguia regularmente as normas da Casa Aviadora. Nos seringais do rio Abunã se utilizava a denominação de “dono da balança” para o seringueiro que reconhecidamente apresentava regularmente maior produção de pélas. No relato da seringueira VRS, ainda residente em Fortaleza do Abunã:

(...) é que tinha o freguês bom escolhido (...). Olha, lá na Extrema tinha os freguês melhor que tinha, mais trabalhador que fazia mais produto. Todo fim de ano tinha um prêmio dado pela casa [aviadora], pelo Seu Otávio. Ele tinha uma espingarda nova ou era um revolver, ou era um terno. Qualquer coisa do mais caro que tinha, que ele dava. Aquele que fabricava mais, que fazia mais borracha, era o dono da balança. Nós chama o dono da balança. Nos outros depósitos não tinha não, mas no de Extrema tinha. Lá tinha Colônia (...).

O “dono da balança” era, geralmente, recompensado com um prêmio instituído pelo seringalista para o extrator que apresentasse maior produtividade. Por outro lado, o seringueiro de baixa produtividade era rotulado de “freguês ruim”. De acordo com o mencionado Regulamento, no item ‘Deveres a que está sujeito o extrator’ em seu artigo “e”, o seringalista tinha exclusividade na compra dos produtos de seus seringais e, o extrator tinha a obrigação de fazer as suas transações somente com o depósito onde trabalhava, conforme descrito por Benchimol (1977):

(...) Fazer as suas transações somente com o deposito onde trabalha para engrandecimento deste, e não o fazer com outro deposito, mesmo que seja da mesma firma, muito menos com pessoas estranhas à casa. Entretanto lhe é permitido, ao ir para os seringaes, levar para o seu uso tudo que julgue conveniente, excepto bebidas alcoólicas que é terminantemente proibido nos seringaes.(Benchimol, 1977, p.236).

Desta forma, não era permitido ao extrator vender sua borracha ou castanha para outras Casas Aviadoras ou Regatões da região. Sem alternativas, o extrator era obrigado a fazer suas compras na loja do seringalista-patrão. Como o seringueiro não dispunha de dinheiro todas as suas despesas eram lançadas em sua conta corrente, conforme relato do entrevistado PMR:

(...) e se às vezes o freguês não tinha dinheiro ele dizia “Seu Otávio eu tô precisando de dinheiro. Tô precisando comprar tal coisa, isso, aquilo outro e não tenho dinheiro”. Pega,

assinava, “taí vá lá fazer compra na loja”. Aí ele assinava aquele cartãozinho e o freguês comprava o que precisava, o que queria. Aí ia pagar no seringal, ia à conta pra lá.

Apesar de o regulamento ser constituído de princípios que orientavam os trabalhadores para o exercício da boa conduta na vida e no trabalho, também apresentava normas punitivas quando cometessem alguma infração. Caso o seringueiro fosse flagrado negociando com terceiros era de competência dos gerentes encarregados dos depósitos (artigo “d”) tomar as devidas providências, tais como:

Demitir e admitir empregados, quando preciso for, collocar e descollocar extractores, e para descollocar é preciso que o extractor por treis vezes tenha infringido o regulamento a que está sujeito, fazendo-o com justiça e imparcialidade, é não por qualquer vingança fútil, ou para proteger a um terceiro.

Como vimos, o seringueiro infrator do regulamento corria o risco de ser expulso da sua colocação, enquanto o bom produtor poderia receber recompensas. Esta situação era bastante comum nos seringais da região, pois, segundo a entrevistada VRS, o extrator que negociasse clandestinamente com os regatões poderia ser repreendido pelo gerente do seringal: “(...) Tinha patrão que não reclamava não, mas o gerente ia lá e, ‘ixi Maria’! Se pudesse brigava (...) Se fosse um freguês ruim ficava fora da colocação (...)”.

No entanto, o seringueiro não era expulso da colocação na primeira infração ao regulamento, pois tinha a oportunidade de se redimir junto ao patrão. Por esta razão, o regulamento previa a infração por três vezes seguidas. A advertência servia de alerta quanto aos possíveis prejuízos que o seringueiro poderia ter ao ser expulso do seringal. Caso isto ocorresse, o seringueiro dificilmente seria aceito em outra colocação, principalmente se o seringueiro estivesse em débito com o barracão, conforme relato do entrevistado RMS:

(...) também cê não tinha facilidade de se mudar pra outro [seringal]. Cê se mudasse dum (colocação), dum seringal pra outro, era o maior do obstáculo pro cê trabalhar lá no outro [seringal]. Cê tinha que levar [a] conta corrente, o quê que produzia, o quê que tu fazia, se tirou saldo ou não. Eles [guarda livro ou gerente] butavam tudim. Se tu chegasse lá sem a conta, não trabalhava não. Era uma identidade, ali aquele negócio (...).

O patrão criava inúmeros obstáculos para evitar a mudança do seringueiro para outro seringal, pois, este não poderia abrir mão da força de trabalho do extrator, considerando-se a

escassez de mão de obra na região. Perguntamos ao entrevistado RMS, se ocorria à possibilidade do seringueiro manifestar ao patrão a sua vontade de sair do seringal, este afirmou:

Acontecia. Se não divia eles [falavam] “êh rapaz dá teu jeito aí!”. Se [você] tinha um saldim miado ele te pagava, mas se tu tava devendo cê não podia sair, só quando pagar. Se ocê saísse sem pagar, ele avisava pro outro [seringalista] lá num dá trabalho pra ti que ficou devendo, ou então ía ficar com ele [novo patrão]. Se ocê garantir [pagar] a conta pra poder ficar com ele (...).

Quando perguntado se esta condição ocorria com todos os seringalistas, o mesmo respondeu:

Com todos, todos, acontecia com todos! O caba [seringueiro] que não produzia era difícil de arranjar uma vaga. Saía (assim, sem levar a) conta corrente pra saber [o]que tu [seringueiro] deveu, ô tava devendo, o quê que produzia. Só recebia lá no outro, se ocê levasse a conta corrente. Se não levasse, chegava lá ocê era um atôa (...).

Por meio do regulamento, o seringalista dificultava a mobilidade do extrator que dificilmente seria aceito por outro patrão sem o prévio acerto da conta corrente. Assim, “(...) O regulamento é impiedoso: Qualquer freguês ou aviado não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais” (Santos, 1980, p. 167).

Foi com a preocupação de melhorar as relações entre patrão e empregado nos seringais da Amazônia que o Departamento Nacional de Imigração – DNI criou, em 1943, o Contrato Padrão de Trabalho, a partir do novo contexto político e econômico da produção gomífera. O novo contrato buscou superar a forma de tratamento característico dos antigos regulamentos dos seringais a partir de normas que amenizaram a condição de exploração do trabalho do seringueiro. Por outro lado, o Contrato Padrão objetivava resguardar os direitos dos seringueiros e clarificar os seus deveres. Desta forma, o novo contrato foi estabelecido pela SEMTA e DNI, assim descrito:

1ª – O seringalista se compromete a:

a) a entregar ao seringueiro as estradas arrendadas em estado que permita sua exploração e auxiliá-lo na construção da barraca e defumador, que ficam, todavia, pertencente ao seringalista, independentemente de qualquer indenização;

b) adiantar ao seringueiro: I - gêneros alimentícios, peças de roupa e medicamentos de uso comum até a importância de Cr\$ 150,00 por mês; II - utensílios e ferramentas necessárias aos serviços de extração do látex e outros, inclusive armas e munição de caça.

2º - Os fornecimentos referidos na letra b da cláusula primeira não constituem operações de compra e venda não sendo permitido sobre o valor dos mesmos qualquer acréscimo que represente lucro; e à proporção que forem sendo realizados serão lançados na CADERNETA do seringueiro.

3ª _ O seringueiro se compromete a trabalhar seis dias por semana, quer época apropriada à extração do látex; no que empregará todo o esforço possível para obter uma produção máxima, quer no período de entre-safra, quando deverá se ocupar de outros misteres dentro do próprio seringal, a juízo do seringalista, mediante salário diário mínimo de 7 (sete) cruzeiros com comida ou 10 (dez) cruzeiros sem comida.

4ª - Toda borracha produzida será entregue ao seringalista e só poderá sair do seringal devidamente marcada, e pela barraca ou porto que o seringalista determinar.

5ª - A infração da cláusula anterior importa em fraude, sujeita a ação policial, inclusive apreensão do produto e procedimento criminal que no caso couber.

6ª - Da borracha produzida pelo seringueiro ser-lhe-á creditado, pelo seringalista, logo que a mesma for vendida, o valor correspondente a 60% (sessenta por cento) no mínimo sobre o preço oficial das praças de Manaus ou Belém, onde deve ser negociada, depois de classificada, não se computando qualquer despesa ou frete, seguro ou impostos, taxas, comissões, etc. que recairão sempre sobre o seringalista.

7ª - O seringueiro poderá cultivar livre de qualquer ônus, um hectare de terra, ficando expressamente proibida a destruição de castanhais ou seringueiras.

8ª - Os animais abatidos pelo seringueiro, em caçada, pertencer-lhes-ão, bem como as respectivas peles.

9ª - Além dos elementos indispensáveis à identidade do seringueiro, serão feitos, obrigatoriamente, na CADERNETA, todos os lançamentos de débitos, relativos aos fornecimentos de mercadorias, utensílios, ferramentas, armas, etc., sujeitos a comprovação do seu custo e despesas; e a crédito e percentagem correspondente à borracha entregue, mediante apresentação da respectiva conta de venda.

10ª - O seringueiro não poderá abandonar os serviços ou passar para o seringal pertencente a outro seringalista, sem liquidar integralmente as suas contas e obrigações decorrentes do presente contrato, salvo, todavia, se o seringalista com quem pretende trabalhar assumir, como fiador, a responsabilidade do débito acaso existente, ou pagá-lo imediatamente ao credor, se este assim o preferir.

11ª - A solução dos conflitos que ocorrem entre os contratantes, caberá à Justiça do Trabalho.

O Contrato Padrão apresentou poucos avanços enquanto proposta legal para amenizar as relações de trabalho entre seringueiro e seringalista, considerando que o primeiro teria algum benefício em relação à realidade imposta no regime de trabalho anterior. Assim, de acordo com a cláusula 6ª (sexta) do novo Contrato Padrão algumas vantagens foram propostas ao seringueiro, como o crédito de 60% (sessenta por cento) no mínimo sobre o preço da borracha vendida, livre de encargos que passaram a ser de responsabilidade do seringalista.

Em relação aos dias de trabalho, descanso e destinado para outras atividades tecemos a seguinte comparação. Conforme o que estava previsto no regulamento de Octávio Reis, o seringueiro poderia trabalhar quatro dias da semana na extração da borracha, destinando o restante do tempo para outras atividades. Já no Contrato Padrão o seringueiro deveria trabalhar seis dias da

semana com direito a um dia de descanso. A força de trabalho era exclusiva à produção da borracha; e o seringueiro somente poderia dedicar-se a outra atividade na entressafra, mediante um salário. Tanto no primeiro como no segundo caso, o seringueiro não teve motivação e disposição para desenvolver outras atividades, principalmente devido ao desgaste proporcionado pelo trabalho exaustivo dos seringais.

O Contrato Padrão foi criado sem oposição dos seringalistas. A aparente aceitação do novo documento por parte dos seringalistas se justificava pela dependência que os mesmos tinham em relação aos órgãos fomentadores das atividades nos seringais. Os seringalistas haviam contraído empréstimos e recebido subsídios e deveriam dar a impressão que concordavam com as novas normas e instrumentos introduzidos pelos órgãos nacionais e agências americanas. Na prática, o Contrato Padrão não funcionou, pois a vida no seringal permaneceu como antes. Em outro sentido, não compensava aos produtores de borracha contrariar as autoridades e instituições governamentais, pois essa situação poderia resultar no corte de subsídios futuros.

O Contrato Padrão, em sua concepção original, permitia a interveniência do Estado na fiscalização de sua aplicabilidade e na conciliação de possíveis conflitos entre os contratados. Esta tarefa era de competência do Banco de Crédito da Borracha que pouco pode fazer a esse respeito. O contrato apresenta um conteúdo bastante genérico não explicitando claramente as normas que regulamentam os direitos e deveres do seringueiro. Esse trabalhador, por ser na maioria das vezes analfabeto, não compreendia muito bem as normas estabelecidas no contrato. Também, por ser um contrato uniforme, não considerava a singularidade geográfica regional, cujas distâncias e dificuldades de acesso (transportes) aos grandes vales influenciavam no regime de trabalho estabelecido nos seringais, sendo o isolamento geográfico do extrator, fator preponderante a sua condição de dependência em relação ao patrão.

Apesar das boas intenções em sua concepção, como era de se esperar, o Contrato Padrão não contou com a participação efetiva dos seringueiros. O seu conteúdo não reflete a realidade e os

verdadeiros anseios dos seringueiros e soldados da borracha da Amazônia. Na verdade foi um documento criado em gabinete, a partir da visão e interesses dos homens detentores do poder político e econômico e, a empresa seringalista não poderia caminhar na contramão da política trabalhista nacional proposta pelo populista Getúlio. Mesmo a indicação da Justiça do Trabalho (artigo 11º) para solucionar os possíveis conflitos entre os contratantes, não dava segurança aos extratores para denunciar a exploração de trabalho a que estavam sujeitos. O ambiente físico e social do seringal intimidava o trabalhador que, sob uma atmosfera psicossocial opressiva, não tinha coragem de denunciar os patrões, somado às grandes distâncias dos grandes centros com uma limitada presença do Estado e de suas instituições judiciárias, não garantiam ao trabalhador a segurança necessária para reivindicar seus direitos trabalhistas, mesmo porque, como já foi dito, o coronel de barranco detinha amplos poderes políticos e econômicos e exercia plenamente sua territorialidade na região.

As cláusulas que definiram as obrigações dos seringalistas são reduzidas e sem indicação de penalidades ou sanções pelo não cumprimento das mesmas por parte do seringalista, enquanto que os deveres dos seringueiros são claros e com indicação de sanção na lei penal. Em apenas duas cláusulas são indicados os compromissos do seringalista, enquanto que as obrigações e direitos dos seringueiros são apresentados no restante do Contrato Padrão.

O Contrato Padrão foi uma tentativa de equiparar a realidade das relações de trabalho na economia extrativista, nos moldes das leis trabalhistas criadas pela política do trabalho industrial urbano de Getúlio Vargas. Bem como, uma resposta às pressões dos órgãos americanos, que pretendiam amenizar as relações de trabalho conflituosas imperantes nos seringais. Os americanos acreditavam que o estabelecimento de normas poderia evitar a opressão dos coronéis de barranco sobre o seringueiro.

Mas, as cláusulas que impunham restrições aos seringueiros definiam questões chave para a manutenção do antigo regime de trabalho e, a consequente dependência do extrator em relação ao

patrão. Algumas contradições são visíveis, impossibilitando a autonomia do seringueiro e, impedindo seu acesso às vantagens propostas no próprio Contrato Padrão.

Apesar dos limitados avanços práticos que representou o Contrato Padrão para a condição social dos seringueiros e soldados da borracha, na época, sofreu forte oposição das Casas Aviadoras de Belém e Manaus. Estas empresas temiam o desmantelamento definitivo do sistema de aviamento com a introdução dos mencionados contratos. Acreditavam que os direitos e vantagens estipulados nos contratos afetariam diretamente o regime de trabalho nos seringais e, consequentemente, reduziriam os lucros sobre os quais se mantinham alicerçados os poderes das classes comerciais de Belém e Manaus. As novas normas poderiam possibilitar a liberdade e a autonomia do seringueiro em relação à rede vertical de aviamento.

Foram muitas as manifestações da Associação Comercial de Manaus-ACM e Associação Comercial do Pará-ACP na imprensa regional contra a implantação do Contrato Padrão e alterações no antigo sistema de aviamento impostas pelos novos órgãos do governo brasileiro. Conforme Martinello (1988), em algumas das situações, os aviadores e os seringalistas foram colocados como as verdadeiras vítimas:

Não foi necessário gastar muita tinta, nem engendrar outras justificativas e racionalizações para inocentar o seringalista e demais aproveitadores da cadeia de aviamento. O próprio andamento natural das coisas, coadjuvado pela geografia amazônica de distâncias impraticáveis, mas a falta de competência e apetência dos órgãos encarregados da fiscalização, inviabilizaram por completo a aplicação e o cumprimento desse contrato nos seringais, durante a guerra. (Martinello, 1988, p. 256).

Apesar da fiscalização quanto ao cumprimento dos contratos serem de competência do Banco da Borracha, esta instituição não tinha meios viáveis de executá-la. Para operacionalizar uma fiscalização satisfatória seria necessário mobilizar uma estrutura administrativa com recursos físicos e humanos, o que, na época, estava fora da realidade. Isto sem considerar as grandes distâncias dos seringais em relação às autoridades e representantes administrativos e gerências do Banco. Existia também o fator psicológico, pois o seringueiro tinha noção ou consciência da sua condição de dependência em relação aos poderes econômicos, políticos e policiais constituídos, principalmente

das notícias de violência sofridas por aqueles que tentaram desafiar a ordem estabelecida pelos coronéis de barranco de seringais. O extrator sabia de suas limitações e fraquezas para contrariar os donos do poder, principalmente do apoio que os seringalistas tinham dos políticos e governantes da região. Mesmo sabendo que estavam sendo explorados, na maioria das vezes, não tinham coragem de manifestar suas insatisfações quanto ao repressivo regime de trabalho no seringal.

A violação dos contratos padrão se tornava patente pela generalizada situação de endividamento dos seringueiros, na maioria dos seringais amazônicos. Muitos extratores apresentavam saldos negativos nas suas cadernetas. A contabilidade, na maioria das vezes, era desfavorável ao seringueiro, apesar da ampliação dos financiamentos e fomentos dos produtores da borracha, proporcionado pelo governo por meio dos órgãos criados para tal fim.

Os seringueiros dificilmente poderiam obter saldos positivos, pois as mercadorias que recebiam dos seringalistas eram bastante oneradas em relação ao mercado de origem. Em relação à sobrevalorização das mercadorias para o aviamento dos seringueiros, o colaborador RMS relatou o seguinte: “(...) Isso, era isso! Os centais que eles cobravam era sem limites, cada um botava o seu. E aí, ainda tinha, em alguns lugares um guarda livo ou um gerente daquele que puxava o saco, e butava mais, e! (...)”

Diante deste relato entendemos que, na verdade, o seringueiro ainda se encontrava preso em um sistema que cerceava sua liberdade e autonomia. De acordo com o entrevistado citado acima, o objetivo do seringalista era segurar o seringueiro na colocação: “É, eles tiravam o quanto pudesse, pra ele não sair da produção.”

O segredo estava nas mãos de quem controlava os preços das mercadorias, pois os patrões tinham conhecimento do preço da borracha no mercado e a capacidade média de produção de cada seringueiro. A partir destas informações, o seringalista poderia manipular a situação, mesmo que o seringueiro em conformidade com as vantagens contidas no contrato padrão fosse creditado com um bom percentual em relação a sua produção, levaria desvantagem na contabilidade final. O saldo

devedor, na maioria das vezes, era maior que o saldo credor. Para Santos (1980):

(...) “Estar em débito” significava apresentar saldo devedor nas contas do seringalista. Com efeito, nos níveis intermediários e mais baixos, a cadeia do *aviamento* lançava mão de anotações mais ou menos grosseiras, a título de contabilidade. (...) Na posse de uma contabilidade que não podia ser fiscalizada e que se tornava indiscutível para a outra parte, o seringalista detinha a possibilidade de fazer os números dançarem ao compasso de seus interesses. (Santos, 1980, p. 166).

A venda de medicamentos superfaturados, por exemplo, era um artifício utilizado por alguns seringalistas para aumentar o saldo negativo do seringueiro. Esta prática contrariava as normas vigentes no Contrato, pois, de acordo com o mesmo, o extrator deveria receber assistência médica gratuita, considerando ainda que, o ambiente insalubre, associado à escassez de assistência médica, contribuía sobremaneira para o agravamento desta situação. Os medicamentos para o tratamento do impaludismo eram os mais valorizados na região.

Parece que os comerciantes de Belém e Manaus tinham plena certeza da inaplicabilidade dos contratos nos seringais, pois a liberdade do seringueiro resultaria na eliminação do elemento chave, sustentáculo da rede de *aviamento*. Apesar da inicial oposição à implantação dos contratos não acreditavam na sua eficiência e concretização nos seringais. Quando indagamos o entrevistado RMS (ex-empregado de Octávio Reis) sobre a existência de algum documento ou contrato assinado entre patrão e seringueiro, este respondeu:

Tudo verbal, sem documento de nada, tudo verbal! Cê chegava [a] pedí colocação, ele [seringalista] te dava. Aí tu tinha que preparar lá a colocação, limpar tudo, fazer barraco. Uns pagava metade daquele serviço e outros não. [O seringalista] pegava e dizia que aquilo era seu, era pro cê trabalhar. E daí tu ía trabalhar nas condições que ele quisesse. Só pagava a borracha tanto e pronto.

Esse trabalhador (remanescente dos seringais) reconhecia que os investimentos dos seringalistas em mercadorias eram elevados, mas compreendia que seus preços eram superfaturados:

A despesa dele [seringalista] era grande, mas [o seringueiro] achava demais os aumentos. Cê inda era obrigado o ficar com mercadoria variada. Não, não tinha outra. Os defeitos? Tinha um pouco de farinha mofada, açúcar molhado, essa coisa. Não tinha que reclamar não, não tinha pra onde cê correr. Cê não podia comprar noutro patrão, só no seu (...).

No entanto, nem todos os entrevistados estavam insatisfeitos com seus antigos patrões,

pois os consideravam chefes prestativos e preocupados com os seringueiros, o que pode ser comprovado com o depoimento de PB (ex-barqueiro): “(...) o senhor Otávio era uma pessoa muito prestativa, eu trabalhei com ele. Ele morreu em cinquenta e nove. Eu estava lá no seringal, em Montiné (...)”.

No entanto, quando indagamos ALJ quanto às relações entre patrão e empregado no seringal, no contexto do aviamento e a possível situação de exploração e violência contra o extrator, respondeu:

Não, não. Quando ele é um bom seringueiro, ele tirava saldo e recebia o saldo dele. E ele fazia o que ele queria. Tinha deles essa rotina de vida. Tinha deles que progredia, tinha deles que não, né? Agora sob essa situação [o] que eu vejo, vi muita gente falando e é completamente errado. Num existia isso que o patrão matava o seringueiro pra ficar com o saldo, isso nunca existiu. Na verdade o que eu sei contar, porque eu fui seringueiro e fui patrão. O patrão era verdadeira vítima. Olha, ele pegava uma pessoa sem ter nada (...). Hoje se fizer isso morre, qualquer um. A pessoa se acaba na primeira lapada.

Como percebemos, o entrevistado considerou que o seringalista era a verdadeira vítima em razão dos riscos e compromissos que assumia na instalação de seringais. A despeito dos custos da empresa seringalista, Santos (1980) ressaltou o alto investimento do seringalista para a mobilização da mão de obra para a região até sua colocação no seringal:

(...) Havia um custo de mobilização nada baixo, e até que o seringalista conseguisse transferir para o imigrante esse custo, em nome de “passagens”, “hospedaria” e “manutenção”, tinha que incorrer nos juros do capital empatado; se acontecia de o imigrante com “saldo devedor” morrer ou fugir, a recuperação das despesas mostrava-se impossível, e este risco fazia apelo a maior volume de capital. (Santos, 1980, p. 113).

O bom seringueiro era aquele que produzia e trabalhava conforme as normas e expectativas do seringalista. No entanto, o mesmo entrevistado, que ascendeu de seringueiro a patrão, admitiu que:

(...) às vezes acontecia de morrer, de matar (...). Acontecia isso, mas não porque o patrão não quisesse pagar, por causa de (...). É porque onde tem muita gente sempre tem os violentos, né? Tinha pessoa que fazia uma borracha grande que num era possível colocar em cima de um animal. Pra tirar ele [seringueiro] exigia que ele [aviador] tirasse e que não cortasse aquela borracha, e que não violasse ela, essas coisas toda (...). E aí aconteceu, eu vi, assisti isso. Eu vi gente morrer por causa disso (...). É porque o cara não podia tirar a balança [do barco] não, [era] pesada, não tinha como pesar. Ele [aviador] mandava cortar e pesar os pedaços dela [pela de borracha] e lá ia a confusão, e morria gente por causa da incompreensão. Mas o [seringalista] sempre foi mais vítima do que o seringueiro.

Quando perguntamos ao entrevistado JLJ como funcionava a relação do seringueiro com o

seringalista, respondeu:

Era boa, era uma animação danada. Quando era no dia de festa [o] patrão fazia uma festa no barracão e saía a seringueirada toda, era uma animação danada era (...). Vivía em harmonia, ninguém via o negócio de matar ninguém, nem brigar não, era bom. E os empregados a mesma coisa. E cada patrão tinha uma porção de empregados no seringal, tinha comboeiro, tinha ajudante de comboeiro. Vinha [o] povo que trabalhava na roça (...) que cada seringalista tinha sua colônia de roçado (...).

As opiniões são variadas e de acordo com a posição de cada sujeito na hierarquia do seringal. Alguns entrevistados tiveram a experiência de atuar em diferentes funções e atividades do seringal: regatão, prático de embarcações, seringueiro, comboeiro, noteiro, comerciante varejista, seringalista e etc. Às vezes ascendiam de seringueiro a regatão, de regatão a comerciante varejista, de seringalista a proprietário de Casa Aviadora nos centros regionais.

Porém, estão implícitas em seus relatos, as influências relativas ao tipo de interesse e relações estabelecidas com os diversos agentes e atores da sociedade seringalista. Estes discursos são convenientes ao grau de parentesco, apadrinhamento ou proximidade do sujeito em relação aos detentores do poder político, econômico e social na época de existência do sistema de aviamento na economia extrativista.

4.3 – A IMPORTÂNCIA DO SISTEMA DE TRANSPORTES PARA A PRODUÇÃO DA BORRACHA NO VALE DO RIO ABUNÃ.

Desde o primeiro ciclo da borracha (1890-1912) os investimentos no setor de transportes foram indispensáveis para acompanhar o aumento da demanda pela borracha no mercado internacional. No período de 1870 a 1913, foram significativos os capitais das empresas estrangeiras no setor de transportes e nas transações comerciais de importação e exportação na Amazônia. Também foram construídos inúmeros portos para dar suporte aos navios de grande calado e movidos com energia a vapor, provenientes do exterior (Cf. Figura 13).

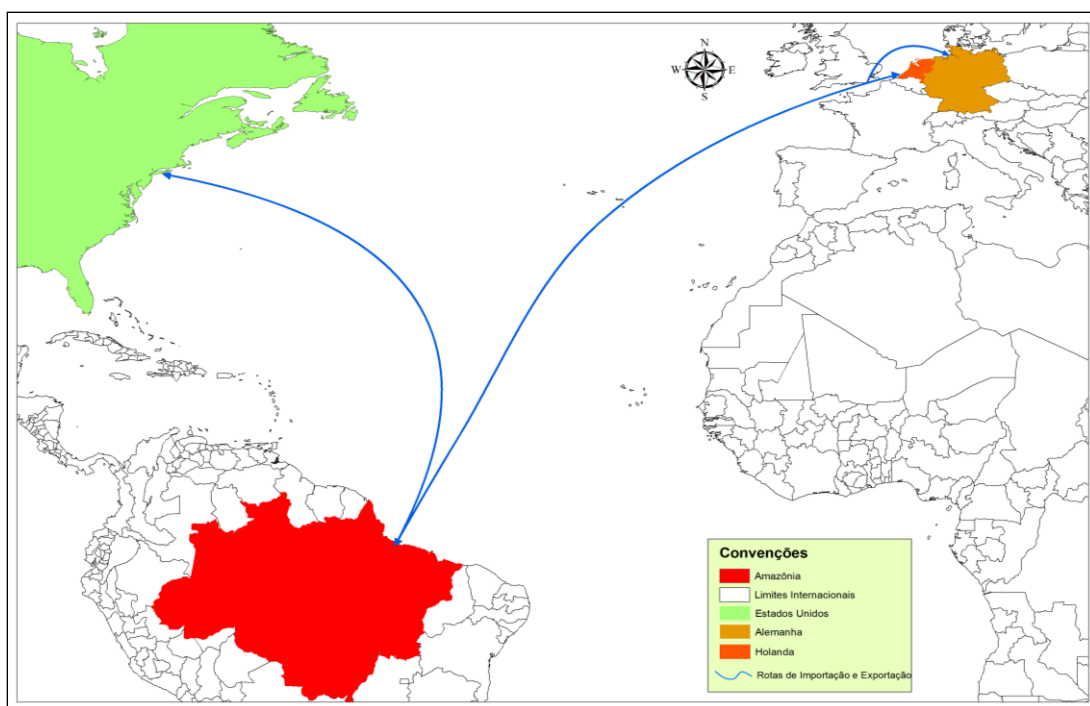


FIGURA 13 - Rota de Circulação Internacional de Exportação da Borracha Até 1942. Org. José Rubisten da Silva. Desenho Cartográfico: Michel Watanabe, 2009.

As casas aviadoras da Amazônia investiram em embarcações compradas da Inglaterra, EUA e Holanda e apropriadas à navegabilidade do grande Vale Amazônico. As gaiolas foram bastante utilizadas no transporte de passageiros e mercadorias das inúmeras linhas da rede fluvial. Esta rede tinha como ponto inicial a cidade de Belém do Pará com rotas principais nas cidades de Manaus, Porto Velho e Rio Branco. Estas linhas regulares permitiam a conexão dos longínquos seringais com as principais cidades da Amazônia.

A partir de 1907 uma infraestrutura de transportes foi necessária para o escoamento da produção da borracha e o abastecimento dos seringais localizados nos vales do Abunã, Mamoré, Guaporé e o território da Bolívia. A região do Alto Madeira recebeu investimentos de capitais ingleses e, posteriormente, americano com a finalidade de construir o Complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM). Esta via férrea estava conectada ao sistema de circulação fluvial da Amazônia, representada por uma rede interdependente de portos, embarcações de variados modelos e calados. A rede fluvial era formada pelos rios Amazonas, Madeira, Mamoré, Guaporé e

Abunã. O rio Amazonas, por sua vez, estava interligado ao circuito internacional de transportes transatlântico composto de navios movidos com energia a vapor, monopolizados por grandes companhias de navegação internacional. A implantação destes sistemas técnicos contribuiu para a definição de um novo padrão espacial da região, pois, segundo Cabral (1996):

(...) os transportes constituem-se como vetores estruturantes do modelo de economia tradicional e têm tido, historicamente, as funções de organizar espacialmente as sociedades e seu inter-relacionamento, bem como o de permitir o exercício, por intermédio delas, dos poderes econômicos e políticos (Cabral, 1996, p. 255).

Desde 1918, Fortaleza do Abunã se constituía como um espaço estratégico para a navegação e circulação de mercadorias do Brasil e da Bolívia. Foi um importante entreposto fluvial, cujo porto dava suporte às embarcações brasileiras e bolivianas que exploravam os seringais do Vale do Abunã. Em 1918, o Jornal Alto Madeira registrou a entrada e a saída de embarcações no Porto de Fortaleza do Abunã:

Movimento do porto de Fortaleza do Abunã, lado de cima da cachoeira, no mez de Agosto último. Entradas, 14 embarcações, sendo: 6 lanchas e 8 motores; 9 bolivianas e 5 brasileiras. Subidas, 15 embarcações, sendo: 5 lanchas e 10 motores; 9 bolivianas e 6 brasileiras (Jornal Alto Madeira, 07/09/1918).

Tratava-se de um espaço em que os seringalistas construíram a sede de seus barracões e as barreiras naturais do rio Abunã impediam a passagem das embarcações de maior calado. Para a superação destes obstáculos foi organizada uma estrutura de transportes de apoio ao desenvolvimento da rede de aviamento, viabilizando assim o escoamento da produção gomífera do Vale do Rio Abunã. O sistema viário se alternava em uma rede de circulação fluvial que recebia a produção de borracha dos seringais do Vale do Rio Abunã até alcançar o vilarejo de Fortaleza do Abunã, onde se localizavam os principais barracões ou armazéns de mercadorias de propriedade dos seringalistas mais abastados. A partir daí, a produção era levada para a Estação do Abunã, onde o trem pernoitava, recebia novas cargas e deixava as encomendas (Cf. Figura. 14)



FIGURA 14: Antiga Locomotiva e Estação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em Abunã, Distrito de Porto Velho. Fotos: José Rubisten da Silva, 2009.

A implantação da Estação do Abunã possibilitou o surgimento de pequenos aglomerados populacionais e atraiu inúmeros comerciantes e trabalhadores estrangeiros. Conforme mencionou Valverde (1979):

Algumas estações, com tudo, dada a sua posição geográfica privilegiada, em confluência ou na proximidade de rios cujos vales eram ricos em ocorrência de hévea, possuíam o maior número de moradias, casas de comércio, armazéns para a estocagem de borracha e artigos de importação. Estão neste caso as de Jaci Paraná e Mutum- Paraná, junto à confluência dos rios de mesmo nome; Vila Murtinho, na foz do rio Beni, e Abunã, próxima à confluência do rio homônimo. (Valverde, 1979, p. 62).

As mercadorias para o aviamento dos seringais provinham principalmente de Belém e/ou Manaus, em navios a vapor, através do rio Amazonas até aportar no porto de Porto Velho, no Rio Madeira (Cf. Figura15). A partir desta cidade onde se encontrava a primeira Estação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM eram novamente embarcadas na locomotiva, passando por diversas estações que tinham como ponto final a cidade de Guajará Mirim.

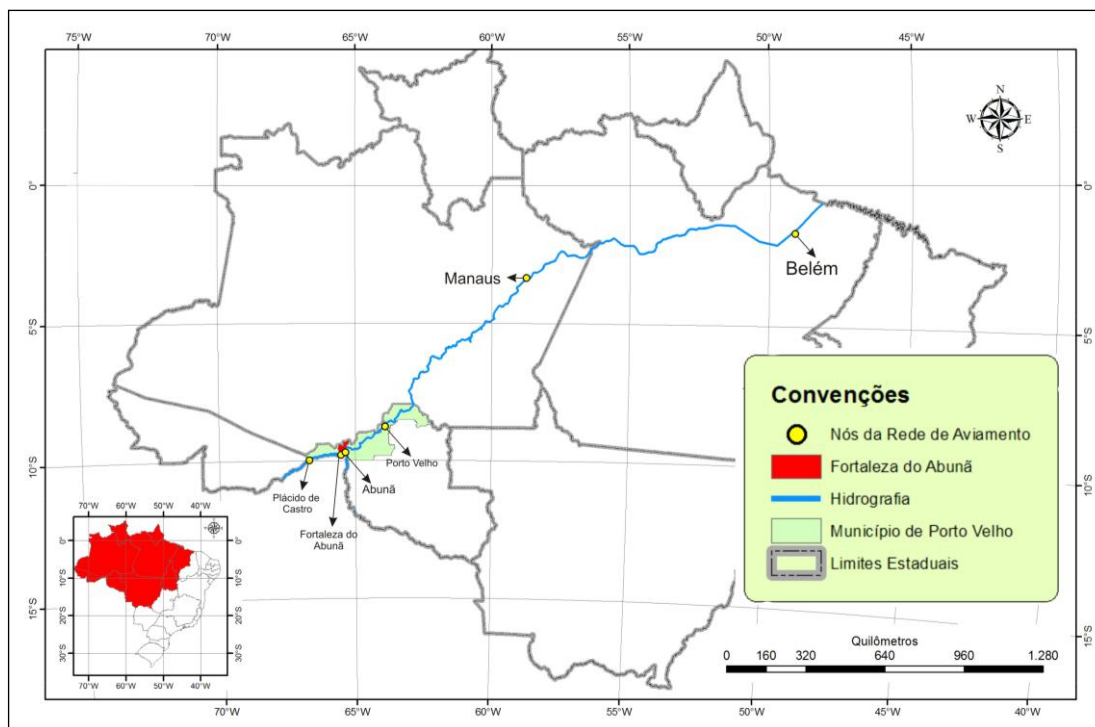


FIGURA 15 – Rota de Circulação Fluvial da Rede de Aviação da Borracha na Amazônia. Org. José Rubisten da Silva. Desenho Cartográfico: Michel Watanabe, 2009.

As mercadorias para o abastecimento dos seringais localizados nos territórios do Acre e Bolívia eram desembarcadas na Estação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, na Vila do Abunã. Nesta estação, após as mercadorias serem descarregadas do trem eram depositadas em um armazém apropriado (Cf. Figura 16). Às vezes, quando o armazém estava muito cheio se fazia necessário deixar as mercadorias nos vagões do trem. Esta situação foi relatada pelo entrevistado PB:

Eu não trabalhava em seringal, quer dizer que tudo pertencia ao seringal, mas eu trabalhava tirando água do batelão e carregando peso. Nós íamos buscar mercadoria na vila do Abunã, aí onde para o trem. Deixava a mercadoria de todos os patrões que moravam pra cá, deixava nos armazéns (...). E quando os armazéns estavam muito cheios, ficava nos vagões. Ficava às vezes nos vagões, ficava cheios de mercadoria (...). E a pessoa de lá pra cá ia transportando de barco, batelão de dezoito toneladas, de vinte, puxado por lancha.

A Estação Ferroviária do Abunã foi construída estrategicamente às margens do rio Abunã para facilitar o transporte das mercadorias proveniente dos seringais bolivianos e acreanos. Isto devido às dificuldades proporcionadas pelos acidentes geográficos dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Abunã. Tratava-se de dezenas de cachoeiras e corredeiras mais evidentes em períodos de estiagem.



FIGURA 16: Antigo Armazém e o Guincho da EFMM em Abunã, Distrito de Porto Velho. Fotos: José Rubisten da Silva, 2009.

Para facilitar o embarque e desembarque de toneladas de borracha nos vagões do trem utilizava-se um guincho importado (Cf. Figura 16) dos Estados Unidos da América, em seguida, estas mercadorias eram transportadas (via fluvial) até o povoado de Fortaleza do Abunã. Para tanto, existia a necessidade de superação do trecho acidentado, o qual permitia a navegação somente no inverno. Entre as duas vilas existiam duas corredeiras, havendo o trabalho de transbordo das mercadorias para outras embarcações. Várias lanchas eram utilizadas para transportar as mercadorias do armazém da Vila de Abunã para Fortaleza do Abunã. Os seringalistas mais estruturados possuíam embarcações em ambos os lados das corredeiras. De acordo com o relato de JLJ do lado de cima ficavam as embarcações Jurupari e Dona Emília de Octávio Reis. E na época do pico da produção havia um movimento entre dezoito a vinte batelões puxados por lanchas.

A partir dos armazéns de Fortaleza do Abunã as mercadorias eram novamente embarcadas em batelões para os seringais do rio Abunã. As viagens para aviamento dos seringais eram denominadas pelos seringalistas de expedições, geralmente, tinham como ponto de partida o povoado de Fortaleza do Abunã e como ponto final (chegada) a Vila de Plácido de Castro, no território do Acre. Os empresários da borracha levavam muitas mercadorias para Plácido de Castro. E, a partir desta vila, as mercadorias eram transportadas para o Rio Branco, no Acre. Como

não havia estrada entre Plácido de Castro e Rio Branco, as embarcações circulavam pelo rio Acre e seus tributários. Acima da Vila de Plácido de Castro, o rio Abunã tornava-se mais estreito, permitindo somente passagem de embarcações de pequeno porte. No verão, viajava-se somente durante o dia devido ao perigo iminente da embarcação encalhar nos bancos de areia. Caso a embarcação ficasse presa, deveriam aguardar o repique do rio Abunã para poder seguir viagem. Enquanto no inverno se viajava durante o dia e a noite.

Nas expedições para o Vale do Rio Abunã, a montante da corredeira Fortaleza, os batelões eram rebocados por lanchas movidas a motor. Em algumas situações as lanchas puxavam entre três a cinco batelões. O peso médio das mercadorias variava entre doze a dezoito toneladas. As expedições obedeciam à regularidade do ciclo natural das águas (estações amazônicas) para navegar com maior segurança. Segundo o entrevistado RMS, as viagens em direção aos seringais eram demoradas, sendo necessário viajar dias e noites. Uma expedição a partir de Fortaleza do Abunã até Plácido de Castro ou Lorena na Bolívia levava em média oito dias de viagem. Ao chegar aos seringais às mercadorias eram desembarcadas por trabalhadores braçais. Algumas embarcações dispunham entre dez a quinze homens para executar esse serviço. Em algumas ocasiões, ao chegar aos barrancos dos seringais, a expedição encontrava a carga de borracha incompleta. Nestes casos, o barco teria que esperar seis horas, em média, tempo suficiente para complementar a carga com produtos do seringal. Segundo RMS isto acontecia “(...) porque aqueles [que] chegavam naquele depósito do seringal e a borracha não tava completa, esperava assim meio dia [para] completar a carga, né? Esperasse assim meio dia e a maioria a gente chegava já tava tudo pronto (...). A demora era só embarcar”. As grandes distâncias das colocações em relação à margem dos rios exigiam que as pélas de borracha fossem transportadas em meio aos varadouros da floresta. Somente com a utilização de dezenas de muares foi possível superar as barreiras naturais, como matas fechadas, terrenos acidentados e barrancos íngremes. No retorno da viagem dos altos rios os expedicionários traziam toneladas de pélas de borracha dos seringais em que o transporte dos produtos era favorecido pela força da correnteza do rio Abunã. A viagem de volta até Fortaleza do Abunã levava

pelo menos cinco dias.

A via de navegação do rio Abunã foi de fundamental importância para o surgimento do povoado de Fortaleza do Abunã, bem como para o escoamento da produção da borracha do Brasil e da Bolívia. Um rio caracterizado por sua geografia peculiar, com algumas corredeiras que exigiam maiores esforços e atenção dos práticos para a superação desses obstáculos e para a livre navegação. As mercadorias para abastecimento desses seringais eram transportadas através de lanchas, batelões e/ou alvarengas dos barracões (depósitos) de Fortaleza do Abunã para as colocações (centro). Neste rio, os batelões carregados de mercadorias (gêneros alimentício, artefatos e equipamentos) eram rebocados por lanchas (chatas) motorizadas. Cada embarcação, geralmente, possuía entre dois a três tripulantes.

Nesta localidade, surge o primeiro obstáculo a ser superado, representado pela Corredeira Fortaleza. Havia à necessidade de transbordo das mercadorias para outras embarcações que se encontravam no outro lado da Corredeira. Na maioria das vezes, o trabalho era braçal, onde homens contratados pelos seringalistas transportavam as mercadorias nas costas. Os altos barrancos tornavam o trabalho árduo e dificultoso para estes trabalhadores que, às vezes, era aliviado com a utilização de animais (muas). As borrachas provenientes dos seringais ao chegarem a Fortaleza do Abunã eram descarregadas das embarcações e carregadas nas costas até um caminhão que ficava estacionado nas margens do rio Abunã. A partir deste veículo, em um pequeno percurso, eram transportadas até o Porto de Fortaleza para serem novamente embarcadas em outros barcos. Às vezes, as bolas de borracha eram jogadas barranco abaixo para facilitar o transporte. O Porto de Fortaleza do Abunã era utilizado pela maioria dos seringalistas da região. Segundo informações do colaborador ALJ, em determinada época foi utilizado um guincho que se movimentava em um trilho de ferro para facilitar o transporte (barranco acima) de mercadorias para o citado porto.

Após as sucessivas crises da economia gomífera, associada à perda do monopólio da borracha amazônica para o cultivo racional, no Oriente, no século passado, tiveram como

consequências: a desagregação da produção, a desativação de antigos seringais, o refluxo da mão de obra disponível e a desarticulação da rede de transportes da Amazônia.

A partir desta localidade, a borracha era transportada até a Estação de Abunã. Em seguida era embarcada na locomotiva que, através da via férrea, chegava à cidade de Porto Velho para posterior embarque em vapores de grande e médio calado no rio Madeira. Estas embarcações deveriam superar os rios Madeira e Amazonas até despacharem as mercadorias nos portos de Manaus e/ou Belém. (Cf. Figura 12). Este percurso foi relatado na entrevista de DR:

Nós tínhamos, nós que eu digo todos os quatro [seringalistas]. Nós tínhamos serviço de transporte próprio que saía praticamente toda quinzena, abastecido de mercadoria. Levava pros seringais, e dos seringais vinha borracha, descia borracha. Essa borracha era embarcada, era transportada para Abunã. [De] Abunã era colocada nos trens e daí ia, vinha para Porto Velho. [De] Porto Velho, aqui pra seguir pra Belém e de Belém seguia comboio para América do Norte.

A partir do novo surto da borracha, impulsionado pela Segunda Guerra Mundial (1942 - 1945), os americanos investiram importantes somas de capital em infraestrutura de transportes ferroviários e fluviais na Amazônia. O desenvolvimento da logística de transportes tornou-se fundamental para o abastecimento das fontes produtoras e escoamento da produção gomífera dos vales amazônicos. Os sucessivos períodos de crise da economia gomífera afetaram a infraestrutura de transportes preexistente, sendo necessária sua revitalização para viabilizar o programa da borracha americano. Ao constatar que a precariedade do sistema de transportes resultaria em problemas de abastecimento do vale amazônico, a Rubber Development Corporation - RDC passou a investir em vários projetos de reestruturação do transportes fluvial e ferroviário, inclusive na recuperação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré:

Além de entrar com 40% do capital constitutivo do Banco de Crédito (US\$ 3.000.000), essas agências americanas proveram os fundos necessários ao financiamento de vários projetos de desenvolvimento, como a construção de estradas em Mato Grosso, a recuperação da Madeira-Mamoré, investiram nos transportes marítimos e fluviais, remodelando e potencializando o S.N.A.P.P., e nos transporte aéreos com aviões, campos de pouso e estações meteorológicas; custearam uma nova migração de nordestinos para a zona de produção da borracha e proveram o abastecimento do Vale com toneladas de gêneros alimentícios e de equipamentos para os extratores. (Martinello, 1988, p. 166).

O projeto de revitalização da Estrada de Ferro Madeira Mamoré consistiu na recuperação de trechos abandonados como a reta do Abunã. A importância da recuperação da via férrea se deve

ao fato de que se interconectava as rotas fluviais de extensas áreas ricas em seringueiras, como o Território do Acre e o Noroeste Boliviano.

Inconteste foi o apoio financeiro da RDC a SNAAP que contribuiu substancialmente para a melhoria dos transportes na região. A partir daí a organização produtiva da borracha e a rede de aviamento receberam o suporte de uma infraestrutura de transportes mecanizada, administrado pelo Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará - SNAPP. Estes investimentos foram fundamentais para facilitar a circulação de mercadorias, abastecimento dos seringais e escoamento da produção da borracha do interior amazônico. As embarcações movidas à energia e a vapor foram, gradativamente, sendo substituídas por lanchas equipadas com potentes motores a diesel ou a gasolina. A RDC introduziu na região embarcações de menor calado como as chatinhas que melhor se adaptavam as características dos altos rios, como as zonas encachoeiradas do rio Madeira.

Com a reativação dos seringais amazônicos, em 1942, Fortaleza do Abunã voltou a ser ponto estratégico para a circulação de homens e mercadorias, principalmente para o escoamento da produção do Acre e da Bolívia. Após o embarque em navios da SNAPP, esta produção seguia para o Porto de Belém, tendo como destino final os Estados Unidos da América.

Ao adquirir recursos no Banco de Crédito da Borracha - BCB, muitos seringalistas investiram na estrutura de transportes fluvial, comprando embarcações apropriadas para a circulação nos rios Abunã, Mamoré e Guaporé. Alguns seringalistas começaram suas atividades com batelões construídos em madeira e com capacidade entre quinze a dezesseis toneladas.

A frota era geralmente composta de alvarengas, chatas, lanchas e batelões, além de pequenas embarcações montadas na oficina de Fortaleza do Abunã (Cf. Figura 17). Segundo o entrevistado PB: “Era oficina de preparar tudo (...). Quebrar uma vez uma palheta, e fazia tudo essas coisas, tudo tinha! O camarada que saiu daqui, ele foi trabalhar na estrada, foi trabalhar na oficina da Madeira Mamoré em Guajará Mirim (...)”.

As alvarengas e as chatas se caracterizavam como embarcações mais utilizadas para a navegação no Vale do rio Abunã. Estas embarcações permitiam maior mobilidade na rede de transportes ao contornar os obstáculos naturais, reduzir distâncias, encurtar o tempo de abastecimento, escoamento e produção de borracha. Foram adaptadas às condições ambientais de navegabilidade desse rio, sendo indispensáveis para sustentabilidade da rede de aviamento na região. Algumas embarcações eram importadas de outros países e, montadas em Fortaleza do Abunã, enquanto outras de menor porte eram fabricadas na oficina de Fortaleza do Abunã.



FIGURA 17: Antiga Oficina de Octávio Reis às margens do rio Abunã da década de 1940. Foto: Elisangela Sales de Lima, 2009.

As cachoeiras e corredeiras características dos altos rios amazônicos exigiram a adaptação dos barcos com cascos de ferro para evitar o desgaste no atrito com as rochas. E, assim, algumas alvarengas passaram a ser montadas na oficina de Fortaleza do Abunã. Os construtores de barcos eram geralmente contratados na Bolívia ou Peru, e somente as chapas de ferro eram provenientes de Belém. E com a decadência dos seringais muitos fragmentos das antigas embarcações foram abandonados em Fortaleza do Abunã (Cf. Figura 18).



FIGURA 18: Objetos técnicos da estrutura de transportes das décadas de 1920 a 1940 nas margens do rio Abunã em Fortaleza do Abunã/RO (alvarenga de ferro soterrada (a esquerda) e uma caldeira de um barco a vapor (a direita). Fotos: José Rubisten da Silva, 2009.

Um episódio muito mencionado pelos antigos seringueiros foi o naufrágio do batelão da empresa Perez e Vieira no rio Abunã com toneladas de mercadorias. Esta empresa negociava diretamente com seringalistas e comerciantes de Plácido de Castro. Este fato levou Geraldo Perez a encomendar uma alvarenga de ferro que suportava maior tonelagem de mercadorias. Esta não foi a primeira vez que a embarcação desse seringalista naufragou no rio Abunã.

A quantidade de embarcações de suporte à rede de aviamento, pertencente a um único seringalista, evidenciava seu poder econômico e *status-quo* junto à sociedade local. O seringalista Octávio Reis possuía a melhor estrutura para o desenvolvimento do aviamento e escoamento da produção gomífera. Esta condição econômica privilegiada foi relatada no regulamento interno ‘do seringalista Octávio Reis, no item ‘Um momento de conversa com o meu pessoal’, no artigo “f”:

Sabem vocês que tenho um movimento de transporte organizado, e que recebem as suas mercadorias em suas próprias casas e em datas certas, seja de verão ou inverno. Não obstante essas mercadorias serem conduzidas por água, em lanchas, e por terra, em costa de animais, vocês a recebem em perfeito estado de conservação, e ainda lhes dou o direito de devolverem-n’as se não estiverem em condições (...). (Benchimol, 1977, p., 240).

Octávio Reis organizou um serviço de transportes bem articulado, cuja expedição subia o rio Abunã quinzenalmente para abastecer os seringais e retornar com borracha. Era proprietário de duas lanchas que transportavam as mercadorias no trecho de Abunã (Estação da EFMM) até Fortaleza do Abunã. Uma de suas lanchas foi denominada de “Dona Emília”, enquanto o seringalista Jaime de Alencar já possuía barcos motorizados. Inicialmente as lanchas eram movidas

a vapor e depois passaram a ser motorizadas e abastecidas com óleo diesel ou gasolina.

Era uma prática os seringalistas homenagearem seus parentes ao denominarem suas embarcações com o nome dos mesmos. Como exemplo, uma das alvarengas de Geraldo Perez recebeu a denominação de Elza, em referência à sua filha Elza Perez.

Na década de quarenta, regatões como Gualta Vieira, Luis Edmundo, Manuel Siqueira, Antônio Lopes e Roberto (Robertinho) eram bastante conhecidos pelas comunidades ribeirinhas do Vale do Abunã, principalmente nos seringais localizados em território boliviano. Para desenvolverem seus aviamentos foi necessária a aquisição de embarcações adequadas para adentrar nos subafluentes do Rio Abunã. Gualta Vieira era considerado pelos seringueiros um regatão forte no Abunã, pois possuía diversos batelões adaptados às peculiaridades dos rios da região.

Geralmente, os seringalistas encomendavam mercadorias necessárias para a manutenção de um ano de trabalho no seringal. Ao receber as encomendas a Agência Americana Rubber Development Corporation – RDC, providenciava a entrega das mercadorias em aproximadamente quinze dias. Posteriormente, o abastecimento dos seringais passou a contar com a utilização do transporte aéreo. Os aviões também foram utilizados para acelerar a exportação da borracha amazônica para o suprimento da indústria de guerra dos países aliados. A escassez de pistas de pouso e o grande potencial hidroviário, representado pelas centenas de rios na região, possibilitaram a implantação de portos adequados ao pouso de hidroaviões. Assim, muitos hidroaviões Catalina foram utilizados para escoar a produção interiorana. Estes aviões foram eficientes nesta função, reduzindo significativamente o tempo de entrega das mercadorias nos seringais, tendo como consequência a melhoria da produção e da exportação da borracha.

Para isso, foram estabelecidas inúmeras rotas aéreas na região. Existia a rota Manaus – Guajará Mirim com escalas em Borba, Manicoré, Humaitá e Porto Velho. Neste último município a SNAAP construiu um campo de pouso para pequenas aeronaves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século XIX, o sistema de aviamento permitiu a configuração de relações comerciais singulares na Amazônia a partir de diferenciados acordos entre os vários elementos desta cadeia comercial. Estas relações de troca, permuta ou crédito de mercadoria por borracha, variava em função dos interesses estabelecidos entre os agentes e atores sociais envolvidos no processo de comercialização da borracha.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) proporcionou, ao Vale do Rio Abunã, uma dinâmica econômica e social, resultante da reativação dos antigos seringais. A expansão da empresa seringalista atraiu contingentes significativos de trabalhadores, comerciantes e regatões (brasileiros e estrangeiros) para os seringais da região. A política de incentivo a migração, apesar dos problemas no recrutamento, transportes e colocação dos seringueiros, alcançou os resultados esperados pelo governo. Uma parte dos migrantes se tornou soldados da borracha e, a outra parte ocupou Vilas, Povoados e Cidades em busca de novas oportunidades e melhoria nas condições de vida.

A partir dos Acordos de Washington (1942 -1947), o Estado Brasileiro criou inúmeras instituições e normas que afetaram o Sistema de Aviamento na Amazônia. O modelo tradicional de aviamento teve a interferência de agências e órgãos estatais que passaram a financiar e controlar a produção da borracha na Amazônia. Novos elementos foram incorporados enquanto outros foram excluídos da rede vertical de aviamento. Os Estados Unidos - EUA se tornaram os principais signatários da borracha excedente na Amazônia. O Banco de Crédito da Borracha e a Superintendência do Abastecimento para o Vale Amazônico - SAVA ocuparam os papéis que eram exercidos pelas Casas Aviadoras e Exportadoras de Belém e Manaus. Estas instituições garantiram o crédito e o financiamento da borracha, além do abastecimento dos seringais. Os financiamentos proporcionados pelo Banco de Crédito da Borracha capitalizaram as empresas seringalistas e

também fomentaram o regime de crédito no interior da unidade produtiva. Assim, a intervenção estatal acabou por reforçar regime de crédito (aviamento) nos seringais dos Altos Rios Amazônicos.

O aparato logístico-institucional criado pelo Brasil e EUA para a operacionalização da Batalha da Borracha (1939-1945) contribuiu, sobremaneira, para o aumento da produção da borracha no Vale do Rio Abunã. Os meios de produção foram aperfeiçoados a partir da introdução de novos métodos, técnicas e instrumentos de corte (faca amazônica) para evitar o desperdício da seiva da seringueira.

O sistema de transportes da Amazônia foi reestruturado com os financiamentos do governo federal. E, o Serviço de Navegação e Administração dos Portos do Pará - SNAPP foi reaparelhado enquanto a parte dos capitais foram canalizados para melhoramento da estrutura do transporte fluvial do rio Abunã. Houve investimentos em retro-portos, embarcações motorizadas que utilizavam novos combustíveis como óleo diesel e gasolina. Vários trechos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré foram recuperados, como a Ponta do Abunã e Guajará Mirim. Ocorreram inovações tecnológicas com a introdução da aviação que passou a contar com rotas aéreas regulares. Vários campos de pouso foram construídos em cidades, como Porto Velho e Rio Branco, no Acre. Estas mudanças técnicas proporcionaram maior dinamismo à logística de produção, comercialização e escoamento da produção de borracha da região

No entanto, o final da Segunda Guerra Mundial (1945) ocasionou profundas transformações no quadro político, econômico e social da Amazônia. A consolidação do programa americano da borracha sintética, conjugado com o retorno da borracha Oriental, no pós-guerra (1946), criou um mercado fortemente concorrencial, deixando o Brasil impossibilitado de reduzir os preços para fazer frente ao mercado internacional. Este novo cenário motivou a desmobilização gradativa dos Estados Unidos da América – EUA, em relação ao Programa da Borracha Amazônica. Na mesma oportunidade, os americanos abandonam a tarefa de abastecer e equipar as zonas produtoras de borracha. A partir de julho de 1946, a Rubber Development Corporation –

RDC desmontou todo o aparato financeiro-logístico e assistencial de busca e conservação da borracha na Amazônia. Assim, as empresas seringalistas amargaram as crises que se precederam com a retirada dos investimentos americanos e se tornaram dependentes de novas políticas do governo federal para a borracha.

A partir deste novo contexto, o Banco de Crédito da Borracha - BCB mudou sua política em relação às casas comerciais de Belém e Manaus, fazendo várias concessões, como liberar financiamentos, flexibilizar a política de preços da borracha, incluir os exportadores nos programas de obtenção de prêmios por produtividade, dentre outras vantagens. Assim, os comerciantes de Belém e Manaus recuperaram suas antigas funções e, o sistema de aviamento voltou a ter a forma tradicional de estruturação e organização. Estas alterações na política da borracha contribuíram para a revitalização do sistema de aviamento na região, a partir de então, com os tão sonhados subsídios e financiamentos bancários. Na verdade, as diversas tentativas de eliminar as Casas Aviadoras e Exportadoras do tradicional sistema de aviamento por meio do abastecimento direto dos seringais não deram resultados.

Durante décadas, governo e empresários não vislumbraram um plano de desenvolvimento em longo prazo para a Amazônia. Não foi criada nenhuma medida concreta para desenvolver a heveicultura que sempre foi relegada a planos secundários pelas autoridades. Os empreendedores não quiseram arriscar seus minguados capitais em um negócio incerto e que requeria amplos investimentos em pesquisa e tecnologia.

A partir de 1950, o sistema de aviamento foi desestruturado definitivamente com a nova política governamental para a Amazônia. Esta política afetou diretamente os seringais do Vale do Rio Abunã, pois com o poder econômico abalado, os seringalistas abandonam os seringais. Cidades como Manaus e Porto Velho receberam contingentes populacionais provenientes dos falidos seringais. Estas cidades não possuíam a infraestrutura (trabalho, habitação e serviços de saúde) necessária para atender os deserdados, surgindo assim, um clima de insegurança e violência que se

disseminou nos núcleos populacionais. Por esta razão, foi necessária a Criação da Guarda Territorial, a fim de amenizar tal situação, principalmente na fronteira do Brasil com a Bolívia.

A partir da decadência da economia da borracha, a Vila de Fortaleza do Abunã perdeu a importância enquanto ponto estratégico, principalmente, quando os seringais do Vale do Rio Abunã foram abandonados. Muitos seringalistas tiveram dificuldades para manter a posse da terra devido à inexistência de documentos legais que comprovassem a titularidade das mesmas. As áreas de antigos seringais estavam, em sua maioria, hipotecadas ao Banco de Crédito da borracha - BCB. Em outros casos foram desapropriadas pelo governo federal por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. A partir deste momento, os seringalistas buscaram desenvolver outras atividades alternativas como a agricultura, o comércio e a extração mineral em cidades de Rondônia, Manaus e Pará.

A operacionalização do Programa da Borracha foi caracterizada por erros e contradições, tanto do Brasil como dos EUA, ocasionando altos custos sociais para a Amazônia. O Contrato Padrão criado para regulamentar as relações de trabalho entre patrão e freguês não surtiu os efeitos esperados, pois os seringalistas se opuseram a todas as tentativas de se legalizar as relações de trabalho no seringal. A Lei 86, criada em setembro de 1947 para sustentar os preços da borracha, contrariou os interesses imediatos das classes políticas e empresárias e, praticamente não tratou das relações de trabalho nos seringais, como remuneração justa e melhores condições de trabalho. A vida no seringal permaneceu subordinada às antigas relações paternalistas ou de compadrio que estavam, há décadas, arraigadas na sociedade seringalista. Foi, praticamente, impossível quebrar o elo pré-estabelecido entre seringueiro e patrão, estando o seringueiro ainda sujeito às antigas normas do sistema de barracão.

Na intenção de evitar um colapso demográfico na região, várias Colônias Agrícolas foram criadas no período de 1947 a 1950 pelo Governo Federal, nos Territórios do Guaporé e Acre. A Colônia do IATA, em Guajará Mirim e o Seringal Empresa, no Acre são exemplos de medidas bem

sucedidas na região.

Centenas de trabalhadores encaminhados pela SEMTA para o Vale Amazônico foram abandonados a própria sorte ao final da Batalha da Borracha (1945). Mesmo a criação do Plano para Assistência aos Trabalhadores da Borracha (Decreto-Lei n. 9.882, de 16 de setembro de 1942) não foi suficiente para atender à grande demanda e carências dos seringueiros. Em Fortaleza do Abunã ainda residem dezenas de trabalhadores remanescentes de antigos seringais que foram alienados pelo Estado Nacional. Suas residências, em sua maioria, são caracteristicamente casas simples, construídas em terrenos doados pelos antigos seringalistas da região. Poucos seringueiros conquistaram a aposentadoria de Soldados da Borracha. Muitos tiveram oportunidade de retornar à cidade de origem, outros sem condições financeiras, buscaram novas alternativas de trabalho e sobrevivência, em alguns casos, encontraram na extração da castanha e na madeira um meio de subsistência para suas famílias. Esta atividade predatória possibilitou para que alguns indivíduos conquistassem certa estabilidade econômica, por meio de pequenos negócios, em Fortaleza do Abunã.

Segundo os moradores mais antigos de Fortaleza do Abunã, a população desta localidade, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, variava entre 800 (oitocentas) e 1.000 (mil) pessoas (excluído a massa itinerante). No pós-guerra e anos a seguir, ocorreu uma redução gradativa dos seus índices populacionais. De acordo com o censo demográfico de 2007, o Distrito de Fortaleza do Abunã contava com uma população de 500 pessoas. Estes números refletem a realidade socioeconômica do Distrito que, a partir da decadência da economia gomífera, não desenvolveu outra atividade econômica capaz de proporcionar o desenvolvimento local. A localidade conta, atualmente, com poucas oportunidades de emprego, escassos investimentos públicos e privados.

No entanto, foram poucos os seringais ou vilarejos do Vale do Abunã que se consolidaram em Distritos, Vilas ou Cidades, como foram os casos de Nova Califórnia, Extrema e Fortaleza do Abunã. Na verdade, a Batalha da Borracha e a economia gomífera não contribuíram para o

desenvolvimento das Vilas e Povoados da região. Estas localidades, especialmente Fortaleza do Abunã, continuaram carentes de estruturas básicas, como Serviços de Transportes, Saúde e Educação.

A Economia da Borracha não proporcionou o desenvolvimento de Fortaleza do Abunã, assim como das vilas e povoados da região. Fortaleza do Abunã, apesar de ter sido promovido à categoria de Distrito do município de Porto Velho, não se desenvolveu econômica e socialmente, principalmente, com a redução gradativa dos seus índices populacionais. O maior percentual da população migrou para outras cidades dos pais. Os comerciantes atacadistas e varejistas abandonaram as Vilas de Fortaleza do Abunã e Abunã, em busca de cidades, como Porto Velho, Manaus e Belém com melhor infraestrutura em saúde, educação e trabalho.

A construção da BR-029 (atual BR-364) e estradas vicinais contribuíram decisivamente para o fim do sistema de aviamento na região. A abertura das rodovias federais possibilitou a ocupação e colonização da região. As estradas quebraram a situação de isolamento geográfico do seringal que dependia, exclusivamente, da via fluvial para sobreviver. E, novas alternativas de trabalho surgiram a partir da expansão agrícola (1970).

A paisagem característica do complexo do seringal foi alterada, a partir da década de 1980, com a construção de dezenas de hotéis e pousadas. Esta nova configuração espacial refletiu o potencial turístico da localidade, que na estação do veraneio, tem atraído centenas de turistas que buscam o lazer e diversão nas praias de Fortaleza do Abunã.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Bertha K **Fronteira Amazônica: Questões sobre a gestão do território**/Mariana Helena P. de Miranda, Léia Osório Machado. Rio de Janeiro. Editora Universidade de Brasília, 1990. 219p.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia**. Série princípios, 2ª ed. São Paulo, 1991.
- BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia. A Nova Fronteira de Recursos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- BECKER, Bertha K. **Revisão das Políticas de Ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?** Em: Parcerias Estratégicas, MCT, nº 12, 2001.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: A guerra na floresta**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1992.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Um pouco - antes e além - depois**. Ilust. De Jorge Palheta e Moacir Andrade; prefácio de Artur Cezar Ferreira Reis. Manaus. Ed. Umberto Calderaro. 1977.
- BENCHIMOL, Samuel. **Manual de Introdução à Amazônia: programa, bibliografia selecionada, notas, mapas, quadros, material de leitura para análise, crítica e reflexões**. Manaus, 1988, 226p.
- BENCHIMOL, Samuel. **Navegação e Transporte na Amazônia**. Manaus. Edição Reprográfica, julho 1995.
- BENCHIMOL, Samuel. **O Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus. Imprensa Oficial, 1992.
- BORZACOV, Yêdda Pinheiro; SOBRINHO, Paulo Saldanha. **Calendário Histórico, Cultural, Turístico e Esportivo de Porto Velho**. Porto Velho. SEMCE, 1998.
- BRASIL, Ministério de Minas e Energia. Convênio DNPM, CPRM. Relatório final. Volume 1, 1980.
- BRITO, Daniel Chaves de. **A modernização da Superfície**. Belém: UFPA/NAEA, 2001.
- COSTA, Rogério H. da. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à**
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. Melhoramentos. 4º ed. São Paulo. 1987. **Fronteiras**/Catherine Aubertin, org. Bertha Becker... et al. – Brasília: Editora Universidade de Brasília; Paris: ORSTOM, c1988.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo. Editora UNESP, 1991.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Geografando: Nos varadouros do mundo (Da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira; Do seringal à reserva extrativista)**. Tese de doutorado submetida ao programa de Pós - graduação em Geografia da URFJ, Rio de Janeiro, 1998.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

- GOTTIDIENER, Mark, **A produção social do espaço urbano**: tradução Geraldo Gerson de Souza – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- GOULART, José Alípio. **O Regatão (Mascate fluvial da Amazônia)**. Rio de Janeiro. Editora Conquista, 1968.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: A modernidade na selva**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.
- HARVEY, David, **A justiça social e a cidade**. Hucitec. São Paulo, 1980.
- HUGO, Vitor – **Desbravadores: (minha presença em Rondônia)**. Prefácio do Dr. Jacob de Freitas Atallah. Porto Velho. ABC, 1998.
- HUGO, Vitor. **Os Desbravadores**. Vol. I e II Rondônia. Ed. Salesiana C. B. A. G. 1959, 2. ed. 1991.
- JORNAL ALTO MADEIRA, Porto Velho. 30 e 31/05/1993. Caderno de Domingo, p. 1ª.
- JORNAL O ESTADÃO DO NORTE, Porto Velho. 24.25/9/1995. Caderno de Domingo, p.8.
- LEFEBVRE, Henri. **De Lo Rural a Lo Urbano**. Ediciones Península, 1978.
- LEITE, Pedro Torres. **Defesa da borracha brasileira e a repressão do contrabando no Amazonas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924. 68 p.
- MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo, Edusp, 2003.
- MARTINELLO, Pedro. **A “Batalha da Borracha” na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico**. São Paulo, Cadernos UFAC, série ‘C’, nº 1. 1988.
- MENDES, J. A. **A crise amazônica e a borracha**. Manaus. Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2004.
- MENEZES, Esron Penha de. **Território Federal do Guaporé: Retalhos para a História de Rondônia**. Manaus. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.
- MENEZES, Nilza. **Do Porto Cale ao Porto Velho**. Primeira versão. Ano II, nº 127. Porto Velho. EDUFRO, 2003.
- MESQUITA, M.G.GC; EGLER, E.G. **Povoamento**. In: VALVERDE, Orlando. Org. **A organização do espaço na faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro. IBGE, 1979.
- PINHEIRO, Ênio dos Santos. **À sombra de Rondon e Juarez**. São Paulo: EDICON, 1985.
- PINTO, Emanuel Pontes. **Caiari, Lendas, Proto - história e História**. Rio de Janeiro: Cia. Bras. de Artes Gráficas, 1986.
- RAFFESSTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.
- Redes, Sociedade e Territórios**/organizadores, Leila Christina dias e Rogério Leandro Lima da Silveira. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. 5ª edição – Rio de Janeiro; Manaus: Superintendência da Zona Franca de Manaus. Civilização Brasileira, 1982.

REYNAUD, Alain et al. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

RIBEIRO, Darcy - **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia: 1800-1920**. T. A. Queiroz (Biblioteca Básica de Ciências Sociais; série 1: Estudos Brasileiros; v. 3). São Paulo, 1980.

SEMJONOW, Juri. **Os Tesouros da Terra. Geografia Econômica para Todos**. Rio de Janeiro, Globo, 1947.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Visões da Natureza: seringueiros e colonos em Rondônia**. São Paulo: EDUC, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. **A Música popular no romance brasileiro**. (vol. II: século XX [1ª parte]). São Paulo; Ed.34, 2000.

TOCANTIS, Leandro. **Amazônia: Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica**. 2ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TOCANTIS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 9ª edição – Governo do Estado. Manaus. Editora Valer/Edições, 2000.

VALVERDE, Orlando (coord.). **A organização do espaço na faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro. IBGE, 1979.

WEISTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920**. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993.

XAVIER, Lidia de Oliveira. **Fronteira Oeste Brasileira: Entre o Contraste e a Integração**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Brasília, 2006.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva

ENTREVISTADO: _____

LOCAL: _____ DATA _____/_____/_____

PERGUNTAS:

- 1) QUAL A SUA CIDADE NATAL?
- 2) QUAL ATIVIDADE EXERCIA NA CIDADE NATAL?
- 3) EM QUE ANO O (A) SR (A) CHEGOU A RONDÔNIA?
- 4) QUAIS AS RAZÕES OU MOTIVAÇÕES DA MIGRAÇÃO?
- 5) QUAL O TRANSPORTE E ROTA UTILIZADA NO DESLOCAMENTO PARA A REGIÃO?
- 6) QUEM PAGOU A SUA PASSAGEM?
- 7) QUAL O NOME DA EMBARCAÇÃO E EMPRESA DE TRANSPORTE?
- 8) QUAIS AS SUAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A NOVA REGIÃO?
- 9) HOUVE ALGUM IMPACTO SÓCIO-CULTURAL?
- 10) QUAL A NOVA ATIVIDADE OU FUNÇÃO EXERCIDA E O NOVO PATRÃO?
- 11) QUAL ERA A REALIDADE SOCIOECONOMICA DA NOVA REGIÃO DE MORADIA E TRABALHO?
- 12) QUAIS AS CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS (PAISAGEM) DO NOVO AMBIENTE DE MORADIA E TRABALHO?
- 13) QUAIS ERAM OS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA?
- 14) COMO FUNCIONAVAM AS RELAÇÕES DE TRABALHO? RELAÇÃO PATRÃO-EMPREGADO NO SERINGAL.
- 15) QUAIS EMPRESAS COMERCIAIS ATUAVAM NO COMÉRCIO DE MERCADORIA (FORNECIMENTO DE ALIMENTOS E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS) NO VALE DO RIO ABUNÃ?
- 16) QUE TIPO DE EMBARCAÇÃO CIRCULAVA NO VALE DO RIO ABUNÃ?

- 17) QUEM ERAM OS PROPRIETÁRIOS DAS EMBARCAÇÕES QUE TRAFEGAVAM NO VALE DO RIO ABUNÃ?
- 18) QUAIS OS PRINCIPAIS SERINGALISTAS E SERINGAIS DO VALE DO RIO ABUNÃ?
- 19) COMO FUNCIONAVA O SISTEMA DE AVIAMENTO OU BARRACÃO NO VALE DO RIO ABUNÃ?
- 20) COMO ERA A VIDA NO SERINGAL?
- 21) O SERINGUEIRO POSSUIA FAMÍLIA?
- 22) COMO A FAMÍLIA DO SERINGUEIRO PARTICIPAVA DO TRABALHO NO SERINGAL?
- 23) COMO SE DAVAM AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE SERINGALISTA E AS EMPRESAS DE MANAUS E BELÉM?
- 24) HAVIA ALGUMA EVIDÊNCIA DE DISPUTA PELA PRODUÇÃO LOCAL DE BORRACHA POR PARTE DESSAS EMPRESAS AVIADORAS?
- 25) COMO FUNCIONAVA A POLÍTICA ELEITORAL NA REGIÃO, PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO ÀS FORÇAS PARTIDÁRIAS DE PORTO VELHO?
- 26) QUEM DOMINAVA A POLÍTICA LOCAL? PRINCIPAIS PARTIDOS OU CONFLITOS?
- 27) HAVIA ALGUMA INSTITUIÇÃO OU BANCO PARA FINANCIAR A PRODUÇÃO GOMÍFERA?
- 28) COMO ERA CONTROLADA A PRODUÇÃO DO SERINGUEIRO?
- 29) QUAL A FORMA DE PAGAMENTO DA PRODUÇÃO DO SERINGUEIRO?
- 30) QUAIS AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DO SERINGUEIRO?
- 31) QUAIS OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO O SERINGUEIRO POSSUIA?
- 32) COMO FUNCIONAVA O SISTEMA DE ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO GOMÍFERA PARA OS GRANDES CENTROS?
- 33) QUANTO TEMPO O SENHOR TRABALHOU NO SERINGAL?
- 34) O SENHOR ESTÁ APOSENTADO COMO SOLDADO DA BORRACHA?
- 35) QUAL ATIVIDADE EXERCE ATUALMENTE OU DE APOSENTADORIA?
- 36) QUAL A RAZÃO DE NÃO TER VOLTADO PARA CIDADE NATAL?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

Entrevistas, gravadas e transcritas, com direito à reprodução pelo autor, concedida por:

ATOES SOCIAIS (COLABORADORES) ENTREVISTADOS				
ABREVIATURA DO NOME	LUGAR DE ORIGEM/TRAJETÓRIA	LOCAL DE TRABALHO	FUNÇÃO	PERÍODO
1 - RMS	Ceará – Seringal Bom Futuro/Rio Mutum/MT.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã.	Seringueiro; Ajudante de prático (condutor de barco); Serviço de corte de madeira e comerciante.	1943-1960
2 - A LJ	São Carlos/ Baixo Madeira/AM – Fortaleza do Abunã/AM.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã.	Condutor de lancha e batelão (prático); Coletor de castanha; Seringueiro e seringalista.	1942-1960
3 - DR	Fortaleza do Abunã/AM.	-Fortaleza do Abunã	Parente de seringalista e ex-morador de Fortaleza do Abunã.	1942-1950
4 - JLJ	São Carlos/ Baixo Madeira/AM – Fortaleza do Abunã/AM.	Fortaleza do Abunã e seringais do rio Abunã (fronteira com a Bolívia).	Seringueiro; Marreteiro e Seringalista.	1942-1960
5 - PB	Jaci Paraná/Santo Antônio do Madeira/MT.	Fortaleza do Abunã, Vila do Abunã e rio Abunã.	Ajudante de batelão; seringueiro e Auxiliar de prático (barqueiro).	1940-1960
6 - VSR	Lábrea/AM – Seringal Santa Clara/Rio Mutum/MT.	Seringais bolivianos no vale do rio Abunã e Fortaleza do Abunã.	Mulher seringueira no seringal Nova Califórnia.	1938-1960
7 - PMR	Humaitá/AM.	Seringal Boa Vista no rio Pacoará/Bolívia.	Coletor de castanha; Seringueiro e Auxiliar de mecânico na oficina em Fortaleza do Abunã.	1938-1960

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubisten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: RMS

LOCAL: Fortaleza do Abuna/RO. DATA: 07/04/2008

JR: Bom dia! Nós gostaríamos que o senhor falasse quais foram os motivos de sua migração para Fortaleza do Abunã?

RMS: O motivo foi a... Segunda Guerra Mundial.... eu vim pra cá como soldado da borracha... e aí nunca mais voltei... fiquei por aqui esse tempo todo.

JR: Em que ano ou data aproximadamente?

RMS: Saí do Ceará em... em fevereiro de mil novecentos e quarenta e três... cheguei aqui, dois meses depois... a data eu não sei!

JR: E quando o senhor chegou na região norte, veio direto para Fortaleza do Abunã, ou parou outro local?

RMS: Olha!... eu vim direto pro rio Mutum... passei lá uns oito meses, aí me mandei pra cá.

JR: Lá no rio Mutum, qual a atividade que o senhor exercia?

RMS: Seringal, é!... a atividade era seringal... cortando seringa.

JR: O senhor lembra o nome do seringal de Mutum?

RMS: Lembro!... seringal Bom Futuro... o proprietário [era] Sirílo Rodrigues.

JR: O que ocorreu no Bom Futuro para o senhor vir para Fortaleza do Abunã. O senhor passou em outro local antes de vir para Fortaleza do Abunã?

RMS: Eu tive aqui trabalhando... lá [em Porto Velho] encontrei com... foi em Porto Velho, encontrei com vários seringueiros que trabalhavam aqui... aí eles me disseram que aqui era melhor produção... A produção do leite aqui era melhor... e aí, o motivo foi esse de eu vim pra cá.

JR: Ao chegar aqui em Fortaleza do Abunã o senhor logo conseguiu emprego?

RMS: Consegui, só que não no seringal... mas nos transportes dos produtos... depois daqui eu saí pra cortar seringa.

JR: Que tipo de mercadorias o senhor transportou?

RMS: [Em] Fortaleza [do Abunã] foi seringal... aqui em Fortaleza inicialmente foi transportando mercadorias por baixo... subindo e descendo, aí trazendo tudo.

JR: Como é que funcionava os transportes dos produtos?

RMS: Pra qui pra cima [de Fortaleza do Abunã até Plácido de Castro], funcionava através de barcos, mas pequenos... mas diversos barcos, daqui pra cima(...).

JR: Quem eram os proprietários desses barcos?

RMS: Era... o barco [era] de Jaime de Alencar.

JR: Então o senhor arrumou um emprego para trabalhar com o seringalista Jaime de Alencar?

RMS: Isto!... era um seringalista daqui... e ali, mas uns dois ou três faziam o trabalho comigo.

JR: O que o senhor fazia exatamente, qual sua função nesse barco?

RMS: Carregava carga na costa... e quando faltava um[prático], eu servia de piloto, também.

JR: Quer dizer que inicialmente o senhor foi carregador de mercadorias e depois passou a pilotar o barco?

RMS: Pilotando é, não era comandando... porque a navegação aqui era assim: um rebocador na frente e os batelão tudo atrás... assim, não era costume carregar pacotim... Assim cada um barco daquele tinha dois, três homem... se viajava dia e noite... cada um tirava... dividia o seu, três pacotes, e era assim...

JR: O que vocês levavam para o seringal?

RMS: Mercadorias.

JR: Que tipo de mercadorias?

RMS: Todo, todo tipo... () medicamento.

JR: E essas mercadorias vinham de onde?

RMS: Belém, Manaus... passava pela Estrada de Ferro [Madeira Mamoré]... recebia ali, no Abunã[Estação do Abunã].

JR: As mercadorias de Belém eram desembarcadas em que local?

RMS: Em Porto Velho.

JR: E a partir de Porto Velho, era embarca em quê?

RMS: No trem até a divisa, Abunã [Vila do Abunã].

JR: De Porto Velho até Abunã, de Abunã até chegar em Fortaleza do Abunã, como essa mercadoria chegava?

RMS: Navegação de novo.

JR: Como era o processo de navegação?

RMS: Éh!... lá dentro cada patrão tinha seu batelão para buscar lá, e levar o seu produto, borracha.

JR: Essa mercadoria quando vinha de Abunã para Fortaleza do Abunã, era transportada através do rio?

RMS: Todo tempo através do rio.

JR: Através do rio?

RMS: Através do rio.

JR: O barco conseguia fazer o percurso normal, sem nenhum problema ou obstáculo?

RMS: Tinha época que nesse trequinho aí, tem duas cachoeiras, que é preciso agente descarregar, carregar de novo, do lado de cima.

JR: O [termo] “lado de cima” que o senhor utiliza significa levar em direção à Bolívia em direção aos seringais?

RMS: Transportar pra parte de cima [das corredeiras do rio Abunã em direção ao território boliviano].

JR: Como é que vocês faziam isso?

RMS: Nas costas!

JR: E do outro lado das cachoeiras [corredeiras] já tinha outra embarcação esperando?

RMS: Tinha outra, aqui não!... tinha outra embarcação esperando.

JR: Do mesmo proprietário?

RMS: Do mesmo proprietário.

JR: Essas mercadorias iam em direção aos seringais?

RMS: Mas só os seringais de cada patrão.

JR: De cada patrão?

RMS: Isso!... e quando [se] viajava para seu Jaime, era só [nos] seringais dele que parava.

JR: O senhor se lembra quantos seringais existiam e os nomes deles?

RMS: Eu lembro de vários.

JR: O senhor lembra da sequência [seringais localizados no lado boliviano e brasileiro]?

RMS: Quer que fale todos?

JR: O que o senhor lembrar.

RMS: Ah?!

JR: Na sequência do primeiro ao último, vamos supor que o senhor fosse fazer essa viagem hoje.

RMS: Sim!... sim, primeiro Piquiá... pertenceu a Otávio Reis.

JR: Otávio Reis?!

RMS: Depois Maravilha, era Geraldo Peres... depois Mucambo, Otávio Reis, depois Oriente Otávio Reis... depois Santa Clara, Joca Vieira... depois Boa Esperança, Geraldo Peres... depois Porto Luiz de (Masulina)... depois Orion, aí Jaime Alencar, Itamarati, Jaime Alencar... do lado da Bolívia tinha um que era... pertencia ao Jaime, que se chamava Guarapari... depois tinha... o nome do outro... Porto Dias.

JR: Porto Dias?

RMS: É Porto Dias! ...depois tinha São Gabriel, não era do Jaime, era outro dono... depois Vila Plasto [Plácido de Castro]... depois dois do Jaime de Alencar, e um Lourena [Lorena], o outro... esqueci o nome do outro.

JR: Havia mais seringais na Bolívia ou no lado do Brasil?

RMS: No Brasil, mais no Brasil! Mas tudo era de brasileiro dum lado [e] de outro.

JR: Quer dizer que mesmo estando [o seringal] no território da Bolívia(...)?

RMS: O dono era brasileiro!

JR: E como eles conseguiram autorização para poder explorar o seringal?

RMS: Tinha, tinha autorização... alguns iam lá em La Paz, outros tiravam aí em (Cobija)... outros se intindia [entendia] com a autoridade daqui mesmo... eles autoriza ele trabalhar na Bolívia, pagando uma, uma reta [renda]... na época eles cobravam sessenta quilos pôr estrada... ((espirrou)) essa renda era anual, sessenta quilos pôr uma colocação... cada seringalzim desse tinha vinte, trinta colocação... aí pagava tudo por cada uma...

JR: Naquela época um seringalista poderia contratar seringueiros da Bolívia para o Brasil e do Brasil para a Bolívia?

RMS: Não!... não, porque era tudo brasileiro... não tinha até ali...[se] tivesse vaga eles ficavam, era assim!

JR: Quer dizer que poderia ter um seringal brasileiro com seringueiros bolivianos?

RMS: Boliviano, podia.

JR: Não tinha problema?

RMS: Não, só o patrão era brasileiro e o produto dele vinha todo do Brasil... mais com esse, imposto que tinha que pagar... nunca trabalharam sem pagar.

JR: Qual era o seringalista mais poderoso?

RMS: Otávio Reis era o mais poderoso... depois tinha Geraldo Peres, depois o Jaime de Alencar... existia uns outros, aí nesse (...).

JR: Existia alguma rivalidade entre eles, ou se davam bem?

RMS: Os seringalistas si davam bem, todos amigos, tinha(...) eles tudo em obediência a Otávio Reis, era o maioral... aí, eles tudo era amigo, não tinha rivalidade(...) da época que eu conheço de quarenta e três pra cá, do fim de quarenta e três pra cá, que eu entrei aqui conto isso... eu(...) não tinha rivalidade não!

JR: Qual a diferença entre uma Alvarenga e um Batelão?

RMS: Sei! a alvarenga é construída de ferro, modelo tipo assim... um caixão, só que tem uma proa que parecia um batelão... o batelão tem outros detalhes, outras formas de (...).

JR: Um batelão poderia ser de madeira?

RMS: Completamente, todo de madeira!

JR: Como o batelão era movimentado?

RMS: Da forma que eu ti disse que... [o] motor rebocador possante puxava eles pra cima.

JR: Tanto a alvarenga como o batelão eram puxados por esse rebocador?

RMS: Rebocador.

JR: Tá certo!

RMS: Éh.

JR: Quanto tempo por exemplo (...) o senhor falou da trajetória do primeiro seringal até o último (...) Quanto tempo de viagem se levava em média até chegar no destino final?

RMS: De ida a gente gastava (...) e o véi [velho] Jaime, ele tinha um motor bom... e ele fazia essa

trajetória até Lorena, que já ficava na Bolívia [Bolívia]... fazia essa trajetória em oito dias.

JR: Oito dias ?!

RMS: Dia e noite.

JR: Mais só de ida?

RMS: Só de ida!

JR: Então eram oito dias pra ir e oito dias pra voltar, em média?

RMS: Pra voltar era cinco.

JR: Pra voltar eram cinco dias?

RMS: Cinco.

JR: O rio ajudava?

RMS: O rio ajudava, éh!

JR: Por isso que o senhor fala, “na subida”, né?

RMS: Né.

JR: Assim na volta tem a ajuda da correnteza... pra ajudar a viagem.

RMS: Éh!

JR: Então cinco dias eram suficientes para retornar... ou dependia da negociação?

RMS: Porque aqueles [que] chegavam naquele depósito do seringal, a borracha não tava completa... esperava assim, meio dia [para] completar a carga, né?... esperasse assim meio dia, e a maioria a gente chegava já tava tudo pronto(...) a demora era só embarcar.

JR: E a castanha? De que forma a castanha era explorada nesse meio?

RMS: O mesmo seringueiro, era o mesmo produtor de castanha... cada patrão desse butasse o seringueiro pra tirar castanha(...) O transporte do mesmo jeito...

JR: Vocês negociavam a castanha, como é que funcionava isso?

RMS: Negociava sim, negociava.

JR: Vocês trocavam por mercadorias ou (...)?

RMS: Troca de mercadoria (...) se era um bom trabalhador, ele sempre tinha, sobrava alguma coisa... ele pegava dinheiro ou se não, ficava tudo pro que colheu... para ele vinha pouco.

JR: O seringueiro tinha a oportunidade de vencer na vida, conquistar algum bem como uma casa ou um terreno?

RMS: Isso é como te disse... quem trabalhava mais, produzia mais, sobrava dinheiro... ele tinha direito de vim aqui [em Fortaleza do Abunã] passear... Manaus, Ceará pra onde ele quisesse... Mais aquele que produzia poquim, dificilmente ele vinha aqui.

JR: E a produção do seringueiro em relação à dívida perante o patrão.

RMS: Isso, produzia, e a despesa dele era maior... aí o home não (pagava...).

JR: Ele teria que ter um saldo, né?

RMS: Criar saldo, isso... pra poder sair de lá... eu vi vários deles fazer “pé de meia” [vencer na vida] de seringa... são poucos, mais fazia, fazia sim, produzia monte [muito]... trabalhava um ano, dois, três... quando ele achava que dava, ele vinha pra qui [Fortaleza do Abunã], oh Porto Velho... butava um comerciozim [comércio].

JR: Teve algum caso de o seringueiro ficar endividado com o patrão?

RMS: Teve, mais quando passava muito tempo, não tinha jeito dele pagar, o home mandava embora ((sorrir)), era(...).

JR: O próprio patrão percebia que não tinha condição?

RMS: Éh, não tinha condição, era dois, três anos devendo... ele dava passagem, soltava ele aqui, em Porto Velho... o comum era soltar aqui [Fortaleza do Abunã], daqui ele dava o jeito dele de ir não sei pra onde.

JR: Como ficou a condição de vida dos seringueiros com a crise da borracha

Pôr isso se, pegando assim os seringueiros ou as pessoas que trabalharam como funcionários desses grandes patrões aí, é assim o senhor analisar hoje, e foi vantagem ou desvantagem, e tipo assim, analisando todo mundo, todo mundo tem sua casinha como é que é ou alguns ficou meio ou a maioria se deu bem ou a maioria se deu mal, na final da história?

RMS: Rapaz!

JR: Por exemplo, hoje o senhor tem aqui certa estabilidade, uma mercearia, né?!

RMS: Não ganhei na seringa!

JR: Não foi da seringa?

RMS: Depois... era bem poucos que tinha condição de gerar alguma coisa por conta própria.

JR: Quer dizer que o senhor conquistou(...)?

RMS: Eu não tive.

JR: O senhor não tem nada haver?

RMS: Não, não!

JR: Mas o senhor teve oportunidade!?

RMS: Na seringa!? Tive não... minha produção sempre foi pouca, não ficava devendo mais ficava com pouquinho saldo, né?... eu vou mentir pra quê?

JR: Porque o que é importante (...)?

RMS: Eu demorei pouco na seringa.

JR: Éh, né?!

RMS: Éh!

JR: O senhor não se aventurou tanto, né?

RMS: Não, não, não... [o] máximo que eu passei... passava no seringal... no seringal era hum ano, oito meses... se não dava, eu já sumia pra outro canto.

JR: Tentar outros meios?

RMS: Outros!... quando eu parei de cortar seringa aqui nesse ri [rio Abunã], fui viver de extração de madeira, pra construir embarcação, casas por aqui... fui cerrar no braço, ninguém tinha motor... não existia motoserra na época, fui vivendo disso, daí comecei a melhorar... daí fui pensando diferente, procurando a segurar alguma coisa... e quando a gente não pensa, tudo que pega joga fora... a coisa melhora e eu consegui uma coisinha pouca, mas consegui, cerrando madeira.

JR: Como funcionava a estrutura administrativa dos seringueiros?

RMS: Eu lembro de tudo!

JR: Como funcionava o armazenamento de borracha e mercadorias?

RMS: Cada patrão tinha o seu próprio depósito (...) funcionava carregando nas costas mesmo.

JR: Como?

RMS: Éh, cada patrão tinha dez, doze home (trabalhando) pra ele... tudo que era dele, esses home carregava na costa mesmo... aqui [no rio Abunã] lá naquela ilha [lado boliviano], era assim funcionava.

JR: E o que tinha nessa ilha?

RMS: Lá morava Geraldo Perez [seringalista].

JR: Ele morava na ilha mesmo?

RMS: Era[o] armazém dele, [e] tudo lá era [transportado] por barco.

JR: O que ele produzia nesse armazém, por exemplo?

RMS: Ah, (ele) era seringalista (e) só pegava mercadoria, depositava lá no dia... (passava) para o seringal, butava no batelão subia pra lá... o produto dele não passava aqui, só na ilha.

JR: É mesmo?!

RMS: Éh!

JR: Por quê?

RMS: Ele achava melhor... ele entrou (de) sócio com um boliviano, e ficou... e ficou trabalhando lá, era assim.

JR: E quantas famílias ficavam nos seringais, mais ou menos?

RMS: Seringais grande contava... contava só mais que um home... só lá duzentas faca, era duzentos seringueiros aquele [seringal] contava... de lá (a) população eu não sabia o quanto tinha, duzentas facas, setenta, cem, cento e cinquenta... as () contando com o home que produzia (...).

JR: E se fazia o cálculo considerando o número de facas, por quê?

RMS: Isso!... em faca, hum home era uma faca, ele se baseava nisso... mais tinha muito mas gente.

JR: O seringueiro poderia estar lá [no seringal] com sua família ou não poderia?

RMS: Ah podia!... podia... podia, eu (canssei de ver) gente que nasceu lá e se criou... e sem nunca

vim aqui [em Fortaleza do Abunã]... depois que abandonaram a profissão do corte, que eles saíram do mato e vinhero lá de dentro, sem saber de nada [sem estudar].

JR: Não tinham oportunidade de nada?

RMS: Nada!

JR: Era só uma vida trabalho?

RMS: Só uma vida mesmo, tipo índio.

JR: E quanto ao tratamento das doenças, naquela época?

RMS: Cada patrão conseguia seu poquinho de remédio, pra levar pro seringal próprio, os dos outros não... eu lembro bem que, quando trabalhava com o velho Jaime na, no seringal Orion [Bolívia].... ele (contava) “lá tinha cento e ciquenta faca, é [equivalente a] cento e ciquenta morador...” aí eu lembro que ele levava um vidrozinho assim, [idêntico] dessa maionese média, cheio de camuquinho... e outro remedinhos a mais, aquele de antigamente lá distribuía pro povo... [o seringueiro] a vezes achava que tava com malária, tomava aquilo, sem consulta sem nada.

JR: Já para prevenir?

RMS: Prevenir!... é só um preventivo, quando não tinha jeito, tinha que ir em Porto Velho.

JR: Esse camuquinho era um produto químico ou natural?

RMS: Era químico.

JR: Uma pílula?

RMS: Piula.

JR: Cápsula né, camuquinho?

RMS: Tinha outros nomes, bucado de nome, Aralém(...).

JR: Tinha primaquina naquela época?

RMS: Não.

JR: Tinha cloroquina?

RMS: Não!... mas esse camuquinho é o nome mesmo.

JR: Só muda o nome?

RMS: Não.

JR: O formato?

RMS: Produto é só produto, até aqueles torpedim [cápsula] era cheio daquela macinha amarela que hoje tá na tetraciclina, terramicina... éh, aquele tipo, o remédio era aquele, e a maioria dos outros remédios era coisa de caboco mesmo(...).

JR: Boldo?

RMS: Chá de boldo, (chinaquina)... ele é quem deu origem ao camuquinho, a tudo... e os outros remédios e esse tal de amor crescido... a primeira malária que peguei... só não murri porque tinha um preto velho lá, perto de mim... que me ensinou que [eu] tinha que toma amor crescido... é uma ervazinha que tem aí rasteira, cê tem que tomar quinze dias, só aquele chá, nem tomar água... éh, eu tive que fazer o que ele [recomendava], era o médico... amor crescido(...).

JR: Como era o valor das mercadorias estipulados pelos seringalistas?

RMS: Isso, era isso!... o, os centais [centavos] que eles cobravam era sem limites, cada um botava o seu... e aí, ainda tinha, em alguns lugares, um guarda livo [livro] ou um gerente daquele, que puxava o saco [do patrão], e butava mais... éh!

JR: Então havia uma elevação no valor das mercadorias?

RMS: Éh, eles [seringalistas] tiravam o quanto pudesse, pra ele [seringueiro] não sair da produção [colocação].

JR: E tinha essa preocupação de segurar o [seringueiro]?

RMS: Tinha!... tinha essa preocupação, que era alí que os caba [cabras] tira saldo.

JR: Por que os seringalistas faziam isso?

RMS: Não, sei, não dá pra entender se era assim... eu sei que ele interessava [que] o caba [seringueiro] ficasse no seringal.

JR: Porque aumentavam bastante os preços das mercadorias vindas de fora?

RMS: A despesa dele [seringalista] era grande, mais [o seringueiro] achava demais os aumentos... cê inda era obrigado o ficar com mercadoria variada.

JR: Você poderia escolher outra mercadoria?

RMS: Não, não tinha outra... os defeitos tinha um pouco de farinha mofada, açúcar molhada... essa coisa não tinha que reclamar não, não tinha pra onde cê correr... cê não podia comprar noutra patrão ,só no seu(...).

JR: Era um acordo fechado?

RMS: Éh, não niguciava [negociava] com ninguém, só com seu patrão... daí cê tira, que era mei, mei cativero, nera!?

JR: O senhor achava [semelhante à escravidão]?

RMS: Eu achava!

JR: Vocês não tinham liberdade?

RMS: Éh, é, é um preso mesmo éh!... sê não podia niguciar com ninguém, só tinha, só tinha que, que sê do jeito que ele [patrão] quiria... então é, num tinha saída, comprar dele mesmo, o bom o ruim.

JR: Como conservavam as mercadorias vindas de fora?

RMS: Chegava, ma rapaz!... naquele tempo [os alimentos não] tinha validade [prazo de validade vencido] de nada, tinha não ((sorriu))... chegava [n]aquele que era metido a cão, comia mesmo, variada e qualquer jeito... outros não, não comia, mais não podia devolver... por aí tu vê, tu vê se tiver coisa variada não podia devolver... era quase (...) é, obrigado, é obrigado, já sabe é cativeiro... era assim, [o] charque vinha do Rio Grande do Sul, [também] vinha daqui da Bolívia... mas muito chegava variado [estragado]... esse tabaco que vinha do Pará, vinha variado, quando tava bom ficava ruim, [ele] passava o pau a vender do mesmo jeito... só michia no bom quando aquele ruim se acabava, que tu acha disso?

JR: Que tipo de contrato vocês assinaram com o patrão? Existia algum documento?

RMS: Não.

JR: Era tudo verbal?

RMS: Tudo verbal, sem documento de nada, tudo verbal!... cê chegava [a] pedi colocação, ele [seringalista] te dava... aí tu tinha que preparar lá a colocação, limpar tudo, fazer barraco... uns pagava metade daquele serviço e outros não... pegava, dizia que aquilo era seu, era pro cê trabalhar, e daí tu ia trabalhar nas condições que ele quisesse... só pagava borracha tanto, e pronto.

JR: Você não poderia colocar uma conta proposta, ou opinar?

RMS: Não, não, podia.

JR: Era aceitar e (...)!?

RMS: Aceitar, aceitar!... também cê não tinha facilidade de se mudar pra outro [seringa]... cê se mudasse dum (colocação), dum seringal pra outro, era o maior do obstáculo... pro cê trabalhar lá no outro [seringal], cê tinha que levar conta corrente, o quê que produzia, o quê que tu fazia, se tirou saldo ou não, eles [guarda livro e gerente] butavam tudim... se tu chegasse lá sem a conta, não trabalhava não, era um identidade ali, aquele negócio (...).

JR: Acontecia do seringueiro falar que estava querendo sair dali?

RMS: Acontecia!

JR: E aí?

RMS: Acontecia, se não divia eles [falavam] “éh rapaz, dá teu jeito aí!...” se [você] tinha um saldim miado ele te pagava... mas se tu tava devendo cê não podia sair, só quando pagar... se ocê saísse sem pagar, ele avisava pro outro [seringalista] lá num dá trabalho pra ti [seringueiro] que ficou devendo... ou então ia ficar com ele [novo patrão], se cê garantir [pagar] a conta, pra poder ficar com ele [seringueiro devedor].

JR: Essa situação ocorria muito?

RMS: Aconteceu muito aqui no (seringal) isso!

JR: Isto acontecia com todos seringalistas?

RMS: Com todos, todos, acontecia com todos!... o caba [seringueiro] que não produzia, era difícil de arranjar uma vaga, saía (assim, sem levar a) conta corrente ()... pra saber [o]que tu [seringueiro] deveu, ô, tava devendo, o quê que produzia... só recebia lá no outro, se ocê levasse a conta corrente... se não levasse, chegava lá ocê era um atôa, um... talvez se ocê conseguisse um facão pra

ficar limpando [o] campo... assim todo seringal tem um campo grande, cê ficava ali batendo [o] campo [roçando], depois (como) se ocê (...).

JR: Pra quê que era esse campo?

RMS: Pra criar gado e (outros) animais... comboi [comboio] pra produzir [e] cê trazer a borracha do centro [seringal], e levar mercadoria.

JR: Então todos(...)?

RMS: Tinha seringal aí que tinha vinte horas de mata [a] dentro, saia no lombo do burro... todo patrão tinha esse campo.

JR: Todos, né?

RMS: Todos.

JR: Além do gado existiam outros animais?

RMS: O gado e os animais.

JR: Como era transportada a borracha dessa colocação até as margens dos rios?

RMS: Nos burros.

JR: Nos burros?

RMS: Éh!

JR: Então, tinha muitos burros nos seringais?

RMS: Tinha.

JR: Quantos tinham?

RMS: Cada um [seringalista] tinha vinte, trinta burros, ou mais.

JR: Aí faziam o comboio?

RMS: Comboio era grande, comboio isso!

JR: Mas quando ocorria(...)?

RMS: Pra tirar borracha e castanha.

JR: Quando ocorria esse comboio [o seringueiro] era avisado antecipadamente?

RMS: Ah!... aquilo não parava não.

JR: Ocorria sempre?

RMS: Sempre!... ele é contínuo, que era, era muitas linha... uma linha, vamos dizer que isso aqui tinha vinte, trinta homem trabalhando, nessa linha, o tanto que o combóio não parava... chegava daqui, entrava nessa, entrava noutra.

JR: Era um trabalho constante?

RMS: Constante, o comboi era constante... entrava com mercadoria saía com borracha.

JR: Como era a organização desses seringais?

RMS: Era várias linhas, várias linhas, cada linha tinha várias colocações.

JR: Em cada colocação tinha uma família?

RMS: Tinha, isso, uma faca!

JR: Uma faca?

RMS: Uma! ((sorriu)).

JR: E sobre a cachaça Tambaqui, o senhor sabe me informar?

RMS: Éh!... sei dizer que cheguei inda (alcançar) ela aí, mas era péssima qualidade, nós aqui nem bebia dela.

JR: Não?

RMS: Levava pra impurrar pro seringueiro que morava longe das outras pingas... aqui [Fortaleza do Abunã] chegava pinga boa!

JR: Aqui, né?!

RMS: A [cachaça] Tambaqui ia lá pro seringal, dava (para o seringueiro...).

JR: Eles bebiam?

RMS: Isso, lá naquele mundo o cara toma é tudo!

JR: Então essa pinga Tambaqui foi uma experiência local?

RMS: Foi uma experiência, mas o primeiro produtor morreu, não veio mais outro não.

JR: Quem foi o primeiro produtor?

RMS: Um português aí, Joaquim, não sei de que (...).

JR: Ah, foi um português!?

RMS: Foi, mas o negocio lá era do véio Otávio!

JR: Ahn!?

RMS: Ele era o (...).

JR: O dono era?

RMS: [Joaquim] era o encarregado, e o dono era Otávio Reis.

JR: O encarregado era quem fabricava?

RMS: Isso, justamente ele!

JR: Em um seringal?

RMS: Não, aqui bem próximo.

JR: Em que lugar?

RMS: Na cachoeira.

JR: Aqui na cachoeira [Fortaleza]?

RMS: Nessa não!... noutra que tem ali adiante uns, uns quinze minutos daqui... lá, e o nome da cachoeira lá é Tambaqui... e aí, o engenho é bem assim, na ponta, em frente a cachoeira Tambaqui... tinha cachaça Tambaqui, tudo é (...).

JR: Ainda é possível encontrar no local alguma coisa?

RMS: Ixi, tá abandonado!... muitos anos... uns trinta anos... depois de abandonado devia de existi direitinho.

JR: Ainda tem vestígio lá?

RMS: É que provavelmente tem sim, que era de ovenaria [alvenaria]... aqueles tanques de armazenar, tinha umas caldeiras muito grande, eu acho que ela inda existe lá.

JR: Agente poderia visitar e tirar fotografia?

RMS: Pode!... é mei difícil de achar, que a mata tá demais grande.

JR: O senhor tem informação de que alguém tenha ido lá?

RMS: Tem, aqui tem é muita gente que já (...) lá agora, achar sim, é bem direitim... dá um trabalhim.

JR: Éh, né!?

RMS: Eu mesmo já fui (lá)... Tão vamos lá!

RMS: Quando eu cheguei aqui eles contava que esse ri foi desbravado pelos franceses, numa época bem remota... aí, antes da Estrada de Ferro [Madeira] Mamoré funcionar... o nome da firma era, Picolé, Casa Picolé [Societé Picolet], era Cristina Freire... desse ri [rio Abunã] aí pra cima, tudim... funcionava da mesma forma... tinha seis Inglês, tumbém tinha... que era o dono do seringal... até ficou aí na História... afundou aí depois do Tambaqui, mesmo ali em cima, fundou uma Alvarenga [barco] deles... conta os antigos que ia levando três ou quatro cunhete de ouro... cunhete é um caixazinha que eles tinha nos, nas libras esterlinas... e tanto tempo procuraram e nunca tiraram não, eles contava tudo isso... quando cheguei aqui tinha muita gente que trabalhou com essa firma... hoje, aqui infelizmente não tem mais nenhum, mais nenhum que contava.

JR: Outros moradores comentam sobre escritas [vestígios] existentes na cachoeira do três “S”. O senhor ouviu falar?

RMS: Ouvi!

JR: O senhor já viu?

RMS: Ouvi falar!... vi os escritos... pra decifrar pra nós, mais ninguém sabe o que é... não conhece a letra.

JR: Não decifrou?

RMS: [não] conhece a letra.

JR: Esculpidas?

RMS: Foi!

JR: Esculpidas na pedra?

RMS: Na pedra, esse é verdade.

JR: Na cachoeira três “S”?

RMS: Três “S” aqui nessa daí... nessa qui [cachoeira Fortaleza] eu não cheguei a ver não, mas o

povo diz que tem... lá no Tambaqui também tem... esse aí é verdade, mais, ninguém decifro o que é... uns atribui que foi os primeiros exploradores... os que vinha aí do alto, deve ter vindo do Peru... muita gente atribui que tenha sido, que tenha sido os Índia.

JR: Incas?

RMS: Uhn... mais a verdade é que tem essas letras mesmo... têm formato de peixe... eles esculpido, um bocado de coisa... (isso aí) é verdade... tem isso, mais ninguém sabe dar maior informação... conhece algumas letras e os formatos, os animais que eles deixaram na pedra.

JR: Como é que agente faz pra ir lá?

RMS: Ah... tá complicado!

JR: Só de barco?

RMS: Só de barco... e eu nem sei se nessa tá descoberta... que ela foi feito bem embaixo, na vazante, na maior vazante dos rios... elas ficaram assim, próximo da água... qualquer aguazinha cobre, e aí a gente num vê.

JR: As alvarengas eram compradas aonde?

RMS: O patrão comprava tudo em Belém, Manaus... trazia o mestre pra fabricar ela aqui (lado de) cima da cachoeira grande, lá, pra () passar.

JR: A embarcação era montada em Fortaleza do Abunã ?

RMS: Não, o mestre fazia tudo aqui!

JR: Tudinho?

RMS: O modelo que ocê quisesse.

JR: De ferro?

RMS: De ferro, de chapa (...)

JR: Até de chapa?

RMS: Éh... daquelas placas que o povo chama (caverna) né?... aqueles braços de sustentação, aquilo era umas custaneiras [cantoneiras] mais reforçadas... mais aqui mesmo ela mudelava do jeito que ocê queria... tinha um boliviano, uns peruanos que sabia fazer... foi feito aqui mesmo (...).

JR: Todas?

RMS: Todas.

JR: O senhor lembra os nomes das alvarengas?

RMS: Não, me lembro só de uma que butaram o nome de Elza... era (filha)... essa Elza era filha do Geraldo Perez, e ele foi quem mandou fazer a alvarenga... (os) outro num tinha, só quem tinha era ele... aí uma delas era Elza, a outra eu não lembro o nome... de cada uma filha butou um nome na embarcação... essa Elza acho que se não morreu, ainda é de (viver) aí por Porto Velho... quando cabo o seringal ela foi viver de garimpo... disseram que ela teve muito bem aí, no garimpo, Elza Perez... (os Gorayeb) chegaram assim antes, mas não muito... eu cheguei ainda tinha gente dele aí... empregado desse patrão.

JR: Ah!... a família Gorayeb!?... era muito conhecida lá em Porto Velho, né?

RMS: Éh!... e eu conheci vários deles... (Anísio Gorayeb) era filho de (Constantino Gorayeb), que eu acho que era tudo parentes deles.

JR: Senhor chegou aqui antes deles?

RMS: Não.

JR: Eles chegaram antes?

RMS: Eles chegaram antes, eu cheguei aqui tava aqui.

JR: Eles trabalhavam com o quê?

RMS: Rapaz!... o velho era comerciante... mas seu Anísio, mais uns outros irmãos tinha... seu Anísio estudou lá pra Belém, se formou num sei em que... teve por aqui, num gostô, foi pra Porto Velho... teve trabalhando lá [na] empresa de renda, num sei mais em que... aí o velho era simples (...) e a casa é aquela lá da Dona Santinha... aquela casa mais feia do que as outras ((sorriu))... e ela é bem estranha, né!?... outra coisa que ninguém soube me dizer, os velhos... quando foi feito aquela casa?... [não] achei nem um velho que [me] dicesse.

JR: Quer dizer que antes da Dona Santinha (...).

RMS: Íh!...

JR: Ela pertencia aos Gorayeb's?

RMS: Dona Santinha chegou depois de mim rapaz!... foi, cheguei muito primeiro do que ela.

JR: Quer dizer que aquela casa já pertenceu aos Gorayeb's?... E Já fizeram alguma melhoria?

RMS: Isso nunca teve... teve alguns remendozim na cobertura... nunca ninguém mexeu ()... na formação daquela casa (...) o dono que eu conheci foi (Constantino Gorayeb), depois um fulano () Joaquim Carvalho... depois passou pro Jaime de Alencar, e aí Jaime de Alencar morreu... acabou tudo e a véia Santinha herdou a casa.

JR: Herdou, como assim?

RMS: Fico, pro, pro (...).

JR: Ela era parente dele?

RMS: Era casada com o filho do Jaime de Alencar.

JR: Ah!...

RMS: Joaquim de Alencar!

JR: Então a dona Santinha era casada com o filho do Jaime de Alencar!

RMS: Jaime de Alencar.

JR: Aí ela herdou essa casa?

RMS: Isso!

JR: Tá complicado, né?

RMS: E aí nunca fez nada alí tumbém, só ela tava () que é coisa horrível!... cê olhando direitim, qualquer rachadurinha que tem alí, ela manda passar barrim, tá segurando, né? (...).

JR: Então, quer dizer que o senhor é mais antigo que a dona Santinha?

RMS: Só cheguei aqui... mais o tal genro, o sogro dela já morava aqui... só que ela não tinha casado inda com o filho do véi não... ela morava lá pra Rio Branco, Xapurí... porque depois de uns três anos que ele caso... depois que casô foi morar no seringal, no último seringal que chamava Lourena [Lorena] na bulívia... esse seringal daí que ela vei morar aqui... eu dei muitas viagens lá e ela... [estava] morando lá.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: ALJ

LOCAL: Fortaleza do Abuna/RO. DATA: 08/04/2008

JR: O senhor poderia dizer seu nome completo e a data do seu nascimento?

ALJ: nascido em mil novecentos e trinta... em maio de mil novecentos e trinta.

JR: O senhor é conhecido popularmente como?

ALJ: AL.

JR: O senhor poderia contar pra gente onde é que o senhor nasceu?

ALJ: Nasci em São Carlos abaixo de Porto Velho [baixo Madeira].

JR: O senhor ficou mais ou menos quanto tempo em São Carlos?

ALJ: Na idade de dois anos eu cheguei aqui... na idade de dois anos eu vim pra cá... minha mãe casou-se com um português, ela era (viúva).... aí ele veio pra cá (...) eu vim com a idade de dois anos.

JR: Então praticamente o senhor teve sua infância aqui em Fortaleza do Abunã?

ALJ: Exatamente aqui!... tive infância e morava no engenho que tinha ali, em cima daquele (veio).

JR: Como era o nome do seu padrasto?

ALJ: Era JPS.

JR: E da sua mãe?

ALJ: MNS.

JR: Qual foi o seu primeiro trabalho em Fortaleza do Abunã?

ALJ: Bom, eu cheguei aqui com dois anos e fiquei com ele lá, até a idade de oito anos... aí comecei a trabalhar com ele lá mesmo.... depois que ele faleceu... aí um home que tinha chamado Otávio Reis que era o patrão dele, recebeu lá o movimento que ele fez, e a gente ficou feio, lutando... aí ficou uma viúva com uma porção de crianças, que essa vida mesmo apertada, só que naquela época tudo era fácil, né?... tudo era abundante, ninguém pensava em negócio de fome, num existia... e eles foi se criando, depois foi pro seringal, partiu pra seringal... éh, foi a época da guerra [Segunda Guerra Mundial] eu já tinha treze anos... éh, aí fumo cortar seringa... chego aqui uma firma muito [grande], pagando borracha muito bem e a gente se animou e fumo, pro seringal cortar seringa, chama essa firma Rubi Reserva [Rubber Reserve Company]... aí cortando seringa, aí foi todo tempo cortando seringa... e aí foi todo tempo envolvido em seringa, era a atividade da hora e a gente depois terminou tudo isso... agente terminou até como seringalista, abrimos um seringal e fumo trabalhar, eu e um irmão... fumo trabalhar nos seringais, depois que acabou o seringal... aí agente ficou lutando aí com outras atividades, né!?

JR: Por um acaso seu irmão era JLJ?

ALJ: JLJ é meu irmão, e a Fortaleza[do Abunã] naquela época era um lugar assim, que tinha as casas tudo eram feias... só morava aqui cerca de umas oitocentas pessoas, né?... era oitocentas a mil pessoas, eu não me recordo, sei que morava muita gente aqui(...) e naquela época eles matavam por semana, eles matavam quatro boi... tinha esse povo aqui né?... agora, depois ela [Fortaleza do Abunã] foi arruinando... foi o tempo que saiu a estrada, e acabou o seringal... aí parou aquela atividade que tinha pôr aqui de borracha, de castanha, e ela piorou, acabou-se praticamente a Fortaleza... aí começou essa coisa de turismo... o pessoal começou a [frequentar Fortaleza do Abunã], e tinha um prefeito por nome de Francisco Chiquilito Erse que gostô daqui... andou por aqui e viu... gostô e achou que era muito bonito o lugar e começou a explorar esse ramo de turismo... e tá iniciado, ainda não existe turismo aqui não, mas tá bem iniciado pode se dizer, né?... agora, todo mundo que vem de fora chega aqui e gosta muito do lugar... gosta de pescar, gosta de tomar banho na praia, essas coisas (...) e começou a ter casas boas dos turistas, principalmente do povo do Acre que têm muitas casas aqui... mas ela [Fortaleza do Abunã] jamais chegará [a ser] o que foi a Fortaleza do Abunã [do passado]... porque naquele tempo todo mundo vivia tranquilo, muito a vontade... e agora quando chega nesses dias de festejos [Festival de Praia], essas coisas precisa se (estimular)um pouco... porque, a coisa pega! ((sorriu)) .

JR: O senhor chegou a trabalhar nesse engenho?

ALJ: Sim.

JR: Como é que funcionava esse engenho?

ALJ: Bom, esse íngenho pertencia a uma firma que se chamava Picolé [Société Picolet] que também era de (estrangeiro)... aí ela [a empresa] resolveu para com as atividades... e esse engenho era um engenho puxado à boi, ele num era grande coisa... e vendeu essas coisas todinha pra Otávio Reis... vendeu seringais, vendeu embarcações, e esse engenho era ali do lado da Bolívia... então eles [estrangeiros] nem ligaram pra quilo... mas quando ele [Otávio Reis] veio pra trabalhar nesse engenho ele arrumou todinho... colocou maquinário, butô uma caldeira, era uma máquina de trabalhava à fogo né?... o resultado é que lá chegou até a sair açúcar branco, açúcar desse negócio de íngenho... e quando ele morreu tava muito bem, só que [eu] era muito criança... eu não sei dizer o quê que aconteceu, que nós ficamos numa (pior) mesmo.

JR: Quer dizer então, que no momento da existência desse engenho o senhor era criança?

ALJ: Criança, criança!

JR: Quantos anos mais ou menos o senhor tinha?

ALJ: Eu tinha de quatro pra seis anos... foi quando ele começou a arrumar lá o engenho, ficou bem arrumadinho.

JR: Então essas informações o senhor adquiriu com sua mãe e outras pessoas?

ALJ: Exatamente!... quando ele [padrasto] morreu [eu] já tava com uns nove pra dez anos... aí eu já tava lá trabalhando, lá junto com ele [Otávio Reis], assim [um] serviço de pai pra filho... [o que] ele mandava eu fazer então eu ia... mas eu lembro bem que começou de quase nada e terminou... tinha até caminhão pra carregar cana... animais pra tirar de dentro do roçado pra colocar no lugar que o caminhão pegava... ele começou a ficar moderno, que fazia açúcar branco, fazia cachaça, e plantava também muita coisa... tinha (feixes) de feijão, de farinha, de arroz... tinha máquina de pelar arroz... tudo puxado por aquela máquina que a base dela ainda tá por ali.

JR: O senhor sabe o nome da máquina?

ALJ: Não, não sei!... sei que era uma máquina de vapor [movida a vapor].

JR: Essa máquina veio de onde?

ALJ: Eu também não sei dizer... quando eu me entendi, ela já estava lá... sei que foi ele [Otávio Reis] que comprou, que arranjou... ele comprou ela e levou pra lá, era uma máquina grande que trabalhava lá com caldeira grande... caldeira aliás, a caldeira ainda esta lá no local, dentro da mata... a caldeira ainda tá lá toda enferrujada... (se) eu quiser eu vou lá, na hora que eu quiser, eu sei aonde está!

JR: Quando agente poderia ir lá tirar umas fotos dessa caldeira?

ALJ: Agente pode, tá dentro da mata né!?

JR: Talvez no próximo ano.

ALJ: O senhor vem aqui e nós vamos lá sim!

JR: Qual é o nome do seu padraсто mesmo?

ALJ: É JPS.

JR: Quem iniciou o engenho foram os estrangeiros?

ALJ: Foi, foi!

JR: Era uma coisa simples?

ALJ: Era uma coisa simples, era (...).

JR: Depois seu padraсто chegou e (...).

ALJ: E aí fabricou (...).

JR: Fabricou o quê?

ALJ: Fabricou cachaça, açúcar branco como eu já disse... fornecia rapadura... e ele fornecia pra esse patrão dele levar pro seringal, farinha, feijão, arroz, tudo isso ele produzia lá, né?... e também tinha muitas criações.

JR: Então existia uma empresa estrangeira?

ALJ: Éh.

JR: Qual era o nome da empresa?

ALJ: Eu não sei dizer, é Casa Picolé [Société Picolet].

JR: Então esse é o nome da empresa?

ALJ: Eles falavam Casa Picolé.

JR: Eram donos desse engenho?

ALJ: Era.

JR: Depois de que forma seu padraсто adquiriu?

ALJ: Não!... meu padraсто veio trabalhar como empregado de Otávio Reis... Otávio Reis foi quem adquiriu, né!?

JR: Ah, então esse engenho foi construído pelos estrangeiros e depois comprado por Octávio Reis?

ALJ: Éh.

JR: Depois Octávio Reis contratou o seu padraсто?

ALJ: Exatamente... foi isso, eu acho que esses ingleses eram o dono absoluto... aí num existia estrada, num existia nada, todo aquele movimento do Acre passava por aqui, Vila Plasto [Plácido de Castro]... aquela coisa todinha tinha movimento, e eles fizeram aquele engenho... e quando venderam essa firma pra Otávio Reis, eles venderam com tudo... seringais, embarcações, esse engenho e as casas aqui em Fortaleza, tudo (...).

JR: Otávio Reis arrematou?

ALJ: Foi.

JR: Toda estrutura do engenho?

ALJ: É, foi... inclusive eles tinham aqui uma casa que foi até um crime [ter] desmanchado aqui... uns chamavam chalé, mas um negócio muito bonito, tudo coberto de telha, madeira que vinha de fora, né!?... deixa eu ver, eles trouxeram pinho, era muito bonito... quem acabo essa casa, quem destruiu?... eles desmancharam, né!?... que já não fizeram mais?... era um casarão grande de madeira, e, escritório, loja, toda essas coisas... ele [Octávio Reis] comprou tudo, né?... hoje em dia só existe uma casa ainda, que era desse tempo... que é uma que chamam de centenária... ela fica lá em cima.

JR: Onde?

ALJ: Ela fica pela beira do rio... ali naquele chapéu de palha... então ela fica no canto daquela rua que roda por lá, é uma casinha deteriorada mais a gente vê que é uma coisa muito antiga, era deles ainda.

JR: Lá está fechado né?

ALJ: Éh, fechado.

JR: Eu sei onde é!

ALJ: Tá escrito assim: Associação dos Moradores de Fortaleza do Abunã.

JR: certo!

ALJ: Já viu?

JR: Já.

ALJ: Pois é, quando morreu o Chico Reis, filho de Otávio Reis, [quando ele] era ainda vivo, agente formo uma associação... aqui ele cedeu pra ser a sede, depois também a associação acabou e mais nada... tem o nome lá.

JR: Como Octávio Reis contratava os empregados?

ALJ: Otavio Reis fazia o seguinte, ele arrendava o lugar [e] você trabalhava por conta... e fornecia pra ele o que fizesse lá, né?... então isso é um ingenhozim puxado a boi, e que só fazia açúcar preto e rapadura... aí quando ele [padrasto de ALJ] pegou... ele começou a modernizar e chegou a fazer cachaça, fazia álcool, fazia rapadura, fazia açúcar preto, açúcar branco, enfim... ele conseguiu inclusive essas outras coisas, farinha, arroz, feijão... ele também produzia lá, aí quando ele morreu eu não sei como é que foi a coisa... mas sei que ele era o dono lá... ele era o dono agora... tinha negócio direto com Otávio Reis e com os outros patrões daqui do seringal, todos patrões tinham seringais, né?... ele era assim, exatamente, vendia pra quem queria e comprava de quem queria... só que quando ele morreu, Otávio Reis foi quem pegou lá e alegou que ele devia, e, ficou o movimento, né?... e eu não sei explicar nada (...)

JR: Então seu padrasto inicialmente trabalhava na propriedade (...).

ALJ: Éh, éh(...).

JR: De Otávio Reis, e com o tempo ele acabou arrendando, né?

ALJ: Éh!

JR: Depois Octávio Reis recuperou a sua propriedade?

ALJ: Éh, exatamente.

JR: Situação complicada, né?

ALJ: Otávio Reis casô com a filha dele, aí vei esse tipo de coisa, num sei explicar né?... eu era inda de pouca idade pra saber isso, depois eu fui trabalhar com o próprio Otavio Reis. . . aí quando chegou a época de guerra, que eu fui trabalhar com o próprio Otavio Reis... aí depois eu já passei a cortar borracha pra ele, castanha, todas essas coisas... aí depois eu fui tocar por conta também, formemo um seringal na Bolívia, trabalhemo eu e meu irmão.

JR: O senhor falou que existia uma produção?

ALJ: Isso.

JR: Essa produção foi enquanto seu Joaquim estava vivo?

ALJ: Foi, foi ele quem fez tudo(...).

JR: Funcionar (...).

ALJ; Éh, foi assim!... inclusive quando ele morreu, ele deixou um montão de produto pra (...).

JR: Para quê?

ALJ: Suprir todo mundo aqui de pinga, açúcar... tudo isso.

JR: Mas depois que ele faleceu acabou o negócio ou(...).

ALJ: Acabo, cabo... Otávio Reis pego, entregou pra uma outra pessoa é, chamava-se Augusto de Melo, um senhor de confiança dele, né?... só que acabou tudo, cabo caminhão, acabou roçado, acabou tudo.

JR: Não prosperou?

ALJ: Não, e tem lá ainda no local, tem essa caldeira, lá dentro da mata... tem esse lugar de fornalha aonde funcionava o engenho... onde funcionava fornalha pra tanques pra botar macaxeira de molho, pra fazer farinha... isso inda existe lá por entro da mata, agente procurando acha.

JR: Quanto tempo de funcionamento teve esse engenho, produzindo?

ALJ: Olha, nós chegemos lá com dois anos, ele foi aperfeiçoando ele... e quando eu já tinha dezesseis anos já parou de existir... já não existia nada, só o lugar lá abandonado, até hoje... depois que ele morreu, foi desmoronado, né?

JR: Depois que o senhor foi trabalhar com Otavio Reis, trabalhou de (...).

ALJ: Foi, eu trabalhava na lancha dele comprando borracha e... eu era comandante da lancha dele.

JR: Como era o seu trabalho a sua atividade?

ALJ: Éh, saía daqui de Fortaleza cada vinte dias... saía daqui uma lancha rebocando três, quatro batelão né?... e eu ía vendendo mercadoria nos depósitos e comprando borracha, e recebendo

borracha dos depósitos pra trazer.

JR: Isso levava quanto tempo?

ALJ: Em cada vinte dias eu ía lá em cima, ficava aqui, subia de novo, é questão de doze a quinze dias de viagem... aí chegava aqui, fazia a entrega da borracha de seringais em que eu comprei, prestava conta né?... pegava nova fatura de mercadoria, e subia de novo noutra lancha, fazendo o mesmo serviço.

JR: Que tipo de mercadoria o senhor levava?

ALJ: Ah, levava de tudo pra seringal... levava arroz, feijão, açúcar, charque, farinha e material pra seringueiro... e fazendas, miudezas, coisas em geral... e tinha uma loja aqui muito grande, muito forte, tinha tudo nessa loja.

JR: As mercadorias saíam dessa loja?

ALJ: Saía dessa loja e dos armazéns que ele [Otávio Reis] tinha aí.

JR: Ele tinha loja e armazém?

ALJ: Éh, tinha os armazéns que ele armazenava... ele comprava mercadoria em grosso, muita mercadoria.

JR: Ele comprava de onde?

ALJ: Ele comprava de Belém de um senhor chamado Isaque Broschimó [Isaac Benchimol]... um comerciante forte de lá, né?... ele comprava [e] chegava essa mercadoria aí... e aqui do lado de baixo dessa cachoeira [corredeira Fortaleza], tinha embarcação também, grande de vinte e suas toneladas, vinte e cinco... e trazia essa mercadoria transportada nos caminhões, aqui pros armazéns, que já ficava aqui perto do rio... e daí já embarcava noutras lanchas, ía até acima de Vila Plasto [Plácido de Castro], ficava lá dentro da Bolívia, também ((espirrou))

JR: Existia uma cachaça que vinha de fora também?

ALJ: Existia várias qualidades de cachaça [que] vinha de fora ((tossiu))

JR: Quem consumia a cachaça Tambaqui ?

ALJ: O povo aqui também consumia bastante... mas gostava mais dessa que vinha de fora que se chamava-se Cocal, que era umas da que eu me lembro que tinha, né?... depois tinha uma que se chamava Marrequinha da mesma época... mas a cachaça nunca é muito né?... sempre faltava ((tossiu))... ele produzia muita cachaça e vendia todas, era cachaça Tambaqui.

JR: Como era o lazer naquela época?

ALJ: Rapaz o lazer aqui tinha bastante!... tinha futebol, tinha time, carnaval, e as mulheres formavam um negócio de uma pastorinha.... tinha boi que dançava, que brincava, naquelas épocas de São João, né!?... São João, São Pedro, essa coisa, e daí festa e muita cachaça, e muita (...).

JR: E nessas festas o seringueiro poderia participar?

ALJ: Podia, podia participar só que (...).

JR: Ele tinha tempo pra participar?

ALJ: Ele só participava quando chegava no fim do fado [safra] que ele baixava né?... aí baixava uma lancha assim com cinco, quatro batelão, e rebocando... era um negocio bonito... hoje em dia ninguém sabe, nem como é que era aquilo, ninguém nem pensa como é que era... era aquelas embarcações rebocada por uma lancha a fogo [vapor]... e aí vinha no final do fado, vinha aquela ruma de seringueiro com saldo, né?... chegava aqui [em Fortaleza do Abunã], ele recebia o saldo dele aqui, e aí brincava esse negocio todo... quando chegava a época de subir de novo, tava de novo aquela massa de gente pra subir [o rio Abunã].

JR: O seringueiro e sua família?

ALJ: Toda família.

JR: Caso ele não tivesse saldo ficava lá?

ALJ: Ele sempre ficava né!?... quê sem dinheiro, () descer era muito difícil... só se tivesse doente ele descia de qualquer jeito, e o patrão mandava trazer.

JR: Geralmente ele só descia o rio Abunã se tivesse saldo?

ALJ: Éh, era (. .)

JR: Porque ele tinha que prestar conta aqui [Fortaleza do Abunã]?

ALJ: Éh.

JR: Como era a questão da contabilidade?

ALJ: A contabilidade é uma coisa bem perfeita, ele ia (...) pôr exemplo eu tinha cinco seringais vamos dizer, né!.. éh, Mucambo, Extrema, Oriente, São João e Porto Luiz aqui no Abunã... então essas contas lá era tiradas em duas vias, e todo mês vinha pro escritório que eu trabalhava... vinha aquela terceira via praqui pro escritório [em Fortaleza do Abunã], chegava aqui tinha um funcionário que colecionava aquilo tudim de cada seringais, por ordem alfabética... e eu sabia a situação dos seringueiros todinha... a mesma coisa que em terceira via, vinha a nota de mercadoria que ele comprava, que chamava-se guia, e vinha o recibo da borracha, do produto dele... então eles tavam sabendo a situação de um homem que digamos que se chamava seu José, seu Pedro, eles tavão sabendo a situação dele toinha... sabia quanto ele produzia, sabia quanto ele gastava, era muito bem feito aquele serviço... e então quando eles tinham saldo, eles aqui já tavam sabendo, que o seringal Extrema digamos tinha oito conto de réis de saldo, ô, vinte conto de réis de saldo nas mãos daquele seringueiro.

JR: Então a moeda que girava qui era o Réis?

ALJ: Era o réis, mil réis... era a moeda forte que o Brasil teve, mais nenhuma agora, mil réis era forte mesmo... um home ganhava três mil réis pra sustentar uma família de oito a dez filhos... e sustentava todo mundo vestindo, todo mundo calçando, e ninguém passava fome... só que naquela época tinha muita facilidade também, né!?

JR: E a moeda inglesa não circulava aqui não?

ALJ: Circulou na época dessa firma picolé [Société Picolet], que inclusive tem até uma estória aí que alagou-se uma Alvarenga dessa firma lá na cachoeira Tambaqui, e ela tava com uma porção de libra esterlina... mesmo a embarcação que subia tinha que levar dinheiro pra comprar borracha né?... porque não era só o Otávio Reis o seringalista chefe, tinha vários... então tinha aquele pessoal [seringueiros] da margem do rio [Abunã] que era assim tipo independente, morava na Bolívia... mas aquela colocação pertencia a ele, então aquele patrão que aviasse ele, era quem pegava o produto dele, tá entendendo?.. Mas [se] ele chegava vamo dizer que ele tivesse trinta mil réis de borracha, e ele comprasse só quinze mil e quisesse os outros quinze mil, aí tinha que ter, pra fazer cobertura dele... vinha também as contas dele pra cá pra saber tudo, e era mil réis... na época dessa firma Picolé [Société Picolet], existia o mil réis que era a moeda do Brasil e existia a libra esterlina que era dinheiro Inglês... essa estória aí que essa Alvarenga alagô lá, já foi as pessoas que trabalhavam nessa profissão, que tava comigo na lancha dessa firma que me contô... e tinha um cunhete e meio de libra dentro, aí nessa cachoeira da Tambaqui, aí é muito fundo... aí quando tá mais seco é possível... ainda dá trinta e tantos metros de fundura(...) e ela tinha que ter mesmo dinheiro na viagem, isso eu não sei, não sei quanto era... mas tinha que ter, só que a gente conhecia, era um cunhete de chumbo ().

JR: É verdade que em determinada época Fortaleza do Abunã possuía sua própria moeda?

ALJ: Como?

JR: Fabricou a própria moeda?

ALJ: Não, conheço isso não!... éh, é verdade que Otávio Reis fazia o seguinte, ele emitia os vale, pôr exemplo, a pessoa trabalhava com ele [e] pra não tá pegando dinheiro direto, ele dava um vale... chegava fim do mês aqueles comerciantes vinha com aquele vale e ele pagava né!?... debitava... o que já estava na conta da pessoa, que já ficava na segunda via né?... aí ele pagava pra eles, mas [o] dinheiro era o mil réis mesmo... e ele também tinha carteira de poupança, o cara tinha um saldo, ele não ia levar pro seringal, ele fazia aquela carteira de poupança né?... dele, o cara subia pra lá, ia comprar e vender produto pra ele movimentar... mas ele tinha pôr exemplo hum conto de réis, ele deixava em poupança, chegava no fim do mês aquilo rendia lá... eu também não sei quanto né?

JR: Espécie de um banco...

ALJ: Era, era, e ele era um patrão muito forte, era um negocio bem arrumado, Otávio Reis.

JR: Éh ...

ALJ: Ele já pegou da firma assim, eu sei por que essa outra firma foi imborra.

JR: A questão do relacionamento, patrão e empregado, e o mesmo sistema de aviação que funcionava, e o mesmo sistema de aviação que funcionava aqui, na sua opinião, olhando assim pro passado lembrando o passado, e fazendo uma análise hoje, principalmente verificando o destino das pessoas, os antigos seringueiros, né, ...

ALJ: Éh

JR: O senhor acha assim que eles levavam assim vantagem ou desvantagem foi alguma coisa assim que rendeu alguma coisa pra eles, em determinado momento ou foi assim vamos supor, um seringueiro ele podia dizer, que ele só foi assim explorado, ou digamos assim, que eles tinha onde ele que pegava mercadoria e trocar borracha ...

ALJ: Ahn

JR: Se ele conseguiu assim pôr exemplo que no futuro, uma casinha alguma coisa ou era aquela coisa só pra se manter mesmo?

ALJ: Não, não, quando ele, quando ele é um bom seringueiro, ele tirava saldo e recebia o saldo dele e ele fazia o que ele queria, tinha deles essa rotina de vida, tinha deles que progredia, tinha deles que não né, agora, sob essa situação que eu vejo, vi muita gente falando e é completamente errado num existia isso, era que o patrão matava o seringueiro pra ficar com o saldo isso nunca existiu o, o, na verdade o que eu sei contar porque, eu fui seringueiro e fui patrão, o patrão era verdadeira vítima, olha, ele pegava uma pessoa sem ter nada, hoje se fizer isso, morre qualquer um, a pessoa se acaba na primeira lapada, ele pegava uma pessoa, e, ele tava lá em Belém o seringueiro ou ia com esse patão dele lá né (Isaque Broschimo) e, e lá seu Isaque dava pra ele um adiantamento e mandava Le vim pra cá com a carta, comprava a carta, ele vinha aqui chegava no escritório entregava essa carta, ele tinha recebido digamos 100, 100 mil réis lá que não era tudo isso que recebia mas, uma, uma hipótese ai chegava aqui, aqui ele ia pro escritório entregava aquela carta, ele tinha, ele vinha dizendo tudo aquilo ele subia ia pra uma seringal pra colocação fulano de tal, determinado por aqui eles sabia qual era a colocação que tava desocupadas, aí ele ia pra lá trabalhar, só saía de lá quando pagava, só que lá, ele, ele tinha, ele levava mercadoria pra ele todo mês, ia buscar produto via se ele tava doente ou não se ele tivesse doente ele tinha direito de baixar, pra vim se tratar, se ele não tivesse doente ele não saía de lá enquanto não pagasse aquela, aquela conta, tirasse saldo, porque tirava saldo mesmo era uma coisa muito importante, eu não sei como é que hoje pessoas na Brasil, que acabo com seringal, acabo com o, com o remanescente dessas pessoas pobres viu, porque ali acumulava gente demais, era muita gente mesmo, trabalhando tranquilo sabendo que aqui ia fazer todo dia, não existe, e quando acabo o seringal fico todo mundo, inda hoje tem muita gente aí que não sabe viver de outro jeito, a não ser de por dentro do mato ... e que ta sempre apertado porque hoje em dia o cara num pode nem butar roçado, não pode fazer certas coisas, e aquela pessoa só sabe fazer isso, quem não fico no mato e coisa, as vezes acontecia de morrer de matar, de haver, de ma. acontecia isso, mas não porque o patrão não quisesse pagar, por causa, de, é porque é onde tem muita gente sempre tem os violentos né, tinha pessoa que fazia uma borracha grande que num era possível colocar em cima de um animal pra tirar, ele exigia que ele tirasse, e que não cortasse aquela borracha, e que não violasse ela, essas coisas toda, e aí aconteceu, eu, eu vi assisti isso, eu vi gente morrer por causa disso, é porque o cara não podia tirar, a balança não pesada, não tinha como pesar, ele mandava cortar e pesar os pedaços dela e lá ia a confusão e morria gente por causa da incompreensão, mais o sempre foi mais vítima do que o seringueiro.

JR: Seu ALJ, eu gostaria que o senhor me explicasse, é como é que funcionava o sistema de transporte e aviação no Vale do Rio Abunã, considerando que nós tínhamos aqui seringalistas como Seu Otávio Reis, Jaime Alencar, e eles possuíam diversas embarcações, e eu gostaria de entender como era todo esse processo de abastecimento dos seringais.

ALJ: Bom, mercadoria era pedida de Belém e quando chegava aqui, eles colocavam nas embarcações que eram os batelões de 20 toneladas 22, e lanchas rebocando, ai distribuía nos seringais essa mercadoria. No seringal já tinha movimento de seringal mesmo, que ia um funcionário, que falava que ele era o noteiro, e tirava a nota dos seringueiros ai vinha despachava a mercadoria no barracão, ai já ia no comboio em costa de burro, direto pra casa dos seringueiros a

mercadoria.

JR: Sobre o sistema de transporte, as embarcações, que tipo de embarcações tinham aqui e quem eram os proprietários?

ALJ: Bom, tinha o Otávio Reis o Jaime Alencar, o Geraldo Peres, o Otávio Reis era o maior, mais forte, tinha mais embarcação, aí distribuía essa mercadoria nos seringais como eu já disse, e tinha uma expedição a bordo pra comprar borracha porque tinha muita colocação do lado da Bolívia que não pertencia a seringal nenhum, pertencia à pessoa, ao seringueiro mesmo, o seringueiro abria uma colocação, quando era do lado do Brasil que não tinha dono, e quando ele saía vendia pro outro, então eles eram independentes, e esse batelão que fazia essa expedição, ele comprava essas borracha e os regatões que era proibido existia comprava essa borracha dessas colocações e do Brasil quando eles eram donos, não comprava dos patrões, vendia para os patrões, mas não comprava.

JR: Então, por se tratar de uma fronteira internacional, Brasil e Bolívia, os como os dois lados possuíam as seringueiras então existiam as colocações do lado brasileiro e do lado boliviano, só que os sistemas eram diferentes, do Brasil com relação à Bolívia, então quer dizer que enquanto no Brasil os seringais pertenciam aos seringalistas, na Bolívia o seringal pertencia ao seringueiro independente, aí no caso o sistema de aviamento era diferente.

ALJ: É, bom, os seringalistas também tinham seringal na Bolívia, né, o que acontece é o seguinte, ele pegava um trecho de um determinado lugar na mata, no rio, que dava um seringal, que dava uma concentração de 30,40 colocações aí ele fazia aquele seringal, agora entre um e outro que dava um dia de viagem, meio dia dependendo da distância, tinham essas colocações que ficavam solta, então os seringueiros abriam e eles pagavam a renda direto a um fiscal boliviano, e eles eram o dono daquela colocação, vendia a borracha deles pra qualquer pessoa que eles quisessem.

JR: Então, seriam aqueles espaços que não era de interesse dos grandes seringalistas, que sobravam...

ALJ: Que não dava os seringais né...

JR: Que não dava pra formar geometricamente e espacialmente um seringal, e aí entrava um seringueiro independente e ele poderia negociar da forma que ele queria a mercadoria.

ALJ: Com qualquer pessoa, era assim.

JR: É essas embarcações que tipo de energia elas utilizavam?

ALJ: Energia era... Lancha a fogo, combustível dela era lenha né, e os batelões pegavam 20,18 e até 25 toneladas, tinha tabelião que pegava e eles rebocados por essas lancha, uma lancha daquela rebocava cinco batelão, quatro, e três, dependendo da necessidade.

JR: Voltando a questão anterior, é essa situação que aconteceria diferentemente no lado boliviano, poderia acontecer também no lado brasileiro, assim de sobrar espaço de seringal, poderia haver um seringueiro independente do lado brasileiro também?

ALJ: Podia, podia dependendo dele estar longe dos seringais e ali não tinha dono aquela terra ele pegava e abria a colocação dele, e trabalhava independentemente.

JR: Quer dizer que o seringal, pra você dizer que determinada localidade é um seringal, ele deveria atender determinada forma geográfica definida do que é um seringal, a questão das colocações e tudo mais, quando não acontecia isso, não era de interesse formar um seringal ali, não poderia ser chamado seringal.

ALJ: Não, porque um seringal mesmo era o seguinte era aquele lugar que tinha a seringa na beira do rio, aí ia para o centro da mata né, pegava, por exemplo, a margem de um igarapé, já a seringa da mais em margem de igarapé ela da na terra firme também mas não é tanta, mas aí o seringal ele acompanhava um igarapé, e outro e outro mais e tornava um centro de 7,8,9 horas de viagem que era feito em comboio, aí era o seringal porque era puxava esse produto do centro da mata, puxava borracha, castanha e levava mercadoria pros seringueiros agora não tinha esse sistema, a seringa sempre na beira do rio, aí um seringueiro vinha e formava a colocação dele, o outro vinha e formava mais embaixo e assim ia fazendo, e a beira do rio era toda habitada de gente, e tinha aí essas pessoas que não eram comprometidas com ninguém, era os donos da colocação, eles compravam a mercadoria com qualquer um, de regatão de patrão e vendia a borracha deles também, pagava com a

borracha.

JR: Era justamente essa pessoa que dava margem para que os regatões entrassem e não criassem problemas com os seringalistas.

ALJ: Exatamente, agora cada regatão tinha um convênio com os seringalistas que, aliás, eles até compravam mercadoria dos seringalistas, já assim com uma certa diferença de preço, dando pra ele uma margem de lucro e ele ia comprar aquela borracha e trazia pra aquele seringalista.

JR: É o regatão no caso aqui do Vale do Rio Abunã, ele não poderia trazer essa mercadoria diretamente de Belém, de Porto Velho ou outra praça, sem comprar dos seringalistas, ele tinha essa liberdade ou ele não tinha?

ALJ: Ele tinha essa liberdade, agora se tornava difícil porque ele comprava pouco, um patrão desse, ele comprava muita mercadoria, muita mesmo, e um regatão ele ia comprando pouca né, então eu acho que esses comerciantes lá de Belém, eles não tinham interesse de vender assim pouco, eles vendiam bastante assim para os seringalistas que compravam muito mesmo. Otávio Reis pelo menos comprava 300 sacas de açúcar, 500, era assim, comprava 200 fardos de charque, farinha vinha, tinha até o nome de farinha do Pará, vinha mil e tantos é paneiro de farinha assim, vinha tudo de lá, chegava aqui eles iam fazer a distribuição do ano todo, eles compravam pro ano.

JR: De que forma era estabelecido esse acordo, bem o seringalista, ele tinha grande quantidade de mercadoria no seu armazém, seria isso? E aí que tipo de acordo, que tipo de moeda, era um acordo, como é que funcionava a transação do seringalista com o regatão?

ALJ: Antes do banco...

JR: Era chamado regatão ou mascate aqui?

ALJ: Regatão. Agora o seringalista era seringalistas mesmo. Então, antes de ter o banco de crédito da Amazônia, o banco da borracha, que falavam antes disso eles comprava essa mercadoria a crédito, tinha que ser bem conhecido pra comprar depois que saiu o bando, aí o banco financiava eles, eles faziam pedido da mercadoria, e já enviava o dinheiro pra lá, já comprava a vista, as vezes até mais barato, não sei explicar, mas devia ter alguma vantagem, aí vinha essa mercadoria, eles iam trabalhar com essa mercadoria, o banco, eles só pagavam no fim do ano, na hora que fazia o reajuste, era só trazendo borracha e entregando, trazia e entregava e fazia suas anotações, essas coisas quando chegava no fim do ano é que liquidava, pagou o financiamento ele levantava outro.

JR: Quer dizer que, com a criação do Banco da Amazônia, houve uma mudança nesse sistema, se antes era apenas a crédito, agora o banco passou a ser o credor.

ALJ: É exatamente o bando passou a ser credor e desenvolveu bastante.

JR: Todos os seringalistas trabalhavam com o Banco da Amazônia?

ALJ: É trabalhavam, sim.

JR: Todos eles receberam financiamento?

ALJ: Receberam.

JR: É, essa contabilidade, esses registros, esses dados da borracha, de produção, de financiamento, é onde é que poderíamos ter acesso à essas informações?

ALJ: Olha, aqui tinha escritórios grandes, que trabalhavam até 15 pessoas num escritório, escritura bem feita, um controle muito bonito, mas eu acho que no banco de crédito da Amazônia você acha esses registros de compra e venda financiamento e venda de produtos.

JR: Mas isso em Porto Velho?

ALJ : É em Porto Velho, o Banco de crédito da Amazônia, em Porto Velho, o Basa.

JR: E aquela contabilidade, os registros que estavam com os próprios seringalistas?

ALJ: É esses daí ficou nos escritórios deles aí. Faz muito tempo que acabou-se né, eu acho que se destruiu, esses escritórios, essas coisas.

JR: Esses dados aí eles são difíceis...

ALJ: É, mas não tem mais esses escritórios, não tem mais nada, ainda tem os filhos que eram os herdeiros deles, tem, aí, mas eles não dão conta de nada, sabem explicar nada não, não existe mais nada não... Mas naquela época era muito bem feito esse controle, agora, o Banco de crédito da Amazônia, ele dava o financiamento e recebia a borracha pra pagar o financiamento, ele não tinha nada haver com o que o seringalista fazia da compra da mercadoria, o seringalista comprava e

enviava o dinheiro e pagava né, aí vinha à mercadoria deles, eles iam vender a mercadoria pros seringueiros e adquiria borracha pra pagar o financiamento do banco.

JR: A pessoa recebia o financiamento em dinheiro, e o banco recebia a borracha, a produção a borracha.

ALJ: Exatamente.

JR: É, sobre a questão da circulação das embarcações, quais eram os obstáculos que existiam na navegação do rio Abunã?

ALJ: Não, não existia obstáculos, os obstáculos era só mesmo a cachoeira e passagem ruim, viajava o ano todo né, pegava seca, o rio cheio era bom de viajar, mas quando tava seco, tinha muito pau, muita coisa, era esse os obstáculo que tinha, agora de assim de autoridade de pessoa em cima disso, não. Tinha que pagar o imposto de renda, mas vinha os fiscais e fiscalizavam os escritórios que estou lhe dizendo e aí faziam a fiscalização, quando tava correta, tava certo, quando tava errado, ele multava.

JR: O Otávio Reis, ele tinha a casa aviadora, a sede da casa aviadora de Otávio Reis, era aqui na região, em Manaus ou Belém?

ALJ: Era aqui, em Fortaleza do Abunã, era uma firma muito bem organizada e aqui ele recebia as nota de pedido do seringal pra cada mês, nota de pedido, ele despachava aquele pedido, e aquela mercadoria e o seringal tava também entregando a borracha pra dar cobertura daquilo ali.

JR: Lá em Belém ou em Manaus também existiam as casas aviadoras, essas casas aviadoras elas forneciam mercadoria pra cá, para a região. O senhor sabe me dizer como o Otávio Reis adquiria essa mercadoria de que casa aviadora ele adquiria essa mercadoria lá em Belém?

ALJ: Em Belém ele comprava do Isaque “Brolchimol”, um turco que tinha lá, negociante, e em Manaus ele comprava do Ibê Sabá, num tem uma firma Ibê Sabá em Manaus, ele comprava dele.

JR: Né, Isaque Benchimol, não, da família Benchimol? Porque essas famílias tinham centros comerciais lá em Manaus. Então ele recebia mercadoria deles? Do Isaque Benchimol e Saul...

ALJ: Não, é Ibê Sabá, e do Isaque “Brochimol” não sei, sei que era o nome da firma era Ibê Sabá E Isaque Brolchimol em Belém, eu não sei se era uma empresa só, podia até ser.

JR: Isso em Belém?

ALJ: É tinha em Belém e em Manaus.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: DR

LOCAL: Fortaleza do Abuna/RO. DATA: 19/04/2008.

JR: Nos gostaríamos que o senhor falasse sobre as razões que fizeram com que o senhor migrasse para Fortaleza do Abunã?

DR: Bom, eu nasci em Fortaleza do Abunã, então lógico que no, que eu tinha a razão, meu pai era dono de seringais e eu estudei no Rio, no colégio Anglo Americano ate 1941... quer dizer, teve Manaus, tive Belém até 1940, em 40 fomos pra a ... o Rio de Janeiro já na época da guerra, no Rio de Janeiro estudei no Anglo Americano até 42 ... em 1942 no auge da, da borracha meu pai que tinha seringais, aqui em Rondônia, na época era Guaporé, Território Federal do Guaporé eu vim pra cá, cheguei aqui, no dia ... é, num sábado de carnaval, em 12/02/42 aqui eu tive praticamente uma existência, aqui neste, em, Rondônia atual Fortaleza do Abunã existia 4 patrões, de seja 4 donos de seringais, que era considerados, homem forte na produção da borracha, eles eram, Jaime de Alencar... era também é Geraldo ... Peres que era espanhol, um cearense com o nome e João Afro Vieira... e meu pai que era Otávio Reis eles formavam os 4 de lá, sendo que ... a nossa produção de borracha, na época da guerra, incluindo os seringais, bolivianos... a nossa produção de borracha era uma produção avantajada que pode se dizer que influía muito... nisso tudo influía tanto era tão primordial isso, que vinha aviões catalina da América do Norte, trazendo, dinheiro dólar, trazendo medicamentos e trazendo alimentos pra aquela região ... depois disso foi criada (Aber Deblido Corporeicham) uma companhia americana que sediou-se em Fortaleza do Abunã e lá ele então era como uma espécie de um, de um, de uma casa fiadora, a gente precisava de dinheiro ia lá, precisava de mercadoria ia lá do que precisasse ia lá atendia ... nos tínhamos, nos que eu igo todos os 4 nos tínhamos, serviço de transporte próprio, que saía praticamente toda quinzena abastecido d mercadoria levava pra os seringais, e os seringais vinha borracha, descia borracha, essa borracha era embarcada era embarcada, era transportada para Abunã, Abunã era colocada nos trens e daí ia, vinha para Porto Velho, Porto Velho aqui pra seguir pra Belém e de Belém seguia comboio para América do Norte (tosse) a vida, a vida em Fortaleza era como se fosse um prémio de um pequeno formigueiro, os nativos os moradores de lá era mais ou menos 150 a 200 pessoas, pessoas não famílias e, os flutuantes, flutuantes davam mais ou menos uns 5000 mil por mês subindo o rio em Fortaleza era o ponto de apoio para os seringais o vale do Abunã teriam estagiar, em Fortaleza até completar mais ou menos a quinzena que subia havia ocasiões da gente ??? de subi uns 4 os 4 grandes, subi as 4 embarcações ... com 300 , 400 toneladas de borracha porque os, batelões pequenos, que haviam lá em Fortaleza era geralmente de 15 a 20 toneladas cada um ... a firma Otávio Reis tinha uma lancha a vapor inglesa com o nome de dona Emília ... a Jaime de Alencar

tinha um motor ... bolinder, que pelo nome bolinder de ouvir a corruptela e chamam de bolinha, mas não era o bolinha era motor grande... é, Pedro de Vieira fizeram uma sociedade Geraldo Peres com Afro Vieira tinha um, um motor de 70 cavalos por nome de 70 ... esse motor 70 é, foi ele que, que entrou aqui de um outro seringueiro do Jamari que no momento me falha o nome dele, a vida lá em Fortaleza era uma vida de trabalho todo mundo trabalhava, cada um procurava escolher os melhores homens pra trabalhar de ... geralmente a noite havia aquela reunião... os grandes jogavam baralho...é sem valor, jogavam só, pelo prazer de laser e os novos os, os, flutuantes aí era, bebia, dançava era, fazia tudo, mas quando era hora de trabalhar, de embarcar aí cessava tudo... que havia... essa era mais ou menos em Fortaleza havia praticamente tudo, nos tínhamos uma oficina mecânica boa... nós tínhamos naquela época não havia, não havia correios e então os 4 se uniram e foram no correio e pediram ora que se instalasse uma agência os correios em Fortaleza, foi instalado nas condições de toda correspondência ser entregue em Abunã e o pagamento no, do, agente postal cê paga pelos 4, essa era condição de eles mandarem então nos tínhamos telégrafo e nos tínhamos uma agência postal, nos tínhamos também uma, cargo um enfermeiro que era também nas mesmas condições do correio, quem pegava o enfermeiro éramos nos, mas o enfermeiro despachava para um hospital aqui em Porto Velho, naquele tempo era, o hospital fica, ficava ao lado do, do Instituto Maria Auxiliadora hoje parece que ainda é o hospital da polícia... e escola a mesma coisa colégio pros meninos nos tínhamos, nos tínhamos nas mesmas condições que pagávamos éramos nos, nos 4, a professora era indicada por aqui por Porto Velho, e uma das primeiras professora de lá, era filha da dona Marieta daqui era irmã da bainha, a primeira professora de lá foi irmã da bainha.

JR: Da escola de samba?

DR: É da bainha da escola de samba, o nome dela não me passa pela memória porque já faz muito tempo isso de 42 pra cá, faz muito tempo... e era o que nos tínhamos lá, tínhamos igreja... e, depois foi construída toda de pedra ainda existe, o padre vinha de Abunã todo Domingo depois passou a vim de 15 em 15 dias... e o padre era da paróquia aqui de Porto Velho.

DR: Seu DR falou de uma empresa americana que se instalou em Fortaleza do Abunã tipo assim pra financiar...

DR: Financiar.

JR: Financiar, ela financiava no caso o seringalista né?

DR: Só seringalistas.

DR: Eles tinham um prédio próprio...

DR: Não, não, eles construíram, e, eles não butaram uma casa, um barraco, um barracão, um barracão nosso depois pela facilidade dele, de entrada e saída de mercadoria porque do lado brasileiro eles teriam mas e o porto até há onde eles estavam localizados, dava mais ou menos 500 metros, e o barranco lá é alto então eles passavam pro lado da Bolívia, que na Bolívia não dava 50 metros, e não tinha barranco passava pelas pedras, por cima da pedra da cachoeira.

DR: É no caso funcionava tipo assim como se fosse um banco que financiava?

DR: Mais ou menos isso, mais ou menos isso porque a gente fazia uma lista de mercadoria pra um ano, medicamento que precisasse pra 1 ano... a espécie de um orçamento a gente fazia, dava pra eles e eles imediatamente eles providenciavam isso, com 15 dias depois tavão chegando os aviões catalina e, deixando essa mercadoria lá.

JR: Quer dizer que vocês não tinham essa preocupação, vocês no caso na posição de seringalista vocês através da casa aviadora...

DR: Exato.

JR: No caso vocês faziam essa negociação, e depois vocês se encarregava de fazer a redistribuição pro seringais?

DR: É, isso é verdade, quando de depois o banco, foi criado o banco da borracha em 1940 foi criado o banco da borracha... esse banco ele depois ele fico ele...

DR: Banco Nacional.

DR: Nacional daqui, é o tal banco, banco da Amazônia ele recebia, quer dizer que ele recebia a borracha brasileira que essa firma americana comprava.

JR: Essa casa aviadora?

DR: Essa casa aviadora a borracha que ele comprava, borracha brasileira vinha pro, pro banco da borracha a borracha boliviana ia direto pra Belém, ia pra Belém.

R: De que forma se dava o acerto entre os seringalistas e essa casa aviadora de que forma eles faziam acerto?

DR: Eles faziam o acerto praticamente pelo banco, o banco controlava e, eles mesmo tinham controle em Belém da borracha boliviana que eles embarcava, para, pra fora né.

DR: A gente poderia dizer pôr exemplo que o seringalista era financiado em função daquele orçamento que nos falemos ainda agora e ele poderia acertar em espécie em borracha...

DR: Em borracha.

JR: Ele acertaria em borracha?

DR: Ele acerta, ele acertaria...

JR: Se tivesse um saldo ótimo né.

DR: Em borracha e.

DR: O banco controlava a entrada de borracha e o debito que nos tínhamos pra com a firma nessa (Raber Debilob Corporeocham) e ela a moeda qual era a moeda era dólar?

DR: Dólar.

JR: Então era negociado em dólar?

DR: Dólar.

JR: O senhor alguma vez tomou conhecimento de que em Fortaleza do Abunã se chegou a fazer cunhagem de alguma moeda?

DR: Não, não de jeito nenhum, nunca houve isso.

DR: Nunca houve isso.

DR: Não.

JR: É que eu escutei ai um comentário a esse respeito.

DR: Não, nunca houve, não de jeito nenhum, nunca houve isso.

JR: E quanto tempo aquela questão da usina de cachaça tambaqui?

DR: Tambaquí, sei era nosso aquilo era nosso, pertencia a nos era do lado da Bolívia, aquilo ali eles faziam, eles faziam da cachaça, a cachaça não presto era ruim então eles transformaram pra açúcar... e de açúcar eles faziam o açúcar mascavo, depois foi comprando centrífugas, pra clarear o açúcar, mas não teve grande ela depois ela parô, por causa da falta de cana depois ela deixou de funcionar.

JR: Então a gente pode se dizer que foi uma experiência?

DR: Pode se dizer, pode se dizer que...

DR: Não deu certo.

DR: Não deu certo.

DR: Inicialmente ele surgiu com o objetivo de fazer pinga?

DR: De fazer pinga não deu certo, pinga era muito ruim.

JR: A pinga tambaqui.

DR: É cachaça tambaqui.

JR: Cachaça tambaqui.

DR: Era ruim que fazia gosto, tentamos, mais meu pai mudou pra açúcar mais depois não deu continuidade porque faltou a plantação de, de, de cana, o, a borracha era tão interessante que o, o seringueiro ele não plantava, ele não plantava nada porque borracha dava pra ele comprar e era farto.

DR: Se manter.

DR: É, o seringueiro quando ele subia, ele tinha que ter casa as estradas prontas galinheiro tudo, tudo pronto ele chegava hoje, se ele quizesse hoje mesmo entrar na mata pra tirar borracha ele podia entrar, ele não perdia tempo de nada... era assim que era lá, então por exemplo ele podia plantar ou a mulher plantar no chão mandioca, pra comer uma farinha, mas a mulher e filhos acima de 10 anos tudo ia pra mata, trazer borracha.

DR: A gente poderia dizer que eles não teriam tempo pra cultivar?

DR: Não, não tinha tempo.

DR: Seria só extração da borracha...

DR: O tempo deles ocupava tudo.

JR: Ocupava e compensava.

DR: E compensava.

DR: Não havia necessidade?

DR: Não havia necessidade de jeito nenhum.

DR: E tanto que o seringalista abastecia...

DR: Tinha de abastecer, tinha que abastecer se não abastecesse não havia borracha de jeito nenhum, vinha o seringalista abastecia devido a, a essa empresa americana que fornecia tudo.

JR: Eu gostaria que o senhor me explicasse como é que funcionava o sistema de modo de produção, o processo a questão das relações das, das funções que nos temos aí o seringueiro o seringalista como é que funcionava o esquema da produção, a relação entre seringueiro e seringalista e se existia outras funções a função de cada um que tinha, pra fazer o negócio funcionar?

DR: Existia () de Fortaleza do Abunã, partia embarcações que ia pros seringais... levando as mercadorias que a gerencia de seringal tinha pedido... no seringal existia os moradores fixos, o gerente com a família... um guarda livros, um tirador de nota, um comboeiro e um vaqueiro, quer dizer eram 4 famílias geralmente que moravam obrigatoriamente, moravam lá.

DR: Pra administrar.

DR: Pra administrar o seringal, o seringal ele tinha uma estrada que nos chamamos varadouro há onde transitava o, o ... comboio de burros ... esse comboio saía semanalmente, pra levar mercadoria pra os seringueiros eles tinham, só seringueiros eles tinham alguns que moravam fora, um pouco longe desse varadouros principal e então era, umas estradinhas retas... que chamamos estradas manca, comboeiro ia, ia até a casa dele e de lá voltava no, no novamente para o varadouro, cada freguês , o seringueiro nos chamamos de fregueses, cada freguês ele tinha 3 estradas... que ia e voltava, não passando pelo mesmo lugar essas estradas é a que nos chamamos de estradas contínuas cada uma delas 150 arvores seringueiras que produziam o latex (fala sem o acentuo) cada uma delas tinha 150... quando tinha pôr exemplo seringueira torta ou ruim de leite ele então na estrada faziam eles faziam uma outra estrada pegando 2, 3, 4, 5 madeira, madeira que nos chamamos a seringueira era madeira, pra completar as 150, numa estrada, numa estrada um homem solteiro, dava uma meia (tosse) para um homem solteiro, dava mais ou menos entre 9 a 11, 12 ,é, latas de leite... e a lata de leite era porque antigamente eles usavam a lata de banha de 2k como medida padrão, agora eu o, o freguês casado com filho, dava em vez de ter o casado, só ter, o casado, só o casado ele e a mulher em vez de 3 latas tinha 6, 3 pra ele 3 pra mulher ele cortava sozinho, a mulher cortava com os filhos.

DR: Esse filho ele poderia em meia ter que idade?

DR: 8 anos pra cima já trabalhava, e os menores acompanhavam 4 , 5 anos, acompanhavam pra não ficar sozinho no ba., no barracão, porque eles saíam pra trabalhar 2 ou 3 horas da madrugada era a hora que eles saíam pra trabalhar eles voltavam meio dia, almoçava tomava banho era a hora que eles iam defumar a borracha eles tinham fogo, que ele provocavam a saída de fumaça , e endurecia o leite também e pra fazer as bolas de borracha... isto eles defumando ate geralmente 4, 5 horas da tarde, quer dizer eles pegavam 2, horas da madrugada ia até 4, 5 horas da tarde, quer dizer eles iam jantar, e o espaço de tempo de descanso de durmida era muito pouco... isso daí era uma coisa que todos outros faziam... no comboio, no comboio saía semanalmente com que nos chamamos de guarda livo, ele ia muntado num burro ou um cavalo, ia...

DR: Em Fortaleza do Abunã além de, além de escola de en. de enfermagem existia também um cartório Cívico para registro... de... dos nascidos lá, e, já havia também um juiz de pais que fazia casamento isso tudo, o juiz na época que eu cheguei, chamava-se Brás Correia Lima, era juiz de pais lá em Fortaleza do Abunã, ele fazia registro de nascimento, certidão de óbitos, de lá ele mandava pra cá pra Porto Velho, este livro, o livro lá das anotações, hoje em dia está aqui em Porto Velho, foi trazido de lá pra cá , de, e foi encerrado, o, este escritório lá, pelo vintão falecido juiz Joel Quaresma de Moura e quem trouxe todos os registros o livro de registro pra cá pra Porto Velho foi eu mesmo, isso daí era uma coisa que tava faltando, outra coisa que lá... foi, tirando Porto Velho, que é a capital foi o primeiro lugar ... a ter luz própria... particular, essa luz própria que era

particular era toda vila num era só pra cãs do dono, como também existia primeiro lugar depois de , de Porto Velho ate água encanada nas casa, toda tinha sua água encanada.

R: Seu DJ eu gostaria que o senhor relatasse no que se diz respeito a um aspecto físico de Fortaleza do Abunã as construções a questão da estrutura física de fazer com que, de manutenção, daquele processo de exploração, administração da borracha eu quero saber o seguinte se as características físicas foram alteradas daquela época pra cá, se houve alguma modificação, se alguma assim casa desapareceu, se permanece o senhor poderia me dar alguma informação a esse respeito?

DR: Bom, atu. atualmente, antigamente as casa eram de madeira, de taubas, de madeira,e coberta de zinco, ou de palha, as casa coberta de palha é que é, elas mantiveram é, é, 1º coberto de palha mas houve um incêndio (tosse) e esse incêndio destruiu 40 e poucas casas no centro então aí passaram a usar telha de barro, o telha de , essa nossa telha de amianto ou então de alumínio ... sobre o amianto, sobre essa mudança mas praticamente eu não posso, não posso dizer nada, sei que naquele tempo tinha muito moradores, hoje, em ia tem uns 4 ou 5 ... só, e foi invadido por pessoal do Acre extraíndo pedra, brita... e o pessoal depois com a queda do monopólio da borracha, o banco da borracha, então o pessoal desmaneceu, e faz mais ou menos uns 15 a 20 anos que eu não vou lá, e lá população flutuante era, era todos os estados o Brasil desdo Rio de Janeiro, rio de Janeiro, Ceará e principalmente Ceará, quando houve, houve a criação do soldado da borracha, o Rio de Janeiro pegou a ralé, os indesejáveis, criminosos, e embarcaram pra cá, pra se ver livre, principalmente que o estado (tosse) recebia (tosse) em dinheiro por cada home que vinhece pra cá trabalhar, eles então tinha o lucro, o dinheiro fácil, por cabeça, e, e, afastar de lá, os maus elementos, tinha de toda parte do Brasil, era os flutuantes.

JR: Estrangeiros?

DR: Não, estrangeiros não havia, dificilmente, o estrangeiro que havia eram libaneses, eram gregos mas não em Fortaleza, em Abunã que era o pessoal que trabalhava na estrada de ferro(teve um ataque de tosse)

JR: No caso a elite administrativa né?

DR: E estrangeiro só tinha o Geraldo Perez, que era espanhol, Jaime de Alencar, era cearense, Afro Vieira cearense, Otávio Reis era capixaba do Espírito Santo, só ...

JR: E assim caboclo?

DR: Os caboco num, hoje num, os nativos de lá.

JR: Negro?

DR: Não dificilmente, não tinha, a gente via negro quando vinha do, do Rio, de Vitoria, de Minas, aí a gente encontrava mais negro mesmo lá não.

JR: No tempo que o senhor ficou em Fortaleza do Abunã o senhor percebeu se, se algum momento teve a questão problema que se refere a abastecimento?

DR: Não, não havia, não porque, essa firma americana supria de tudo, quando havia uma falta, faltou Açú, faltou açúcar é, quando chegava mais ou menos no estoque deles 100 sacas de açúcar não supria um, seringalista, então dentro de uma semana vinha, chegava um avião carregado de açúcar, depois não, depois não vinha por água mas aquele momento pra não parar a produção de borracha, então eles mandavam um avião.

JR: Quais era os produtos alimentícios pôr exemplo que Fortaleza do Abunã consumia de Porto Velho?

DR: Eu acho que de Porto Velho nenhum.

JR: Pode se dizer que...

DR: Nenhum,

JR: Quase tudo vinha de fora?

DR: É quase tudo vinha de fora é inclusive pra Porto Velho, Porto Velho tudo que porto Velho consumia vinha de Manaus não era feito aqui, vinha de Manaus... aqui é um lugar que eu não pelo menos não sei a terra é boa ou pobre, que eu nunca vi plantação aqui plantação de gosto, nunca vi, vinha arroz, feijão, farinha, tinha embarcações de trazer 3 mil, 5 mil encapados de farinha, os encapados, eram 2 paneiros grandes, cheios de farinha, que vinha do Pará, ia do Pará pra Manaus, Manaus pra cá, é, enrolado numa estopa, esta estopa comum, mas Porto Velho não tinha nada não.

JR: E com é que funcionava, assim pela sua memória, a questão da administração de Fortaleza do Abunã quem administrava, como é que era a relação administrativa?

DR: Não, não, não havia administrador, não havia, é, lá quem tomava conta era Otávio Reis e Jaime de Alencar, era os dois que mandava porque moravam lá, então conversando com o outro vamos fazer isso assim, assim, se o outro dissesse não eu não quero fazer, e o outro achasse que seria prejudicado fazia por conta própria, mais não havia, uma determinação governamental sobre isso não, não havia.

JR: No que se refere a propriedade de terra, esses seringalistas eles seriam os proprietários legítimos como é que funcionava?

DR: Não, eles usavam a terra, mais nunca foi registrada.

JR: Poderia de dizer que era uma concepção um acordo, um contrato, como é que funcionava o senhor lembra?

DR: Também não, porque naquela época, naquela época, os prefeitos, a prefeitura de Porto Velho tinha mais dor de cabeça aqui em Porto Velho de que em qualquer outro lugar... é é como eu disse anterior, é, Fortaleza era o dono, ela tinha luz própria, tinha água própria, tinha correios próprios.

JR: Senhor tomou conhecimento de uma fabrica de gelo?

DR: Gelo, nunca houve, até (tosse) até 1970, nunca houve.

DR: A castanha, ela era, ela era colhida no inverno, quando parava o corte da, da seringueira, então começava a colha da castanha... bom aí, quando começava o inverno, a pessoa, o seringueiro geralmente, na maioria 60, 70% saía do seringal recebia seu saldo e ia para sua terra de origem, ver os familiares, que ficou no Ceará, no Piauí, ficou no nordeste, os 30% já enraizados lá, estes daí eles ia colher castanha não como se fosse uma obrigação, mais eles iam colher pra comer, fazer doce, tirar o leite, e o que restasse aí eles vendiam pro patrão o maior, o maior colhedor d castanha na minha época, era um, era um senhor que tinha seringal na Bolívia o nome dele era (Quater Ribeiro)... muito antigo (Quater Ribeiro) ele tem um... ele tem um neto, que mora aqui em Porto Velho, é, o um Juiz ou advogado eu, eu num, num não me recordo o nome dele, é neto dele.

JR: E sobre a mistura, a questão o complemento alimentar o quê que o seringueiro ele comia, que tinha o feijão o arroz que a gente falou e mistura?

DR: Tinha, tinha carne que era de caça, e, o charque, ou a carne de sol como nos chamamos hoje, este charque vinha da Bolívia, era exportado por (Caralamos Casilasques) o filho dele mora ainda em Guajará Mirim, é até Juiz ele... e, o seringueiro matava caça quando encontrava a caça na frente dele, ele derrubava, e algumas vezes num domingo, eu saía pra dar uma volta na mata, as vezes na própria estrada onde se extraía leite, porque era o ultimo lugar que ele conhecia era esse, ele passava um ano andando naquilo, já conhecia, eles num, num se aprofundavam na mata virgem, eles não saíam daquele pequeno varadouro.

JR: E a questão das doenças mais comuns?

DR: A doença, praticamente, não havia doença lá, num tinha doença, a, malária aparecia malária de vez em quando, porque naquela época também tinha outro nome... era impaludismo era, era medicado com, uma injeções, com o nome de Azul de Metileno, ou, Atebrina que era , que era, já, feito pílulas, por uma, por uma um laboratório americano, por nome de (Wíntorbis) não sei, este, este laboratório era um, de um ricaço americano e o filho era um aventureiro gostava de, ele veio pra cá, pra Amazonas, pra conhecer a mata, pra andar conhecer, e aqui ele pegou um impaludismo, e morreu aqui, e o pai dele então criou esse laboratório, mandou cientista pra cá estudar e formar então essa pílula atebrina, só que atebrina, ela, se ela fosse tumada, fosse ingerida é sem controle ela causava seqüelas (tosse) e a seqüela principal era geralmente deixava a pessoa surda.

JR: Ela tava em fase de experiência então?

DR: Não, já tava como definitivo, porque se você tumasse ela, é, como ele recomendava febre desaparecia, durante os 6 meses você podia abusar que, mais depois disso não era preciso moderar, era doença que tinha aqui era ela.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: JLJ

LOCAL: Fortaleza do Abuna/RO. DATA: 02/04/2008.

JR:Boa tarde! Em que ano o senhor chegou em Fortaleza do Abunã?

J: Nos che. chegemos lá com 8 ano de idade né, eu tinha 8 ano de idade, a Fortaleza já existia, agora tinha os seringalistas que agüentava ela, o movimento era todo pelo seringal, da mercadoria que ia, ia toda pelo trem, ia toda por água passava lá em Fortaleza do Abunã daí ia pro seringal, tinha Otávio Reis, tinha Jaime Alencar, tinha Perez Vieira esses era os patrão forte né, agora no rio tinha o seringal de Otávio Reis era o 1º seringal, era Mucambo, depois Extrema, depois Oriente aí ia tem um tem um outro seringal de Otávio Reis lá no central de São João lá pra cima ... aí vinha o seringal de , de Geraldo Perez, o 1º era Maravilha, depois Boa Esperança, Triunfo que era do Joca e, e, Porto Dias lá mais em cima, esse já era de outro patrão e do Jaime Alencar, Jaime Alencar, tinha o Orion e Itamarati... e aí já pra dentro da Bolívia da vila pra cima, tinha Lorena, isso tudo do lado da Brasil né, agora do lado da Bo. que eu vi lá internacional do Abunã, do lado do Brasil até Bolívia, e do lado da Bolívia tinha muito, era chei de mas tudo é o dono, eles negociavam com o velho Otávio, Otávio Reis, outros negociavam com Geraldo era assim né, porque do lado da Bolívia num era deles, é, o boliviano vinha todo ano recebendo a renda daqueles morador, e os morador faziam borracha e vendia, cada uma tinha o patrão preferido que negociava né, e eu me criei ali trabalhando no engenho da, da Tambaquí eu tinha 18 anos meu padraсто morreu, e eu fui trabalhar de empregado lá com Otávio Reis na oficina, trabalhei um bucado de tempo aí, depois eu achei que devia cortar seringa e ser seringueiro e de seringueiro depois eu passei a comprador de borracha numa embarcação ambulante comprando borracha, aí depois eu fui fazer o seringal pra mim, que não tinha que todo seringal tinha dono aí eu entrei na Bolívia lá num rii lá eu comprei a colocação, do seringueiro e lá deu de fazer o seringal eu fiz um seringal inda coloquei 45 famílias eu tinha 300 e tantas pessoas lá dentro, que esse tinha obrigação de levar mercadoria, levar tudo pra essas, essas pessoas e trazia o produto, fazia o movimento quando eu tava querendo tirar o dinheiro que eu gastei lá dentro, Castelo Branco acabou com a borracha, deu um golpe aí praticou tudo acabou com tudo quanto foi seringalista, acabo com tudo, não teve nenhum que se agüentasse e eu que ainda tava em começo foi o primeiro que foi pra pêia , agora a vilazinha de Fortaleza caiu também acabou-se saiu a BR acabou o movimento de mercadoria por pelo rio, e aí a mercadoria que ia pro Acre ia toda pela BR né, acabou-se aquilo ali, e quando agora foi que descobriram que aquilo lá é um ponto turístico, ta levantando de novo a custa do turismo né, só no verão, quando é no verão movimento bonito lá, corre dinheiro a vontade todo mundo trabalha bem lá em, mais no inverno é

um fracasso, tem nada.

JR: É, seu JL, como funcionava a circulação de mercadoria, de circulação de borracha, como é que funcionava aquela comercialização?

JLJ: É, a mercadoria a gente comprava aqui Porto Velho levava no trem chegava no Abunã, descarregava pra dentro desses armazéns que o cê fotografou aí, daí embarcava nas embarcações ia por água pra Fortaleza do Abunã, lá, lá carregava pro lado de cima, pra outras embarcações que essa cachoeira não passa nada só na força do inverno é que ela da passagem, mais no verão não passa nada só água de descida né, e então passava pra embarcações do lado de cima e daí subia puxado a motor batelão, carregado de mercadorias ia abastecendo os depósitos, cada um ia abastecendo o seu, e a borracha a mesma coisa descia e quando chegava na Fortaleza vinha pro Abunã pra vim no trem pra cá pra entregar no Banco da Amazônia era fornecedor de tudo era o Banco da Amazônia, banco da borracha falado né, era quem aviava os seringalista com o dinheiro e todo mundo quando era no começo do ano fazia seus financiamentos levantava dinheiro pra comprar trabalhar, comprar mercadoria pra levar pra pros seringais.

JR: Seu José Lima como é que funcionava assim a relação do seringueiro com o seringalista, como é que funcionava essa relação comercial?

JLJ: Era boa era uma animação danada, quando era no dia de festa patrão fazia uma festa no barracão e saía a seringueirada toda era uma animação danada era vivia em harmonia ninguém via o negocio de matar ninguém nem brigar não, era bom e os empregados a mesma coisa e de cada patrão tinha uma porção de empregados no, no seringal, tinha comboeiro tinha ajudante de comboeiro vinha povo que trabalhava na roça, que cada seringalista tinha sua colônia de roçado, e a bordo tinha a tripulação todo empregado né pe, pe, bem.

JR: O senhor ainda agora falou sobre uma usina...

JLJ: De açúcar.

JR: E, é fale-me dessa usina como é que...

JLJ: Essa usina, é, quando eu cheguei lá que era menino com 8 anos era engenho puxado a boi, e então eu comecei a trabalhar com 8 anos de idade que eu fui criado por padrasto, e meu padrasto me butava levantava duas horas da madrugada pra eu andar atrás das juntas de boi pra puxar engenho porque se não o boi não anda se não andar atrás dele chicotizando ele não anda a então eu levantava duas hora da madrugada ele me butava pra trabalhar e hoje eu vejo que foi uma das coisas boas que ele fez comigo, ensinou a trabalhar desde pequeno, eu trabalhei até os 10 anos, sem ganhar nada, só ganhava comida, roupa, sapato, quando eu completei 10 anos ele disse assim agora essa usina puxada a boi quando eu completei 10 anos já não era mais boi, o boi já tinha saído pra carregar cana da mata, do roçado pro engenho aí já era puxado a motor, o 3º ano já foi puxado a vapor uma caldeira uma maquina que era enorme, que ainda hoje inda ta lá pela Fortaleza os restos mortais dessa maquina e, aí era uma usina tirava o açúcar igual ao açúcar Itamarati tirava, cachaça, álcool, tudo.

JR: Quer dizer que existia uma pinga chamada tambaqui?

JLJ: Era, cachaça tambaqui era consumida lá pra abastecer pro seringal, ia pro seringal ia pra todo canto, ninguém bebia cachaça de Belém não, negocio de Cocal ? ? ? e a Cocal veio muito depois, depois que vinheram comprar era ela só tambaqui e era boa, esse meu padrasto era um técnico, o home era um verdadeiro engenheiro, tudo aquele home sabia fazer, fez uma usina que era uma maravilha mesmo lá.

JR: El era o proprietário lá a usina?

JLJ: Não era Otávio Reis, Otávio Reis que era o dono de tudo ele era empregado, do Otávio Reis.

JR: Então a gente pode concluir que essa usina realmente produziu e beneficiou a região por muito tempo de açúcar e pinga.

JLJ: Muito tempo e, é quando nos chegemos lá começamos a trabalhar tinha 8 ano quando ele morreu tinha 18 e trabalhando lá todo o tempo aí depois que ele morreu aí foi fracassando foi o tempo que o dono parece que foi fracassando Otávio Reis, Otávio Reis quando morreu tava pobre, aí vim simhora pra cá e foi abandonando lá.

JR: Tinha quantos funcionários mais ou menos nessa usina?

JLJ: Na usina? Há tinha, todo tempo tinha 15, 16 home no trabalho.

JR: Quais era, era as funções dele o senhor lembra o quê que cada um fazia pôr exemplo?

JLJ: Cortando cana, limpando quando depois do corte, depois que terminava o fado aí, ia limpar, capinar, plantar mais cuidando da roça, plantava arroz que lá produzia tudo, arroz, farinha, tudo.

JR: Moer, tinha que moer?

JLJ: Era, e, a,a,a mandioca cevava tirava a farinha seca a farinha d'água.

JR: Esses produtos eles vendia só na região ou vinha pra Porto Velho também?

JLJ: Não, pra cá não, ia tudo pro seringal.

JR: Tudo pra abastecer...

J: Seringal, era tudo ia pra cima.

JR: É, o seringueiro ele pegava um dinheiro e salário?

JLJ: Pegava todo fim de ano e que o seringueiro trabalhava de março a janeiro, janeiro encerrava a fabrica da borracha que com a chuva não deixava mais que com chuva num trabalhava, aí eles baixavam a maioria descia tudo pra cá pra Porto Velho pra receber o saldo.

JR: No caso aí, pôr exemplo senhor falou que Otávio Reis ele produzia açúcar, pinga, farinha, esses produtos ia pro seringal ele deixava essas mercadorias isso era anotando isso era abatido, o salário do seringueiro, como é que funcionava isso?

JLJ: Não isso era vendido pros seringueiros quando chegava lá no armazém ele vinha vender pro seringueiro.

JR: Mas o seringueiro chegava com o dinheiro ou ele pegava pra depois abater?

JLJ: Não, o seringueiro é diferente, o seringueiro ta lá na mata, lá pro centro né aí tem o comboeiro com a tropa de burro, quando é na entrada do começo do mês entrava um fazendo a nota com o seringueiro chegava na borracha do seringueiro lá vem a nota de mercadoria e quero tanto quilos de açúcar, tanto de feijão, tanto isso, tanto disso, tudo que precisava, aí o noteiro vinha só, tudo que precisava, aí o noteiro vinha com aquela nota quando chegava no barracão aquela nota ia despachada empacotada nos sacos aí ia pras costas dos burros o comboeiro ia deixar de casa em casa e trazia a borracha que ele tinha lá, o noteiro anotava a mercadoria e anotava quantas peles de borracha tinha pra trazer de forma que quando chegava no barracão o gerente sabia quantas borrachas tinha pra, pra buscar né.

JR: É, e geralmente o seringueiro ele ficava satisfeitos aí ele levava vantagem, desvantagem, ou a negociação era certa direitinho ou as vezes ele poderia sair no prejuízo, como é que funcionava?

JLJ: Ele levava vantagem ele ficava satisfeito porque todo aquele que trabalhava direitinho, tudo ele ganhava dinheiro, tirava saldo no fim do ano baixava com seus, com seus familiares pra vim pra cidade comprar o que precisava aí voltava, agora tinha malandro que não tirava saldo “num trabalhava direitinho” (fala rindo).

JR: O senhor falou de uma questão de uma mercadoria que vinha de Belém, como é que funcionava essa questão, que mercadorias era consumidas de Belém, como é que chegava aqui?

JLJ: Essa mercadoria que vinha de Belém vinha por, por água aqui, nesse tempo num tinha rodovia não era, o movimento tudo era por água, tinha cada navio que era os enormes aqui da (João Nasa) uma empresa marítima que tinha aqui, era cada um gaiola que monstro vinha de Belém até aqui trazia muita mercadoria pros patrão, que tinha patrão que pedia direto de Belém, é Otávio Reis, Geraldo Peres, que num comprava aqui no comercio de Porto Velho não porque o comercio aqui era miado isso aqui também não tinha grande coisa não.

JR: Então no caso a maioria dos alimentos, e os materiais que eram consumidos a maioria vinha de Belém?

JLJ: Era, vinha de Belém, farinha, farinha do Pará vinha panerim assim dois panerim desse tamanho de testa um pro outro fazia um coberto desse tamanho, te farinha vinha de lá.

R: Quem era o mais forte dos seringalistas?

JLJ: Era Otávio Reis, Otávio Reis era o 1º o, o, o, o veterano mesmo, depois do Otávio Reis foi que foi levantando o, Peres Vieira, Vieira era um que vivia no seringal igual Afro Vieira e Geraldo ele negociava no, rio aí depois fez sociedade com João Afro Vieira e fez a firma Peres e Vieira, Geraldo era Geraldo Peres e o Vieira era João Afro Vieira, então eles fizeram sociedade e fizeram a firma

Peres e Vieira e aí cresceram mesmo era uma firma forte e de Alencar era, era só ele mesmo num tinha sócio Jaime Alencar, Jaime Peixoto de Alencar.

JR: Que tipo de embarcação era utilizado para transportar mercadoria, transportar borracha, que tipo de embarcação quem era o proprietário dessas embarcações?

JLJ: Era os donos mesmo o seringalista, Otávio Reis tinha as embarcações dele, e eu tinha as minha tudo e as do Geraldo ele mandou fazer de ferro, cada uma alvarenga de ferro danada, inda hoje inda tem dela lá pelo barranco lá no Abunã e isso depois que ele também começou com batelão de madeira, os outros tudo era batelão de madeira, barco de madeira, barco de 16 toneladas 15, 16.

JR: Então quer dizer que existia o batelão que era de madeira depois tinha a alvarenga que era de ferro?

JLJ: Era do, do Peres Vieira, só quem tinha alvarenga era Peres Vieira os outros nenhum fizeram alvarenga, era só barco de madeira mesmo e o Peres Vieira fez essa alvarenga, porque ele naufragou duas vezes, afundo o barco dele furou aí em pau no rio e perder toneladas de mercadoria e ele se injuriou e fez essas alvarengas de ferro umas coisas brutas pegava 45 toneladas cada uma, subia carregada de, de mercadoria, descia carregada de borracha ele negociava muito com navio de (Placias de Castro) que é uma cidade que tem lá no Acre, nesse tempo num tinha, num tinha estrada de Vila Plasto para Rio Branco vinha toda pelo rio do rio Acre esse aí eu já não sei contar mais vinha tudo por água não tinha rodovia, quando não era por água era de avião e então ia pelo rio Abunã também né, aí abriram uma estrada da vila pra, pra Rio Branco foi feito primeiro essa estrada federal, a BR então subia muita mercadoria pelo Abunã levada por Geraldo Peres, Otávio Reis pra Vila ia pra Rio Branco.

JR: Então a gente pode dizer que seria assim é, eles encomendavam mercadoria de Belém né?

JLJ: Era fazia os pedidos cada um tinha representante em Belém, tinha escritório em Belém cada um Otávio Reis tinha, o Geraldo tinha, não sei se o Alencar tinha né que o Alencar ele foi o mais novo.

JR: No caso eles faziam essa encomenda essa mercadoria vinha de Belém em barco né, que tipo de barco vinha?

JLJ: De navio até aqui, daqui, ia no trem até Abunã.

R: E do Abunã?

JLJ: Do Abunã ia em barco de novo lá pra Fortaleza do Abunã que é donde tem aquela cachoeira que o cê filmo, aquela cachoeira ali não passa nada como eu já falei né, e tinha, todos tinha embarcação do lado de baixo da cachoeira e do lado de cima.

JR: Tinha que ter dos dois lados?

JLJ: Era, era transportado no caminhão do lado de baixo pro lado de cima e eu trabalhei muito no caminhão carregando mercadorias pra eles.

JR: Então a partir dali de Fortaleza eles iriam abastecer seringal por seringal.

JLJ: Era, cada um levava sua mercadoria e ia abastecendo seu seringal, e abastecendo o morador da beira que do lado da Bolívia que negociava com ele cada um tinha o povo que negociava dava preferência uns com outros.

JR: Então a gente pode dizer que foi uma época do auge né, da borracha que...

JLJ: É, do auge da borracha mesmo, aí eu vô lhe contar uma, eu antes de ser seringalista quando eu deixei de ser seringueiro, eu comprei um barco e fui comprar borracha niguciar era rapaz novo solteiro, fui com outro rapaz novo solteiro também eu, eu tava em casa trabalhando por conta própria numa tendazinha numa oficina aí ele chegou, chego comigo e disse Zé eu tô com vontade de da uma, subi no Abunã negociando com remédio ele era enfermeiro, negociando com remédio mais eu não pego nada de motor rapaz eu, eu aluguei um barco aí um motor, eu vim te convidar pra tu ir mais eu, só que eu não te pago nada, tu vai mais eu tu leva todo tipo de mercadoria que tu quiser, só que não pode levar remédio, re médio é comigo, eu digo feito vamo ai fui mais ele né, teve a primeira viagem foi maravilha vendemo tudo rapaz, até aí eu era pobre não tinha nada mesmo, vendemo tudo era, aí eu comprei uns trocadim que eu tinha no bolso aí eu comprei de mercadoria mesmo dono do barco que era comerciante era até meu compadre era novo também era meu compadre de fogueira muito amigo ai fizemo viagem vendemo tudo, chegemo abastecemo de novo

aí eu já comprei dobrado, do que eu tinha comprado eu dobrei e o meu compadre me vendia sempre me vendia uma parte fiado uma parte eu comprava com dinheiro que tinha e ele me vendia o tanto que eu queria mais fiado né, pra incurtar a historia demo a 2ª viagem, na 3ª viagem pegamos uma festa no seringal lá na, na colocação e o cara indoido pela mulher do seringueiro dono da barraca, a rapaz foi (risos) foi feio o home bateu uma espingarda pra atirar nele correu aí eu dei fé mando me chamar eu tava ai peto no meio da fulia né, aí eu desci o barranco ele Zé vamo, vamo borá, borá larguemo o posto de noite rapaz vinhemo simbora, quando cheguelmo na Fortaleza ele disse Zé eu não vou mais lá em cima de jeito nenhum vô entregar a canoa do home, se assombro mesmo, ao eu pensei assim pô mais nós tava num, num rumo tão bom ganhando dinheiro, aí eu já tava falando mas grosso né, aí eu cheguei com o dono do barco eu digo compadre o Braulino não vai mais né entregou o barco, o cê faz comigo o mesmo negocio que o cê fez com ele ma arrenda o, o barco eu vou continuar eu to dando bem eu não deixei uma oferencia lá em cima, ele compadre pra você eu lhe ven. eu lhe alugo como, eu lhe vendo eu digo mais eu não posso comprar o barco, eu te vendo fiado, cê vai me pagando, cê paga aluguel, cê vai pagando o barco aí eu era peitudo mesmo me garantia, feito o negocio, daí eu comprei o que tinha de dinheiro e comprava outro tanto fiado e fui pagando o barco pra incurtar a história dentro de 1 ano eu era dono do barco e tinha dinheiro e já queria outro barco maior, porque aquele não tava dando, difícil carreira, ganhei muito dinheiro, muito mesmo, eu já tinha um barco de 10 toneladas, grande mesmo que era uma loja flutuante, eu tinha ali para vender e a seringueirada da beira do rio do lada da Bolívia, era a maioria era do Otávio Reis negociava com Otávio Reis, mais era o dono de colocação eles pagavam uma renda mais era um povo humilde besta que se considerava freguês do Otávio Reis que aquilo tudo era do Otávio Reis mais na realidade não era, eles pagava renda da colocação, então eles podiam negociar com quem quisesse... mas naquele tempo pra você vera como era diferente, de hoje, aí Otávio Reis subiu embarcação subiu dois dias na minha frente e eu tinha um batelão já de 10 toneladas, eu levava mercadorias fiava meus freguês pouco da beira, o resto eu vendia lá no comercio lá na Vila Plasto, ele negociava também com os comerciantes de lá da Vila, aí eu subi quando cheguei no 1º freguês do Otávio Reis caba dava isso no mês de Março, o rio alagados seringueiros tudo parado num fazia mais nada, nessa época, enquanto o rio tava alagado num tinha borracha não tinha produto o seringueiro tava abrindo aboca com fome, e o Otávio reis a ordem que o comandante levou de aviar só mediante o produto foi ficando tudo com fome e eu fui atrás dois dias fui só abastecendo chegava e, rapaz o Otávio Reis não te aviou, não, não aviou tu quer mercadoria eu te garanto te sustentar no inverno e num vai faltar mercadoria pra tu mais tu passa pra mim, conclusão, tomei tudinho, tinha um outro, um ultimo freguês do Otávio Reis chamava-se inda hoje ta vivo ta velho, ta aposentado soldado da borracha, esse home entregava 12 pele de borracha toda viagem que a lancha passava, com embarcação do Otávio Reis quando baixava embarcava 12 pele de borracha, 700 e tantos quilos e eu tinha uma sede nele rapaz, de vez em quando ele me vendia uma pelizinha mais era um pouco fiel, aí eu cheguei na casa dele... a velha mãe dele, gostava de mim, puxava uma cadeira sempre pra perto dela pra mim sentar perto dela, eu levava um jornal um revista pra véia ler ela gostava, aí, é aí saía um café né, e eu fui fazendo que não sabia de nada, ele sentado assim meio capiom, aí a veinha disse o cê hoje não toma seu cafezinho de costume não, eu digo porque, ta com tanta preguiça de fazer é? Brinquei com ela, ela não é porque não tem, eu digo ochente que conversa é essa, Otávio Reis não levava café não Modesto, aí ele entrou, levava Zé, levava de tudo, mais a orde era pra aviar só mediante o produto, e eu, não tenho nada, rapaz eu só to acreditando porque sei que tu não mente, porque Otávio Reis cortar um freguês que nem tú... mas quer dizer que tú tá sem nada, ele disse tô sem nada, digo tava sem nada, vambora pra borda, era isso que eu queria rapaz, levei o cabra pra borda, cheguei lá peguei o bloco de guia butei o nome dele vamo começar, feijão quantos quilos, butei feijão e perguntei quantos quilos ele disse, bote 10, tu ta doido é, 10 quilos de feijão tu vai comer no máximo 20 dias e minha viagem tu sabe que é de 40 dias de uma pra outra, tu vai passar 20 dias com fome, porque ele não te vendeu agora não vai te vender de novo porque o rio só vai desalagar no começo de maio e eu vou botar 30, aí eu amarrei o ele os 4 pé, fiz uma aviação mostra pra ele, 30 de açúcar, 30 de feijão, 30 de arroz, abasteci o cabra mesmo, aí eu fui me embora, aí eu cheguei na Vila Plasto, cheguei sem nada, de mercadoria, daí a

turma pô rapaz tá quebrado não traz nada, eu digo rapaz eu pifei (risos) deixei que eu tinha espalhado todinha fiado essa mercadoria na beira do rio então pra o cê ver como eu já tinha dinheiro, tinha sim cheguei aqui comprei de novo o mesmo tanto e cheguei lá carreguei o batelão e subi do mesmo jeito, despejei todinha fiado, aí na 3ª viagem o ri quando eu baxeí o ri já tava descendo né, cheguei aqui abasteci de novo e subi aí a negada tava tudo pegado, rapaz eu, eu no batelão não comprou produto de baixada num, num pegou nem uma três parte porque quem me entregou menos borracha entrego duas peças, porque ainda estava no estado de desalagamento, esse que entregava 12 , me entrego 5, e aí na outra viagem rapaz pronto eu, o eu descia aí o barco aí puxando um monte de borracha dentro d'água, num andava nadinha ia quase burbulho, mas este ano eu ganhei dinheiro que estorei mesmo tomei a freguesia do Otávio Reis toda e o importante e a diferença que eu quero lhe dizer é a diferença que tinha daquele tempo pra gora, quando foi no fim do ano não tinha nenhum freguês desse me devendo nenhum, todo mundo pagou rigorosamente o que comprô, durante o inverno, e durante o verão, hoje se o sujeito fazer isso ele recebe de nenhum, nenhum é, o sujeito vender fiado assim, saí vendendo na beira da rodovia, saí despejando um barco, um caminhão de mercadoria fiado por aí, quando ele voltar ele não recebe.

JR: Talvez nem encontre.

JLJ: Não encontra mais nem o cara já tem arribado, já tem ido embora, a diferença é a seguinte se a gente vende, pôr exemplo a gente terminou o ano tinha deles que tinha era saldo... e tinha mulher desse cara que fazia muita borracha ele todo mês fazia duas pele de borracha e vendia pro Otávio Reis, ela entregava na lecha da casa.

JR: Seu JL eu gostaria que o senhor falasse como é que funcionava em relação, as relações de políticas, as relações de poder, as relações de administração da região naquela época da borracha?

JLJ: É, e administração lá da Fortaleza não tinha administração era os patrão mesmo que administrava né, não tinha administrador como tem hoje, e, e a política cada patrão tinha o seu candidato preferente né, lá em Fortaleza sempre acompanhava é o Aluísio Ferreira o... Renato Medeiros né... eu nem me lembro mais qual era eles, eu sei que, que cada patrão tinha a sua freguesia acompanhava o patrão (risos).

JR: Mesmo?

JLJ: Era, era num tanto que fazia um barco eleitoral, Otávio Reis levou a banca eleitoral pro 1º seringal dele lá pro Mucambo... e nesse tempo, e nesse tempo era o Aluísio Ferreira... então quando veio de lá a urna que conferiram aqui deu todo pro Aluísio rapaz, aí o pessoal dizia, pô diabo é esse Mucambo deu tudo pro Aluísio (risos) os que acompanhava o patrão, a seingueirada toda era gente humilde rapaz o que o patrão dissesse eles, acatavam, é, (risos).

JR: Eu queria entender como é que funcionava essa questão que o senhor tem sempre repetido colocação, como é que funcionava as questões das colocações as posições dos seringais?

JLJ: Dos seringais, do seringal sempre o barracão ficava na margem, na beira do rio, agora tinha aquele caminho se chama varador aquele caminho rumo ao centro da mata, de meia em meia hora era uma colocação as vezes uma hora de uma pra outra variava né dependia do tanto de seringueira que tinha naquele trecho de mata, tinha vez que dava dez minutos de uma colocação pra outra, agora cada colocação fazia três caminhos aqui na mata que era a estrada, o seringueiro estava aqui cortando, dava a volta e vinha pra cá, 3 , cada seringueiro tinha 3 estrada.

JR: Então pôr exemplo é ao longo do rio, distante da Vila no meio da mata tinha uma plantação de seringueira plantação nativa né...

JLJ: É.

R: Plantação nativa, seringueiras ali naquele seringal há onde esta seringueiras, existia uma família, uma de seringueiras?

J: É.

JR: Ali era uma colocação?

JLJ: Era uma colocação era, isso aí eu quando... deixei tava trabalhando, muito bem assim, ganhei muito dinheiro a pessoa negociando no rio comprando vendendo por lá, comprando a borracha, aí um irmão meu trabalhava com Otávio Reis, aí o Otávio Reis arrendou o movimento dele pra um tal de Francisco Duarte, esse Duarte não agüento um ano, pifo, pifo e esse meu irmão, o, o Otávio Reis

passou o movimento todo com empregado com tudo, é esse meu irmão passou lá pro Duarte né, aí o Duarte não agüento um ano, abriu falência, foi agarrando, tudo, entrego o seringal, esse meu irmão veio pra receber um saldim comeu tudo na pensão, aí quando eu cheguei, d minha viagem lá chei do dinheiro, chei da borracha cheguei ele tava num hotel triste que só ele, rapaz o que eu ganhei comi todinho aqui, eu to numa situação aqui que eu nem posso ir pra casa, e eu tinha dinheiro, eu digo então vamo embora comigo rapaz, quanto é que tu precisa pra ir pra casa? aí dei o dinheiro que eu não me lembro quanto pra ele comprar o que precisava pra ir embora que ele morava lá em Fortaleza, daí ele foi, quando chego lá, eu digo rapaz vem trabalha comigo, eu te dou embarcação, mercadoria e dinheiro e tu entra no rio Mamo, que é um rio completamente boliviano, é do lado da Bolívia, tu entra ali vai negociar comprar borracha, e eu nós se encontra aqui na boca do rio, aí ele foi, dei comprei embarcação pra ele ele foi quando voltou veio animado, vinha carregadim de produto vendeu tudo, animado, tornei a fazer a mesma coisa ele subiu quando foi na 2ª viagem ele baixou aí ele disse, a eu fiz negocio lá em cima confiando que tu vai aprovar, eu digo o que foi, ele rapaz eu quero comprar uma colocação que tem lá do home, pra fazer um seringal, rapaz da um seringal aí dentro que é uma maravilha, rapaz o que é isso vamo deixar isso de lado rapaz, vamo ficar assim comprando borracha, sem compromisso de nada, era levar mercadoria vender e receber, aí ele ma rapaz eu fiz negocio lá com o home ficou aperriado aí eu manti o negocio o home quer 150 conto pra deixar a colocação, nesse tempo era no tempo do cruzeiro né, ta certo, eu gastei, se ele encheu a, a gaivota ele já levou um 8 homem com ele e subiu pra lá, chegou pagou o home tomou conta do lugar e aí a gaivota desceu já sem nenhuma borracha dentro, desceu seca só com os, os empregados, dois home que iam com ele, e uma nota desse tamanho, pedindo mais eu tomei a nadar, mandei três veiz, na 3ª vez eu digo eu vou lá pra vê o que ele tava fazendo, aí subi entrei no rio, um riozím apertado mas eu entrei fui bater lá em cima, rapaz quando eu cheguei lá até eu me animei, ele tinha feito um campo de roçado ??? plantado, feito um barracão bem no meio, tava aquelas mercadoriazinha naquelas pratadeiras, e já tinha 10 peles de borracha no terreiro, puxado na corda, com mais de, de uma hora de viagem pro centro aí diz eu to aperriado com burro, to precisando de burro mais eu me animei tanto, nem, que eu digo não tem problema ai desci cheguei aqui tinha um home que trazia burro do Ceará, pra vender pros patrões né, chegava aqui ele tinha um campozinho largado, largava o burro aí a gente ia vender, 150 cruzeiro cada burro.

JR: Pra quê vocês usavam o burro?

JLJ: Pra carregar carga, levar mercadoria e trazer borracha era toda em costa de animal.

JR: Eu não entendi, então eles colocavam então, eles levavam o burro dentro da embarcação?

JLJ: Levava era.

R: Chegava na beira abastecia com umas mercadorias e entrava mata a dentro como é que era?

JLJ:??? o burro ia nas embarcação até lá o deposito, quando chegava lá soltava, ficava num campo aí, é, né, pra levar tinha que levar dentro das embarcação...

JR: Há.

JLJ: E uma viagem exclusiva só pra um burro dentro do barco, assoalhava o barco pra ele não furar com o casco, levava aí desci, cheguei, cheguei pro traz comprei 10 burro, aí levei, cheguei mandei pra ele, aí começou a vim borracha né, e aí com pouco ele mandou pedi mais porque não dava, pra incurtar a história eu comprei 22 burro, nos tinha 22 burro entrava todo dia saía carregado, entrava com mercadoria e saía com a borracha, tinha 3 linhas assim, 3 varadozão, cada varador daquele era cheio de família, e tudo era família, que eu tinha, quase tudo do Nordeste, era Rio Grandense, Cearense e caboco daqui toda vida foi malandro, “severgoim” (fala rindo) mas o cabra que vinha lá do nordeste vinha com fome de ganhar dinheiro, pois é aí rapaz quando eu acabei de mobilizar o seringal enterrei meu capital todo lá dentro, da mata que eu vai dinheiro meu irmão, pra abrir uma, um varador desse, fazer pontes nos garapés pro povo passar e fazer barraca de seringueiro e butar estrada do seringueiro roçar aquele caminho mostro, é mobilizar com utensílio, espingarda é preciso ter dinheiro pra fazer isso, quando eu acabei de fazer que, que tava começando a voltar o dinheiro, o home acabo com a borracha, eu perdi todo esse capital lá, dentro da mata... fiquei sem nada.

JR: O burro ele era utilizado mesmo pra quê?

JLJ: Pra carregar carga, o burro corre, o burro é utilizado pra carregar carga.

R: Pôr exemplo a borracha produzia lá dentro da mata né...

JLJ: Da mata, o comboeiro chega lá dentro da mata na barraca do seringueiro aí meti o pau dentro da borracha, porque a borracha era uma bola difumada num pau, meti o pau ali dentro bota uma do lado, da outra do outro lado e puxa com as cordas brochas com as cordas aí e o burro vem deixar na beira, no campo do barracão.

JR: Geralmente quais eram as distancias entre o seringal e a margem do rio?

JLJ: Há é bem na quina do barranco, comboi ia ate dentro d'água.

JR: O que era distante era onde tava as, as seringueiras nativas...

JLJ: Onde tava o seringueiro é.

JR: Que era dificuldade eles tinham muita dificuldade pra chegar...

JLJ: Pra ir lá.

R: Pra fazer essa extração?

JLJ: Não, não tinha dificuldade era abrir a colocação o seringueiro lá dentro aí ele ia fazendo a borracha a gente ia levando a mercadoria pra ele trazendo a borracha, chagava aí no campo do, do barraco ficava um pátio aí cheio de borracha e quando era no, no dia da embarcação desse aí, carregava tudo na embarcação e descia.

R: É o senhor falou abria a colocação, seria preparar o barraco preparar toda estrutura...

JLJ: É.

JR: Pra poder...

JLJ: É.

JR: Trabalhar pra botar família lá...

JLJ: É.

JR: Seria isso?

J: É, abria a colocação é isso, chegar na mata não tem nada, limpar fazer a barraca, fazer o defumador, donde vai fazer a borracha é... levar o seringueiro e botar lá dentro.

JR: O senhor falou que tinha épocas que não dava pra produzir né...

JLJ: Era no inverno.

JR: Ficou saudade do inverno e aí como é que ficavam essa família durante esse período?

J: Ficava morando lá, tirava castanha, que tinha a castanha e no inverno, nesse tempo quando terminava o fado da borracha, em Janeiro, começava o da castanha, a castanha ia até o fim de Março, quando era no começo de Abril já começava a borracha de novo, seringueiro nunca parava de ganhar dinheiro dele.

JR: É, ele se mantinha como, é com a produção das castanhas é suficiente pra conseguir alimentos pra ele...

JLJ: É.

JR: Ou ele também caçava, pescava ou não?

JLJ: Caçava e matava caça, lá nesse seringal que eu abri tinha caça demais, tinha um caboco que era empregado do barracão só pra caçar, esse caboco quando chegava ele dizia, o eu tinha apelido de pato, o nome dele era Francisco só chamava Chico pato, eu dizia, pato eu vim doido pra comer espinhaço de viado, ele dizia, amanhã eu vô atrás patrão, era ia só buscar.

JR: E como é que funcionava a comercialização da castanha?

JLJ: A castanha vinha toda embarcada, quando chegava em Fortaleza, ele ia pra dentro do armazém, pra catar tirar as pode, empregava muita mulher fazendo esse serviço, vinha no trem daqui pegava o navio, ia embora pra Belém.

JR: Além da castanha e da borracha qual era o outro produto que...

JLJ: Tinha o cauche é outro produto elástico, também tira o cauche tirava todo tempo inverno verão, mas o cauche era uma coisa que era acabava né porque era derribado o pé, a seringueira não é riscado com faca tirava todo, de 3 em 3 dias era cortada aquela estrada, cortava essa, depois essa, aí ia voltando pra essa, era os 6 dias da semana, era riscada com a faca e aparava o leite, a faca de seringa né, faca própria de riscar, e o cauche não, o cauche derribava o pé ele caia no chão aí anelava, anelava é cortar de terçado assim fazer aquela cintura, no terçado, limpava embaixo e o leite ia caindo todo ali no chão anelava até os galhos, aí, aí quando deixava aí quando era no outro

dia... ia juntando aquele, aquele cernambi, chamava cernambi juntava aquilo levava pra tirar as terras que tinha né, e empreensava numa prensa, fazia um bloco quadrado, cauchi.

JR: Então a, no que se refere aos tipos da borracha cada uma tinha sua qualidade e o nome diferente...

JLJ: Era.

JR: Dependendo do tipo e da qualidade qual era o tipo e a questão da qualidade, qual era, qual tinha o melhor preço?

JLJ: Era o melhor preço era da borracha, a borracha difumada né era o melhor depois o cauche era o mais barato, e tinha o cernambi da borracha também, aquele leite que qualhava era o cernambi era colocado dentro da borracha, a borracha era feito só com o leite límpido ela ficava? ? ? e quando chegava aqui no banco, aqui tinha fabrica do, de, é, e bem aí na fabrica de, de, de lavagem da borracha, i toda cortada pra lavar e passar numa muenda maquina que tinha fazia aquele lençol, aí ele ia pra dentro de uma estufa, ficava parecia um, um cobertor preto, ficava pretinha seca aí é que empacotava pra ir pra, pra São Paulo.

JR: A gente sabe que a borracha ele pode ser tirada de vários tipos de arvores, né, mas aqui da região era mais da seringueira mesmo.

J: Mais da seringueira o cauche era pouco, o cauche era pouco que é como eu to dizendo se acabava, trabalhava muito no cauche aí a gente já não produzia mais cauche aqui não tinha.

JR: Então pôr exemplo uma família ela passava necessidade?

JLJ: Não, não passava necessidade de nada, quando adoecia um patrão tinha a obrigação de trazer ele pra mandar tratar.

JR: No que se refere a saúde dessas pessoas, porque se via naquele processo de defumação da borracha e tinha um contato muito grande com a fumaça né...

JLJ: É.

JR: Como é a questão da saúde das pessoas que se refere ate a malária pôr exemplo?

JLJ: Era mais ou menos nessa época ninguém via nem falar em malária o que afetava mais as pessoas era a vista nos seringueiros, muitos anos cortando seringa difumando, ele ficava com a vista ruim, aquela fumaça era que ofendia o seringueiro, tinha qualidade de madeira, que a fumaça ofendia a vista né, era fumaça era feita de cavaco de pau, o seringueiro derribava o pau e ia tirando aqueles cavacos pra butar dentro da fornalha pra fazer fumaça.

JR: Na época que o senhor chegou lá o senhor tomou conhecimento de alguma tribo indígena que fosse próxima dali pelo menos assim que as pessoas deveriam comentar alguma coisa?

JLJ: Do lado da Bolívia tinha índio, tinha índio, quando eu era menino que trabalhava nessa usina, rapaizinho ainda, acima dessa usina 2 horas de viagem, tinha um morador do lado do Brasil, e os índios saíram do outro lado do ri do outro lado do rio chamava ele dava com a mão e ele foi com medo e os índios caíram n'água, cruzaram lá ele foi encontrar com os índios com terçadim na cintura, ao o índio pego na mão dele, ele deu a mão pensando que era amigo né num, num entendia a fala o índio deu um supapo e jogou ele no chão e meteu o terçado, tirô o terçado da cintura dele e meteu o terçado nele, rapaz corto todo, deu goupe alejou a mão dele toda, aí a mulher dele, mulher dele lá a nora dele que o genro tinha vindo aí pra Fortaleza, e tinha deixado a mulher dele lá com, com a sogra, aí a mulher pegou a espingarda dizia que nunca, nunca tinha dado um tiro num sabia mais foi Deus que aprumo, a mão dela ela taco fogo matô 2 índio eles correram ainda foram morrer dentro d'água, correram de volta mais, não cruzaram o rio morreram no meio d'água né, e quando eu dei fé chegaram lá, as duas mulher com ele dentro da canoa e o porão da canoa ia vermelhim de sangue, aí se valemo lá pro meu padraсто mandar deixar aí na vila de Fortaleza pra, prestar socorro, tinha uma farmácia um enfermeiro, fez curativo, ele escapo, fico foi com os dedos tudo assim, cortou os dedos da mão dele, alejado, também num volto mais nunca pra lá do, do mais aí a justiça do índio é bala é que no Brasil não, Boliviano meteram fogo em índio lá e foi uns americanos disse que pra amansar índio lá fazia era matar índio pra ??? hoje não tem mais, não tem índio de jeito nenhum... se tiver algum é muito escondido nem aparece.(risos)

JR: É diz que a Fortaleza do Abunã tinha bailes, tinha algumas orquestras que eram contratadas né, pra fazer umas festas lá.

JLJ: Não num tinha, não orquestra contratada não tinha uns cabas que sabia tocar né, e daqui pra li tinha uma festa (risos) todo sábado fazia festa, lá em Fortaleza... todo sábado... então quando tava as embarcação os 3 patrão, tava pra cá pra Porto Velho era muita gente que tinha lá, na Fortaleza que cada patrão, tinha uma ruma de empregado, tudo rapaziada solteira, tinha muita mulher solteira lá, era animado demais, e fazia festa, todo sábado final de semana era ??? quando chegava o carnaval, é o carnaval lá era um estouro nesse tempo existia lancha perfume que não sei se você conheceu, mais esse perfume era aligria do carnaval, era um líquido dentro duma, dum ampola de vidro assim chiringava daqui a co lá, mais era um perfume mesmo, era um, cheiro cê ia andando lá na rua cê tava sentindo lá do baile, o lança perfume??? butando no, no pessoal, aí quando o, o Castelo Branco assumiu a presidência acabo com o lança perfume, ele disse que era droga, severgonhice acabo com a alegria do carnaval, o carnaval hoje não vale nada, mais naquele tempo era bom demais.

JR: Eu peguei uma informação de que ali naquela margem ali onde está a praiazinha né, ali de Fortaleza do Abunã onde ficava aquele restaurante, aquele bar...

JLJ: O mirante.

JR: O mirante né, teve época que jogava as peles de borracha lá em baixo né.

JLJ: É.

JR: Que elas saíam pulando pra baixo...

JLJ: Afastava as embarcações, butava as embarcação lá fora e a gente soltava daqui a borracha saía pulando de barranco abaixo n seringal era a mesma coisa, cada seringal, era assim, ninguém carregava peso nas costas não, afastava a embarcação e era jogando derribando caindo n'água e um lá dentro d'água só...

JR: Organizando.

JLJ: Organizando butando, daí ia só jogando dentro do barco, jogando dentro do barco tanto no seringal como ali na Fortaleza dali ele, vinha pro Abunã era nas costas tinha uma turma de home que trabalhava a bordo...

JR: É.

J: Chamava-se barqueiro.

R: eu percebi pela, fotografia aqui que tinha assim dava impressão que cada um seringalista tinha o seu porto né.

JLJ: Não.

JR: O quê que era?

J: Tudo era um porto só, daí, na vila de Fortaleza tudo era ali naquele mirante adonde tem uma escada de cimento velha lá, que o cê deve ter visto, era ali o porto, ali subia carga nas costas e, tanto Otávio Reis como Jaime de Alencar, e eu tudo descarregava burracha por ali.

JR: Chegava ali subia aí embarcava...

JLJ: É, subia do lado de cima né, aí transportava no caminhão.

JR: Até.

JLJ: Tinha um caminhão, até ali donde ta o mirante até ali ia no caminhão, dali o caminhão arriava, derribava ia formando aquele...

JR: Há era só pra ultrapassar a cachoeira.

JLJ: Só pra passar, só.

JR: Eu não entendi, na parte anterior era pequeno percurso que o caminhão fazia...

JLJ: Era.

JR: Só ultrapassar a cachoeira...

JLJ: Só pra, pa, pa ...

JR: Sei tem aquela parte, aí subia...

JLJ: É.

JR: Subia né.

JLJ: É.

JR: Aí abastecia e subia no caminhão, o caminhão trazia depois jogava lá em baixo...

JLJ: Jogava lá em baixo...

JR: Pra novamente depois embarcar...

JLJ: Dali derribava pras embarcação.

JR: Aí as embarcação levava...

JLJ: Levava por Abunã.

JR: Abunã, e de Abunã?

JLJ: Descia, chegava aí no Abunã, descarregava butava na beira da, da estrada.

JR: Pra colocar no trem?

JLJ: Pra colocar no trem é.

JR: O trem passava só em agosto.

JLJ: O trem passava três vez por semana.

JR: Não tinha assim pro caminhão levar direto o num era...

JLJ: Num tinha, num tinha nesse tempo nem ninguém sonhava em rodovia, num tinha não.

JR: Tô dizendo essa estrada que tai hoje.

JLJ: É ninguém nunca pensava, nunca que ia ter.

JR: Era tudo quando a pessoa quisesse viajar, teria que ser embarcação pra vim pra Porto Velho ou de trem.

JLJ: Tinha que ser embarcação se o cê saísse daqui e pegasse o trem pra vim pro Acre, o cê tinha que chegar no Abunã ficava daí pegava a embarcação, ô do Otávio Reis ô Geraldo, ô Jaime, ô tinha diversas embarcaçãozinha, esse, esse home que eu comprei o motor dele tinha um motor do lado de baixo de levar banana pra vender lá na Fortaleza, de levar mercadoria pra ele, levar as coisas dele né, então cê ia pra Fortaleza pegava a embarcação subia até Vila Plasto, de lá de Vila Plasto é que ia pra Rio Branco aí já tinha estrada de Vila pra Rio Branco, mais a federal não tinha, ou então ia de avião, só tinha esses dois camim.

JR: Como é que funcionava a questão dos pagamentos de impostos, o seringalista ele pagava imposto pela produção...

JLJ: Pagava imposto.

JR: Como é que funcionava a fiscalização, como é que pagava esse imposto, como é que era isso?

JLJ: Era tudo aqui em Porto Velho cada um tinha a sua contabilidade pagava imposto aqui em Porto Velho, agora a mercadoria que ia pra dentro da Bolívia, pagava outro imposto (paduana Boliviana) pra enternar ela dentro da Bolívia... agora o que era do Brasil não pagava o imposto aqui.

JR: Quer dizer que a Bolívia pôr exemplo se você tivesse um seringal no lado da Bolívia e você fosse abastecer esse seringal cê ia pagar esse imposto...

JLJ: Pagava.

JR: De circulação de mercadoria.

JLJ: É.

JR: Seria isso?

JLJ: É, pagava pra enternar a mercadoria lá pra dentro da Bolívia e pagava a saída da borracha também, eu paguei muito imposto ichi.

JR: Então como é que era, imposto de fiscalização como é que é?

JLJ: Tinha imposto de fiscalização da Bolívia, tinha imposto ... imposto aduaneira chamado, e tinha o comando do exercito boliviano, ainda hoje tem.

JR: Então na época o exercito já estava presente.

JLJ: Já era Marinha Naval, Força Naval Boliviana... inda hoje tem.

JR: Então tudo era bem controlado, tudo...

JLJ: Era.

JR: Bem contabilizado.

JLJ: É.

JR: Né, a circulação de mercadoria era grande, estrangeiros.

JLJ: Estrangeiros?

JR: Tinha muito estrangeiro circulando ou era só brasileiro?

JLJ: A maioria era brasileiro, tinha muito pouco estrangeiro, teve um portugueses que tinha seringal lá mais deixou logo e passô seringal pra outro vêi morar pra cá era o Raposo aí foi dando, foi mexer com padaria aqui em Porto Velho, agora esse era português, e o, o Geraldo Peres era, era espanhol,

espanhol era naturalizado brasileiro só vivia no Brasil mesmo.

JR: É então nós tínhamos vamos supor na margem do rio, nós tínhamos o lado brasileiro e o lado boliviano.

JLJ: É.

JR: Existia vários seringais brasileiros também do outro lado seringais bolivianos que funcionava no mesmo esquema ou tinha diferença, o seringal boliviano era diferente do seringal...

JLJ: Não era do mesmo jeito, era do mesmo jeito tinha, São Paulo o dono vivia lá, o dono era boliviano e tinha Guarapari esse já era de um os patroa esse que tinha, e tinha seringal no Brasil tinha na Bolívia também, tinha Guarapari lá em cima tinha Assunta, tudo era seringal que tinha do lado da Bolívia, e tudo era, tinha, tinha os patrão deles.

JR: Então da mesma forma que existia seringalista brasileiro também tinha seringalista boliviano.

JLJ: Não, não.

JR: Não tinha seringalista boliviano?

JLJ: O boliviano só queria saber da renda, quando era no mês de junho, vinha aquela, com é como é que se chama, aquela comissão de fiscal, recebendo a renda o, o patrão que era o dono do seringal da Bolívia ele é quem pagava a renda, e os beradeiro eles mesmo pagava, que era os donos das colocação.

JR: Há, quer dizer que só exista seringueiro boliviano mais não existia seringalista boliviano?

JLJ: Não era boliviano era tudo brasileiro.

JR: Tudo trabalhando na área boliviana.

JLJ: O território era boliviano mais num tinha nenhum boliviano, nenhum boliviano que vinha era só essas comissão que vinha receber a renda.

JR: Por que o senhor acha qual era motivo de não ter nem seringueiro nem seringalista boliviano, qual era o motivo?

JLJ: Eu não sei, porque não tinha mesmo né, o seringueiro boliviano era um cabra preguiçoso que só a peste (risos) não vinha pra cá não tudo era comprado por brasileiro.

JR: Então poderia existir uma família de brasileiro trabalhando na área de boliviano trabalhando?

JLJ: Tinha, tinha, tinha eu coloquei 45 família dentro da Bolívia.

JR: O senhor pediu autorização?

JLJ: Não, não tinha autorização de nada não.

JR: E aí como é que funcionava eles não tinha a fiscalização...

JLJ: A fiscalização era só sobre o produto, essa comissão que vinha, vinha só arrecadar o produto de cada colocação eles pegava 30k de borracha, 30k de borracha...

JR: Seria o imposto?

JR: O imposto.

JR: O cê pagando o imposto...

JLJ: Imposto ele não queria nem saber de nada.

JR: O cê pagava pros fiscais?

JLJ: É pros fiscal era.

JR: Aí o que ele fazia com essa borracha?

JLJ: (risos) era um valor, pagava um valor de 30k de borracha né.

JR: Há pagava um valor.

JLJ: Não era em espécie.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: PB

LOCAL: Fortaleza do Abunã/RO. DATA: 11/10/2009

JR: Qual a sua cidade natal?

PB: Eu sou de Jaci - Paraná... eu estou como filho de Jaci-Paraná... Quando eu nasci não era Rondônia... era [Estado de] Mato - Grosso.

R: Então Jaci - Paraná pertencia ao Mato-Grosso?

PB: Era Mato-Grosso de Santo Antônio... sabe onde é Santo Antônio?

JR: Sei!

PB: De Santo Antônio pra cima... a margem do rio madeira do lado esquerdo ia sendo Mato-Grosso... e a margem direita via sendo Amazonas... quando chegava à boca do Abunã... aí seguia... [Estado do] Amazonas do lado direito aí do rio Abunã, né? [A partir do] Amazonas do lado direito até extremo [Extrema]... aí mesmo, depois de extremo [Extrema]... não era extremo [Extrema]... a divisão era mais em cima... mais chamava aí mesmo... depois do extremo [Extrema]... então isso daí... A margem esquerda subia sendo Mato-Grosso... aí entrava nesse meio de mundo... Guajará – Mirim () era tudo Mato-Grosso.

JR: O senhor começou a trabalhar com que idade?

PB: Aqui dentro [Fortaleza do Abunã] por minha conta... comecei a trabalhar com o senhor Otávio Reis com onze anos de idade em 1942... Eu sou de 1931...

JR: Os seus pais... onde eles trabalhavam?

PB: O meu pai... meu pai não conheci...quando papai morreu eu estava com hum ano de idade... ele era maranhense, ele era seringueiro... agora não sei de quem... no tempo da escravidão mesmo!

JR: E sua mãe?

PB: Minha mãe era de Niterói.

JR: Ela trabalhava onde?

PB: Ela... ela vivia com meu pai, dentro do seringal... isso aí eu não conheci.

JR: Qual era o seringal que sua mãe trabalhava?

PB: Conheci ela trabalhando... conheci ela morando com um homem chamado... aí no Jaci, na beira do rio Jaci, numa colocação, chamado Benedito Torres de Aguiar... daí ele morreu e nós vínhamos pra vila dentro de Jaci... E minha mãe era como diz assim... ela tomava assim, uns golezinhos de pinga no sábado... ela já veio do Rio de Janeiro com treze pra catoze anos... porque naquele tempo... no tempo do Marechal Deodoro da Fonseca...naquele tempo não podia, depois de dez horas sair menor na rua... e ela saía... e às vezes a polícia botava ela pra casa... e aí ela começou a enfrentar esses negócios de polícia... essas coisas... Aí ela foi deportada pra cá, e aqui foi onde ela construiu família, morou com

meu pai, morou com outro... quando papai morreu... Afonso ()... quando ele morreu eu estava com idade de hum ano... Nós somos três filhos de um pai só, pai e mãe... eu, a Nilse que mora em Ji-Paraná, e João () já morreu... ele morava em Ji-Paraná, também.

JR: E sua mãe morava em que cidade ?

PB: Antes, nos vínhamos por Jaci - Paraná.

JR: E sua mãe foi deportada de que cidade?

PB: Do rio de Janeiro, de Niterói.

JR: Ela morava em Niterói, em que ano?

PB: Eu não sei.

JR: Era no tempo do Marechal Deodoro da Fonseca, né?

PB: Isso!

JR: Ela foi transportada pra cá de quê?

PB: De navio, vinha de navio até Porto Velho... vinha fazendo aquelas baldiações, né? Aí chegava em Porto Velho, e chamava o último navio da (lama)... foi no tempo da guerra, no tempo da guerra... Eu já era nascido quando teve aquela guerra...com a Alemanha né? Com, a Alemanha... eu já era nascido, que vinha aquela turma de Arigó... e nós morávamos em Jaci – Paraná... Então isso daí eu já sei que não existe ninguém melhor do que Deus... Minha mãe gostava de tomar goles e às vezes essa (qualidade) nossa foi todo tempo discriminada... hoje falam que já teve uma punição, mas ainda não tem não, o que vem acontecendo, o que aconteceu comigo não é de brincadeira.

JR: O senhor sempre trabalhou no Seringal de Otávio Reis?

PB: Quando... eu fiquei no Jaci, aí minha mãe veio pro lado de cá com os outros meus irmãos mais velhos e os outros menores, veio pro lado de cá, veio trabalhar para o Otávio Reis, e eu fiquei no Jaci, fui criado pela casa dos outros, fiquei na casa de um senhor que chamavam... chamavam de Amaral, ele era prefeito de Jaci... Então eu fiquei na casa dele... ela teve por aqui por um tempinho, aí voltou pra me buscar... Quer dizer que antes disso eu já tinha estado na companhia de outra família, e essa família... e essa família o marido era soldado do exército e foi destacado pra o Forte do Príncipe [da Beira]... Eu já tive mais ou menos um ano no Forte do príncipe... fui criado no meio dessa família uns tempos, depois voltei, aí minha mãe já estava do lado de cá, depois voltou pra ir me buscar lá no Jaci... eu já estava na casa desse seu [Senhor] Amaral .

JR: O senhor começou a trabalhar com quantos anos de idade com o seringalista Otávio Reis?

P.B: Com quantos anos de idade? Comecei a trabalhar com onze anos, em 1942. Eu sou de 1931.

JR: Qual era o seringal que o senhor trabalhava?

PB: Eu não trabalhava em seringal, quer dizer que tudo pertencia ao seringal, mas eu trabalhava (de daqui lancha) tirando água do batelão e carregando peso. Nós íamos buscar mercadoria na vila do Abunã, aí onde para o trem... deixava a mercadoria de todos os patrões que moravam pra cá... deixava nos armazéns. E quando os armazéns estavam muito cheios, ficava nos vagões... ficava às vezes os vagões... ficava cheios de mercadoria e a pessoa de lá pra cá ia transportando de barco... batelão de dezoito toneladas, de vinte, puxado por lancha.

JR: O senhor lembra o nome do batelão e da lancha em que o senhor trabalhava?

PB: Era (Jurupari).

JR: O senhor trabalhava só nela ou em outras?

PB: Nós, com o seu Otávio, trabalhávamos só nela mesmo... agora tinha vários patrões.

JR: Quantas pessoas trabalhavam nessa lancha?

PB: Quantas pessoas? Às vezes dez, quinze... É porque tinha lancha que puxava batelão e tinha as pessoas que trabalhavam nos batelão pra carregar carga... de lá dos armazém até colocar nos batelão, e aqui pra descarregar também... aqui pra colocar nos armazéns pra aqui do lado de cima, entra pro seringal... e agente passava as vezes de mês, aí pra cima em seringal, no deposito... deixava em um,...deixava em outro, daí vinha colhendo borracha (), castanha, ()... até Abunã pra colocar no trem, pra aí mandar pra Porto Velho.

JR: Então o senhor trabalhava nessa lancha, fazendo todo tipo de serviço conjuntamente com outras pessoas?

PB: Do lado de cima eram outras lanchas que tinham... do lado de cima só tinha a (Jurupari)... do lado

de cima ia à dona Emília, que era de seu Otavio também.

JR: Qual era a diferença entre as lanchas de baixo e as lanchas lá de cima, tinha alguma diferença?

PB: Não, não! [A] diferença que tinha era que as do lado de cima conduzia mais barcos pra arrastar, porque a viagem de lá de cima era longa. Agente passava às vezes no verão, às vezes de mês viajando, porque só podia viajar de dia. E no inverno agente viajava de dia e de noite e trabalhando, e onde (chegava) às vezes... Às vezes tinha lugar que agente chegava, aonde tinha um seringal que tinha às vezes oitenta seringueiros, noventa... Ali ficava muita mercadoria... ali agente desembarcava nas costas e depois pra embarcar borracha, o nego jogava dentro da água pra depois botar pra dentro do batelão. Às vezes três, quatro, cinco batelão... às vezes de doze toneladas, dezoito... Aquela lancha, aquela embarcação ia recebendo aquilo... aquela fileira assim, e as lanchas era a fogo, a lenha [a vapor]... E depois encostava o negócio de lancha pra pegar no motor, tinha motor até de oitenta cavalos.

JR: Qual era o tipo de combustível desse motor?

PB: O tipo de combustível era diesel e gasolina.

JR: E ainda se utilizava lenha?

PB: Usava! agora as lanchas era a lenha, tirava a lenha na beira [do rio].

JR: Todas as lanchas eram a lenha?

PB: Todas as lanchas eram a lenha!

JR: E as [lanchas] que tinham motor?

PB: O que tinha motor, não... Os patrões mesmo depois, eles encostavam a lancha, pegaram o motor porque a lancha era mais difícil.

JR: Então, inicialmente eram lanchas à vapor, depois eles substituíram por barcos movidos a motor.

PB: Pois é, eu trabalhei com vários patrões, mas um patrão que eu posso indicar é o Seu Otávio Reis, porque ele era o () daqui... aqui tudo era mandado por ele... A vila [Fortaleza do Abunã] aqui era mandada por ele, se ele mandasse fazer uma casa em um canto, o senhor podia fazer, não tinha pisica não... daí era como se diz a minha mãe, gostava de tomar os gole de cachaça e a turma gostava de mexer com ela... e papa [papai] não queimou a língua dela... Agente já era discriminado, ainda mais tomando às vezes uma pinga... mas quando ele [Otávio Reis] sabia, ele ou a mulher dele sabia, que ela estava presa, mandava soltar ela... Até hoje agente ainda é discriminado... eu depois passei a cortar seringa... tudo pertence pro seringal... e o seringal tinha o noteiro... Eu trabalhei até com dez horas de viagem no centro [seringal] dentro das matas... tem o noteiro pra (vir)... às vezes a pessoa passava até de quatro meses sem vir no barracão pegar mercadoria... que não ia em comboio () tinha o comboieiro e o noteiro () tudo isso batendo pra voltar [para] estrada.

JR: O senhor falou tinha época que não dava para viajar a noite, por quê?

PB: No tempo seco como está agora, o rio não dá pra viajar porque encalhava os barcos... no inverno não, tava tudo cheio e dava, aí viajava.

JR: Era a mesma embarcação, tanto pro inverno como para o verão?

PB: Era a mesma embarcação!

JR: A diferença era que não dava pra viajar a noite?!

PB: Não podia viajar a noite.

JR: Havia obstáculos no rio?

PB: Às vezes quando tinha muita borracha, os batelões descia com tanto de borracha... não descia carregando, descia com pouco de borracha, seja navio, seja lá o que fosse... aí fazia aquela rota () pra descer no tom da água até chegar aqui no baixo, onde tinha mais água... e quando chegava aqui perto [de Fortaleza do Abunã], já sabia a embarcação, e ia pegar...

JR: Quantas embarcações haviam em média?

PB: Tinham várias, porque eram vários patrões que tinha... a do Seu Otávio, a do Seu Raposo, tinha a do seu... Seu Rocha... todos eram patrões fortes.

JR: Quem possuía mais embarcações?

PB: Quem tinha mais era o Seu Otávio.

JR: Ele tinha quantas lanchas?

PB: Ele tinha só essa, mas ela rebocava muito.

JR: A potência dela era maior?

PB: É verdade! Agora tinha outras mais... mas cada um tinha a sua... mas dos patrões mais fortes, era o velho Otávio, era um dos patrões mais fortes (...) E tirava um saldo aqui e podia ir embora com o dinheiro no banco, aonde ele ia morar.

JR: Éh?! Como funcionava o sistema de aviamento para abastecimento do seringal?

PB: Pro seringal?!... é como se diz o outro aqui (...) eu morava às vezes com duas horas longe do barracão dentro da mata... aquele varador, tudo mais... aquelas colocação com nome, colocação fulano de tal, colocação fulano de tal... e vai tirar nota (...) o camarada montava em um burro, pegava um bloco de papel e vinha, chegava na sua colocação e encontrava... aí perguntava quantos quilos você quer de açúcar, quantos quilos você quer de charque, quanto quer disso, quanto quer daquilo, e ia anotando... com dois dias chegava aquela aviação [mercadorias] ali, levava o produto... Às vezes o senhor tinha borracha, levava às vezes quatro pele de borracha, levava às vezes seis, às vezes quanto fosse a quantidade... às vezes tinha muita gente em uma colocação... as vezes um pai de família tirava até dez peles de borracha, por causa da família dele que ajudava... era assim os trabalhos de dentro do seringal.

JR: Qual era o seringal de Otávio Reis que tinha mais “facas”?

PB: Eu sei que... Ai, eu não posso falar porque ele tinha... tinha de seringal aqui em baixo... tinha Mocambo, mais em cima tinha Extrema, mais em cima tinha Oriente e daí... aqui pra dentro da Bolívia ele tinha seringal também... ele pagava renda pra dentro da Bolívia, dentro do Pacoará... ele tinha Montiné [Montinéia] dentro da Bolívia, dentro do Rio Negro tinha Colônia, tinha outro seringal... Tô esquecido do nome desse outro seringal que ele tinha, era já no fim de lá, voltava e tinha aqui dentro do Pacoará, Triunfo, Boa Vista, daí era só esses.

JR: Qual era a diferença? O senhor falou que ele tinha seringal do lado brasileiro e do lado boliviano. Qual era a diferença na relação comercial entre o seringal do lado brasileiro e o do lado boliviano, qual era a diferença do aviamento?

PB: Do lado da Bolívia, o que tinha é que ele pagava a renda pros aduaneiros, eles estavam aí, e nem pra entrar lá tinha que pagar entrada, pagava renda de tudo, de todo seringal que tinha no estrangeiro pagava renda e tirava o produto pra cá para o Brasil, o pessoal era dele, o seringal era dele, mas tinha que pagar renda porque era dentro das terras estrangeiras.

JR: Esses trabalhadores, os seringueiros que ficavam no seringal do lado boliviano eram brasileiros?

PB: Eram eu trabalhei, em Montiné dentro do Rio Negro desde 1955 até 1980.

JR: O seringal do lado brasileiro era do Otávio Reis, era dele e no caso do lado da Bolívia de quem era?

PB: Do lado da Bolívia era dele, mas ele pagava renda pra tirar o produto de lá de dentro, mas o pessoal era dele, os seringueiros era dele.

JR: Continuando... E o Otávio Reis tinha propriedade tanto do lado brasileiro como boliviano a diferença é que ele pagava renda pra duana boliviana, onde ficava a duana boliviana?

PB: Ela ficava aqui em frente, ali em uma ilha do lado de lá.

JR: Até hoje essa duana está lá?

PB: Não, acabou-se tudo.

JR: Essa duana, quem me que ficava lá nessa duana?

PB: Eram bolivianos.

JR: Eram militares bolivianos?

PB: Eram militares... Bolivianos.

JR: Era uma duana e ao mesmo tempo um posto militar, agente poderia dizer...

PB.: Era um posto militar, tudo era posto.

JR: Eram os militares que tomavam conta?

PB: Era... Tinha o chefe, o chefe que pagava e ia receber o dinheiro e tinha lá o outro policial e até agora o quartel boliviano é no meio do estirão, virou a volta ta ali o quartel.

JR: Mas o quartel não é no mesmo local não?

PB: Não, eles tiraram daqui de frente, porque dava muita malária, quando enchia às vezes alagava e dava muita malária ai eles mudaram lá pra cima na terra firme.

JR: Quantas pessoas trabalhavam numa lancha?

PB: Numa lancha... Tinha os que operavam na lancha.

JR: Tinha o operador...

PB: Tinha o operador e tinha os que trabalhavam nos barcos pra carregar as coisas eu trabalhei com patrão aí que ele era sócio, chamava Peres Vieira, tinha vez de ter 25 homens entre tudo.

JR: Ele era sócio de quem?

PB: Ele era sócio com outro patrão, ele chamava Peres Viera porque o outro que entrou como sócio, como ele chamava Joca Vieira e esse outro se chamava Geraldo Peres, então botaram o nome da firma, Peres Vieira, porque o outro era Joca Vieira, e o Seu Geraldo, Geraldo Peres era do dono... Da embarcação e do seringal também, eles levantaram e fizeram aquela firma grande, mas o Seu Otávio não tinha sociedade com ninguém não, era só ele mesmo, ele era (não entendi) não tinha negócio de... De se aparecer não, ele era uma pessoa muito... Muito de amor, ele não desprezava ninguém era uma pessoa que hoje em dia... O senhor viu uma casa que tinha lá na beira do rio? Aquela casa ali era oficina dele, se ali tinha “torno” tinha tudo.

JR: É uma de alvenaria que está lá?

PB.: É bem na beira do rio no barraco.

JR: Era uma oficina de que?

PB: Era oficina de preparar tudo, quebrar uma vez uma palheta e fazia tudo essas coisas tudo, tolo, tinha... O camarada que saiu daqui, ele foi trabalhar na estrada, foi trabalhar na oficina da Madeira Mamoré e Guajará - Mirim ele não tomou o lugar do comandante que trabalhava lá, porque o outro já era antigo, só que tinha polícia se a polícia fizesse um mau feito à polícia mandava embora e mandava vir outro... O senhor Otávio era uma pessoa muito prestativa, eu trabalhei com ele, ele morreu... Morreu em 59 eu estava lá no seringal em Montiné, o filho dele trabalhava na Marinha, estudando lá, aí disertou de lá, chegou aqui, aí ele botou lá pra tomar de conta do seringal pra lá, porque ele queria bagunçar, viver de(não entendi) era o Chico Reis, era o pai do Chiquinho, e botou lá, e falou assim: “botei você pra estudar você não quis, não vai ficar vagabundando aqui não, você vai lá pra dentro das matas tomar de conta, aí lá que ele casou-se construiu família, teve Chiquinho, o Chiquinho conheço ele desde quando ele estava mudando (?) e tem muitos e muitos, tem Chiquinho, tem o Olegaro, Fernando, a Rita, tem a Lúcia, todos netos do Seu Otávio, filhos do Chico Reis.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: VSR

LOCAL: Fortaleza do Abunã/RO. DATA: 11/10/2009

R: Dona VSR, eu gostaria que a senhora me explicasse como funcionava o sistema de abastecimento no Vale do rio Abunã, ou seja, o abastecimento dos seringais, como é que funcionava?

VSR: Bom, ia o batelão da loja daqui, aí quando na casa dos fregueses chegava nos ribeirinhos, aí eles iam comprar, quando eles baixavam viam recebendo o produto daqui subia, ia vendendo mercadoria e baixava ia recebendo mas tudo... Quem mais vendia era o Seu Otávio tinha os marreteiros que agente chamava, mas não era como o Seu Otávio, sabe que começou aí agente saía daqui e até Plácido de Castro era assim tinha os ribeirinhos de um lado e outro que ele vendia, agora ele comprava borracha, e comprava sernambi, e (?) aí nós comprava o feijão, o arroz, o café, o açúcar, o sabão comprava de tudo, de tudo eles levavam agente comprava e quando baixavam era recebendo, subia e ia vendendo, baixava vendendo, só tinha um depósito do Seu Otávio que era central que era em costa de (?) porque o São João do Balance ficava na margem do rio e (não entendi), mas os outros era tudo na beira do rio, tinha animal sim, tinha o comboio, agente chamava comboio, levava tudo a mercadoria pra lá, e ia levar mercadoria e trazer o produto, a borracha, sernambi, teve um tempo que até fruta de seringa agente vendia que eu acho que foi nossa perdição vender fruta de seringa...vendia fruta de seringa.

JR: O que é fruta de seringa?

VSR: A fruta de seringa... Nós... Num diz que tem a seringa.

JR: É a semente?

VSR: É a semente.

JR: Então a fruta de seringa é a semente?

VSR: É a semente, nós chamamos fruta lá, eles chamavam, aí nós vendia. Quando chegava o inverno, parava de cortar seringa porque a chuva tomava o leite, agente juntava fruta, ia juntar fruta, tinha meio de vida e ia juntar fruta, roçar varador, tudo agente fazia, mas a fruta era indispensável, miudinha assim. Ainda vou lhe mostrar uma.

JR: Para que, que servia essa fruta da seringa?

VSR: Pra vender, pra (não entendi), não vendia pra fora? Ora pra vender, por isso que a nossa... Caiu.

JR: Vocês vendiam pra quem?

VSR: Pra o Seu Otávio, pros gerente trabalhador deles, gerente deles dos encarregado dele compravam, agente comprava por saco, por lata, por quilo, se não tivesse assim... Tinha um freguês

que não tinha lata de seringa pra vender vendia por quilo, por litro, mas eles compravam toda fruta da seringa. Na Extrema e no Oriente eu não sei, sei que no seringal de Extrema era o (?) Sampaio, bom gerente, ele comprava toa fruta da seringa que nós juntava, vinha tudo pra cá baixava estrada pra Fortaleza, acho que era pra vender,”nera”?!.

JR: Inicialmente a senhora falou que o tabelião levava toda mercadoria e vocês compravam, os seringueiros compravam, mas o que significa comprar? Havia dinheiro? Ou era assim: você pegava a mercadoria em troca de borracha. Era isso? É isso que é comprar?

VSR: É em troca de borracha, é.

JR: Vocês não pagavam em dinheiro?

VSR: Não, nós pagava em dinheiro sim, se nós vendesse nossa borracha nós trabalhava por conta, aqueles que trabalhavam por conta própria eles vendia a borracha deles e recebia o dinheiro e comprava o que ele queria, que ele vendia descontava a mercadoria que ele comprava aí o restante ele pagava em dinheiro.

JR: Então existiam dois tipos de seringueiro? O seringueiro que só fazia troca por mercadoria e o seringueiro que tinha saldo, pegava dinheiro, ele poderia ficar com esse dinheiro no bolso, ele poderia comprar essa mercadoria dessa embarcação da loja, por exemplo? É isso? Porque só no final do ano?

VSR: Porque o verão era cortando seringa, so fazendo borracha, aí quando era no inverno no fim do (?) tinha o sernambi, agente fazia as pranchas e vendia, vendia e aí pegava o dinheiro, sempre na Extrema, no seringal da Extrema dava o dinheiro todinho, agente levava aquele dinheiro pra comprar alguma coisa que agente quisesse comprar, negociar, que a Extrema é perto do Rio Amazonas, já é outro depósito, tinha o Chachá que era outro depósito, tinha de tudo pra gente comprar aí agente podia comprar o que queria, no tempo do Seu Otávio era assim era bom.

JR: É, e a castanha?

VSR: A castanha nós entregava tudo pra casa, aí ficava na conta, agente chamava conta, porque tinha aquelas salonas grande, dava tudo ali, os saldos que agente tinha dava ali tanto de mercadoria de borracha que agente fazia, saldo, e aquele saldo do freguês se quisesse receber aqui em Fortaleza, recebia, e se não quisesse, recebia em Porto Velho, Seu Otávio era um patrão indo e voltando.

JR: É, a circulação dos batelões, eles saiam daqui de Fortaleza do Abunã eles iam até onde... Alcançavam até que ponto?

VSR: “Ixi”, eles acima de Plácido de Castro néra, agora que tinha o tambaqui, a cachoeira do tambaqui, aí pra cima não tem mais cachoeira, tem umas possa d’água, mas não era mais cachoeira, aí ia ficando bem estreito, aí os batelão mais pequeno que passava de Plácido de Castro, lá pra cima tinha depósito lá da Bolívia, esses eu já não conheço que tinha Lorena, tinha Oreca, Gavião, esses eu já não conheço, só conheço por nome, não conheço pra dentro da Bolívia Plácido de Castro já é Bolívia.

JR: O vale do Rio Abunã, conforme você vai subindo ele vai estreitando é isso?

VSR: Vai estreitando, isso, vai ficando bem estreitinho lá em Plácido de Castro, “vixi” é bem estreitinho, mais pra cima eu não sei por que eu ainda não andei pra lá, mas sei que até Plácido de Castro, mas é bem estreitinho que quem vê esse Abunã não que é ele.

JR: E, a questão da navegação do Rio Abunã, até que época dava pra navegar nele, ou ele era navegável o ano todo?

VSR: Era navegável o ano todo até Plácido de Castro, ia os batelão tudo aonde não dava, eles procuravam o canal do rio viam embora o Abunã não é muito...é até mais ou menos de largura e de fundura, não é muito razo não.

JR: A senhora lembra-se dos nomes dos seringais do Jaime Alencar?

VSR: Do Jaime de Alencar, que eu conheça só o Orion e o Itamarati, mas o Itamarati era Bolívia né?É Bolívia.

JR: É Brasil.

VSR: É Itamarati, Orion, aí Itamarati aí pra cima ele trabalhava, nesses depósitos aí pra cima também, mas aí eu não tenho conhecimento, Seu Jaime era mais pequeno, as embarcação dele era

mais pouca, a lancha dele, como era o nome... Era Orion o nome da lancha, ele comprou do Se Raposo, era Sarapian, mas aí ele passou a chamar Orion que era o nome do depósito dele. Porto Luiz era do Otávio Reis, arrendado, o seringal de São Gabriel era de Wilson Pena, o seringal de Porto Edite era do Zé Santana e tinha outro, mas não era Brasil, aí tinha Triunfo era do Joca Vieira, mas do Geral do Peres, aí tinha Boa Esperança, aí tinha Porto Dia, aí não tinha mais nada aí só era do Otávio, tinha Wilson Pena era São Gabriel, agora Porto Edite era do Seu Zé Santana, aí tinha Plácido de Castro, agora do lado da Bolívia era todo movimento, daqui acolá tinha um depósitozinho, tinha freguês, como tinha assunta, assunta é depósito, como tinha Agélia, Agélia era um depósito fica aqui embaixo, era um depositizinho também.

JR: O regatão poderia circular aqui no rio Abunã?

VSR: Circulava, porque o regatão era dos ribeirinhos, agora se os ribeirinhos quisessem vender, aqueles que queriam vender era por conta que nós chama por conta, é os ribeirinhos da Bolívia, do Brasil, tudo tinha dono, não era pra vender assim não, eles não queriam que vendessem, mas vendiam sempre porque os freguês tinha um saldo sempre verde, aí tinha os regatão vendendo. Os regatão era o Se Zé Lima, o forte era o Gualta Ribeiro, e o... Tinha outro fora o Gualta Ribeiro, tinha o Zé lima, o Gualta Ribeiro era muito antigo.

JR: O Zé Lima era um regatão?

VSR: Era um regatão de canoinha, agora o Gualta Ribeiro tinha um batelão grande, tinha dois batelão grande

JR: Como era o nome dele mesmo?

VSR: (Gualta Ribeiro).

JR: Gualta Ribeiro, ele era regatão? Não existia problema não entre os seringalistas e o regatão, e tipo assim, eles permitiam, era permitido que o regatão circulasse livremente no rio Abunã?

VSR: O Gualta Ribeiro circulava livremente e outros regatãozinho de canoa tudo circulava porque vendia tudo pra ele.

JR: Pra quem?

VSR: Os produtos vendia tudo aqui no Seu Otávio, a borracha que ele trazia, o sernambi que ele trazia, vendia tudo aqui pro Seu Otávio.

JR: Então, o regatão abastecia, saía vendendo mercadoria pro seringueiro e aí ele voltava com a borracha.

VSR: É com a borracha e o sernambi.

JR: A borracha e o sernambi, quando eles chegavam aqui ele acabava vendendo, então não existia problema entre o Otávio Reis e o regatão?

VSR: Não, não existia problema não, era assim nós ainda trabalhamos em uma colocação lá em cima chamada Nova Califórnia, lá acima da Extrema, nós trabalhamos também, nós morava do lado da Bolívia, lá do lado da Bolívia agente pagava a tal da prestação Vial, só era ruim porque tinha dois, três cobrando por ano, dois, três, vinha cobrando, eu saí... Eu vim cobrar a prestação Vial a renda que chamavam prestação Vial, aí agente pagava aquela renda aí vinha outro, aí agente ficava com raiva mais pagava.

R: Você...

VSR: Brasileiro do lado do Brasil, eles não vendiam assim, mas do lado da Bolívia era por conta, as colocação do lado da Bolívia agente arrendava e pagava por conta, por isso que tinha o regatão.

JR: Há! Então existia uma diferença entre os seringais que estavam do lado do Brasil e os seringais que estavam do lado da Bolívia, o da Bolívia eles tinham autonomia e liberdade pra fazer o que eles queriam vender pra quem eles quisessem, eles poderiam vender pro regatão.

VSR: Pagava o direito deles, aí vendia pra quem queria.

JR: Já o seringal do lado do Brasil, pertencia ao seringalista e o regatão não poderia...

VSR: É não queria que vendesse de jeito nenhum, ele vendia, às vezes vendia, porque freguês é teimoso, tem uns né! Outros não, mas não era liberto, não liberava agora do lado da Bolívia era liberado, muita colocação e muito (não entendi) pro lado da Bolívia.

JR: Só tinha dois regatões naquela época?

VSR: Não, tinha mais, mas o regatão mais forte era o Gualta Ribeiro aí tinha Luiz Edmundo,

Manuel Siqueira... Tinha muito regatão, tinha o Antônio Lopez também foi regatão... O Roberto, Robertinho também foi regatão.

JR: Então tinha de seis regatões.

VSR: Tinha, tinha mais de seis regatão, tinha muito que vendi assim.

JR: Todos atuando aqui no Abunã?

VSR: Tudo atuando aqui, vendiam aqui, agora aqueles que vinham só até Extrema, aí pra cima, vendia lá em cima, lá no Zé Santana, Jacaré lá em Plácido de Castro, e os que viajavam daqui pra lá, trazia e vendia aqui por Seu Otávio pra quem quisesse vender.

JR: Todos os regatões faziam esse procedimento? Eles vendiam mercadoria pra abastecer os seringais, e traziam o produto e acabavam vendendo pro Seu Otávio Reis, todos vendiam pro Otávio Reis?

VSR: Todos, porque os do depósito iam direto né, passava aí já ia conseguindo aquela mercadoria pro depósitos tinha da loja mais todo mundo não ia comprar e os regatão parava no porto e passava era o dia esperando, aí quando agente não tinha compromisso com outro, vendia pra aquele.

JR: Não existia, é, por exemplo, se os seringalistas tomassem conhecimento que o seu aviador fez negócio com regatão, tinha algum problema?

VSR: Tinha o patrão não reclamava não, mas o gerente ia lá e “ixi Maria” se pudesse brigava, se fosse ficava fora da colocação se fosse um freguês ruim, que tinha o freguês bom escolhido, olha lá na Extrema tinha os freguês melhor que tinha, mais trabalhador, que fazia mais produto, todo fim de ano tinha um prêmio dado pela casa pelo Seu Otávio, ele tinha uma espingarda nova, ou era um revolver ou era um terno, qualquer coisa do mais caro tinha, que ele dava, aquele que fabricava mais que fazia mais borracha era o dono da balança, nós chama o dono da balança, nos outros depósitos não tinha não, mas no de Extrema tinha, lá tinha Colônia.

JR: Então era permitido que o regatão ele circulasse livremente no Abunã, desde que ele não interferisse no seringal...

VSR: Não, mas ele podia comprar dos freguês, ele não sentia nada não, os freguês é que ia receber o troco, era assim, o regatão, não tinha nada com isso, tava vendendo o dele.

JR: Onde é que o regatão adquiria essas mercadorias?

VSR: Aqui com eles mesmo, comprava na loja do Seu Jaime, na loja do Seu Otávio, só o Geraldo Peres porque era ali da cachoeira, ninguém gostava de fazer compra lá na ilha por que na cachoeira aí morreu muita gente.

JR: Onde é que ficava essa localidade?

VSR: Aqui na cachoeira, aí a ilha aqui.

JR: A ilha?

VSR: A ilha, sim, é armazém, era na ilha.

JR: O armazém de quem?

VSR: De Geraldo Peres, mais do Seu Joca Vieira, era na ilha.

JR: Então na ilha ficava o armazém do “Jota” Vieira, Joca Vieira?

VSR: Do Geraldo Peres, que aviava o Joca Vieira.

JR: O Geraldo Peres aviava o Joca...

VSR: O Joca Vieira.

JR: Joca Vieira?

VSR: Na ilha.

JR: Há! Um aviava o outro, o mais forte era o Geraldo Peres?

VSR: É, o mais forte era o Geraldo Peres, aí o Joca Vieira.

JR: É... O Joca Vieira e o Jota Vieira, o Joca que a senhora fala é o João Vieira? Um aviava o outro?

VSR: É, e ele trabalhava com Triunfo e Santa Clara, arrendando da viúva por intermédio do Camilo Morais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**REDES DE AVIAMENTO DA BORRACHA E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE
FORTALEZA DO ABUNÃ/AMAZÔNIA**

QUESTIONÁRIO NORTEADOR PARA ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTADOR: José Rubinsten da Silva (JR)

ENTREVISTADO: PMR

LOCAL: Fortaleza do Abunã/RO. DATA: 11/10/2009

JR: Qual a sua cidade natal, onde o senhor nasceu?

PMR.: Eu nasci aqui, pertencente o Humaitá (?) ai eu não sei explicar direito, mas foi lá no Humaitá, foi onde eu fui registrado...foi no Amazonas.

JR: É... em que ano o senhor veio para a região de Fortaleza do Abunã?

PMR: Pra região vinhamos em 1938, pra Porto velho.

JR: É, qual foi a razão da sua vinda pra cá para a região?

PMR: Pra região é o seguinte, eu era pequeno, e meu pai veio aqui pela primeira vez, veio aqui no seringal do Otávio Reis, aqui em Fortaleza do Abunã, porque a castanha tava dando muito dinheiro, aí então ele veio e trouxe nós.

JR: Qual tipo de transporte era utilizado para o deslocamento como é que o senhor veio, que tipo de transporte?

PMR: Aqui para Porto Velho nós viemos de navio.

JR: O senhor lembra o nome do navio?

PMR: Rio Jamari, era um navio... Assim de negociante, então nós vinhamos no Rio Jamari até Porto Velho, e embarcamos ali perto do “bom será”, no lugar que chamam...

JR: É qual foi o deslocamento desse navio, foi a partir de que cidade para Porto Velho?

PMR: Ele veio de Itaquatiara.

JR: Naquela época, tinham muitas embarcações que faziam esse tipo de transporte?

PMR: Tinha, ele era navio que carregava madeira, essas coisas, que tinha uma grande cerraria na boca do madeira né, ele fazia transporte, passagem foi por conta do patrão.

JR: Então o senhor veio por conta do patrão?

PMR: Foi por conta do patrão, pra trazer aqui em Fortaleza do Abunã, pra começar a trabalhar.

JR: Há então o Otávio Reis financiou a vinda dos seus pais, e a família toda financiada por Otávio Reis, para trabalhar pro seringal, já foi encomendado.

PMR: É, encomendado, ai nós chegemo aqui e fomos direto pra castanha, e nesse negócio de castanha, a borracha tava na vez, ai nos ficamos no seringal cortando seringa.

JR: Então quando o senhor chegou foi pra inicialmente cortar castanha, e depois foi pra seringa.

PMR: É pra seringa, porque tem a época da castanha e da seringa.

JR: E nesse seringal do Otávio Reis tinha mais ou menos quantas pessoas trabalhando?

PMR: Bom, eu não sei, não sei direito, mas lá no seringal de Boa Vista, era na Bolívia arrendado por ele, tinha umas 240 facas.

JR: No daqui o senhor não tinha nem mais ou menos uma noção de quantas facas tinham?

PMR: Não, só sei do seringal de Boa Vista... 240 e poucas facas.

JR: É o senhor poderia me explicar como é que funcionava o sistema de abastecimento de mercadoria do seringal? Como que chegava a mercadoria pro seringueiro? Gêneros alimentícios...

PMR: Tudo olha no seringal não faltava nada, no tempo do Otávio Reis então, quando era no dia da nota o freguês... Vinha um noteiro de lá do barracão com um papelzinho e levava as nota e ai você fazia a nota, do que o senhor precisava, ele levava aquela notinha e tirava dos freguês tudinho as nota quando era no dia primeiro, no dia dois, conforme fosse, ai vinha os comboio que ele chama tropa de burro e vinha, tudo trazia a mercadoria entregando tudo direitinho, e a guia do balcão na nota da mercadoria.

JR: Como é que essa mercadoria chegava para o barracão?

PMR: Ela chegava aqui e a lancha levava todos os meses dois ou três batelão carregado de mercadoria, chegava no barracão e ia lá pro armazém a mercadoria lá, toda a mercadoria pro freguês do que precisava.

JR: Essa mercadoria do Otávio Reis vinha de que cidade?

PMR: Bom, eu não sei, mas eu acho que vinha de Belém.

JR: Então talvez a mercadoria viesse de Belém e que essa mercadoria chegava aqui de que tipo de embarcação, que tipo de transporte, se ela vinha de Belém, como é que ela chegava aqui.

PMR: Vinha de navio, mas ai eu não sei porque primeiramente, vinha nos navios, ai outros navios, ai depois ele comprou um novo cosmopolito, ai vinha direto de Belém pra Porto Velho.

JR: Quem comprou?

PMR: O Otávio Reis.

JR: Como era no nome do navio?

PMR: Cosmopolitis.

JR: Cosmopolitis?

PMR: Cosmopoliti.

JR: Cosmopoliti, ele comprou esse navio, e esse navio era movido a que?

PMR: A lenha, máquina a vapor.

JR: A lenha... há! Então o navio de Otávio Reis, Cosmopoliti era movido a lenha, esse navio como é que ele circulava? Ele ficava em que rio?

PMR: Vinha direto de Porto Velho, lá ele ficava.

JR: Há! Então Otávio Reis tinha um navio que navegava no rio Madeira, de Belém até Porto Velho?

PMR: Isso vinha a Porto Velho, trazia a mercadoria e ficava aguardando a chegada do produto pra levar.

JR: Então ele era proprietário ou ele arrendava?

PMR: Quem?

JR: Esse navio o proprietário era o Otávio Reis ou ele arrendava?

PMR: Proprietário.

JR: Então o Otávio Reis era dono, proprietário desse navio, esse navio qual era assim... Mais ou menos a capacidade dele, assim de...O senhor chegou a ver esse navio, mas qual era mais ou menos a capacidade de mercadoria dele, o senhor tem noção do tamanho do navio?

PMR: Isso ai, eu não explico, mas eu acredito que não era muito grande.

JR: Navio a vapor?

PMR: É a vapor.

JR: Essa mercadoria chegava em Porto Velho e de Porto Velho...

PMR: Vinha de trem.

JR: Até...

PMR: Até o Abunã, vinha em Vila do Abunã aqui.

JR: E de abunã...

PMR: De Abunã, vinha o barco dele que tinha lancha, que ele tinha Jurupari, lá de baixo tinha outro morto que eu to esquecido o nome, então todos mês ele ia buscar mercadoria.

JR: Então o Otávio Reis tinha um navio a vapor que vinha até Porto Velho e depor de Porto Velho

essa mercadoria ia de trem até Abunã, chegando em Abunã, tinham lanchas...

PMR: Tinha lanchas e aqui do lado de cima tinha Abunã, tinha a Dona Emília, duas lanchas, motor tinha dois, motor grande dois godilhas e motor de centro que chegava a Gobira, depois do Gobira era... Tinha outros motor, então ele tinha os barcos, os barcos era feito aqui.

JR: Eram feitos aonde esses barcos?

PMR: Aqui nesse despenhado, em Fortaleza do Abunã.

JR: Como era o nome desse local que fabricava os barcos?

PMR: Chamava oficina naval, oficina do Romão, mestre Romão.

JR: Oficina do mestre Romão, quem era o dono dessa oficina?

PMR: Era o... Sociedade com o mestre Romão, Otávio dos Reis, ele ajudou a fazer a casa e ajudou o que necessitava mais aqui, e ele entrou com a casa, na fabricação da casa e fazia tudo que precisava canoas, barco, tudo isso aí, ai eles fizeram a sociedade deles.

JR: Que material era utilizado pra fazer esses barcos?

PMR: Itauba.

JR: Feito de madeira de Itauba.

PMR: Tirava aqui mesmo ai cerrava braçal.

JR: Tirava cerraria, eles derrubavam madeira daqui mesmo?

PMR: Era eles tiravam puxando na cerra braçal.

JR: Era artesanal a fabricação, era manual, e eles fizeram mais ou menos quantos barcos?

PMR: Ai eu não sei dizer, porque eu passei muitos dias fora, mas eles faziam...fabricavam batelão de 10 toneladas...

JR: De quantas toneladas?

PMR: De 10,12 toneladas.

JR: Então o batelão era fabricado aqui na oficina naval. Quantas pessoas trabalhavam nessa oficina naval?

PMR: Na época que eu trabalhei aqui na oficina do mestre Romão, ele era o chefe da oficina, trabalhei eu, Antônio Salgado, Vicente Cututu, Luiz Anacleto e o Manezinho.

JR: O senhor fazia o que nessa oficina?

PMR: Eu ajudava a fazer caverna, e (?) tábua, cavar aqueles cantilhão, fazer esgoto na madeira, isso eu fazia.

JR: Quanto tempo levava pra fazer uma embarcação dessas?

PMR: Eram uns 15,16 dias conforme o tamanho.

JR: Precisava de quantas pessoas pra fazer uma embarcação, um barco?

PMR: De profissional eram três que trabalhavam os outros só faziam aprontar madeira e entregar.

JR: Ele fabricava esse barco pra vender ou ele mesmo utilizava?

PMR: Era pro Otávio Reis, e as vezes outras pessoas que queriam, os regatão, essas coisas que queriam aqueles barcos pequenos de seis toneladas, ai entregava pro cara e aquele dinheiro ela deles pra pagar os funcionários, os trabalhadores era toda semana ele pagava.

JR: Então o Otávio Reis encomendava o barco para... Ele já encomendava o barco pro...

PMR: Isso.

JR: Como é o nome do proprietário que o senhor falou?

PMR: Mestre Romão.

JR: Ele encomendava, mas ele poderia vender para regatão e para outras pessoas interessadas?

PMR: Isso, porque a aqui tinha um bucado de regatão, então eles saiam pegavam a mercadoria aqui com o Otávio do Reis, e saia regateando a troco de borracha, essas coisas pra ter dinheiro mesmo, mas todo produto que chegava entregava pra firma do Otávio do Reis, pagando a mercadoria que ele levou e assim ele ia.

JR: O senhor falou que a mercadoria quando chegava no trem, ficava em Abunã, e tinha umas lanchas, essas lanchas é a mesma coisa que o batelão ou não? Lancha é uma coisa batelão é outra coisa?

PMR: Não, lancha era só pra colocar o batelão carregado de mercadoria.

JR: Então todo batelão precisava ser puxado por uma lancha e a lancha era movida a que?

PMR: A lenha.

JR: A lenha, a lancha era movida a lenha, que puxava o batelão. Não existia motor na lancha, motor a combustível?

PMR: Não, não...

JR: A lancha era vapor que tamanho era essa lancha?

PMR: Era pequena ainda hoje ainda tem essas caldeiras ai no barranco, ainda hoje agente vê ai...

JR: O senhor poderia me mostrar depois?

PMR: Claro.

JR: Essa era a lancha que ele utilizava essa que tai na beira do rio?

PMR: É essa que tai é caldeira da Dona Emília, que era chamado.

JR: Essa lancha é uma das lanchas que eram utilizadas pra puxar o batelão?

PMR: E a outra é a Abunã, chamada Rio Abunã, máquina a vapor.

JR: Então cada lancha tinha uma lancha chamada...

PMR: Emília.

JR: E a outra chamada?

PMR: Rio Abunã.

JR: A outra lancha chamada Rio Abunã.

PMR: Tem outras, mas não é do meu conhecimento, não é do meu tempo, é de antes...

JR: Nessa época tinha as duas.

PMR: Na minha época não tinha motor godilho...

JR: Mas assim, esse motor era combustível?

PMR: É a gasolina...

JR: Mas isso já foi depois, de início era...

PMR: Mas tinhas as lanchas.

JR: Há! Tinha os dois, então agente pode dizer que na mesma época tinha o motor a gasolina ou óleo diesel?

PMR: A gasolina.

JR: Já tinha motor a gasolina e tinha...

PMR: Motor de centro era a óleo diesel.

JR: Em que época que tinha essas embarcações, mais ou menos em que ano era?

PMR: Quando eu cheguei aqui tudo isso já tinha era de quarenta até quarenta e cinco por ai assim.

JR: Entre quarenta e quarenta e cinco, quantas embarcações eram utilizadas entre Abunã, e aqui Fortaleza do Abunã, para trazer, para traz mercadoria?

PMR: Dois batelões.

JR: Só precisavam de dois batelões, esses que o senhor falou ai...

PMR: Tinha o Piquiá, que era o batelão grande...

JR: Piquiá, e...

PMR: Maraponga, dois batelões de 22 toneladas.

JR: Então o batelão Piquiá e batelão Maraponga, eles eram utilizados pra trazer a mercadoria de Abunã, essa mercadoria chegava até onde?

PMR: Chegava até ali o beira mar onde tem ali o... Mirante.

JR: Até onde tem o mirante... Ali a prainha.

PMR: Exatamente.

JR: E não conseguia passar, qual era o motivo?

PMR: A cachoeira.

JR: Mas como é que fazia pra transportar pro outro lado?

PMR: Caminhão tinha dois caminhão, ele ia lá, eles pegavam o barqueiro tirava toda mercadoria nas costas e deixava uma parte no armazém e a outra passava no caminhão pro armazém daqui de cima.

JR: Quem era o proprietário do caminhão?

PMR: Otávio dos Reis, tudo era da firma.

JR: Então tinha o caminhão que trazia essa mercadoria, e antes quando não tinha caminhão como é

que fazia?

PMR: Isso ai eu não sei, não é do meu tempo.

JR: então de 1940 à 1945, já tinha um caminhão. Quem era o motorista do caminhão? O senhor lembra?

PMR: Eu conheci na época um cara que chamava... E ele passavam desses carros e iam até aqui nessa primeira curva, curva da estrada aqui por cima num caminhão fora, era o Chico... chamava ele de Chico Boca Larga, era o apelido dele, e tinha o Moisés, que chamava (?) que trabalhava na Usina, já tinha Usina de luz...

JR: Já tinha Usina de luz nessa época, e tinha alguma estrada internamente, quantos quilômetros de estrada tinham internamente aqui?

PMR: Eu acho que estrada aqui não tinha não.

JR: Então existia só um pequeno espaço pro deslocamento do caminhão, só o suficiente?

PMR: Ele vinha de lá, andava uns 2000 metros, e ia até lá e voltava.

JR: Então havia só uma pequena estradinha de 2000 metros só o suficiente pra transportar a mercadoria para o outro lado da cachoeira.

PMR: Exatamente, ele trazia mercadoria pro armazém daqui de cima, e daqui ele levava o produto lá pra baixo pra entregar nos barcos pra ir deixar no Abunã.

JR: Qual é o nome dessa cachoeira, essa primeira cachoeira ai?

PMR: Chama Cachoeira Fortaleza.

JR: O nome é cachoeira Fortaleza? O senhor sempre conheceu como cachoeira Fortaleza, que é o primeiro obstáculo que atrapalhava o transporte?

PMR: É daí não tinha pra onde, ir pra lá do Abunã, pra cá vinha de barco, até aqui perto dessa cachoeira ai não tinha como passar, tinha que ir transportando no caminhão pro lado de cima, daí vinha o produto que tinha aqui daí transportava no caminhão pro Abunã.

JR: É na época da chuva da enchente, era possível alguma embarcação passar, superando a cachoeira.

PMR: Dava de passar, mas eles não fazia a tentativa, porque pela primeira vez... perderam muito.

JR: Então tentaram, quando o rio subia... Tentaram mas tiveram problemas.

PMR: É ai continuaram sempre no caminhão.

JR: Então houve tentativa, mas a cachoeira impedia e tinha acidentes.

PMR: É, e esse foi o motivo pro Seu Otávio dos Reis, trazer um caminhão pra cá pra fazer esse transporte, porque carregar produto nas costas pra lá e trazer a mercadoria ficava difícil demais.

JR: Quando a mercadoria chegava, ela ficava armazenada onde.

PMR: Ficava na porta larga, ali onde é a prefeitura.

JR: Porta larga? Onde é a prefeitura atualmente? Aonde é a prefeitura é o armazém?

PMR: É.

JR: Armazém de quem?

PMR: Do Otávio dos Reis.

JR: Ali ela ficava no armazém, qual eram os outros prédios que tinha do Otávio Reis, além desse armazém, o que lá tinha de construção, aqui pra dar suporte a esse seringal, tinha esse armazém e o que eu mais?

PMR: Tinha a escadaria (?) ou galpão como eles chamavam, dali onde é a padaria do bodó pra cá, ali tinha um galpão muito grande, muito quarto ai quando vinha o povo do seringal se hospedava, e mais pra frente ali onde é a cerca que vai pro Chiquinho Reis, ali era outra (?) escadaria que tinha até uma farmácia da firma do Otávio dos Reis, quem trabalhava era até o...

JR: Então tinha duas hospedarias, quantas pessoas?

PMR: Chamavam Corta Goela.

JR: O nome da hospedaria era Corta Goela? Quantas pessoas ficavam nessa hospedaria mais ou menos?

PMR: Isso ai eu não sei lhe explicar, porque a quantidade de freguês que ficava ai no fim do ano, quando chegava ai, se era pouco dinheiro, só vinha até aqui, e muitos deles só vinham pra fazer compra, ai vinha pelo escritório ai perguntava pro Seu Brás ou até pro patrão mesmo, ai perguntava,

dizia assim: “Você vai pra Porto Velho, ou vai pra onde? Seu Otávio eu só quero um dinheiro pra fazer compra aqui”. Ta bom, outros chegava e dizia: “Eu vou pra Porto Velho”, e o outro diz: “Eu vou pra Manaus”, ai ele dizia: “Você quer receber aqui ou quer receber em Manaus”. Ai muitos dizia: “Seu Otávio eu quero um dinheiro só pra passagem daqui pra lá”. Ai pegava assinava e ia receber o dinheiro lá no banco.

JR: Então a pessoa poderia receber em dinheiro ou em mercadoria.

PMR: Mas o saldo era pagar em dinheiro.

JR: Quer dizer que o seringueiro poderia pegar em dinheiro aqui, pra gastar aqui?

PMR: Aqui no escritório, é porque muitas vezes vinha fazer compra, ai comprava uma coisa e outra, ai ele ia lá tirava o dinheiro, comprava o que precisava, no outro dia agente subia e ia pagar no seringal.

JR: Quantas lojas tinham aqui na época? Mais ou menos...

PMR: No meu conhecimento tinha duas lojas, uma do Otávio Reis e a outra pertencia ao Jaime Alencar.

JR: Então a loja pertencia ao seringalista, ele mesmo era o dono da loja, ele pagava pro seringueiro na hora do acerto da conta, e ele poderia fazer compra na loja do próprio...

PMR: É e se as vezes o freguês não tinha dinheiro, ele dizia: “Seu Otávio eu to precisando de dinheiro, to precisando comprar tal coisa, isso, aquilo outro, e não tenho dinheiro. Pega assinava..tai vá lá fazer compra na loja, ai ele assinava aquele cartãozinho, e o freguês comprava o que precisava, e o que queria ai, ia pagar no seringal, ia a conta pra lá.

JR: O senhor lembra o nome da loja?

PMR: Bom, isso ai eu não sei não, sei que era do Otávio do Reis.

JR: Uma loja era do Otávio Reis e a outra era do Jaime Alencar. Eles eram sócios?

PMR: Não...

JR: Não, eles não eram sócios? Quem era o sócio do Otavio Reis?

PMR: Daqui, ele era sócio só com a Oficina Naval.

JR: O Otávio Reis era sócio do Jaime Alencar, só na parte...

PMR: Não senhor, era sócio só do Mestre Romão.

JR: HÁ! Muito bem ele era sócio só do Mestre Romão, mas de ninguém.

PMR: Ele era um patrão livre.

JR: Que tipo de mercadoria tinha nessa loja?

PMR: Do Otávio Reis?

JR: Aham...Tinha Alimento?

PMR: Era do que o senhor pensasse...

JR: Por exemplo, que quê tinha na loja... Tecido?

PMR: Tecido, perfume, enlatado... Pra melhor dizer tinha de tudo.

JR: Tudo que tinha na época de estivas... Tinha uma farmácia de quem era à farmácia?

PMR: Do Otávio Reis.

JR: O Otávio Reis era dono da farmácia.

PMR: Era dono da farmácia, pra atender o seringueiro hora que precisasse, chegava e ai direto, a lancha trazia ai ia lá direto pra farmácia.

JR: O hotel que o senhor falou quem era o dono do hotel?

PMR: No meu conhecimento, era o Otávio Reis, mas que tomava de conta que ficava lá, era o Joaquim Pinto, era o hotel que o povo botou apelido de Corta Goela.

JR: Quem se hospedava nesse hotel? Seringueiros e...

PMR: Seringueiros.

JR: Só seringueiros. Só o freguês da casa e o outro hotel também, porque tinha dois hotéis.

PMR: Exatamente é porque às vezes vinha muito freguês.

JR: Esse hotel cabia mais de cinquenta pessoas?

PMR: Cabia... Vixi!

JR: Cabiam assim umas cento e cinquenta pessoas.

PMR: Mais ou menos.

JR: Mais ou menos umas cento e cinquenta pessoas o hotel cabia, cada um? Os dois? Juntos suportavam mais ou menos 150 pessoas quando vinham do seringal.

PMR: Os dois sim.

JR: O senhor falou de outras pessoas que trabalhavam com o senhor. Eles faziam o que lá na oficina?

PMR: O mesmo que eu fazia... Ou então eles iam fazendo montagem, armando, ou barco coisa e tal, e eu como era mais novato, aí eles botavam eu pra fazer a peça, eles mediam tudinho esquadrejava aí ia fazendo aquele trabalho.

JR: O seu pagamento como é que era?

PMR: Por semana, semanal.

JR: O senhor recebia em dinheiro? Qual era o dinheiro da época?

PMR: Era 15... 15

JR: Era réis?

PMR: Era 20 réis ainda, 20 mil réis.

JR: O senhor tem conhecimento de um navio chamado: Barão do Abunã?

PMR: Barão do Abunã?

JR: É o senhor tomou conhecimento se aqui no rio abunã, tinha um navio chamado Barão do Abunã?

PMR: No rio?

R: O senhor conheceu o rio Abunã?

PMR: Conheci o rio Abunã.

JR: Não, o senhor me falou de um navio chamado Navio Rio Abunã.

PMR: Era uma lancha...

JR: Há! Era uma lancha. Aqui não circulava nenhum navio não né? Qual era o tipo de embarcação que dava pra circular aqui no Abunã, quais eram as embarcações que navegavam aqui?

PMR: Só as lanchas e os batelões.

JR: As lanchas e os batelões, somente. Qual foi o seringal que o senhor trabalhou?

PMR: Eu trabalhei primeiro na Boa Vista no rio Pacoara, dentro da Bolívia arrendado pelo Otávio Reis.

JR: Qual o nome do seringal?

PMR: Boa Vista.

JR: Pertencia a quem?

PMR: Ao Otávio do Reis.

JR: Pertencente ao Otávio Reis, esse seringal ficava na Bolívia.

PMR: Era na Bolívia arrendado pelo Otávio do Reis.

JR: O senhor lembra quantos seringais o Otávio Reis tinha do lado brasileiro e quantos ele tinha do lado boliviano? No lado brasileiro quantos seringais tinham o senhor lembra o nome, os que ficavam no lado do Brasil?

PMR: Os que ficavam no Brasil, na época eu lembro do primeiro que ia subindo, tinha Mocambo...

JR: Do lado brasileiro...

PMR: Isso.

JR: O primeiro era...

PMR: O segundo Extrema...

JR: O segundo extrema?

PMR: Isso, de Extrema, Oriente...

JR: Todos do lado brasileiro, primeiro...

PMR: Primeiro Mocambo.

JR: Segundo...

PMR: Extrema.

JR: Terceiro...

PMR: Oriente.

JR: Tinha mais algum do lado brasileiro?

PMR: Porto Luiz.

JR: Porto Luiz, então do lado brasileiro tinha quatro seringais, o último Porto Luiz. E do lado da Bolívia...?

PMR: Do lado da Bolívia, do meu conhecimento só tinha... Primeiro... Deixa eu lembrar...Colônia

JR: Colônia?

PMR: É.

JR: Pertencia ao Otávio Reis?

PMR: Opa! Errei o primeiro era Triunfo.

JR: O primeiro era Triunfo. Do lado Boliviano?

PMR: É do Pacoara, Triunfo, Boa Vista... Tauarí...

JR: E esse Pacoara?

PMR: É da Bolívia.

JR: Então do lado boliviano tinha o Pacoara...

PMR: Rio Pacoara.

JR: Rio Pacoara... Era o seringal do lado boliviano de Otávio Reis.

PMR: É primeiro era Triunfo, segundo Boa Vista terceiro Tauarí.

JR: Tauarí?

PMR: É!

JR: E do Jaime Alencar?

PMR: Isso aí é pro Abunã, agora no rio Negro tinha Colônia, Montinéia, era Colônia e Montinéia.

JR:No rio negro também que era propriedade de Otávio Reis?

PMR: Era.

JR: Colônia e...

PMR: E Montinéia. Agora por aqui não tinha seringal não... Tinha as colocações arrendadas daqui até Plácido de Castro.

JR: Então nesses locais que o senhor falou eram seringais, propriedades dele, isso entrando no rio Abunã, fronteira com a Bolívia.

PMR: Isso...

JR: E quando o senhor fala aqui? Qual é a localização que o senhor fala que só tem uma colocação arrendada?

PMR: As colocações arrendadas eram do lado da Bolívia, quem sobe não tinha seringal na Bolívia pra cá do Abunã, era só colocação.

JR: Há, então no Abunã, no lado da Bolívia só havia colocações arrendadas... quem arrendava?

PMR: Bom, o Otávio do Reis arrendou, da Bolívia, então ele pegava esse produto todo desse povo, agora os seringais que eu conheci seringais mesmo, esse depósito que esse chamava Rio Negro e Pacoara... Eu vou falar de novo: primeiro Triunfo, Boa Vista, e Tauarí e aí no Pacoara, agora no rio negro, Colônia e Montinéia.

JR: É...

PMR: Era um depósito de cento e tantos freguês, duzentas pessoas por aí assim... Aí agora na beira do rio era as colocações, um freguês só às vezes dois freguês colocação arrendada dos bolivianos até Plácido de Castro.

JR: E onde ficava o barracão do Otávio Reis?

PMR: O barracão era ali onde tá o Chiquinho Reis, mas pra lá onde tem as mangueiras, ali tem a oficina que é coberta e iluminada o barraco, ali era o chalé do Otávio do Reis.

JR: E onde ficava o barracão do Jaime Alencar? E do Geraldo Peres...

PMR: Isso é pra lá, o Geraldo Peres o movimento dele era com a Bolívia.

JR: Então o Geraldo Peres não tinha barracão aqui em Fortaleza do Abunã, onde ele ficava? Onde ficava a sede? Ficava do lado Boliviano? Qual era a localidade?

PMR: Ficava lá em Dom Felix.

JR: Dom Felix, o que era lá uma cidade? Uma vila?

PMR: Era uma Vila na época...

JR: Na época era uma vila, Dom Feliz, não existe mais nada...

PMR: Não, não existe.

JR: Desses locais que o senhor falou o que aconteceu? Viraram cidades, vilas ou não desenvolveu?

PMR: Até agora tudo se acabando da Bolívia, já se acabou tudo... os barracões, tudo se acabou!

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CESSÃO E CONSENTIMENTO

_____/_____/____

O (a) abaixo assinado, _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, CPF _____, declara para os devidos fins que foi plenamente esclarecido pelo pesquisador **JOSÉ RUBISTEN DA SILVA**, mestrando em Geografia/UNIR, dos objetivos do Projeto de Mestrado, e fins a que se destina a sua entrevista. E após a leitura e/ou ouvido o presente Termo de Consentimento informa estar ciente do seguinte:

- a) Que pelo presente documento concorda em contribuir voluntariamente com o **Projeto: Redes de Aviamento da Borracha e a Organização Espacial de Fortaleza do Abunã/Amazônia**, cujo objetivo é entender as *Redes de Aviamento da produção gomífera do Vale do Rio Abunã e os reflexos na organização espacial de Fortaleza do Abunã na década de 1940*.
- b) Que a sua contribuição implicará na realização de uma entrevista com uso de um gravador e registro fotográfico;
- c) Que esse procedimento é um método usual em pesquisa social, não implicando riscos de insalubridade ou periculosidade ao entrevistado;
- d) Que o nome e privacidade do(a) entrevistado(a) serão resguardados, e os dados pessoais somente serão utilizados com a finalidade da pesquisa, não sendo permitida a identificação em nenhuma publicação ou encontro científico, cujo procedimento será confirmado por meio de assinatura do responsável pela pesquisa;
- e) Que o nome do entrevistado ou colaborador da pesquisa será ocultado por códigos, representação numérica ou pseudônimo;
- f) Que a recusa em participar do projeto e/ou ceder o resultado da entrevista, poderá ser feita a qualquer tempo, mesmo após a assinatura do presente termo, sem nenhuma restrição ou penalidade, bastando à comunicação aos responsáveis pelo projeto.

g) Caso haja necessidade, poder-se-á entrar em contato com o pesquisador responsável: José Rubisten da Silva:
Fones: (69)3225-6816 – 92721011, E-mail: rubinstein16@bol.com.br. Orientador: Professor Dr. Dorisvalder
Dias Nunes: Fone (69)21822123, E-mail: dorisval@unir.br

Nestes termos, concordo em contribuir com a pesquisa e ceder os direitos de minha entrevista, gravada em/...../....., para que o mencionado pesquisador possa usá-la_____desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações, ficando vinculado o controle ao pesquisador supra mencionado que ficará com a guarda da mesma.

(Assinatura do(a) cedente)

(Assinatura do(a) Responsável pela pesquisa)